

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Maricélia Schlemper

**EMPODERAMENTO FEMININO E DESIGUALDADE DE GÊNERO: análise das
formações discursivas em charges premiadas pela ONU**

Belo Horizonte
2024

Maricélia Schlemper

**EMPODERAMENTO FEMININO E DESIGUALDADE DE GÊNERO: análise das
formações discursivas em charges premiadas pela ONU**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais através Doutorado Interinstitucional (DINTER) PUC Minas e Centro Universitário CESMAC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues

Linha de pesquisa **Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas.**

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S341e	Schlemper, Maricélia Empoderamento feminino e desigualdade de gênero: análise das formações discursivas em charges premiadas pela ONU / Maricélia Schlemper. Belo Horizonte, 2024. 261 f. : il. Orientadora: Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras 1. Nações Unidas. 2. Caricaturas e desenhos humorísticos. 3. Análise do discurso. 4. Enunciação (Linguística). 5. Mulheres. 6. Poder (Psicologia). 7. Relações de gênero. I. Rodrigues, Daniella Lopes Dias Ignácio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. SIB PUC MINAS CDU: 800.85
-------	---

Maricélia Schlemper

**EMPODERAMENTO FEMININO E DESIGUALDADE DE GÊNERO: análise das
formações discursivas em charges premiadas pela ONU**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais através Doutorado Interinstitucional (DINTER) PUC Minas e Centro Universitário CESMAC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Linha de pesquisa **Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas.**

Prof.^a Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues – PUC Minas (Orientadora)

Prof.^a Dra. Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof.^a Dra. Juliana Alves Assis – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof.^a Dra. Ana Paulo Bôvo – UEMG (Banca Examinadora)

Prof.^a Dra. Carla Barbosa Moreira – CEFET-MG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 23 de agosto de 2024.

DEDICATÓRIAS (*In memoriam*)

Ao meu amor transcendental “Bill”...

BILL, José Benedito Alves de Carvalho, o grande Amor da Minha Vida, o Homem que mudou minha vida para sempre. O meu Herói e Salvador! Pois, se dia 09 de março de 2021, ele não tivesse se colocado entre mim e o assassino, aqui eu não estaria o sonho de escrever esta Tese de Doutorado.

Aos 7 membros da minha família, que deixaram este plano terrestre, no período de apenas 1 ano (de 05 de março de 2020 a 09 de março de 2021). Sem dúvida alguma, foi o ano mais triste da minha vida...

Quem primeiro nos deixou naquele ano terrível, foi meu querido Pai, Romeu Hilário Schlemper, que nos deixou no dia 05 de março de 2020. Foi ele, meu genitor e Pai zeloso, o primeiro que se foi, no terrível ano das “7 mortes”, perdas irreparáveis na minha família; Tia Evanilde foi a segunda que nos deixou (irmã de meu Pai, minha Madrinha de Crisma); Tia Naninha, a terceira que partiu deste plano terrestre (irmã mais velha de minha Mãe e minha segunda Mãe, minha Madrinha de Coração); Tia Paula foi a nº 4 (tia de minha Mãe, um anjo); Primo Reni foi o nº 5 (filho de Tia Naninha, presente em toda minha adolescência, meu protetor); Primo Ledo foi o sexto a partir (primo de meu Pai), homem bom, que muitas vezes cuidou de mim e de meu irmão mais velho, Maurício. O que mais me lembro são os momentos que ele nos contava as histórias mais fantásticas, cheias de detalhes e fantasias. E, infelizmente, “fechando” as 7 mortes de 2021, meu amado Bill partiu de forma precoce e abrupta deste plano terreno...

Além dos amados e queridos entes da minha família, que citei anteriormente, também dedico esta Tese, *in memoriam*, a:

Nair Terezinha Vieira, simplesmente “Nina”, minha amiga-irmã do 5 aos 24 anos, idade que nos deixou, vítima de um acidente horrível, causado por um motorista bêbado, que ceifou seu sonho de ser médica, e deixou uma saudade infinita no coração de todos que tiveram a honra de conhecer a pessoa mais bondosa e incrível. Nina, foi o primeiro contato que tive com uma menina-mulher empoderada...

Tia Zuete, irmã de minha Mãe, Tia querida, que morreu levada pelo câncer de mama, depois de mais de 7 anos de luta contra essa terrível doença... Tia Zuete, que em

muitos verões me acolheu em sua casa de praia, em Canasvieiras. E, em todos estes verões, Tia Zquete sempre tinha algo novo para me ensinar...

Vó “Maricha”, mãe de minha Mãe, minha madrinha, que nos deixou dormindo e rezando. Minha Avó que me ensinou a amar a natureza e os bichos, que me ensinou a plantar e colher, que me fez entender os ciclos das plantas e saber que para tudo tem sua hora. Ahhhhhh... foi com a Vó Maricha que passei muitos dias de férias, foi com a Vó Maricha que aprendi sobre a força da natureza. Vó “Maricha” criou seus sete filhos com renda advinda da terra. Vendia frutas, verduras, legumes e ovos para sustentá-los e dar-lhes possibilidade de estudarem.

Vó “Lice”, Alice Rovaris Furlanetto, mãe de meu Pai, mulher que sofreu muito, em uma vida cheia de atribulações e sofrimentos. Mas, que cuidou muito de mim quando meus pais precisavam trabalhar. Lembro de muitos destes dias em que a Vó “Lice” me colocava ao lado da máquina de costura, para poder ficar pertinho de mim. Vó “Lice” criou seus filhos com renda advinda da costura.

D. Lazarene, a Mãe do Bill, que nos deixou cedo, com menos de 60 anos. D. Lazarene precisa ser lembrada. E a ela eu também dedico esta Tese. Dedico porque, ela criou e educou o homem mais maravilhoso e amoroso. Foi D. Lazarene que trouxe o Bill ao mundo e o educou para ser um homem exemplar, um homem que sempre deu força às mulheres, “O” homem que me deu a maior força para eu fazer este Doutorado!

Foi D. Lazarene, gerou, criou e educou o Bill, o homem que sempre soube que mulheres são amigas, irmãs, amadas, amantes e parceiras. O Bill, filho de D. Lazarene, foi homem que me fez ter certeza de que os homens não são todos iguais!

E, finalmente, também dedico esta Tese à “Mel”, “Melzinha”, “Melissa”, minha amada cachorrinha vira-lata, uma misturinha linda de *Cocker* com *Poodle*, minha primeira filha de quatro patas, a primeira criatura que tive sob minha responsabilidade por alguns anos. Melzinha que adotou o Bill e o tinha como um verdadeiro Pai. Melzinha nos deixou em 2018, com 17 anos de idade e deixou como herança o exemplo de um amor incondicional...

AGRADECIMENTOS

A toda(o)s aqui listada(o)s, deixo meu agradecimento especial pela sua importante participação nesta minha conquista:

Prof.^a Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, Daniella, ou simplesmente “Dani”, minha competentíssima orientadora “anjo”, exemplo mais do que perfeito de uma mulher belíssima e empoderada, doutora que transmite sabedoria, competência e dedicação em tudo que faz! Tenho certeza de que sem você este doutorado não seria possível! Gratidão! Gratidão! Gratidão!

Prof. Dr. Arim Soares Do Bem, meu estimado orientador no Mestrado em Sociologia da UFAL, um ser humano genial que se tornou meu mentor inspirador desde o momento que me estimulou a enveredar na carreira acadêmica, com destaque para a oportunidade de participar de Projetos de Iniciação Científica sob sua supervisão.

Dr. Cláudio H. Lessa e Dr. Hugo Mari, membros da banca de qualificação, que me inspiraram e ajudaram, de forma inenarrável, nos ajustes necessários do texto qualificado para o texto aqui apresentado nesta tese de doutoramento.

Professoras da banca de defesa, Prof.^a Dra. Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes, Prof.^a Dra. Juliana Alves Assis, Prof.^a Dra. Ana Paulo Bôvo e Prof.^a Dra. Carla Barbosa Moreira, que tiraram um pouco do seu tempo para contribuir na versão final desta tese. Gratidão por formarem uma banca integralmente feminina e comprovarem que nós somos, SIM, mulheres empoderadas!

Prof.^a Dra. Terezinha Moreira Taborda, Coordenadora da Pós-graduação em Letras da PUC Minas, a responsável por tudo ser reflexo de sua competência.

Professores do DINTER, com os quais tive o prazer de cursar disciplinas: Dra. Daniella Lopes Dias I. Rodrigues; Dr. Hugo Mari; Dra. Jane Quintiliano Guimarães Silva; Dra. Juliana Alves Assis; Dra. Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes; Dra. Sandra Maria Silva Cavalcante.

Berenice Viana de Faria e Sirlane Silva Rodrigues, as queridas assistentes do Programa de Pós-graduação em Letras - PUC Minas. Tenham certeza de que vocês são maravilhosamente educadas e competentíssimas!

Membros do Corpo Diretivo do CESMAC, representados pelo Reitor Dr. João Rodrigues Sampaio Filho, Vice-Reitor Prof. Dr. Douglas Apratto Tenório, Dr. Orlando Rocha Filho, Dr. Rodrigo Guimarães, Dr. Gustavo José da Silva e Daniella Pereira do Nascimento.

Coordenadores do DINTER do CESMAC, Dra. Claudia Cristina Silva Medeiros, Dr. Giuliano Aires Anderlini e Dra. Edileine V. Machado da Silva.

Membros da Coordenação Curso de Direito do CESMAC - Maceió, representados aqui pelo Dr. Lean Antônio Ferreira de Araújo, meu maior exemplo de ética e dedicação.

Colaboradores do Curso de Direito do CESMAC, aqui representados pela Sheylinha, Lara, Leandro e Giselma, amigos que fazem a diferença em minha vida acadêmica.

Professores do Curso de Direito, aqui representados pela(o)s amiga(o)s Ana Kilza Patriota, Emanoella Rodrigues Remígio de Oliveira, Manuela Gatto Santa Rita de Souza, Sérgio Coutinho dos Santos, Flavio da Silva Santos, Eduardo Henrique Costa. Fernando Sérgio Tenório de Amorim, Coordenador do Mestrado em Direito do CESMAC, uma das pessoas mais geniais e maravilhosas que conheço!

Prof. Dr. Silvino Costa Ferro, meu psicólogo e terapeuta, meu “porto seguro” para tantas horas de inseguranças. Um dos responsáveis pelos momentos de sanidade necessários para escrever esta tese.

Maurício Bruno Schlemper, simplesmente “Galego”, meu “irmão-pai”, meu melhor amigo, meu anjo da guarda, meu companheiro fiel e inspirador, meu porto seguro nas horas mais difíceis. Tenho certeza de que sem seu o apoio, sem as suas palavras de incentivo e a sua fé, em Deus e em mim, eu não teria chegado até aqui! Amo você!

Silvia Maria Alexandre, “Binha”, minha amada cunhada e exemplo de mulher de fé e amor!

Minha Mãe, D. Marli Valda Ramlow Schlemper, exemplo de mulher guerreira e empoderada! Murilo César Schlemper, meu irmão mais novo, que por muito tempo foi meu “filho postiço”.

Louise de Carvalho Santos, minha irmã de coração, a irmãzinha do meu amado Bill e minha cunhada para sempre. Gustavo Beder, seu companheiro que virou meu amigo. Gislaine Rosalia Migliati, minha amiga-irmã empoderada “das terras frias”, também amiga de trabalho e de crença. José Marques, seu marido, meu ex-aluno “turista”. Vocês são meu casal do coração!

Luciana de Melo Figueiredo, minha empoderada amiga, amada companheira de doutorado, hóspede da pandemia, minha filha “postiça” e companheira para todas as horas.

Adriana de Mendonça Costa, mais uma das amigas do “Quarteto Fantástico”, minha amiga-irmã bruxa, coordenadora do Curso de Direito e uma profissional de excelência ímpar, mais uma mulher empoderada que me inspira!

Catarine Serejo Castro Medeiros, mais uma amiga-irmã de alma! Mulher empoderada, que sempre esteve ao meu lado, em todos os momentos mais tristes e felizes. Todos os melhores adjetivos não são suficientes para te designar!

Maria Ângela Britto, minha amiga paulista, outra mulher belíssima e empoderada! Amiga amada, que mora no meu coração. Não sei o que seria de minha vida sem te conhecer!

Maria Eduarda Falcão, amada “Duda”. Minha ex-aluna que se tornou amiga, minha alma gêmea de coração, que me entende mesmo nos meus silêncios mais longos.

Andrea Mello Da Silva, mais uma ex-aluna que se tornou amiga. Outra mulher inspiradora e empoderada.

J. Marcos, Luciano e Wallace, meus 3 “anjos da guarda”, seguranças designados pela PM-AL, por quase dois anos após o assassinato do Bill e tentativas de homicídio contra mim e minha cliente. Literalmente, os responsáveis por eu estar viva para chegar até aqui!

Nivaldo Barbosa Jr. e sua esposa Laura Menezes Barbosa, amigos queridos com corações de ouro! Dívida eterna com você, meu amigo Nivaldo!

Todos os colegas do DINTER: Aguida, Ana Paula, Arquiris, David, Fabiana, Iolanda, Ivania, Luciana, Marco Aurélio, Maria Izabel, Morgana, Orlando, Priscila, Roseneide, Valkiria e Zelinda.

Advogadas da Associação da Mulheres Advogadas de Alagoas (AMADA), aqui representadas pela sua Presidenta empoderada e inspiradora, Dra. Anne Caroline Fidelis.

Aluna(o)s do Projeto de Extensão Comunitária intitulado “DIREITOS DAS MULHERES E ACESSO À INFORMAÇÃO: romper o silêncio para salvar e empoderar”: Alajose Medeiros, Andrea Mello, Bruna Larissa, Carlos Adriano, Flávia Maria, Layana Oliveiras, Letícia Gabriele, Manoel Messias, Maria Eduarda, Maria Viviane, Paula Cristina e Vilma Araújo. Tenham a certeza de que este projeto foi essencial para minhas pesquisas neste Doutorado e o contato com vocês fez parte da minha inspiração!

Prof.^a Dra. Raquel Nunes, amiga querida do curso de Letras – UFAL, outra mulher empoderada e inspiradora.

Meus três “filhos” peludos, meus “terapeutas” miaus (Lion, DARTH e Leia), sempre ao meu lado em todos os momentos de digitação desta tese. Minhas inspirações em forma de muitos pelinhos!

*Mas
e se
o demônio
é apenas
uma mulher
que foi
banida
para o inferno
para alimentar
as chamas
como
castigo
por
ter envenenado
os homens?*

Lilith (a primeira mulher,
esquecida na obscuridade,
porque se insurgiu
e não se submeteu
ao primeiro homem,
Adão)

RESUMO

Esta tese de doutorado debruça-se sobre a análise das Formações Discursivas (FDs) em charges premiadas pela ONU, com foco no empoderamento feminino e na desigualdade de gênero. Utilizando a Análise do Discurso (AD) de linha francesa como base teórico-metodológica, este estudo busca explorar como essas charges, que são textos verbo-imagéticos, articulam e promovem discursos de empoderamento feminino em contraste com as desigualdades de gênero. O *corpus* da pesquisa é composto por doze charges vencedoras de um concurso da ONU Mulheres, realizadas por artistas de diversas nacionalidades. No primeiro capítulo, apresenta-se a construção teórico-metodológica, contextualizando as FDs no âmbito da AD de linha francesa, bem como a seleção e análise do *corpus* das charges premiadas. O segundo capítulo discute as idiossincrasias do empoderamento feminino e da desigualdade de gênero, abordando contextos históricos, sociais e as principais vertentes do feminismo e do empoderamento feminino. No terceiro capítulo, realiza-se uma análise discursiva detalhada das FDs predominantes nas charges, explorando temas como religião, machismo, patriarcalismo, capitalismo e neoliberalismo e como esses temas se interrelacionam com o discurso de empoderamento feminino. A pesquisa revela que as charges analisadas não só refletem realidades sociais contemporâneas, mas também atuam como agentes de mudança, desafiando estereótipos e promovendo novas formas de pensar sobre gênero e poder. As estratégias discursivas como metáforas visuais, humor, ironia e discursos de resistência são identificadas como ferramentas eficazes para analisar discursos de empoderamento e igualdade de gênero. Um ponto crucial desta pesquisa é a crítica à pauta da ONU, que muitas vezes está alinhada aos interesses do capitalismo neoliberal. O estudo demonstra como o discurso de empoderamento feminino promovido pela ONU pode estar imbuído de estratégias que reforçam o neoliberalismo, instrumentalizando a igualdade de gênero como um meio para alcançar objetivos econômicos e de mercado. Este aspecto é fundamental para compreender as complexas interações entre os discursos de empoderamento e as dinâmicas de poder do capitalismo global. Este estudo contribui para a compreensão de como a arte pode ser um instrumento de transformação social, promovendo a crítica ao *status quo* e incentivando ações em prol da igualdade de gênero em escala global, ao mesmo tempo em que questiona as motivações e implicações das políticas de empoderamento promovidas por instituições internacionais.

Palavras-chave: Empoderamento Feminino; Desigualdade de Gênero; Formação Discursiva; Charges; ONU.

ABSTRACT

This doctoral thesis focuses on the analysis of discursive formations (DFs) in cartoons awarded by the UN, with a focus on women's empowerment and gender inequality. Using French Discourse Analysis (DA) as its theoretical and methodological foundation, this study seeks to explore how these cartoons, which are verbal-visual texts, articulate and promote discourses of women's empowerment in contrast to gender inequalities. The research corpus consists of twelve winning cartoons from a UN Women contest, created by artists of various nationalities. In the first chapter, the theoretical and methodological framework is presented, contextualizing the DFs within the scope of French DA, as well as the selection and analysis of the awarded cartoons' corpus. The second chapter discusses the idiosyncrasies of women's empowerment and gender inequality, addressing historical and social contexts, as well as the main strands of feminism and women's empowerment. In the third chapter, a detailed discursive analysis of the predominant DFs in the cartoons is carried out, exploring themes such as religion, machismo, patriarchy, capitalism, and neoliberalism, and how these themes interrelate with the discourse of women's empowerment. The research reveals that the analyzed cartoons not only reflect contemporary social realities but also act as agents of change, challenging stereotypes and promoting new ways of thinking about gender and power. Discursive strategies such as visual metaphors, humor, irony, and resistance discourses are identified as effective tools for analyzing discourses on empowerment and gender equality. A crucial point of this research is the critique of the UN's agenda, which is often aligned with the interests of neoliberal capitalism. The study demonstrates how the discourse of women's empowerment promoted by the UN may be imbued with strategies that reinforce neoliberalism, instrumentalizing gender equality as a means to achieve economic and market objectives. This aspect is fundamental to understanding the complex interactions between empowerment discourses and the power dynamics of global capitalism. This study contributes to the understanding of how art can be an instrument of social transformation, promoting criticism of the status quo and encouraging actions in favor of gender equality on a global scale, while also questioning the motivations and implications of empowerment policies promoted by international institutions.

Keywords: Female Empowerment; Gender Inequality; Discursive Formation; Cartoons; UN.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Charge de Angel Boligan.....	67, 147
Imagem 02	Charge de Cecile Bertrand.....	68, 235
Imagem 03	Charge de Patrick Chappatte.....	70, 131
Imagem 04	Charge de Liza Donnelly.....	71, 186
Imagem 05	Charge de Firoozeh Mozaffari.....	73, 123
Imagem 06	Charge de Adriana Mosquera Soto.....	74, 217
Imagem 07	Charge de Marilena Nardi.....	75, 205
Imagem 08	Charge de Plantu.....	77, 157
Imagem 09	Charge de Rayma Suprani.....	78, 176
Imagem 10	Charge de Cristina Sampaio.....	79, 193
Imagem 11	Charge de Nicolas Vadot.....	80, 165
Imagem 12	Charge de Nadia Khiari.....	82, 224

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AD	Análise do Discurso
ADLF	Análise do Discurso de Linha Francesa
DUDH	Declaração Universal das Nações Unidas
FD	Formação Discursiva
ONU	Organização das Nações Unidas
CC	Código Civil
CEDAW	Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres
CSW	Comissão sobre a Situação da Mulher

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
 CAPÍTULO I	
CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA E O JOGO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS NAS CHARGES PREMIADAS PELA ONU.....	25
1.1 Contextualização histórico-conceitual das Formações Discursivas (FDs).....	34
1.2 As Formações Discursivas (FDs) e as relações com o poder.....	42
<i>1.2.1 Considerações essenciais sobre a dinamicidade das FDs.....</i>	<i>46</i>
1.3 A constituição do <i>corpus</i>: as charges premiadas pela ONU.....	50
<i>1.3.1 Charge do artista Cubano, “Angel Boligan”.....</i>	<i>67</i>
<i>1.3.2 Charge da artista Belga, “Cecile Bertrand”.....</i>	<i>68</i>
<i>1.3.3 Charge do artista Paquistanês, “Patrick Chappatte”.....</i>	<i>69</i>
<i>1.3.4 Charge da artista Norte-americana, “Liza Donnelly”.....</i>	<i>71</i>
<i>1.3.5 Charge da artista Iraniana, “Firoozeh Mozaffari”.....</i>	<i>72</i>
<i>1.3.6 Charge da artista Colombiana e Espanhola, “Adriana Mosquera Soto”.....</i>	<i>74</i>
<i>1.3.7 Charge da artista Italiana, “Marilena Nardi”.....</i>	<i>75</i>
<i>1.3.8 Charge do artista Francês, “Plantu”.....</i>	<i>76</i>
<i>1.3.9 Charge da artista Venezuelana, “Rayma Suprani”.....</i>	<i>77</i>
<i>1.3.10 Charge da artista Portuguesa, “Cristina Sampaio”.....</i>	<i>79</i>
<i>1.3.11 Charge do artista Francês, Britânico e Australiano, “Nicolas Vadot”...</i>	<i>80</i>
<i>1.3.12 Charge da artista Tunisiana, “Nadia Khiari”.....</i>	<i>81</i>
1.4 Quadro-resumo.....	83

CAPÍTULO II

AS IDIOSINCRASIAS DO EMPODERAMENTO FEMININO E DA DESIGUALDADE DE GÊNEROS.....	85
2.1 Considerações essenciais sobre o feminismo.....	88
2.2 Contextos e principais vertentes do empoderamento feminino.....	94
2.3 Discursos de empoderamento feminino na rede mundial de computadores.....	99
2.4 O Empoderamento Feminino e a desigualdade de gênero sob o prisma dos princípios da Organização das Nações Unidas – ONU.....	104
2.5 Quadro-resumo.....	111

CAPÍTULO III

ANÁLISE DISCURSIVA DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS PREDOMINANTES NAS CHARGES PREMIADAS PELA ONU.....	114
3.1 Entre o sagrado e o profano: a FD “Empoderamento Feminino” <i>versus</i> “Religião”	118
3.2 Entre o poder masculino e a desigualdade de gênero: a FD “Empoderamento Feminino” <i>versus</i> “Machismo e Patriarcalismo”	140
3.3 Entre o capitalismo e a desigualdade de gênero: a FD “Empoderamento Feminino” <i>versus</i> “Capitalismo e Neoliberalismo”	172
3.4 Quadro-resumo.....	242
EM BUSCA DE UMA LEITURA CONCLUSIVA.....	244
REFERÊNCIAS.....	249

INTRODUÇÃO

“Empoderamento feminino”. Expressão forte, carregada de sentidos. Sintagma que reúne duas palavras, que se completam e veiculam discursos e sentidos. É fato inequívoco: tal expressão tem, constantemente, sido utilizada para definir, elogiar e até designar algumas pessoas que têm um “algo mais”, pessoas que se destacam por múltiplos feitos, comportamentos ou até mesmo ascensão social. Neste sentido, na sociedade hodierna, tem sido possível constatar que a corriqueira utilização da expressão “empoderamento feminino” também tem sido usada com múltiplos sentidos, normalmente ensejando discursos que remetem a tentativas de satisfazer a ideia de algo que transcende a um *“status quo”*.

Nesse cenário, afirmar que a expressão “empoderamento” traz consigo interpretações e significações que geralmente remetem a um discurso engendrado em formações discursivas ligadas a implicações positivas faz sentido. Afinal, etimologicamente, a palavra raiz é “poder”, advinda do latim *“potere”*, que significa “poder ser capaz”, e *“potis”*, que significa “potente, capaz”. Ou seja, desde seu aspecto etimológico, “empoderamento” traz consigo o significado de “poder”, da “força”, do “domínio”.

Por conseguinte, é possível afirmar que, tendo em vista o sentido do “poder” inerente ao gênero feminino, ele sempre esteve presente, em todas as eras e épocas, em todas as sociedades e culturas. Afinal, não há uma única sociedade, um único período, em que se possa afirmar que a presença feminina não foi importante e absolutamente necessária à evolução do ser humano, do social e do cultural. Entretanto, também é possível constatar que temos períodos em que o poder do “feminino” ficou tão invisível, tão obscurecido, tão esquecido, tão insignificante, que temos relatos históricos nos quais nem encontramos meras menções às mulheres.

A constatação de que a mulher sempre desempenhou um papel crucial na manutenção da espécie humana não foi sempre compreendida como uma dádiva ou uma escolha consciente de ter ou não ter filhos. Em virtude desse especial “poder” de trazer seres humanos à “luz”, muitas passaram a ver as “trevas” muito antes do que seria normal. E, mesmo com os inúmeros avanços da medicina e outras ciências,

ainda existem múltiplos lugares, em todos os países, onde as mulheres morrem ao gerar seus filhos, ao tentar abortá-los ou até mesmo ao trazer-lhes à vida (Federici, 2017).

A observação dessas realidades é alarmante. E, conforme discorre Silvia Federici (2017), na obra “Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva”, as causas desses resultados nefastos são variadas e complexas, incluindo estupros, múltiplas formas de violência, gestações forçadas e repetidas, sem qualquer cuidado adequado. Em muitas culturas, a vontade da mulher de ter ou não ter filhos não é considerada, e os filhos são frequentemente vistos como uma maneira de aumentar a força de trabalho.

Os filhos, que impulsionam a economia e sustentam o capital, muitas vezes têm sido, em circunstâncias fora do controle de muitas mulheres, responsáveis pela morte de suas próprias mães. Essas mulheres, lamentavelmente, não tiveram o poder de decidir sobre seus próprios corpos. Diante disso, surge a questão: o que essas circunstâncias históricas têm a ver com o “empoderamento feminino”? A resposta é simples: tudo. Essas realidades históricas estão intrinsecamente ligadas à luta pelo empoderamento feminino, pois destacam a necessidade urgente de autonomia reprodutiva, direitos igualitários e a valorização da mulher como indivíduo, e não apenas como uma reprodutora.

E, é nesta tese de doutoramento em linguística que aqui apresento, embasando-me teórico-metodologicamente na Análise do Discurso (daqui em diante AD) de linha francesa, uma proposta de leitura analítica que versa sobre a Formação Discursiva (daqui em diante FD) “empoderamento feminino”.

Acerca do assunto, importa informar que o *corpus* coletado para a realização da leitura analítica sobre a FD “empoderamento feminino” consiste na seleção de um arquivo formado por doze charges vencedoras de um concurso realizado pela ONU Mulheres¹ no ano de 2018, cujo enfoque foi a crítica à desigualdade do gênero feminino. Sobre o aludido *corpus*, ressalto que os 12 *cartuns* fazem parte do livro “Abram espaço para as mulheres!”², lançado no ano anterior, pela fundação

¹ Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>.

² Tradução livre: “*Make place for women!*”.

“Desenhando pela paz”³, com o propósito de reverter a verba das vendas em recursos para a fundação⁴, que protege artistas ameaçados por questionar o *status quo* onde vivem.

No tocante a esse conjunto de charges que visam criticar a desigualdade de gênero, destacam-se os traços marcantes e os diálogos ácidos, que refletem o objetivo dos artistas de chamar a atenção para a situação de mulheres privadas de direitos em diferentes contextos. Sendo assim, ao realizar a análise do discurso das 12 charges, optei pela categoria FD, em que a temática da desigualdade se interrelaciona com os discursos de empoderamento feminino, destacando, como consequência, os interdiscursos materializados em textos verbais e imagéticos.

E, neste âmbito, destaco que a FD “empoderamento feminino” oferece uma perspectiva sobre como os discursos influenciam e são influenciados pela luta pela autonomia e igualdade de gênero, considerando-se que o “empoderamento feminino” coaduna com um processo complexo, pelo qual as mulheres galgam degraus do poder, com vistas a obter controle sobre suas próprias vidas, com a concomitante capacidade de tomar decisões. A FD faz referência a um conjunto de regras e normas que determinam quais declarações são aceitáveis ou fazem sentido em um determinado contexto social e histórico (Pêcheux, 1990). E são estas regras que podem influenciar o que pode ser dito, por quem e em que circunstâncias. Por conseguinte, é possível afirmar que as formações discursivas variam significativamente entre diferentes culturas e períodos históricos. Ou seja, o que é considerado um discurso razoável ou verdadeiro em uma época ou cultura pode ser visto como absurdo ou falso em outra. Sendo assim, a FD permite entender como o discurso foi estruturado e regulado em diferentes contextos sociais, e como isso foi intrinsecamente ligado ao poder, à construção da realidade, às identidades e à cultura.

Neste diapasão, destaco que a civilização ocidental tem sua origem embasada em três culturas: grega, romana e judaica. Culturas estas das quais herdamos, prioritariamente, nossas normas, costumes, religião e tradições. Dos gregos herdamos os pilares da filosofia e das ciências ocidentais, dos romanos herdamos as noções de direito, de organização do Estado e dos judeus herdamos as inúmeras

³ Tradução livre: “*Cartooning for Peace*”.

⁴ A fundação “Desenhando pela paz” é uma organização sem fins lucrativos, composta por uma rede de 162 cartunistas de 59 países.

tradições e os sistemas religiosos, em particular o cristianismo.

Acerca da relação entre as culturas e a condição feminina, é importante ressaltar que, a partir destes três pilares, é possível analisar alguns dos múltiplos discursos de preconceito contra a mulher e das perspectivas de inferioridade que o gênero feminino carrega até a sociedade hodierna. Afinal, são múltiplos os discursos reproduzidos pelas religiões, tradições, costumes e normas, que visam perpetuar o *status quo* da superioridade masculina, o poder do masculino em detrimento da isonomia feminina. Ou seja, muito embora essas sejam importantes bases de toda nossa organização social e desenvolvimento tecnológico, também “herdamos” desses mesmos povos discursos misóginos, permeados de mitos, preconceitos e críticas que envolvem as mulheres, discursos que ecoaram de forma cruel e assustadora através dos séculos, e que apenas começaram a trazer novos sentidos e discursos, a partir do Século XIX, com movimentos feministas, em especial os movimentos sufragistas (Meszáros, 2016).

Ressalto que foram justamente os movimentos sufragistas que possibilitaram um certo destaque à emancipação feminina, e resultaram, ao longo da primeira metade do século XX, não apenas no voto feminino, mas também na inserção da mulher no mercado de trabalho e no acesso à educação formal. Contudo, ainda não conseguimos avançar na questão da independência plena do gênero feminino. Visto que, na maioria das vezes, as mulheres necessitavam, inclusive, da outorga uxória (anuência obrigatória do varão), para a realização de alguns atos da vida civil. Um exemplo de tal condição é o que ocorria no Brasil em relação às mulheres casadas, que, sob a égide do Código Civil de 1916, que vigorou até a virada do século XXI, só poderiam negociar seus imóveis ou outros bens, se o marido as autorizasse. Ou seja, não obstante a mulher pudesse escolher seus representantes políticos (majoritariamente homens), ela ainda não podia fazer o que quisesse com seus próprios bens.

Cumprir frisar que foi apenas a partir do ano de 1968 que as mulheres se deram conta de que era preciso muito mais que a igualdade formal de uma lei para atingir um verdadeiro estado emancipatório. Foi a partir disto que as mulheres perceberam que era necessário recrudescer a luta pela igualdade material. E, mais ainda, era preciso combater as arraigadas tradições misóginas, heranças de nossa ancestralidade greco-judaico-romana, nas quais todas as mulheres são consideradas

“Pandoras”, “Evas”, “Dalilas”, “Salomés” ou “Messalinas” (Genro, 2018).

É nesse mesmo cenário, no final da década de 60, início dos efervescentes anos 70, que Paulo Freire e Ira Shor (1986) cunharam um novo prisma acerca do neologismo “empoderamento”, apresentando uma leitura inovadora a partir da perspectiva de que tal enunciado deveria ser propagado com uma carga semântica e social bastante diversa da expressão anglo-saxônica “*empowerment*”. Com base no exposto, a leitura de Freire e Shor remete ao enunciado “empoderamento” como um campo de visibilidade relacionado a um agir coletivo e social, resultando numa estratégia discursiva associada a ideologias entrelaçadas com perspectivas de autodeterminação e autolibertação do indivíduo, o que me remete ao contexto da filosofia Ubuntu, que Nelson Mandela clarifica no vídeo “*Ubuntu told by Nelson Mandela*”⁵, ao passo em que a palavra inglesa significa que o poder ou habilidade foi delegado a alguém, perspectiva intrinsecamente interligada ao capitalismo.

De forma concomitante, o termo cunhado por Freire e Shor (1986) foi empregado em conexão direta com a luta feminista, gerando a expressão “empoderamento feminino”. Empoderamento que passou a ser identificado com a busca por um ideal coletivo de luta do gênero, que em muito se aproximava epistemologicamente da luta da classe operária, como, por exemplo, nos movimentos estudantis de maio de 1968 na França. Naquela ocasião, as mulheres fortemente inspiradas pelas obras de Simone de Beauvoir exigiram a saída do Presidente Charles De Gaulle (que renunciou no ano seguinte), bem como a aceitação da liberdade sexual e da plena igualdade de oportunidades de emprego.

De lá para cá, passados mais de cinquenta anos, muito ainda precisa ser discutido sobre o que realmente significa a expressão “empoderamento feminino”. Afinal, é óbvio que ainda persistem muitas lutas das mulheres, muito ainda se discute sobre o gênero feminino. Muita pesquisa ainda é necessária para que tenhamos uma real dimensão do que a expressão “empoderamento feminino” traz consigo.

E, em decorrência destas múltiplas dimensões, trago aqui uma das minhas “motivações” para falar sobre os discursos que decorrerem da multiplicidade, diversidade e dos inúmeros sentidos sobre o conceito de empoderamento feminino.

⁵ Tradução livre: “Ubuntu contado por Nelson Mandela”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>.

Outra motivação, interligada com a mencionada, decorreu dos estudos realizados no mestrado em sociologia, quando abordei a seguinte temática: “A PROSTITUIÇÃO “CLÁSSICA” E A PROSTITUIÇÃO NO ÂMBITO DO TURISMO SEXUAL: uma abordagem Sociológica Sobre Fronteiras Pouco Visíveis” (Schlemper, 2010). E, foi a partir das diferenças traçadas entre “turismo sexual” e “prostituição”, da exposição de peculiaridades acerca do sexo como “moeda de troca”, como “dispositivo de sexualidade”, bem como do consequente “poder” decorrente do uso e usufruto do sexo como forma de controle social e até mesmo político, conceitos advindos das leituras de Michel Foucault, que fomentaram meu interesse em aprofundar os estudos relacionados a estes enunciados.

Tendo em vista essa rede discursiva sobre os lugares sociais do feminino, apresento, para fins de pesquisa, as seguintes questões: Quais mecanismos estão a favor do funcionamento de discursos urdidos⁶ e difundidos nas charges selecionadas no concurso da ONU no que se refere à FD “empoderamento feminino”? Como as mulheres são discursivizadas nestas charges em relação aos discursos de empoderamento feminino? Afinal, o que é uma mulher empoderada? Como ser uma mulher empoderada a partir dos parâmetros estabelecidos nos princípios da ONU?

Ainda no contexto da FD “empoderamento feminino”, compreendo que apresenta um importante conjunto de enunciados, práticas e representações que moldam a maneira como o “empoderamento feminino” tem sido “falado” e promovido na sociedade. Portanto, justifica-se o presente estudo pela sua relevância acadêmica, social e ideológica, tendo em vista que o próprio discurso de “empoderamento feminino” é constantemente urdido e difundido em múltiplas práticas discursivas, que podem variar de narrativas inspiradoras de mulheres alcançando sucesso e autonomia, a simples e complexos debates sobre políticas de igualdade de gênero e paridade.

A justificativa para a escolha do tema dá-se, assim, em razão de ainda existirem múltiplos discursos discriminatórios relacionados ao gênero feminino. E, mesmo, o

⁶ Os “discursos urdidos” referem-se a discursos que são cuidadosamente elaborados, planejados ou construídos com uma intenção específica. O termo “urdido” sugere um processo meticuloso de tecer ou tramar algo, implicando que esses discursos não são espontâneos, mas sim criados com um propósito deliberado, muitas vezes para influenciar, persuadir ou controlar uma audiência. No contexto da AD, discursos urdidos podem ser entendidos como aqueles que são estrategicamente formulados para atender a determinados interesses ou objetivos, reforçando ideologias específicas ou mantendo estruturas de poder existentes.

mundo acadêmico das ciências é um mundo eminentemente masculino, notadamente marcado pelo sexismo e pela discriminação, como bem apontam as pesquisadoras Silvia Yannoulas, Adriana Vallejos e Zulma Lenarduzzi (2003), que distinguem ao menos três tipos de discriminação no ambiente acadêmico. No primeiro tipo, as autoras afirmam que se destaca a “discriminação manifesta, referente a regras e códigos pensados para salvaguardar e proteger espaços de poder” (Yannoulas; Vallejos; Lenarduzzi, 2003, p. 15).

No segundo tipo, temos a “discriminação encoberta, que se refere às ideias assumidas informalmente sobre a constituição da atividade acadêmica e do comportamento válido em seu interior”. Já no terceiro tipo, aparece a discriminação mais prejudicial, entendida como a “autodiscriminação, que é uma espécie de vigilância interna aprendida para assegurar que nos comportemos dentro dos parâmetros delimitados pela discriminação manifesta e encoberta” (Yannoulas; Vallejos; Lenarduzzi, 2003, p. 15). No tocante ao primeiro tipo, a discriminação manifesta, destaca-se a palavra-chave “poder”. E, certamente, todas as mulheres sabem exatamente quanto é difícil alçarmos a um papel de destaque, em que o poder nos é permitido sem limitações. Nesse âmbito, acho pertinente mencionar Robin Tolmach Lakoff (1975, *apud* Ostermann, 2006, p. 17), professora emérita de linguística da universidade da Califórnia, que, em seu artigo intitulado “Linguagem e lugar da mulher”, assevera que o poder é sistematicamente negado às mulheres. Ressalto que a referida autora inaugurou uma série de estudos que reúnem linguagem e gênero, os quais são marcados pela multidisciplinaridade e essenciais para uma análise crítica dos discursos de dominação que, até hoje, permeiam nossa sociedade heteropatriarcal.

Neste sentido, lembro que o poder tem sentidos diversos (Orlandi, 2012), e dentre tantas possibilidades de o poder se manifestar, seja de forma explícita ou implícita, ele pode ser econômico, social, psicológico, amoroso, físico, químico, biológico, acadêmico, intelectual. Dessa forma, é evidente que a correlação entre os estudos linguísticos e os estudos de gênero tem uma premência academicista, até mesmo como forma de auxiliar na compreensão da emancipação da mulher em todos os níveis.

Portanto, a inclusão da presente tese na linha de pesquisa **Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas**, mostra-se não apenas

coesa e coerente, mas acima de tudo essencial, visto que a análise dos discursos de “empoderamento feminino” nas charges selecionadas nos permitirá analisar as formações discursivas, vislumbrando como a reprodução destes discursos pode ser utilizada como meio para manipular nações em favor da agenda socioeconômica do capitalismo globalizado.

Ressalto que a centralidade da análise parte de uma evolução da condição feminina, até chegar aos discursos de “empoderamento feminino”, classificando-os por similitudes e distinções discursivas e em razão do duplo binário “*empowerment* x empoderamento”.

Ainda sobre o assunto, deve-se considerar que, ao longo do tempo, as FDs em torno do empoderamento feminino têm se modificado de forma positiva. Inicialmente, os discursos podem ter se concentrado em aspectos específicos, como na obtenção de direitos legais básicos (como o direito ao voto). Hoje, eles se expandem para incluir questões mais amplas, como igualdade salarial, representação política e a luta contra a violência de gênero. Outro exemplo interessante pode ser encontrado no discurso sobre desenvolvimento econômico, entrelaçado com a necessidade de maior participação das mulheres na força de trabalho, ou seja, as lutas históricas e os avanços alcançados pelas mulheres no passado informam e inspiram os discursos atuais sobre o empoderamento feminino.

Esta é uma análise que deve ser levada a termo através dos aportes teórico-metodológicos da AD francesa, tomando como categoria teórica o conceito de FD “empoderamento feminino”, apontando as formas como as referidas FDs podem ou não se realizar em favor da agenda socioeconômica do capitalismo globalizado. De forma concomitante, também foram analisados interdiscursos, memórias discursivas e formações discursivas que advêm da FD “empoderamento feminino”.

Esta tese de doutorado, intitulada “Empoderamento Feminino e Desigualdade de Gênero: análise do discurso das formações discursivas em charges premiadas pela ONU,” estrutura-se em três capítulos principais, cada um contribuindo para uma compreensão profunda e detalhada da FD empoderamento feminino, fundamentada na AD de linha francesa.

O primeiro capítulo, intitulado “Construção Teórico-Metodológica: A Análise do Discurso de Linha Francesa e o Jogo das Formações Discursivas nas Charges da

ONU”, estabelece a base teórico-metodológica da pesquisa, focando na AD de linha francesa e na teoria das FDs. Inicialmente, o capítulo contextualiza historicamente e conceitualmente as FDs, destacando a maneira como essas formações são influenciadas por e, simultaneamente, influenciam as relações de poder. Em seguida, discute-se a constituição do *corpus* de estudo, que inclui doze charges premiadas em um concurso realizado pela ONU Mulheres, criadas por artistas de diversas nacionalidades. Este capítulo é fundamental para entender as regras e regularidades que governam a produção dos enunciados dentro do campo discursivo do empoderamento feminino.

O segundo capítulo, intitulado “As Idiossincrasias do Empoderamento Feminino e da Desigualdade de Gêneros”, investiga as particularidades do empoderamento feminino e da desigualdade de gênero. Inicialmente, aborda as principais vertentes do feminismo e do empoderamento feminino, explorando os contextos históricos e sociais que moldam esses discursos. O capítulo também analisa como os discursos de empoderamento feminino se manifestam na *internet*, oferecendo uma visão contemporânea das narrativas digitais. Além disso, este capítulo discute criticamente como o empoderamento feminino é promovido no contexto dos princípios da ONU, indicando a intersecção de seus princípios com os interesses do capitalismo neoliberal e como isso influencia a forma como a igualdade de gênero é instrumentalizada para fins econômicos e de mercado.

O terceiro capítulo, intitulado “Análise Discursiva das Formações Discursivas Predominantes nas Charges da ONU” dedica-se a uma análise discursiva detalhada das FDs predominantes nas charges da ONU, com ênfase no empoderamento feminino. Este capítulo explora três principais eixos de confronto discursivo: 1 - Entre o sagrado e o profano, analisando a FD “Empoderamento Feminino” *versus* “Religião”; 2 - Entre o poder masculino e a desigualdade de gênero, examinando a FD “Empoderamento Feminino” *versus* “Machismo e Patriarcalismo”; 3 - Entre o capitalismo e a desigualdade de gênero, discutindo a FD “Empoderamento Feminino” *versus* “Capitalismo e Neoliberalismo”. Essas análises propõem uma leitura sobre as tensões e conflitos ideológicos presentes nas charges, demonstrando como os artistas utilizam as metáforas visuais, o humor, a ironia e a crítica para questionar e desafiar as normas sociais e políticas. O capítulo também destaca como o discurso de empoderamento feminino promovido pela ONU pode estar imbuído de estratégias que

reforçam o neoliberalismo, instrumentalizando a igualdade de gênero como um meio para alcançar objetivos econômicos e de mercado.

Cumpramos ressaltar que na AD de linha francesa o conceito de FD é utilizado por fornecer uma estrutura analítica robusta para compreender a complexidade dos discursos e suas interações com o poder, a ideologia, a história e a sociedade. Neste sentido, a FD é a ferramenta essencial para revelar as condições de possibilidade dos discursos, as relações de poder que os sustentam e as transformações que eles sofrem ao longo do tempo.

No âmbito do empoderamento feminino, a utilização do conceito de FD pela AD é particularmente importante, pois permite identificar e analisar como os discursos sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres são moldados e disseminados, fazendo circular as dinâmicas de resistência e dominação que afetam a luta pela autonomia e pelo reconhecimento das mulheres na sociedade. Especificamente, a análise das charges premiadas pela ONU revela como esses discursos podem ser utilizados para promover o empoderamento feminino, ao mesmo tempo em que expõe como tais iniciativas podem ser alinhadas aos interesses do capitalismo neoliberal, instrumentalizando a igualdade de gênero para alcançar objetivos econômicos e de mercado.

CAPÍTULO I

CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA E O JOGO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS NAS CHARGES PREMIADAS PELA ONU

A construção da metodologia na AD de linha francesa, a partir da categoria FD, é um processo que envolve a compreensão de vários conceitos teóricos e a aplicação cuidadosa destes em análises específicas. E, em razão desta premissa, a construção da metodologia traz como associação imediata Michel Pêcheux e Michel Foucault, e consiste numa abordagem que destaca o papel da construção da realidade social no exercício do poder e na perpetuação de ideologias. Além disso, parte-se do princípio teórico fundante da AD de linha francesa: a linguagem não é considerada apenas um veículo para a comunicação de informações, mas também uma prática social relacionada intrinsecamente às relações de poder e à construção de identidades sociais e subjetividades.

Entendo que a AD se alinha com a perspectiva analítica apresentada na tese, por entender que os objetos em análise (charges selecionadas em um concurso realizado pela ONU sobre a igualdade de gêneros) estão intrinsecamente ligados às relações de poder e a ideologias, de forma que seus significados são construídos socialmente por meio de discursos.

E, sendo assim, a AD de linha francesa fornece ferramentas conceituais adequadas à análise do *corpus*, visto que a AD possibilita uma leitura analítica não subjetiva, “buscando explicar como o texto diz o que diz e por que o texto diz o que diz. Ela deve explicar o sistema de regras que preside à constituição do sentido, bem como a ordem de necessidades a que o texto responde” (Fiorin, 1990, p. 173).

Neste âmbito, a utilização da AD de linha francesa oferece um conjunto de ferramentas que podem revelar as nuances de como o sentido é construído nos discursos e como elas interagem com o contexto social mais amplo.

Sobre o aludido contexto, cumpre reiterar que o *corpus* coletado é constituído pela seleção de doze charges que obtiveram as primeiras colocações em concurso

realizado pela ONU (2018), cujo enfoque principal foi a desigualdade do gênero feminino em contraposição ao masculino.

Cumprir evidenciar que realizar a análise do *corpus* a partir do emprego teórico-metodológico da AD de linha francesa significa levar em conta a FD “Empoderamento feminino” do ponto de vista dos processos de produção dos discursos presentes nas charges premiadas pela ONU, o que implica considerar: i) sua constituição, a partir da memória do dizer que se encontra “moldada” em determinadas FDs; ii) sua formulação em condições enunciativas específicas e iii) sua circulação em determinadas condições de produção do discurso (Orlandi, 2005). O recorte analítico se dá em torno da FD como categoria analítica pelo fato de que é exatamente esta categoria que oferece uma estrutura conceitual adequada para analisar como os discursos insculpidos nas charges são moldados por contextos sociais, históricos e ideológicos, uma vez que a FD significa “aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada na conjuntura social” (Pêcheux, 1995). Ainda, neste sentido, evidencio que a FD permite analisar as inter-relações entre linguagem, poder e sociedade.

Outro motivo para justificar a escolha da AD francesa como recurso teórico-metodológico é o fato de o gênero textual charge costuma ter um interdiscurso imbricado⁷, que consiste numa categoria teórica da AD importante para se compreender o funcionamento dos discursos. Ressalto que interdiscurso consiste num conceito chave, que se refere à maneira como os discursos se cruzam e se influenciam mutuamente, trazendo à tona a memória discursiva (Pêcheux, 2016) e os discursos já estabelecidos no campo social. Ou seja, o interdiscurso consiste no espaço onde diferentes discursos se encontram, se cruzam e se influenciam mutuamente.

No sentido foucaultiano, destaco que o interdiscurso abrange o conjunto dos discursos passados e presentes que formam uma espécie de “arquivo” de uma sociedade. Sobre o assunto, evidencio que este “arquivo” não pode ser visto apenas

⁷ Neste sentido, “interdiscurso imbricado” refere-se à maneira como diferentes discursos se entrelaçam e se sobrepõem dentro de um texto ou gênero textual específico. “Interdiscurso” se refere ao diálogo entre diferentes discursos, ou seja, como um discurso é influenciado e formado por outros discursos presentes na sociedade. “Imbricado” sugere que esses discursos não estão apenas presentes lado a lado, mas que estão profundamente entrelaçados, interconectados e influenciam uns aos outros de forma complexa. Portanto, “interdiscurso imbricado” indica que as várias vozes, perspectivas e discursos estão intricadamente conectados e se moldam mutuamente, criando uma rede complexa de significados dentro do gênero textual, como é o caso das charges.

como um conjunto de textos, mas um campo dinâmico de relações discursivas. Insta dizer que, embora Foucault não use o termo "interdiscurso" explicitamente, seus conceitos de arqueologia e genealogia dos discursos são essenciais para entender a ideia de interdiscurso, pois os aportes teóricos de Foucault sobre as condições de emergência e as transformações históricas dos discursos são cruciais para compreender como diferentes discursos interagem e se influenciam mutuamente. Afinal, o termo "interdiscurso" remete à interação entre diferentes discursos, tal como pode ser observado na maneira como diferentes formas de conhecimento e linguagem se entrelaçam e se influenciam reciprocamente na sociedade. Ou seja, mesmo que Foucault não utilize explicitamente esse termo, sua abordagem teórica proporciona ferramentas conceituais importantes para explorar a dinâmica complexa do interdiscurso.

Neste sentido, Foucault (1969), na obra "A Arqueologia do Saber", explora como diferentes discursos históricos se sobrepõem e interagem. E, embora Foucault não fosse um analista do discurso no sentido estrito, suas ideias sobre poder, conhecimento e discurso são fundamentais para a AD francesa, tendo em vista que examina como os discursos formam e são formados por relações de poder e conhecimento, bem como eles são considerados para a construção da realidade social e histórica.

Ainda sobre a AD francesa, faz-se necessário informar que Michel Pêcheux é o teórico mais influente, bem como também é considerado seu fundador. Posso pressupor que tal reverência decorra do fato de o seu trabalho focalizar na relação entre linguagem, ideologia e sujeito. Ademais, também foi Pêcheux que introduziu importantes conceitos como interdiscurso e FD, que são centrais para entender como os discursos são produzidos e como eles produzem sentidos em contextos ideológicos específicos.

Em "Análise Automática do Discurso", Pêcheux (1969) discute a relação entre discurso, ideologia e inconsciente, oferecendo uma base teórica para a compreensão do interdiscurso. Ainda sobre o referido conceito, trago um conceito bastante profícuo de Pêcheux, encontrado em sua obra "Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio", de 1975: "O interdiscurso, então, refere-se a essa memória discursiva que é, ao mesmo tempo, a condição de possibilidade e a condição de impossibilidade daquilo que está dito no discurso."

Compreendo que a citação reflete a natureza complexa do interdiscurso como Pêcheux o concebe. Ou seja, uma entidade que possibilita a produção de discurso ao fornecer um 'arquivo' de discursos anteriores e, simultaneamente, limita o que pode ser aqui ao moldar as condições sob as quais o discurso é formado. Pêcheux, portanto, vê o interdiscurso como um elemento crucial que influencia tanto a produção quanto a compreensão de qualquer discurso dentro de um contexto social e histórico específico.

Outro autor de muita importância para o entendimento da AD francesa é Dominique Maingueneau, considerado um dos seus principais teóricos da contemporaneidade. Seus estudos são marcados pelo refinamento e expansão dos principais conceitos introduzidos por Michel Pêcheux. Ademais, no que tange à AD francesa, a contribuição de Maingueneau é marcada pela sua abordagem interdisciplinar, que combina linguística, teoria literária e ciências sociais. Ou seja, ele amplia o escopo da AD para além das estruturas linguísticas, considerando as complexidades sociais, culturais e institucionais que moldam e são moldadas pelo discurso.

Maingueneau discute a temática do interdiscurso no contexto da enunciação e das formações discursivas em seu trabalho "Análise de Textos de Comunicação" (2001). Especificamente sobre o interdiscurso, na obra "Gênese dos Discursos" (2005), Maingueneau destaca que tal categoria é constituída a partir de um espaço pré-construído, reativado em cada ato de enunciação. Portanto, para o autor, o interdiscurso está na base da produção e interpretação dos discursos (Maingueneau, 2001). Pressuponho que este conceito elaborado por Maingueneau evidencie sua perspectiva sobre o interdiscurso como um espaço dinâmico de saberes e discursos preexistentes, os quais fornecem as condições estruturais e epistemológicas para a produção e interpretação de novos discursos. Compreendo que esta visão sublinha a natureza complexa e interconectada das práticas discursivas, onde a emergência de novos enunciados está intrinsecamente ligada à reativação e resignificação de discursos anteriores.

No tocante a essa discussão, é pertinente observar que, além das obras citadas, Maingueneau também aborda a categoria de "interdiscurso" em muitas de suas produções. E, também, merece destaque "Cenas da Enunciação". Nesta obra, Maingueneau (2008) explora como os discursos são construídos em relação uns aos

outros, destacando a importância do interdiscurso na compreensão das formações discursivas e das práticas enunciativas. Outra obra relevante que também trata do conceito de interdiscurso é "Discurso Literário" (Maingueneau, 2006). Aqui, ele também examina a interconexão entre diferentes discursos e como esses diálogos formam a base das práticas discursivas.

Enfim, entendo que essas obras são fundamentais para entender a complexidade e a importância do interdiscurso na análise do discurso. Ressalto que, de acordo com o autor, o interdiscurso é concebido como um elemento essencial que se conforma à forma como os indivíduos se envolvem no ato comunicativo, reativando e contextualizando discursos preexistentes em novas situações enunciativas (Maingueneau, 2008). Esta dinâmica configura uma relação cíclica e renovadora dos discursos, demonstrando a complexidade e a profundidade da intertextualidade nas práticas discursivas.

Mais um mote para justificar a opção pela AD de linha francesa é o emblemático conceito de descentralização do sujeito, visto que, nessa vertente de estudos, o sujeito não é considerado o criador soberano de seu discurso. Aliás, em vez disso, o sujeito é visto de forma transversal, já que é constituído pelos discursos que circulam na sociedade em um dado momento de sua existência.

O conceito de descentralização do sujeito é frequentemente atribuído a Michel Foucault. Entretanto, é preciso afirmar que tal conceito não seja exclusivo deste filósofo e teórico social francês. Contudo, a genialidade de Foucault é decorrente de sua ousadia, tendo em vista que desafiou a noção tradicional do sujeito como um centro independente e autoconsciente de razão. Ademais, ele argumentou que o sujeito é, na verdade, construído por discursos, práticas sociais e relações de poder.

Ainda sobre o assunto, Foucault via o sujeito como algo não intrinsecamente estável ou autossuficiente, mas sim como uma entidade moldada por forças externas, incluindo o conhecimento e o poder. Em outras palavras, as identidades e os entendimentos que as pessoas têm de si mesmas são largamente influenciados e construídos pelas estruturas sociais e discursivas nas quais estão inseridas. É perceptível que este ponto de vista representa uma ruptura significativa com as concepções mais tradicionais de subjetividade encontradas no humanismo, que tendem a enfatizar a autonomia e a centralidade do indivíduo.

Além de Foucault, outros teóricos como Jacques Lacan (1988) e Louis Althusser (1998) também se desenvolveram significativamente para a ideia da descentralização do sujeito, cada um com suas próprias perspectivas e ênfases. Lacan, por exemplo, focou na psicanálise e na linguística para explorar como o inconsciente e a linguagem moldam a subjetividade.

Acerca do assunto, cumpre ressaltar que Althusser (1998), na obra "Aparelhos Ideológicos de Estado: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado", oferece uma teoria robusta sobre a relação entre o Estado, a ideologia e a reprodução das relações de produção capitalistas. Ele defende que os AIE desempenham um papel central na manutenção do sistema capitalista, ao disseminar e reproduzir a ideologia dominante que interpela os indivíduos em sujeitos. A educação é destacada como o principal AIE, crucial para a reprodução das relações de produção. Evidencio que a obra de Althusser proporciona uma compreensão profunda de como a ideologia e as instituições sociais trabalham juntas para sustentar as estruturas de poder e exploração em uma sociedade capitalista.

É importante mencionar que discurso e ideologia são conceitos centrais na AD de linha francesa, porque eles fornecem as ferramentas teóricas e metodológicas para entender como a linguagem funciona como um instrumento de poder e como as ideologias são reproduzidas e desafiadas através dos discursos. A integração desses conceitos permite uma análise crítica e profunda das práticas sociais, revelando as complexas relações entre linguagem, poder e sociedade. Neste sentido, impende destacar que o discurso como construção social é um meio pelo qual as ideologias são transmitidas e naturalizadas na sociedade, e neste diapasão, ideologias são conjuntos de ideias que refletem os interesses de determinados grupos sociais e que são apresentadas como senso comum.

Considerando estes aspectos, vimos emergir a materialidade do discurso que a AD de linha francesa entende como algo que tem efeitos concretos na realidade, não apenas como uma estrutura abstrata de significação. E, por conseguinte, surge a heterogeneidade discursiva, que exprime o reconhecimento de que um texto pode ser o local de múltiplos discursos e que esses diferentes discursos podem refletir conflitos e lutas de poder.

Ainda sobre o aspecto do discurso como construção social, na AD de linha francesa, o discurso é entendido não apenas como um mero conjunto de palavras ou

frases, mas como uma relevante prática social, que é tanto influenciada quanto influencia a realidade social, cultural e política. Ou seja, nesta transcendência ele é visto como uma forma de ação e não apenas como um simples meio de comunicação.

E, neste diapasão, tem-se uma produção de sentidos, sendo que o discurso se torna o meio pelo qual os significados são produzidos e disseminados na sociedade. Cumpre ressaltar que estes significados não são fixos, mas sim fluidos e negociados constantemente dentro das interações sociais. Por conseguinte, o discurso expõe a sua relação com o poder, tendo em vista que se torna fundamental justamente para reforçar a manutenção das relações de poder na sociedade. Ou seja, o discurso pode tanto perpetuar as estruturas de poder já existentes, quanto pode desafiá-las para que um novo poder ocupe seu lugar.

Depois desta breve exposição acerca do discurso, necessário se faz destacar a importância da ideologia na AD. Pois a ideologia, no contexto da AD, é vislumbrada como uma forma de moldar os discursos, tendo em vista que se refere fortemente a uma série de sistemas de crenças e valores que moldam a percepção e a compreensão da realidade. Ou seja, a ideologia influencia fortemente a maneira como o discurso é formulado e interpretado. E, em decorrência disto, podemos concluir que, como veículo de ideologia, o discurso se torna o meio pelo qual as ideologias são expressas, reproduzidas e, às vezes, desafiadas.

Sendo assim, o discurso carrega consigo as marcas da ideologia de seus produtores. E, numa relação cíclica, contribui para a disseminação dessas ideologias. E é justamente através do discurso que certas ideologias podem ser naturalizadas na sociedade, ou seja, são apresentadas como se fossem a ordem natural das coisas, escondendo sua natureza construída e suas intrínsecas funções no poder. Neste sentido, destaco o entendimento de Michel Foucault, na emblemática obra "A Ordem do Discurso" (2014, p. 10): "discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar."

Ainda na mesma obra, o autor ainda destaca que em toda sociedade a produção do discurso é "ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu evento aleatório, esquivar sua materialidade pesada e temível" (Foucault, 2014, p. 78).

Portanto, na AD, pode-se afirmar que o discurso e a ideologia são inseparáveis, já que o discurso é moldado por ideologias, ao tempo que serve como um veículo para a expressão e perpetuação dessas ideologias. Neste âmbito, cumpre ressaltar que um objetivo importante da AD é desvelar como as ideologias operam através do discurso, esmiuçando e desnaturalizando os discursos, expondo o que parece ser algo aparentemente visto como algo normal, revelando os interesses e as relações de poder subjacentes.

Sobre este aspecto, Michel Pêcheux (1969, p. 75), na obra “Análise Automática do Discurso”, conceitua: “O que chamo de 'discurso' [...] é exatamente essa determinação complexa (e que não é de forma alguma 'subjativa') que faz que [...] não se pode jamais dizer 'qualquer coisa'.”

E, ainda sobre o assunto, Michel Pêcheux (1975, p. 69), na obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, destaca que “a evidência de que 'eu digo o que quero dizer' e de que 'eu sei o que digo' pertence ao mesmo processo ideológico que 'naturaliza' as relações entre as palavras, as coisas e os sujeitos, ao mesmo processo que 'naturaliza' 'como relações de dominação.'” Destaco que estas premissas de Pêcheux Foucault refletem a complexidade e a importância do discurso como características que estão imbricadas nas relações de poder e nas estruturas ideológicas.

Finalmente, com foco especial na mudança, contrapondo-se com a resistência, a AD também expõe as mudanças nas práticas discursivas, dando destaque especial para as possibilidades de projetar mudanças nas ideologias e, conseqüentemente, nas estruturas de poder da sociedade. Enfim, quando trazemos a lume o discurso e a ideologia, é certo afirmar que ambos estão profundamente interligados à AD. Posto que a AD se destaca por explorar como as ideologias influenciam a maneira como falamos sobre o mundo. E, em conseqüência, como os discursos reforçam ou desafiam essas ideologias.

Portanto, isso torna a AD uma ferramenta poderosa para entender e questionar as estruturas de poder e as crenças predominantes em qualquer contexto social, sendo que a AD de linha francesa tem esta metodologia especial, que consiste em exame dos textos (falados ou escritos) para entender como eles operam nos contextos mais amplos relacionados ao poder e à sociedade. Neste sentido, ainda pode incluir a investigação de discursos específicos das identidades dos sujeitos, de como eles

produzem e reproduzem as relações de poder, assim como eles podem estar ligados às práticas sociais específicas.

Ressalto que essa abordagem tem sido influente em diversas áreas do conhecimento, incluindo ciências sociais, estudos de literatura, educação, estudos culturais e comunicação, fornecendo ferramentas analíticas para entender a relação entre linguagem, sociedade e poder.

A noção de FD é central na AD de linha francesa e está estreitamente associada ao trabalho de Michel Foucault, especialmente conforme abordado nas obras “A Arqueologia do Saber” e “A Ordem do Discurso”. Sobre a referida associação teórica, cumpre ressaltar que Charaudeau e Maingueneau (2008), afirmam que Foucault foi o primeiro a postular o conceito de FD⁸.

A FD é um conceito que se refere aos processos pelos quais sistemas de pensamento (discursos) são produzidos dentro de contextos históricos e sociais específicos. Neste sentido, destaco que, no que se refere à construção da tese de doutoramento aqui apresentada, a abordagem teórico-metodológica se encontra fundamentada na AD de linha francesa, com a escolha da FD como categoria de análise. Ressalto que tal opção se deu em razão de a FD oferecer, como já dito, uma estrutura conceitual eficaz para entender como os discursos são moldados por contextos sociais, históricos e ideológicos.

Ademais, a FD também é adequada para analisar a interrelação entre linguagem, poder e sociedade, tendo em vista que permite uma compreensão de como se dão os processos de produção dos discursos e como eles, por sua vez, formam nossa compreensão do mundo.

Enfim, essa abordagem é particularmente relevante quando se trata da FD “empoderamento feminino”, que está relacionada com práticas discursivas, ideias, normas e valores que giram em torno do conceito de capacitar e fortalecer as mulheres em diversos aspectos sociais, políticos e econômicos.

⁸ No subtítulo a seguir, explicarei por que Charaudeau e Maingueneau (2008) afirmam que Foucault foi o primeiro a postular o conceito de FD e não mencionaram o artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs, publicado em 1968.

1.1 Contextualização histórico-conceitual das Formações Discursivas (FDs)

O conceito de FD é uma ideia central na AD, e sua origem remonta a 1968, quando foi anunciado no artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs, conforme ensina Baronas (2011, p. 95):

Chamo a atenção para o fato de que o conceito de formação discursiva, embora não esteja desenvolvido, bem formulado como no texto de 1971, está anunciado desde 1968, data da publicação do artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs. O que me possibilita asseverar que, pelo menos no seu processo de gestação, esse conceito não veio de *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault, cuja primeira edição data de 1969.

Este marco é essencial para a compreensão do desenvolvimento e da evolução das teorias discursivas subsequentes. Ou seja, diferentemente do que se poderia presumir, o conceito de FD não foi introduzido por Michel Foucault em sua obra "*A Arqueologia do Saber*" (1969), mas sim por Culioli, Pêcheux e Fuchs, que, de maneira pioneira, exploraram as relações entre linguagem, sociedade e ideologia. Desde 1968, o conceito de FD tem fornecido as bases teóricas para a produção e interpretação dos discursos, ressaltando a interconexão dinâmica entre os saberes preexistentes e a emergência de novos enunciados em contextos enunciativos específicos. Por conseguinte, reconhecer a contribuição inicial de Culioli, Pêcheux e Fuchs é crucial para uma compreensão mais aprofundada e precisa da trajetória histórica e teórica das FDs na AD.

Conforme já mencionado anteriormente, a questão de por que Charaudeau e Maingueneau (2008) afirmam que Michel Foucault foi o primeiro a postular o conceito de FD sem mencionar o artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs pode ser entendida a partir de várias perspectivas teóricas e historiográficas. Sobre o assunto, a partir do reconhecimento de autoridade teórica, Foucault é amplamente reconhecido como uma figura central nas ciências humanas e sociais, especialmente no campo da AD. Suas obras "*A Arqueologia do Saber*" (1969) e "*A Ordem do Discurso*" (1971) são marcos fundamentais que consolidaram a AD como uma disciplina acadêmica distinta.

Neste sentido, entendo que Charaudeau e Maingueneau podem ter enfatizado Foucault devido ao impacto e à influência duradoura de suas obras. Ademais, quando observo a diferença no desenvolvimento conceitual, embora o artigo de Culioli,

Pêcheux e Fuchs, datado de 1968, tenha introduzido ideias fundamentais sobre FDs, Foucault foi responsável por desenvolver e sistematizar esses conceitos de uma maneira que se tornou amplamente reconhecida e adotada. Sua abordagem metodológica e teórica ofereceu uma estrutura mais abrangente e articulada para entender as FDs no contexto das práticas sociais e institucionais.

Ademais, em relação à questão da visibilidade acadêmica, as obras de Foucault tiveram uma visibilidade e difusão muito maiores no campo acadêmico global em comparação com o artigo de 1968 de Culioli, Pêcheux e Fuchs. Isso pode ter contribuído para levar a academia a intensificar a tendência de atribuir a Foucault a primeira formulação do conceito de FD, dada sua influência e presença proeminente no discurso acadêmico. Acerca da interpretação e enfoque, compreendo que Charaudeau e Maingueneau, ao afirmarem que Foucault foi o primeiro a postular o conceito de FD, podem estar se referindo ao fato de que ele foi o primeiro a articular explicitamente e a popularizar esse conceito dentro de uma estrutura teórica amplamente reconhecida. Isso não necessariamente nega a contribuição de Culioli, Pêcheux e Fuchs, mas sim destaca a importância do trabalho de Foucault na disseminação e consolidação do conceito.

Em suma, pressuponho que a razão pela qual Charaudeau e Maingueneau podem não ter mencionado o artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs pode estar ligada à forma como o conceito de FD foi desenvolvido, articulado e popularizado por Foucault, além do impacto e da influência que ele teve no campo da AD. Enfim, o conceito de FD surgiu no contexto dos estudos de Culioli, Pêcheux e Fuchs, seguidos imediatamente por Michel Foucault, filósofo francês, cujo trabalho teve um impacto significativo nas ciências humanas e sociais, especialmente nos campos da filosofia, história, sociologia e estudos culturais. E, para compreender esse conceito, é útil examinar o contexto histórico, teórico e metodológico no qual ele se desenvolveu.

No **contexto histórico**⁹, destaco as décadas de 1960 e 1970, período em que houve uma intensa revisão crítica dos métodos tradicionais das ciências humanas. Saliento que o estruturalismo estava em ascensão, mas começava a ser questionado.

⁹ Em consonância com as diretrizes acadêmicas que permitem variações estilísticas justificadas pela clara expositiva (ABNT, 2023), o uso de **negrito** nesta tese foi escolhido como recurso estilístico para destacar autores em contextos especiais, enunciados e objetos discursivos que requerem atenção especial no desenvolvimento argumentativo. O **negrito** é aqui empregado para garantir uma leitura fluida, ao mesmo tempo que evidencia palavras ou expressões que assumem papel central na análise.

Também nas referidas décadas, os movimentos sociais, como o feminismo, os direitos civis e os protestos estudantis, estavam desafiando as estruturas de poder estabelecidas e incentivando novas formas de pensar sobre a sociedade e a história.

No **contexto teórico**, evidencio que Foucault foi inicialmente influenciado pelo estruturalismo, que enfatizava a estrutura subjacente dos sistemas culturais e sociais. Posteriormente, ele se distanciou do estruturalismo, contribuindo para o desenvolvimento do pós-estruturalismo, que enfatiza a instabilidade dos significados e a centralidade do poder nas práticas discursivas. Ainda neste contexto, o conceito de FD é central na obra "Arqueologia do Saber" (1969) de Foucault. Nessa obra, Foucault propõe uma abordagem arqueológica para a AD, onde se examinam as condições históricas que possibilitam a emergência de diferentes formas de conhecimento.

No **contexto metodológico**, a metodologia arqueológica de Foucault busca desenterrar as regras implícitas que governam o surgimento e a transformação dos discursos em diferentes períodos históricos. Ressalto que a arqueologia não busca a verdade ou falsidade dos enunciados, mas sim as condições de possibilidade para que certos discursos apareçam e se tornem dominantes.

Foi a partir dos contextos mencionados que emergiu a definição de FD, que, na perspectiva das **condições de possibilidade**¹⁰, conforme proposto por Foucault, é um conjunto de regras anônimas e históricas que regulam a produção de enunciados em um determinado campo de saber. Sendo que essas regras determinam o que pode ser dito, quem pode falar, as posições dos sujeitos falantes, os conceitos aceitáveis e as estratégias discursivas válidas. E, neste sentido, considerando as **relações com o poder**, Foucault enfatiza que o discurso não é apenas uma forma de comunicação, mas uma prática profundamente entrelaçada com relações de poder. Por conseguinte, as FDs estão sempre implicadas em jogos de poder, estabelecendo o que é considerado conhecimento legítimo e moldando a realidade social.

¹⁰ As condições de possibilidade, conforme proposto por Michel Foucault, referem-se ao conjunto de circunstâncias históricas, sociais, culturais e discursivas que permitem a emergência de determinados conhecimentos, discursos e práticas. Em outras palavras, são os fatores que tornam possível a existência e a compreensão de certos enunciados em um dado momento histórico. Ressalto que Foucault utiliza o conceito de condições de possibilidade para analisar como diferentes formas de saber, poder e subjetividade surgem e se transformam ao longo do tempo. Ele busca identificar as regras e estruturas subjacentes que governam o que pode ser conhecido, dito e feito dentro de um campo discursivo específico.

Neste sentido, destaco que na obra “Microfísica do poder”, Michel Foucault (1979) explora a relação entre saber e poder, argumentando que não há conhecimento neutro, mas que todo saber se encontra intrinsecamente imbricado em relações de poder e o conhecimento científico e as práticas discursivas são formas de exercício de poder que classificam, normatizam e controlam os indivíduos. Ele destaca como certos saberes e disciplinas se tornam instrumentos de poder, criando e legitimando normas e verdades sociais.

Importa informar que Foucault, em obras como os quatro volumes da “História da Sexualidade” (1994; 2002; 2003; 2020), aplica o conceito de FD para analisar como o discurso sobre a sexualidade é produzido e regulado ao longo do tempo. E, em “História da loucura na idade clássica” (1978) e “O Nascimento da Clínica” (1980), ele explora como as FDs sobre a loucura e a medicina emergem e se transformam, influenciando as práticas sociais e as instituições.

O conceito de FD teve um impacto profundo nas ciências humanas e sociais, influenciando campos como estudos culturais, sociologia do conhecimento, crítica literária e teoria feminista. Neste sentido, posso afirmar que os pesquisadores usam a ideia de FDs para desconstruir ideologias e revelar as estruturas de poder subjacentes que sustentam diferentes sistemas de conhecimento.

Em síntese, o conceito de FD surgiu no contexto da crítica pós-estruturalista dos anos 1960 e 1970, como parte do esforço de Michel Foucault para entender as condições históricas e sociais que possibilitam a emergência e a transformação dos discursos. E, foi através de sua abordagem arqueológica, que Foucault revelou como os discursos estão intimamente ligados ao poder e moldam a realidade social, influenciando profundamente a maneira como as ciências humanas e sociais analisam o conhecimento e a sociedade.

Impende ressaltar que, antes de Michel Foucault, o conceito de FD tal como ele o desenvolveu não foi especificamente abordado por outros autores. No entanto, várias tradições intelectuais e autores influenciaram o desenvolvimento do pensamento de Foucault e contribuíram para a moldagem de suas ideias sobre discurso e poder.

Como um dos antecedentes intelectuais que influenciaram Foucault, cito Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista suíço, e frequentemente considerado o

pai do estruturalismo linguístico. Foi dele a ideia de que a linguagem é um sistema de sinais inter-relacionados. Outra influência deste linguista foi sua análise da relação entre o significante (a forma da palavra) e o significado (conceito) que influenciou a forma como os discursos são compreendidos como sistemas estruturados de significação.

Como mais uma importante influência, cito Karl Marx (1818-1883), que abordou a ideia de ideologia e como ela serve aos interesses das classes dominantes. A superestrutura, que inclui ideologias, leis e religião, molda e é moldada pela base econômica. Outro ponto de relevância foi a análise marxista das relações de poder e como estas são refletidas e perpetuadas através das ideologias, conceitos que muito influenciaram o pensamento de Foucault sobre o discurso e o poder.

Outro autor de influência para a construção intelectual de Foucault foi Sigmund Freud (1856-1939), que explorou o inconsciente e como as estruturas mentais influenciam o comportamento e a cultura. Sua análise dos símbolos e do significado inconsciente influenciou os estudos do discurso. Ressalto que, embora Freud não tenha tratado diretamente de FDs, sua exploração do simbolismo e da linguagem inconsciente ofereceu importantes *insights* sobre como os discursos moldam e refletem a psique humana.

Mais uma mente brilhante que inspirou Foucault foi Louis Althusser (1918-1990), filósofo marxista francês, que discutiu como as ideologias são reproduzidas através dos "aparelhos ideológicos de Estado" (tais como escolas, igrejas, mídia), influenciando a formação do sujeito. E a ideia de que os indivíduos são "interpelados" ou chamados para se tornarem sujeitos dentro de estruturas ideológicas existentes também influenciou o pensamento de Foucault sobre como os discursos moldam a subjetividade.

Michel Foucault também obteve inspiração em Antônio Gramsci (1891-1937), teórico marxista italiano, que introduziu o conceito de hegemonia cultural e que descreveu como as classes dominantes mantêm o poder não apenas através da coerção, mas também pelo consenso e controle das ideias e valores culturais. Também foi Gramsci quem discutiu o papel dos intelectuais na construção e manutenção das hegemonias culturais, uma ideia que ressoa com a análise foucaultiana de como os discursos são produzidos e disseminados.

Também merece menção a importância das construções teóricas de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) como inspiradoras das ideias de Foucault. Afinal, foi Lévi-Strauss quem aplicou métodos estruturais à antropologia, estudando como as culturas humanas compartilham estruturas subjacentes comuns, particularmente em mitos e rituais. Sua abordagem influenciou Foucault no sentido de buscar as estruturas subjacentes dos discursos e como eles organizam o conhecimento e a sociedade.

Conforme já mencionado, Michel Foucault desenvolveu o conceito de FD no contexto de seu trabalho sobre a arqueologia do saber, especialmente nas obras "Arqueologia do Saber" (1969) e "A Ordem do Discurso" (1971). E, considerando o fato de estar deveras interessado em entender como os discursos surgem, se transformam e desaparecem dentro de certos campos de conhecimento, bem como esses processos estão interligados com relações de poder. Acerca do assunto, na obra "A Ordem do Discurso", Foucault (1971, p. 40) destaca: "Chamarei formação discursiva a regularidade em dispersões discursivas, a regularidade em distribuições dos enunciados, a regularidade nas transformações e nas correlações dos enunciados". Acerca do assunto, as obras de Foucault se referem às práticas que sistematizam e controlam a produção de discursos em diferentes contextos históricos e sociais. Entendo que essas referências fornecem uma visão abrangente do conceito de FD e suas implicações na AD e na teoria social.

Neste sentido, entendo ser relevante destacar alguns aspectos-chave da FD em Foucault: **I - Regras de Formação:** As regras que determinam quais enunciados são possíveis, quem pode falar, de que maneira e em que contexto; **II - Condições de Possibilidade:** As condições históricas e sociais que permitem que certos discursos surjam em detrimento de outros; **III - Relação com o Poder:** A análise de como os discursos estão sempre entrelaçados com relações de poder, moldando e sendo moldados por essas relações. Por conseguinte, posso inferir que, embora o conceito específico de FD seja uma contribuição original de Michel Foucault, suas ideias foram profundamente influenciadas por uma variedade de tradições intelectuais e pensadores anteriores que exploraram a linguagem, a ideologia, a cultura e o poder.

Neste diapasão, a FD em Foucault refere-se às regras e condições que permitem a emergência de certos discursos e excluem outros, analisando a relação entre discurso, poder e conhecimento. E, quanto à perspectiva, Foucault utiliza uma abordagem arqueológica para examinar os discursos, focando nas condições

históricas que possibilitam a existência de diferentes formas de conhecimento. Ele destaca como os discursos são regulados e como eles regulam o que pode ser dito, quem pode falar e em que contexto.

A partir das considerações anteriormente tecidas sobre Foucault, trago também considerações sobre algumas confusões continuamente suscitadas sobre a precedência do conceito de FD entre Michel Pêcheux e Michel Foucault. E a resposta que surge é de que é perfeitamente compreensível, dado que ambos os autores trabalharam na França durante o mesmo período e ambos tinham interesses teóricos sobre o discurso. Então, defendo a premissa de que ambos têm sua parcela de contribuição no conceito de FD desenvolvido em seus trabalhos.

Neste sentido, evidencio que Pêcheux utilizou o conceito de FD para descrever as regras e os mecanismos que governam a produção de enunciados dentro de um determinado campo discursivo. E, em sua obra "Análise Automática do Discurso" (1969), Pêcheux explora como os discursos são formados por práticas ideológicas e como essas práticas são reproduzidas e transformadas ao longo do tempo. Ressalto que esta obra é fundamental para a AD e introduz a noção de FD como um conjunto de regras e regularidades que governam o que pode e o que não pode ser dito em um determinado campo discursivo.

Sobre este autor, destaco que a perspectiva de Pêcheux é fortemente influenciada pelo marxismo, especialmente pelas ideias de Louis Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado e a interpelação. Pêcheux analisou como a ideologia se manifesta no discurso e como os sujeitos são constituídos por essas práticas discursivas.

Ainda é possível afirmar que o conceito de FD também encontra guarida na obra de Michel Pêcheux, tendo em vista que na obra "*Las verdades evidentes: lingüística, semántica, filosofía*" (2016), Pêcheux define a FD como o sistema de regras que determina o que pode e deve ser dito dentro de um conjunto particular de práticas discursivas.

Ressalto que nesta obra, o autor enfatiza a ligação entre linguagem e ideologia, onde a FD regula a produção de sentidos em um contexto social específico. Ressalto que a discussão acerca do assunto já aparece nas páginas iniciais da referida obra. E, neste sentido, destaco o seguinte conceito: "Uma formação discursiva é definida

como o conjunto de condições que rege o aparecimento de objetos, modalidades enunciativas, conceitos e escolhas temáticas em um dado campo discursivo" (Pêcheux, 2016, p. 25).

Outra obra em que Pêcheux revisita o conceito de FD é "Discurso: Estrutura ou Acontecimento?" (1990), onde explora como as práticas discursivas são estruturadas e como elas se relacionam com os eventos discursivos e as transformações sociais. Ele introduz a ideia de interdiscursividade e como diferentes FDs podem se sobrepor e influenciar umas às outras. Desta obra, destaco o seguinte conceito: "As formações discursivas são sistemas de regularidades na produção dos discursos, e essas regularidades estão associadas a formações ideológicas que determinam o que pode e deve ser dito" (Pêcheux, 1990, p. 50).

Ressalto que, além das referidas obras, Pêcheux aprofundou e expandiu suas ideias sobre FD em outras publicações e artigos ao longo de sua carreira, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da AD, especialmente na tradição francesa.

Em comparação e contextualização, no que se refere às **similaridades**, ambos (Pêcheux e Foucault) se interessam pela maneira como os discursos são formados e como eles estruturam o conhecimento e a sociedade. Ambos utilizam o termo "Formação Discursiva" para descrever o conjunto de regras e práticas que governam a produção de enunciados em um campo discursivo específico.

Entretanto, quando me refiro às diferenças, vislumbro que a perspectiva ideológica de Pêcheux é mais explicitamente marxista e se foca na relação entre discurso e ideologia, analisando como a ideologia molda e é moldada pelos discursos. Já neste aspecto, observo que Foucault adota uma abordagem mais histórica e arqueológica, examinando como as formações discursivas mudam ao longo do tempo e como estão ligadas a práticas de poder e conhecimento.

Sob o prisma da precedência conceitual, Michel Pêcheux e Michel Foucault desempenharam papéis complementares e cruciais no desenvolvimento do conceito de FD. Pêcheux foi pioneiro na utilização e desenvolvimento do conceito em seus trabalhos sobre AD, explorando as relações entre linguagem, ideologia e subjetividade. Foucault, por sua vez, popularizou e expandiu significativamente o conceito através de suas análises arqueológicas e genealógicas, situando-o no

contexto das práticas discursivas e das relações de poder. A contribuição de ambos é fundamental para a compreensão das Formações Discursivas, cada um acrescentando dimensões teóricas e metodológicas distintas e complementares.

Ainda sobre o assunto, é fundamental destacar a importância das contribuições de Michel Pêcheux e Michel Foucault no desenvolvimento do conceito de FD. Pêcheux, com sua abordagem marxista da AD, ofereceu *insights* significativos sobre a interrelação entre linguagem, ideologia e subjetividade. Foucault, com sua abordagem arqueológica e histórica, expandiu e popularizou o conceito ao situá-lo no contexto das práticas discursivas e das relações de poder. Ambos os teóricos forneceram contribuições valiosas que aprimoraram a compreensão de como os discursos são formados e operam dentro das estruturas de conhecimento e poder.

No subtítulo a seguir, abordarei as FDs e as relações com o poder. Esta análise explorará como as FDs estruturam e regulam os discursos, definindo o que pode ser dito, quem pode falar e quais estratégias discursivas são válidas. Além disso, será discutido como essas FDs operam dentro das dinâmicas de poder, moldando as condições de produção e interpretação dos discursos.

1.2 As Formações Discursivas (FDs) e as relações com o poder

Como já dito, as FDs representam uma categoria fundamental da AD, destacando-se pela sua relevância na compreensão das complexidades que permeiam o discurso e suas manifestações. Essa abordagem teórica propõe uma compreensão das práticas discursivas ao considerar não apenas o conteúdo dos dispositivos, mas também as condições sociais, históricas e institucionais que as moldam. Neste sentido, importa ressaltar que cada FD cria um conjunto particular de condições que determinam o que pode ser dito, como deve ser dito e quem tem autoridade para falar, peculiaridade que corrobora as relações com o poder das FDs.

Conforme já mencionado, para Michel Foucault, as relações com o poder desempenham um papel central na análise das FDs, sendo que a argumentação central é a de que o discurso não pode ser apenas considerado uma forma de comunicação neutra, mas está intrinsecamente vinculado às relações de poder

presentes em uma sociedade (Koch, 2011). Dito isto, a seguir, apresento alguns pontos-chave sobre essas relações.

O primeiro ponto a ser destacado consiste no conceito de **biopoder**, desenvolvido por Michel Foucault nas obras “História da Sexualidade - Volume 1: A Vontade de Saber”¹¹ (1976) e “Segurança, Território, População”¹² (2008), decorrente de um curso ministrado no Collège de France em 1977-1978. Destaco que essas obras são fundamentais para entender o desenvolvimento do conceito de biopoder, que Foucault relaciona à transição das formas tradicionais de poder soberano (baseadas na capacidade de matar ou punir) para formas modernas de poder, que se concentram na gestão da vida e na regulação dos corpos e das populações.

Neste sentido, destaco que o conceito de **biopoder**, como desenvolvido por Michel Foucault, é central para entender como o poder se exerce sobre as populações em termos de controle de seus corpos e de sua vida biológica¹³. Em sua obra “História da Sexualidade”, Foucault descreve o biopoder como uma forma de poder que não se limita à disciplina individual, mas que regula, controla e administra populações inteiras através de políticas de saúde, natalidade, sexualidade e até mortalidade.

Outro importante aspecto consiste na influência do poder relacionado à **construção e à regulação do conhecimento**, tendo em vista que as FDs não apenas refletem, mas também contribuem para a construção do conhecimento em uma sociedade. Ou seja, este “Poder-Saber” se refere à interconexão entre poder e conhecimento na produção e circulação de discursos, afinal, o poder está envolvido na definição do que é considerado conhecimento legítimo e nas regras que governam a produção discursiva em diferentes contextos.

Ainda sobre as relações com o poder, importa destacar que Michel Foucault propôs uma abordagem única ao poder, argumentando que o poder não é uma entidade centralizada, mas está distribuído por toda a sociedade em diversas práticas e instituições. Por conseguinte, o poder, para Foucault, não é algo que se possui, mas

¹¹ Nesta obra, Foucault introduz o conceito de biopoder, explicando como, a partir do século XVIII, os Estados começaram a exercer controle não apenas sobre os indivíduos de forma disciplinar, mas também sobre populações inteiras, regulando a vida e os corpos por meio de técnicas biopolíticas. Ele discute como o poder passou a administrar a vida (natalidade, mortalidade, saúde pública etc.) e a sexualidade como forma de controle.

¹² Nesse curso, Foucault explora ainda mais o conceito de biopoder e o relaciona com as noções de governo e biopolítica, aprofundando o entendimento de como o poder sobre a vida das populações é gerido pelo Estado através de instituições e políticas públicas.

¹³ No capítulo 3, que trata da análise das charges, o conceito de biopoder será retomado.

sim relações de poder que permeiam todas as interações sociais. Essas relações moldam e são moldadas por diversas práticas, discursos e instituições.

Um ponto que também merece ser enunciado é a relação do poder com a **normalização e o controle social**. E, neste sentido, vale lembrar que Foucault argumenta que o poder opera não apenas repressivamente, mas também de maneira produtiva, moldando normas e comportamentos através do que ele chamou de "biopoder". Ou seja, as FDs desempenham um papel na normalização e regulação social, estabelecendo padrões aceitáveis de discurso e comportamento.

Outro ponto-chave nas relações de poder remete às **lutas pelo poder no discurso**. E, nestes sintagmas, entendo que há um viés de polifonia, tendo em vista a presença de múltiplas vozes ou discursos em um texto que reflete a diversidade de perspectivas. Neste sentido, Pêcheux destaca as lutas ideológicas presentes nas formações discursivas, pois diferentes grupos sociais podem disputar o controle do discurso, buscando influenciar a forma como certos temas são abordados e interpretados. Ou seja, o poder, nesse contexto, está intimamente ligado à capacidade de impor e sustentar certas interpretações.

A relação com o poder das FDs também importa no discurso de **constituição de identidades**. E, neste sentido, compreendo que as FDs participam na construção de identidades individuais e coletivas. Ou seja, elas estabelecem quem tem o direito de falar, quem é autorizado a ocupar certas posições sociais e como essas identidades são representadas linguisticamente e discursivamente.

Mais um ponto-chave das FDs relacionadas com o poder está nas **estratégias de resistência**, considerando que, ao mesmo tempo, as FDs não são apenas veículos de controle, mas também podem ser espaços de resistência. Um exemplo disto é quando grupos oprimidos e/ou marginalizados podem utilizar o discurso como uma ferramenta para desafiar as normas estabelecidas, reivindicar suas identidades e até mesmo contestar as relações de poder dominantes.

Ainda sobre as FDs e as relações com o poder, evoco o enunciado **análise crítica**, que permite revelar como o poder se manifesta na linguagem e como as estruturas sociais são mantidas ou contestadas por meio do discurso, ou seja, compreender as dinâmicas de poder nas FDs é essencial para uma análise das relações sociais e das ideologias que permeiam a comunicação.

Em referência a essas constatações, é preciso notabilizar que as FDs se referem aos sistemas complexos de regras e normas que governam a produção e circulação de discursos em uma determinada sociedade em um período específico. E, sendo assim, entendo que incluem não apenas o conteúdo dos discursos, mas também as condições sociais, políticas e históricas que possibilitam e moldam a produção e disseminação desses discursos. Ou seja, uma FD não pode ser entendida como um único e exclusivo discurso, mas uma rede de múltiplos discursos interconectados. Discursos que constroem significados em campos específicos, tais como o direito, a medicina, a educação, a política, entre outros.

Enfim, outro ponto-chave que precisa ser relacionado ao poder é a **produção de verdade(s)**. Para Foucault, no que tange a este sintagma, o poder está intimamente ligado à produção de verdades em uma sociedade. Logo, as FDs desempenham um papel crucial nesse processo, pois influenciam quais conhecimentos são considerados válidos, verdadeiros e legítimos em uma determinada época.

Um exemplo prático deste postulado pode ser analisado nos discursos produzidos nas instituições, tais como universidades, escolas, igrejas, hospitais ou prisões, tendo em vista que são locais onde as FDs e relações de poder se entrelaçam. Afinal, os discursos produzidos nessas instituições não apenas refletem as relações de poder, mas também as reforçam e as contestam.

Em suma, as FDs são fundamentais para entender como o poder opera e é operado em uma sociedade. Consequentemente, entendo que as FDs são arenas onde o poder é exercido, contestado e negociado, desempenhando um papel crucial na configuração das relações sociais, na produção de conhecimento e na construção de identidades. Em síntese, as FDs são meios pelos quais as relações de poder se manifestam, são contestadas e moldam as práticas sociais, contribuindo para a produção de conhecimento e verdades específicas em diferentes contextos históricos e sociais.

1.2.1 Considerações essenciais sobre a dinamicidade das FDs¹⁴

Ao apresentar o subtítulo "Considerações Essenciais sobre a Dinamicidade das Formações Discursivas", compreendo que a análise das "Formações Discursivas em Formação" (Mari, 2024) proporciona uma visão crítica e dinâmica dos processos discursivos. Essa abordagem permite captar a fluidez e a complexidade das práticas discursivas, destacando como as FDs estão em constante estado de evolução e adaptação, refletindo as transformações contínuas das estruturas sociais e de poder.

Neste sentido, compreendo que o enunciado "Formações Discursivas em Formação" se refere a um processo dinâmico e contínuo de desenvolvimento de um conjunto de discursos que compartilham regras e padrões comuns. Sendo assim, partindo da análise de que o enunciado "Formação Discursiva" se refere às estruturas que determinam o que pode ser dito, quem pode dizer, em que contexto e com que autoridade, é possível inferir que essas formações regulam a produção de sentido dentro de um campo específico, como a medicina, a justiça, a educação, a política, entre outros. Logo, as FDs são carregadas de dinamicidade, tendo em vista que incluem as regras implícitas e explícitas, já que organizam e legitimam certos discursos e práticas, enquanto excluem ou marginalizam outros. A dinamicidade das FDs reflete a natureza fluida e adaptativa dos discursos em resposta a um ambiente social, cultural, econômico e político em constante mudança. Isso faz com que as FDs estejam sempre em um estado de formação e reformulação, respondendo às influências e pressões internas e externas.

Portanto, ao afirmar que uma FD está "em formação", estamos nos referindo ao seu desenvolvimento dinâmico e contínuo ao longo do tempo. Novos discursos estão sendo criados, enquanto os antigos são modificados, com as regras que regem esses discursos em constante negociação e mudança. Este processo é influenciado por transformações sociais, culturais, políticas e tecnológicas que alteram as condições de produção e circulação dos discursos, refletindo a natureza dinâmica e evolutiva das FDs.

¹⁴ A adição deste subtítulo foi inspirada pelas contribuições do Prof. Dr. Hugo Mari, membro da banca de qualificação, que no momento de suas considerações contribuiu com o seguinte enunciado: "Formações Discursivas em Formação" (Mari, 2024). E foi especificamente o referido enunciado que me motivou a pesquisar as questões da FD, focalizando a perspectiva da dinamicidade das FDs.

Cumprе ressaltar a relevância e a dinamicidade do enunciado: "Formações Discursivas em Formação" (Mari, 2024), pois, entender que uma FD está em formação permite reconhecer a sua natureza dinâmica e evolutiva dos discursos, mostrando como eles respondem a mudanças contextuais e como novas formas de entender e falar sobre o mundo estão sempre emergindo. E, neste sentido, também possibilita uma análise crítica de como certos discursos ganham predominância e legitimidade, enquanto outros são marginalizados ou silenciados, revelando relações de poder subjacentes. Ainda neste âmbito, o segmento "em formação" indica que as FDs não são estáticas, mas estão sempre em processo de mudança e desenvolvimento. Ou seja, novos discursos estão sendo constantemente criados, e os discursos existentes estão sendo modificados em resposta a novas condições sociais, culturais, políticas e tecnológicas. Em outras palavras, uma FD é influenciada pelo contexto histórico, assim como pelas condições materiais e ideológicas específicas de cada época. Portanto, o que é considerado válido ou legítimo pode mudar ao longo do tempo. Assim, o enunciado "Formações Discursivas em Formação" é extremamente relevante, pois entender que as FDs estão em constante formação permite uma análise crítica das transformações nos discursos e nas práticas sociais. Isso revela como novas formas de conhecimento e poder emergem e se consolidam. Analisar as FDs em formação permite examinar como as relações de poder são construídas e desafiadas através do discurso. Nesse aspecto, discursos dominantes podem ser questionados e transformados, permitindo a emergência de novas vozes e perspectivas.

Sob este aspecto, em períodos de mudança rápida, como revoluções tecnológicas ou crises políticas, as FDs podem mudar de forma significativa, refletindo e influenciando novas formas de organização social e política. Como exemplo da dinamicidade das FDs, menciono que a ascensão das mídias sociais mudou drasticamente as FDs em torno da comunicação, jornalismo e publicidade. Neste sentido, saliento que novas normas e práticas estão emergindo constantemente nesse campo. Outro exemplo que merece ser apontado consiste na menção à pandemia de COVID-19, que trouxe mudanças significativas nas FDs sobre saúde pública, epidemiologia e medicina, com novos discursos emergindo sobre vacinas, tratamentos e políticas de saúde.

Mais um exemplo, que desta vez está intrinsecamente correlacionado aos

assuntos tratados nesta tese, pode ser encontrado em diversos movimentos sociais, tais como o feminismo, o movimento LGBTQIAPN+¹⁵ e o Black Lives Matter. Afinal, são movimentos como esses que desafiam e transformam FDs estabelecidas sobre gênero, sexualidade e raça. Enfim, "Formações Discursivas em Formação" é um magnífico enunciado que destaca a natureza dinâmica e evolutiva dos discursos. Ele enfatiza a importância de analisar como as regras e práticas que governam o que pode ser dito estão sempre em transformação, moldadas por e moldando as mudanças sociais, culturais, políticas e tecnológicas.

Destaco que a contribuição do Dr. Hugo Mari (2024), ao apontar esse importante enunciado, pode ser considerado crucial para a compreensão de como os discursos se desenvolvem e influenciam a percepção e a organização da realidade em diferentes campos do saber e da prática social.

Partindo da mesma linha de raciocínio do enunciado "Formações Discursivas em Formação", defendo a premissa de que uma FD pode desencadear outras múltiplas FDs, atuando como um catalisador que inspira e fomenta novos discursos e práticas sociais. No caso do empoderamento feminino, essa FD tem gerado diversas outras formações que, juntas, contribuem para a transformação social. Uma FD como "empoderamento feminino" apresenta um potencial transformador, considerando que as FDs estão interconectadas. Afinal, um discurso predominante pode influenciar e modificar outros discursos. No caso do empoderamento feminino, a promoção da igualdade de gênero pode influenciar discursos sobre desigualdade de gênero, direitos trabalhistas, saúde, educação e até mesmo políticas públicas.

Neste sentido, uma FD forte e amplamente difundida pode levar à produção de novos enunciados e práticas que refletem e sustentam essa formação. Portanto, a FD empoderamento feminino é capaz de gerar novos discursos sobre a liderança feminina, tais como a representação política das mulheres e a inclusão no mercado de trabalho. Por conseguinte, se a adoção de uma FD pode reconfigurar práticas sociais e institucionais, a FD empoderamento feminino pode levar à criação de programas educacionais focados em meninas, políticas corporativas de igualdade de gênero, e campanhas de conscientização sobre violência contra a mulher.

¹⁵ LGBTQIAPN+: sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/ Questionando, Intersexo, Assexuais/ Arromânticas/ Agênero, Pan/ Pôli, Não-binárias e mais (Oliveira, 2024).

Neste diapasão, trago alguns exemplos de FDs que podem ser desencadeadas pela FD “empoderamento feminino”. Um bom exemplo é a FD “igualdade de gênero no trabalho”, considerando que o discurso sobre empoderamento feminino tem levado à criação de políticas de igualdade de gênero no ambiente de trabalho, promovendo práticas de contratação equitativa, igualdade salarial e ambientes de trabalho inclusivos, trazendo como impacto empresas que adotam treinamentos sobre diversidade e inclusão, implementam políticas contra assédio e criam redes de apoio para mulheres. Outra FD que merece ser apresentada é “educação e empoderamento”, tendo em vista que o empoderamento feminino tem impulsionado discursos sobre a importância da educação para meninas e mulheres, levando a iniciativas que buscam reduzir a disparidade de gênero na educação. Como impacto, destaco os programas de bolsas de estudo para meninas, currículos que incluem estudos de gênero e campanhas para manter meninas na escola.

Mais um exemplo interessante é como o discurso do empoderamento feminino pode influenciar a interpretação dos textos sagrados e práticas religiosas, levando a novas leituras e entendimentos que promovem a igualdade de gênero dentro das tradições religiosas. Pois, à medida que o discurso do empoderamento feminino ganha força, ele pode levar líderes religiosos a reconsiderar e adaptar ensinamentos e práticas para serem mais inclusivos e equitativos. Ou seja, uma FD como a do empoderamento feminino pode desencadear outras formações discursivas ao influenciar e interagir com discursos existentes em diferentes áreas, como a religião.

Ainda sobre o assunto, destaco que uma FD como a do empoderamento feminino, tem o poder de desencadear outras FDs ao interagir e influenciar diferentes campos de discurso. Esse processo de interação e influência pode levar à criação de novos discursos, à adaptação de práticas existentes, ao surgimento de movimentos sociais e à expansão dos espaços de diálogo. Essas interações complexas mostram como os discursos podem evoluir e transformar-se mutuamente, promovendo mudanças sociais e culturais significativas.

Ao aplicar o enunciado "Formações Discursivas em Formação" (Mari, 2024) ao *corpus* desta tese de doutorado, entendo que ele oferece uma abordagem dinâmica e evolutiva para o estudo do empoderamento feminino e da desigualdade de gênero, destacando como os discursos se desenvolvem, se transformam e interagem ao longo do tempo. Ressalto que tal abordagem me permitiu analisar como os discursos sobre

empoderamento feminino e desigualdade de gênero evoluíram ao longo do tempo, considerando as mudanças históricas, sociais, políticas e culturais que influenciam essas transformações, possibilitando entender como contextos específicos, como movimentos sociais, mudanças legislativas e avanços tecnológicos, moldam e reconfiguram os discursos sobre gênero.

Enfim, a análise de FDs em formação possibilita identificar padrões de continuidade e ruptura nos discursos sobre gênero, revelando como certos temas e questões persistem ou mudam ao longo do tempo, bem como detectar novas tendências e emergências discursivas, como raça, classe, sexualidade e religião, oferecendo uma visão mais abrangente e complexa da desigualdade de gênero. Neste sentido, analisar como as FDs dominantes perpetuam normas e estereótipos de gênero, permite uma crítica mais profunda e a desconstrução desses discursos com o intuito de promover a visibilidade e a inclusão de vozes marginalizadas nos discursos sobre gênero, destacando as experiências de mulheres de diferentes origens e contextos.

Por conseguinte, é possível afirmar que o enunciado "Formações Discursivas em Formação" oferece uma lente poderosa e dinâmica para o estudo da FD "empoderamento feminino" e todas que decorrem desta, tal como a "desigualdade de gênero". Ou seja, ao focar nas mudanças e interações dos discursos ao longo do tempo, essa abordagem não apenas enriquece a compreensão teórica e metodológica desses temas, mas também oferece *insights* valiosos para investigar como as representações de mulheres têm mudado ao longo do tempo, influenciadas por discursos de empoderamento feminino.

1.3 A constituição do *corpus*: as charges premiadas pela ONU

Acerca do *corpus* escolhido para a tese de doutoramento aqui apresentada, destaco que a materialidade representada em charges e o funcionamento de suas FDs tornam-se um objeto de pesquisa instigante para explorar, especialmente considerando a charge como forma de expressão artística e política, principalmente pelos seus ditos que refletem as estruturas sociais e ideológicas. Ou seja, as charges refletem as FDs de seu contexto, representando e, muitas vezes, questionando as

ideologias e os discursos dominantes. Por conseguinte, elas podem revelar muito sobre as preocupações, os conflitos e as dinâmicas de poder de uma sociedade em um dado momento.

Ainda sobre o *corpus*, destaco que charges são importantes formas de interação social que condensam informações de maneira sucinta e muitas vezes irônica e humorística. Ademais, charges frequentemente fazem uso de intertextualidade, referências culturais e polissemia, o que proporciona rica fonte de análise para identificar como diferentes discursos e contextos culturais se entrelaçam em uma única imagem. Outro aspecto a ser ressaltado decorre da premissa de que as charges abordam questões sociais e políticas de forma crítica e provocativa. Além disso, o humorista gráfico tem a capacidade de reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os acontecimentos históricos que nos constituem cotidianamente, possibilitando, na maioria das vezes, uma leitura mais ampla dos fatos (Baronas, 2011, p. 123). Ou seja, analisar FDs em charges pode proporcionar leituras sobre as formas como os diferentes discursos entram em conflito ou se complementam em relação a temas específicos que, no caso da tese de doutorado aqui apresentada, consiste na FD “empoderamento feminino”.

É interessante destacar que as charges, em razão do amplo uso de simbolismos e metáforas visuais, também oferecem oportunidades diferenciadas para analisar como esses elementos contribuem para a construção discursiva, indo além das palavras escritas. Nesse contexto, charges frequentemente desafiam estereótipos culturais e sociais. Enfim, se na maioria das vezes as charges refletem e comentam sobre os valores e normas sociais de uma sociedade, ao analisar as FDs em charges, é possível desvelar como essas representações contribuem para a construção e reprodução de discursos sociais.

Portanto, justifico que a opção do gênero discursivo charge como base para o *corpus* desta tese considerou que o referido gênero discursivo é um espaço rico para a AD, especialmente no que se refere à categoria das FDs. Afinal, charges não apenas refletem as condições de produção de discursos em diferentes contextos, mas também têm o poder de questionar, criticar e potencialmente alterar essas formações, transformando-se num exemplo claro de como a arte e a comunicação visual interagem com a linguagem, a ideologia e o poder na construção social de significados. Acerca do assunto, ressalto ainda que, em uma charge, os significados

são construídos não só através de palavras, mas também por meio das imagens, símbolos, cores, metáforas visuais e a interação entre texto e imagem.

A charge, que consiste numa herança do jornalismo ilustrado típico dos séculos XVIII e XIX, surgiu na França como uma forma de usar a sátira aliada ao exagero nos traços e imagens. Uma característica importante é sua estrutura peculiar, inspirada na riqueza da iconografia da Idade Média, muito usual nos “*ateliês*” de pinturas dos séculos XV e XVI. Quanto à palavra em si, “charge” vem da palavra “*charger*”, que significa carregar, exagerar, atacar violentamente. Ou seja, surge daí a arte do exagero e/ou do ataque violento, numa menção à carga de cavalaria (Matias; Maia, 2014).

A charge é um dos gêneros discursivos mais utilizados e mundialmente conhecidos e pode ser utilizada para a difusão de discursos vários através da sátira, da ironia, ou dando vazão aos mais diferentes tipos de humor; a charge se alicerça na multimodalidade, em que a persuasão se faz presente de várias formas (Casagrande, 2022). Mas, a relevância da charge vai muito além do processo de construção de uma dada crítica, pois, além deste prisma humorístico, este gênero discursivo também tem outros importantes papéis, que variam a depender do contexto. As áreas de maior predominância podem ser encontradas nos âmbitos político, cultural, social e até mesmo histórico. Ou seja, as charges também são notáveis por sua capacidade de condensar questões complexas em representações visuais impactantes. Elas frequentemente desafiam o *status quo*, provocam reflexão e podem incitar debates públicos sobre temas relevantes.

Enfim, é possível perceber que os chargistas e a sua arte denominada de charge trazem sua forma de percepção do mundo, e as múltiplas formas de expressar este universo. E, neste âmbito, Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo (2016, p. 28) apresenta uma definição bem interessante:

A charge, em sua composição híbrida de imagem e texto, consolidou, por meio da imprensa, seu espaço enquanto texto e gênero que articula seu enunciado na exata medida entre crítica, humor e retratação da realidade na qual está ancorada.

Portanto, é evidente que a charge tem um destaque peculiar, principalmente no tocante aos contextos midiáticos. Afinal, esta é uma forma de arte onde se torna

possível registrar um discurso com ironia, humor (mesmo que ácido), ideologias e o desenvolvimento da vida em sociedade, primando pela realidade (mesmo que ampliada).

No caso em tela, a realidade ancorada na FD “Empoderamento Feminino” decorre da desigualdade entre homens e mulheres, das disparidades seculares que ainda persistem em instaurar uma distância abissal nas relações entre gêneros. Tais distâncias causam um desconforto nas relações, ampliando o preconceito e fomentando a misoginia.

Acerca do assunto, entendo que a desigualdade entre homens e mulheres pode ser analisada sob a ótica da AD de linha francesa, particularmente considerando os conceitos de FD, Interdiscursividade, Memória Discursiva e Deslizamento de Sentido. Sendo assim, no contexto da desigualdade de gênero, a FD “Empoderamento Feminino” remete a um conjunto de enunciados que são produzidos dentro de um determinado contexto ideológico, social e cultural que perpetua e valida as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Por conseguinte, tais enunciados são “moldados” por estas diferenças e se refletem nas normas, valores, crenças e atitudes da sociedade em relação ao gênero.

No caso da desigualdade de gênero, temos também o interdiscurso, conceito intrinsecamente relacionado à forma como diferentes formações discursivas interagem e se influenciam mutuamente. E, neste sentido, o interdiscurso pode ser observado na forma como discursos sobre gênero, poder, política, economia e cultura se entrelaçam e influenciam a compreensão e a manutenção das relações de gênero.

Ainda nesta esfera de raciocínio, é possível constatar a presença da memória discursiva, tendo em vista sua composição entrelaçada pelos enunciados do passado, que ainda continuam a influenciar e a moldar os discursos atuais. E, especificamente, no caso da desigualdade de gênero, as memórias discursivas também incluem ideologias, práticas e discursos históricos sobre os papéis das mulheres na sociedade, que continuam a ser referenciados e que moldam as percepções e atitudes contemporâneas em relação às mulheres.

Neste sentido, Orlandi (2005), uma das principais divulgadoras da AD no Brasil, retoma e desenvolve o conceito de memória discursiva. Para ela, a memória discursiva é o espaço de articulação entre o “já-dito” e o “ainda-não-dito”. É por meio

dessa memória que certos discursos podem ser reconhecidos, reinterpretados ou contestados. A memória discursiva é uma estrutura que molda as condições de produção do discurso, definindo o que é possível ou não dizer em determinado momento histórico e social. Em síntese, a memória discursiva, segundo Orlandi (2005), articula o presente com o passado discursivo, condicionando as possibilidades de enunciação e os modos pelos quais os sentidos se fixam ou se deslocam.

Por conseguinte, entendo que os conceitos supracitados deixam entrever que a desigualdade de gênero não é apenas um fenômeno isolado, mas sim um produto de complexas interações discursivas, intrinsecamente ligadas à FD “empoderamento feminino” que ocorrem ao longo do tempo. E, em face de uma comprovada secularidade, permeada de preconceitos e opressões, as aludidas interações são influenciadas por múltiplos fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. Portanto, analisar essas interações conectadas à FD “empoderamento feminino” pode se tornar uma grande contribuição para uma melhor compreensão acerca da persistência da desigualdade de gênero e a identificação dos caminhos que possibilitem a promoção da igualdade, empoderamento e paridade.

Sendo assim, julgo ser de relevância máxima dar visibilidade a estas diferenças para reduzir as distâncias das memórias discursivas secularmente estabelecidas. Para tanto, como já dito, o *corpus* escolhido para análise consiste num conjunto de 12 (doze) charges, que foram as vencedoras/ selecionadas num concurso promovido pela ONU Mulheres e pela fundação “Desenhando pela paz”¹⁶, com a divulgação feita no ano de 2018. E, no caso em tela, informo que a escolha das charges aqui analisadas coaduna com o ensinamento da autora supracitada: “Seu conteúdo tem de ser um tema que seja de conhecimento público, já que ela serve como registro histórico e de reflexão sobre a sociedade” (Toledo, 2016, p. 31).

Conforme divulgação na própria página da ONU Mulheres, a intenção do concurso partiu da necessidade de dar maior visibilidade às questões relativas à desigualdade de gênero. Cumpre evidenciar que o texto de divulgação das charges

¹⁶ Fundada pelo cartunista editorial Plantu em 2006 e sob o patrocínio do ex-secretário-geral da ONU e ganhador do Prêmio Nobel da Paz Kofi Annan, a associação está comprometida com a promoção do *cartoon* editorial como meio de defesa dos direitos humanos, incluindo a igualdade de gênero e a liberdade de discurso. Isto é feito através de eventos, publicações e exposições; a utilização de desenhos animados para denunciar todas as formas de intolerância, para sensibilizar os jovens e as pessoas vulneráveis sobre as principais questões sociais; e para dar visibilidade aos cartunistas ameaçados.

vencedoras informa que elas são parte integrante do livro **“Abram espaço para as mulheres!”**, sendo que a verba das vendas é totalmente revertida em recursos para a fundação, que protege artistas constantemente ameaçados por questionar o *status quo* onde vivem. Impende informar que “Desenhando pela paz” é uma organização sem fins lucrativos, atualmente composta por uma rede de mais 162 cartunistas, moradores de 59 países.

Uma observação curiosa é que, dos doze artistas vencedores, oito são mulheres e quatro homens. O que é uma conquista e tanto, em se tratando de um universo onde a maioria absoluta é de homens. Ou seja, até no universo da arte expressada através dos *cartuns*, que discute assuntos de natureza plural, as mulheres cartunistas têm imensas dificuldades de trazer a visibilidade das suas obras.

Para termos uma noção dessa disparidade, as cartunistas brasileiras mais conhecidas e mais citadas são apenas três! A pioneira nessa arte no Brasil foi a genial Nair de Teffé (1886-1981), que era uma mulher culta, que falava seis idiomas e era apaixonada pelas artes. Mas o que sempre é mencionado em primeiro lugar na sua biografia foi seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca, oitavo presidente do Brasil. Nair foi uma mulher que teve sua carreira artística intensamente marcada pelas múltiplas dificuldades em poder divulgar suas artes. Uma delas, que certamente causa muita indignação às mulheres, foi o fato de Nair, por um bom tempo, precisar assinar suas obras com o anagrama “Rian” - Nair ao contrário (ou “nada”, em francês). Ou seja, suas primeiras publicações só foram vistas porque ela se apresentava como homem. Afinal, viveu numa sociedade marcada pelo machismo extremo. Nair teve uma carreira muito curta nos *cartuns*, apenas sete anos, de 1906 a 1913. Nesses anos, teve seus trabalhos publicados em muitas revistas e jornais e revistas. Dentre os que mais publicaram, destacam-se “O Binóculo”, “A Careta”, “o Malho”, “Fon-Fon”, “Gazeta de Notícias”, e as francesas “Le Rire” e “Fêmina” (Ribeiro, 2022).

Outra mulher pioneira, militante comunista, ícone do feminismo brasileiro e a primeira a publicar suas tiras em jornais, foi Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), que ficou mais conhecida como “Pagu”. Pagu, que saiu de casa aos 15 anos de idade, foi uma mulher à frente do seu tempo e sempre causou furor por onde passava. Pagu fazia apenas o que os homens podiam fazer livremente, tal como fumar, beber em público, usar cabelos curtos quando bem entendesse, usar as roupas que tivesse vontade, expressar opiniões políticas, falar palavrões, ser artista e culta. Mas, as

críticas mais ferrenhas à Pagu eram voltadas aos seus vários relacionamentos, com homens anônimos e famosos, solteiros ou casados. O mais famoso foi o seu casamento com o escritor Oswald de Andrade, em 1923.

É importante informar que, em razão da sua militância política, por impressionantes vinte e três vezes, Pagu foi presa e torturada na época da ditadura Vargas. Sendo que, na última vez, ficou presa por cinco anos. Pagu faleceu aos 52 anos, em decorrência de um câncer. Em 1987, teve sua vida contada no belíssimo filme “Eternamente Pagu”, que foi o “primeiro longa-metragem dirigido por Norma Benguell, com Carla Camurati no papel-título, Antônio Fagundes como Oswald de Andrade e Esther Góes, no papel de Tarsila do Amaral” (Ribeiro, 2022).

Enfim, considerada a “primeira-dama do cartum brasileiro”, a alemã Hildegard Wilhelmine Weber, conhecida simplesmente como Hilde Weber (1913-1994), chegou ao Brasil na década de 30, e pouco tempo depois, já foi trabalhar como desenhista e chargista nos “Diários Associados”. Hilde Weber também se dedicou a múltiplas artes, se destacando com suas charges e cartuns. E, diferentemente de Nair de Teffé e Pagu, Hilde teve longa carreira no mercado editorial brasileiro, sendo colaboradora de jornais como a “Folha de São Paulo” e “Tribuna da Imprensa”, e das aclamadas revistas “O Cruzeiro” e “Noite Ilustrada”, dentre outras.

É óbvio que, desde os inúmeros preconceitos quebrados por Nair, Pagu e Hilde, as mulheres muito já avançaram no universo das artes. Mas é inegável que, para dizermos que há paridade neste universo, muito ainda precisamos avançar e conquistar. Afinal, numa sociedade marcada pelo patriarcalismo, as mulheres são representadas pelos homens, em conceitos tradicionais e machistas, em que são sempre coadjuvantes e nunca têm papel principal.

Neste sentido, o discurso de Giovanna Carrozzino Werneck (2018, p. 1-2) é especialmente relevante:

Ao longo da historiografia oficial no Brasil, as mulheres estiveram circunscritas a espaços de invisibilidade e alijadas de uma subjetividade política. No universo das histórias em quadrinhos, ainda é predominante o discurso de que tais textos são feitos por homens e para homens, sendo as mulheres representadas pelo olhar masculino.

Dentro dessa perspectiva, os quadrinhos sempre foram um espaço de representações do mundo social [...]. Nesse campo de criação, o cartunista é atravessado por relações patriarcais que o levam a transitar por estruturas conhecidas e naturalizadas, ou deparar com ideias e concepções que

coloquem em xeque antigos posicionamentos com os quais está habituado. Ao mesmo tempo, há o produtor da indústria cultural capaz de estabelecer regras/normas de homogeneização dos quadrinhos para ter uma maior aceitação do produto em diferentes mercados [...].

Em se tratando da representação do feminino nos quadrinhos, tal gênero, quando aparece em cena, aliando idealizações ou caricaturas do que roteiristas e desenhistas, na maioria homens, imaginam das mulheres tendo em vista conceitos tradicionais do que vem a ser o feminino, sob uma perspectiva biologizante e natural. Ao mesmo tempo, são invisibilizadas as produções femininas, isto é, quadrinhos criados por mulheres e questionadores dos papéis sociais, que subvertem a ordem vigente ao se colocarem em espaços de enunciação predominantemente masculinos, porém não com a mesma valorização e visibilidade. Portanto, a indústria cultural prioriza a imagem da mulher, tendo o homem como o dono do olhar e da representação da mulher de acordo com os papéis sociais.

Diante das considerações da autora, podemos concluir que as mulheres são, na maioria das vezes, muito mais “imaginadas” como um produto que agrada ao masculino do que protagonistas de suas histórias. Afinal, durante séculos, a maioria das mulheres era relegada ao clássico papel “bela, recatada e do lar”, sem que pudessem escolher o que realmente queriam ser. Ou seja, uma questão inquietante acerca do universo das charges é a dificuldade de identificarmos mulheres como suas autoras. Posto que são elas as personagens preferidas de vários cartunistas.

Em uma disparidade absurda, os homens chargistas e cartunistas sempre estiveram majoritariamente presentes no universo dos jornais e revistas. Em uma breve pesquisa no Google, podemos ter uma ideia da dimensão atingida pelos homens neste universo. Pois, quando buscamos chargistas no Brasil, os destaques são para Angelo Agostini (1843-1910), José Carlos Brito e Cunha (1884-1950), Pércles de Andrade Maranhão (1924-1961), Benedito Carneiro Bastos Barreto (1896-1947), Ziraldo Alves Pinto (1932), Laerte Coutinho (1951), Arnaldo Angeli Filho (1956), Chico Caruso (1949), Maurício de Sousa (1935), Claudius Ceccon (1937), Glauco Villas Boas (1957-2010), Carlos Estevão de Souza (1921-1972), Lanfranco Aldo Ricardo Vaselli Cortellini Rossi Rossini (1925-2020), Augusto Rodrigues (1913-1993), Djalma Pires Ferreira (1901-1980), Edmondo Biganti (1918-2000), Cláudio de Oliveira (1963), Millôr Fernandes (1923-2012), Renato Aroeira (1954), Dalcio Machado (1972), Jean Galvão (1972), Fernando Gonsales (1961), Adão Iturrusgarai (1965), Antônio Carlos Galhardo (1967). Neste rol aqui apresentado, temos 25 (vinte e cinco) homens, sendo que, as mulheres que se destacam na pesquisa são sempre as três que mencionei anteriormente.

A menção a esses nomes não se trata de uma crítica aos artistas, mas sim de um demonstrativo da desigualdade quanto ao alcance das mulheres no universo das artes, incluindo as charges. Esta constatação destaca a surpresa ao verificar que a maioria das charges selecionadas, oito de doze, é de autoria feminina. Isso levanta a questão se essa escolha se deve ao fato de se tratar de um concurso voltado para discutir a desigualdade feminina.

Neste sentido, entendo que a FD "empoderamento feminino" está alinhada com os ideais libertários feministas, que convergem em valores que buscam a emancipação, a autonomia e a igualdade das mulheres. Afinal, ambos os enunciados compartilham de condições de produção relacionadas à preocupação em desafiar estruturas de poder tradicionais e promover uma transformação social que capacite as mulheres em diversos aspectos. Ou seja, concebo aqui um "Poder-Saber", já que há uma objetiva interconexão entre poder e conhecimento na produção e circulação de discursos.

Não obstante estes campos de enunciação que remetem à FD "empoderamento feminino", ainda hoje, em pleno século XXI, algumas áreas ainda apresentam campos de visibilidade, de poder, de domínio, de conhecimento, onde fica nítida a predominância da presença masculina. Exemplo disto é a "revolução tecnológica", que tem sua episteme intrinsecamente relacionada ao capitalismo e aos cargos de liderança, o que me remete a uma certa regularidade relacionada ao sentido em que as FDs apresentam padrões recorrentes que podem ser identificados e analisados.

Neste diapasão, compreendo que a relação entre a FD "Empoderamento Feminino" e a luta feminista, particularmente em relação aos ideais libertários, pode ser melhor compreendida através da AD, levando-se em consideração que tal FD abrange o conjunto de enunciados, práticas e normas que expressam e moldam a compreensão da sociedade sobre questões de gênero, igualdade e direitos das mulheres.

Ressalto que tal constatação inclui discursos que tanto perpetuam a desigualdade de gênero quanto aqueles que desafiam e buscam transformar essas mesmas desigualdades. Afinal, o feminismo, fortemente marcado pela sua inclinação para ideais libertários, enfatiza a autonomia, a liberdade individual e a igualdade de direitos. E, ainda dentro desta visão, a luta feminista se opõe a qualquer forma de

dominação ou autoritarismo, seja ele manifesto através do patriarcado, estruturas políticas ou normas sociais restritivas.

Então, se as FDs feministas libertárias se manifestam através de enunciados e práticas que promovem a autonomia das mulheres, também alertam para o direito de fazer escolhas sobre seus próprios corpos e vidas, e consequentemente, fomentam a igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade. Ressalto que, cotidianamente, estes discursos desafiam normas e valores estabelecidos, já que visam à reconfiguração das relações de poder.

Entretanto, mesmo com muitos percalços, a luta feminista, alinhada aos ideais libertários, visa não apenas à promoção do empoderamento feminino e da igualdade de gênero, mas também a uma transformação mais ampla das arcaicas estruturas sociais e políticas. E é exatamente a transformação social que objetiva dismantlar os sistemas de opressão e criar uma sociedade onde a liberdade e a igualdade sejam realidades para todo(a)s, independentemente do gênero.

Ainda sobre o assunto, compreendo que a FD “Empoderamento Feminino” pode ser vislumbrada como importante instrumento de mudança, visto que, ao criar e disseminar novos enunciados e práticas, o movimento feminista busca redefinir a compreensão e as expectativas sociais em relação ao gênero, desafiando assim as estruturas de poder estabelecidas. Por conseguinte, a partir da FD “Empoderamento Feminino”, será possível analisar como os discursos feministas libertários podem ser utilizados para desafiar, reformular e influenciar as percepções e práticas sociais em relação à igualdade de gênero.

Evidencio que a aludida revolução, que teve seu ápice no período entre 1970 e 1990, ficou fortemente marcada pelo advento da *Internet*, dos telefones móveis, da alta penetração da TV em nossos lares, da robótica, das viagens espaciais e assim sucessivamente. E, como já apontava Castells (1999), o “fim do segundo milênio da era cristã” singularizou-se não como uma das tantas revoluções, geo e historicamente bem delimitadas, presenciadas pelos mais de quarenta séculos de civilização ocidental, mas também como uma verdadeira e inevitável ebulição global, que estremeceu nossas bases econômicas e sociais, derrocando velhos paradigmas e submetendo os humanos à mais profunda das mudanças. A esta mudança tecnológica se atribui o prisma mais amplo possível, visto que, de forma direta ou

indireta, todos os seres neste planeta já se viram envolvidos, algo que não acontecia desde a invenção da escrita.

Evidentemente que se trata da revolução tecnológica, com cerne nas tecnologias da informação, mas, ao contrário do que previra Castells (1999) em sua *opus magna*, ao revés de a cultura de massa desaparecer com o advento das redes interativas, essa descobriu novos meios de se espalhar através da *World Wide Web*, seja através do *Facebook*, seja do *Youtube*, seja do *Instagram*, ou mesmo dos aplicativos de mensagens instantâneas como o *Messenger*, o *Whatsapp*, o *Twitter*, o *Telegram* e tantos outros que já existiram e os muitos que ainda existirão.

Mas, e as questões do empoderamento feminino, como se conectam à tecnologia? Simples! É justamente nesse cadinho de redes interativas, de divulgações de informações mescladas à “indústria cultural” (Adorno; Horkheimer, 1986), e ao discurso midiático e à “propaganda política” (Chomsky, 2013), que os seres humanos, atrizes e atores globais (no sentido de mundial) criam, veiculam, reproduzem e interpretam seus discursos, com um alcance e uma penetração jamais imaginados pelo Rádio ou pela Televisão. E são justamente nestes ambientes tecnológicos que o empoderamento feminino encontrou terreno fértil e trouxe visibilidade às questões do gênero feminino.

Ainda sobre a questão das novas tecnologias, conectando os assuntos relacionados nesta tese, cumpre destacar que, desde suas primeiras aparições, a revolução tecnológica, se encontra a serviço do Capital:

A revolução da tecnologia da informação foi essencial para a implementação de um importante processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980. No processo, o desenvolvimento e as manifestações dessa revolução tecnológica foram moldados pelas lógicas e interesses do capitalismo [...] (Castells, 2003, p. 36).

Apesar dessa subserviência da tecnologia ao Capital, também é inegável sua penetração social, alçando sua amplitude e alcance a algo até então sem precedentes. E, em particular, nos últimos anos, temos o acirramento de um importante movimento que Jenkins (2009) identifica como “Cultura da Convergência”.

Pois, foi justamente neste contexto de convergência das *mass medias* que o discurso do “empoderamento feminino” ganhou mais evidência e notoriedade nas

mídias e nas redes sociais. Exemplos são as redes sociais *Facebook* e *Instagram*, que já conectam mais de um bilhão de pessoas no planeta. Outro exemplo é a difusão das artes (como um todo), destacando-se dos gêneros textuais (no caso em tela, das charges) e seus importantes discursos, visto que todos estes podem ser rapidamente propagados através da *Internet*. E, neste âmbito, tal propagação proporcionou uma junção, até então impossível, de artistas de todas as áreas.

Sobre tais junções, relacionadas ao conceito de “Cultura da Convergência” (Jenkins, 2009), temos destaque para fenômenos distintos, que se juntam e formam um trio de importância ímpar. Sobre esta questão, o trio aqui em destaque é a utilização interligada de diferentes mídias, fazendo com que se desenvolvam de maneira complementar. Aliada à questão midiática, a produção cultural passa a ser considerada de forma coletiva, considerando a participação de múltiplos artistas. E, finalmente, a inteligência coletiva passa a amalgamar esta cultura (Lévy, 1998). Ou seja, muitos sujeitos, com a facilitação proporcionada pelas mídias, têm a possibilidade de produzir e divulgar sua cultura (Lévy, 2007). É a máxima aplicabilidade da inteligência de grupo!

Neste momento, impende ressaltar que a FD, enquanto categoria da AD de linha francesa, conceito desenvolvido por Michel Pêcheux, se refere a um conjunto de possibilidades de enunciação disponibilizadas a um sujeito em um determinado contexto histórico e social. Por conseguinte, é possível inferir que as FDs são moldadas por fatores ideológicos e culturais. E neste diapasão, podem determinar o que pode e o que não pode ser dito em determinados contextos. Um exemplo interessante, em uma FD que valoriza o empoderamento feminino, os enunciados que se propõem a promover a igualdade de gênero e desafiar os estereótipos de gênero seriam considerados perfeitamente aceitáveis e compreensíveis. E, em contrapartida, quaisquer enunciados misóginos ou sexistas seriam vistos como absurdos, inaceitáveis ou incoerentes.

A “Cultura da Convergência”, por outro lado, importante conceito desenvolvido pelo teórico da comunicação Henry Jenkins (2009), descreve um cenário onde as novas e as antigas mídias colidem, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevistas e onde a mídia de massa e a mídia pessoal se interconectam. E é justamente na Cultura da Convergência que os fluxos de conteúdo se movem através de múltiplos canais de mídia. E, em decorrência

destes movimentos e fluxos contínuos, o papel dos consumidores muda de passivo para ativo. E, sendo assim, surgem novas formas de colaboração e criatividade, fortemente influenciadas pelas incessantes e contínuas tecnologias.

Portanto, quando penso na relação entre a FD e a cultura da convergência, ousou considerar que essas novas formas de comunicação e interação, unificadas pela ousadia da era digital, indubitavelmente influenciam as possibilidades de enunciação. Um exemplo propício para trazer à lume tal premissa seria constatar como as redes sociais têm proporcionado a formação de comunidades discursivas, sejam elas advindas de visões alternativas ou até mesmo marginais. E, em decorrência das aludidas visões, observamos o surgimento de novas FDs que desafiam as normas socioculturais pré-estabelecidas. E, em contrapartida, podemos constatar que a cultura da convergência também permite fomentar o fortalecimento de discursos avessos e dominantes. Afinal, as mídias sociais também propiciam uma célere, e às vezes insana, replicação e disseminação de ideias e valores, que muitas vezes se submetem ao domínio dos mestres que fomentam e nutrem o capital.

Neste sentido, é importante que seja acrescentada a esse quadro a atual Sociedade em Rede (Castells, 1999), na qual as aparências de beleza, riqueza e felicidade dão o tom dos discursos midiáticos, das postagens, das *selfies* e dos perfis dos usuários. Mais que a felicidade como conteúdo de toda uma vida ou como realização de um ideal pessoal, busca-se competir com o outro pela melhor aparência de felicidade.

Ressalto que na seara discursiva também não é diferente. Visto que o que apreendemos do atual contexto social e político é que, apesar de modificarem-se as Máquinas Discursivas (Pêcheux, 2012), as Formações Discursivas (Foucault, 1986) e os sujeitos do discurso, velhos discursos de exclusão e ódio, antes referendados pelas máquinas partidárias ou pela formação religiosa, hoje ganharam novas aparências e caíram no gosto popular, mas o conteúdo ainda é basicamente o mesmo.

Tome-se, por exemplo, um discurso do Führer do III Reich e substitua-se *juden* (judeus) por *frauen* (mulheres), *einwanderer* (emigrantes), *schwarze* (negros) ou *homosexuelle* (homossexuais), e teremos o mesmo discurso repetido por pessoas e partidos atuais, em praticamente todos os países desenvolvidos e em desenvolvimento, seja na Europa, seja nos Estados Unidos ou aqui mesmo no Brasil.

O discurso “oficial”, tantas vezes repetido e amplamente veiculado, guarda em muitos momentos a “aparência” de simplicidade, tratando de temas complexos como se fossem uma “questão única”, para usar a terminologia de Meszáros (2002), alienada do contexto geral e propondo soluções “fáceis”, como a questão da violência urbana, sempre reputada como um “problema de segurança pública” e nunca como um problema do todo social em que vivemos.

Como não bastasse esse “estado discursivo”, ainda temos de conviver com a chamada era da pós-verdade, na qual, segundo José Antonio Llorente (2017), surgem novas formas de relacionamento com a opinião pública e consolidam-se os meios de comunicação alternativos como as redes sociais e os chamados *influencers*, onde a divulgação de falsas notícias se traduz em uma banalização da mentira e relativização da verdade. A mentira ganha “aparências” de verdade e substitui essa por se adequar às opiniões do público-alvo.

Em outras palavras, o próprio discurso pode ocultar seu conteúdo e sua origem, simplificar problemas complexos ou veicular mentiras como se fossem verdades absolutas, apenas modificando sua aparência. Nessa ordem de coisas, ressalta-se a importância dos estudos de AD, não apenas na forma de estudos academicistas, mas também como forma de pensamento crítico ao alcance da sociedade, como *práxis* e *poiesis* do campo político.

Aliás, esse também é o posicionamento adotado por Noam Chomsky (2017), para quem o papel dos intelectuais é falar a verdade e expor as mentiras dos governos e Estados, adotando um posicionamento ideológico crítico em face da política. Esse posicionamento encontra eco também em Hannah Arendt (2009), para quem *práxis* e *poiesis* se complementam, dando sentido à existência do ser humano, político por natureza.

Conforme mencionado anteriormente, às vésperas do Dia Internacional da Mulher, lembrado todo dia 8 de março, a ONU Mulheres e a fundação “Desenhando pela paz” fizeram uma divulgação muitíssimo especial, e até então inédita, que consistiu numa série de doze charges com um assunto em comum: críticas à desigualdade de gênero.

Destaco ainda que, no site da ONU Mulheres (2018), a justificativa para a escolha do assunto “desigualdade de gênero” está ligada ao aspecto de que os

artistas precisam chamar a atenção para a situação de mulheres privadas de direitos em diferentes contextos. E o que se destaca, em todas as doze charges escolhidas, são os “traços e diálogos ácidos”.

Acerca das doze charges que constituem o *corpus* desta tese de doutorado, evidencio que todas têm relação com a FD “Empoderamento Feminino” e podem ser designadas como ratificadoras ou complementares, bem como conectadas direta ou indiretamente a situações históricas, sociais e ideológicas, mas sempre relacionadas com o empoderamento do gênero feminino, desde os primórdios da humanidade aos dias atuais.

Como já dito, o humor e a sátira têm um grande potencial para dar visibilidade e promover o pensamento crítico sobre questões de igualdade de gênero. Sendo que, na seleção de charges relacionadas à FD “Empoderamento Feminino” e à igualdade de gênero, se destaca o conjunto dos desafios cotidianos que as mulheres, em todos os cantos do mundo, enfrentam em suas vidas diárias, tais como capitalismo, neoliberalismo, educação, machismo, feminismo, sexualidade, trabalho, poder, violência e religião.

Ainda sobre o *corpus*, ressalto que o livro onde se encontram as charges foi denominado com o provocativo título “Abram espaço para as mulheres!”. A obra é prefaciada pela filósofa francesa Elisabeth Badinter, considerada uma das vozes mais importantes do movimento feminista, e com quase 80 anos, é reverenciada como a estadista viva mais velha do feminismo.

Ainda sobre o livro e a fundação “Desenhando pela Paz”, eles são considerados como conquistas de máxima relevância. E, neste sentido, insta informar que, em pleno século XXI, a maioria dos cartunistas ainda precisa de coragem, apoio e muita união para poder divulgar os produtos de suas artes, tendo em vista que, muitas vezes, só conseguem fazê-lo à custa de arriscar as suas próprias vidas, já que enfrentam constantemente ameaças, críticas e oposições, a cada dia mais crescentes, simplesmente pelo trabalho que criam e divulgam.

Mas, não obstante tais perseguições e oposições, é inegável que tais ações da(o)s artistas estão ajudando a chamar atenção para as dissonâncias relacionadas à discriminação de gênero, considerando as espirituosas e ponderadas

representações das desigualdades, preconceitos e injustiças que as mulheres enfrentam cotidianamente.

Historicamente, a indústria dos quadrinhos foi dominada por homens, tanto em termos de criadores quanto de personagens principais. As mulheres frequentemente encontravam barreiras significativas ao tentar entrar e prosperar neste campo. Isso se refletia não apenas na menor visibilidade e reconhecimento de quadrinistas femininas, mas também na representação estereotipada e limitada de personagens femininas nas histórias. A representação de personagens femininas nos quadrinhos tem sido tradicionalmente problemática. Muitas vezes, as mulheres são retratadas de maneira estereotipada, como objetos sexuais ou personagens secundárias sem profundidade. Esse tipo de representação reflete e reforça as normas de gênero predominantes na sociedade, perpetuando a desigualdade de gênero (Lage, 2022)¹⁷.

Como exemplo, Nara Bretas Lage (2022) apresenta Laura Athayde, uma quadrinista brasileira, que desafia essas representações estereotipadas em sua série "Aconteceu Comigo". Athayde utiliza suas histórias para dar voz a experiências reais de mulheres, abordando temas como misoginia, violência, racismo, LGBTfobia e saúde mental. Suas obras não apenas ampliam a visibilidade das mulheres nos quadrinhos, mas também oferecem uma crítica às normas e expectativas de gênero na sociedade brasileira.

Ressalto que o referido exemplo permite entender que a participação das mulheres como criadoras de quadrinhos é crucial para diversificar os discursos dominantes e desafiar as desigualdades de gênero. No entanto, as mulheres quadrinistas enfrentam diversos desafios, incluindo a falta de reconhecimento, oportunidades limitadas e preconceitos no mercado editorial. Neste sentido, muitas mulheres quadrinistas têm seu trabalho ignorado ou subestimado em comparação com seus colegas masculinos. Ademais, as barreiras de entrada são muito maiores,

¹⁷ Aproveito o ensejo para agradecer a excelente indicação, feita pelo Dr. Cláudio H. Lessa, na ocasião da minha qualificação, de fazer a leitura da tese de doutorado de Nara Bretas Lage (2022), intitulada "Aconteceu Comigo: mulheres, narrativas de vida e violências nos quadrinhos de Laura Athayde". E, considerando a conexão com o *corpus* aqui apresentado, entendo ser importante dar o devido destaque a este excelente. Em síntese, a autora é brilhante quando lembra que a desigualdade de gênero permeia diversas esferas da sociedade, incluindo o mundo das artes. E, especificamente no contexto dos quadrinhos e charges, essa desigualdade se manifesta de várias maneiras, desde a representação de personagens femininas até a participação das mulheres como criadoras.

tendo em vista que as mulheres frequentemente encontram dificuldades para entrar na indústria dos quadrinhos, que pode ser hostil ou exclusiva.

É importante mencionar que, mesmo quando conseguem entrar na indústria, as mulheres quadrinistas muitas vezes lutam para representar personagens femininas de maneira autêntica e diversificada devido às expectativas do mercado. Cumpre destacar que várias iniciativas e movimentos têm surgido para apoiar as mulheres quadrinistas e promover a igualdade de gênero nos quadrinhos. Coletivos de mulheres quadrinistas, festivais e publicações independentes desempenham um papel importante na visibilidade e apoio a essas artistas (Lage, 2022).

Acerca do assunto, entendo que a FD empoderamento feminino tem um impacto significativo no mundo dos quadrinhos e charges. Afinal, esse discurso incentiva a criação de personagens femininas fortes e complexas e promove a inclusão de mulheres como criadoras. Movimentos de empoderamento feminino também ajudam a desafiar e transformar as estruturas de poder dentro da indústria dos quadrinhos.

Vale ainda dizer que a análise da desigualdade feminina no mundo das artes, especialmente nos quadrinhos e charges, revela uma luta contínua por reconhecimento e igualdade. E, as mulheres quadrinistas, através de suas obras e iniciativas, desafiam as normas estabelecidas e promovem uma representação mais diversa e autêntica das experiências femininas.

Por conseguinte, sustento a ideia de que a FD empoderamento feminino desempenha um papel crucial na transformação desses discursos e na promoção de uma indústria de quadrinhos mais inclusiva e equitativa.

A seguir, nos subtítulos 1.3.1 ao 1.3.12, na mesma sequência de publicação no site da ONU Mulheres, apresento as doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, escolhidas em razão da preponderância da FD “Empoderamento Feminino”.

Destaco que, em todos os subtítulos, apresento um breve currículo dos(as) autores(as) ou artistas, acompanhado da charge premiada por eles(as) no concurso da ONU, aqui denominada “Imagem”.

1.3.1 Charge do artista cubano, “Angel Boligan”

Ángel Boligán Corbo, nascido em 10 de maio de 1965 em San Antonio de los Baños, Havana, Cuba, é um renomado cartunista, caricaturista e ilustrador. Formado na Escola Nacional de Instrutores de Arte em Havana em 1987, Angel Boligan, como é conhecido, reside na Cidade do México desde 1992. Destacou-se a partir de seu trabalho como editor, ilustrador e cartunista para os jornais “*El Universal*” e “*Conozca, Mas*”, onde desenvolveu sua preferência pelas charges de teor político-social. Atualmente, trabalha para a revista de humor “*El Chamuco*” (ONU Mulheres, 2018).

Cumpram destacar que Boligán é conhecido por suas caricaturas e ilustrações que combinam elementos de humor e crítica social. Ele já recebeu mais de 120 prêmios e menções honrosas em competições e reconhecimentos em concursos internacionais de cartum. Entre os temas abordados em seu trabalho estão o amor, a decepção, a ecologia, a religião, a corrupção e as novas tecnologias (FRANCIA, 2024).

A seguir, apresento a primeira das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria do artista cubano, “Angel Boligan”:

Imagem 1 - Charge de “Angel Boligan”



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Além de seu trabalho editorial, Boligán é membro da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba e fundador da agência *CartonClub*, que promove a caricatura na América Latina. Seu estilo é marcado por um uso cuidadoso da cor e por desenhos que muitas vezes são descritos como polifônicos, incorporando várias vozes e perspectivas (Cartooning for Peace, 2024).

1.3.2 Charge da artista belga, “Cecile Bertrand”

Cécile Bertrand foi uma renomada artista belga, nascida em 20 de junho de 1953 em Liège. Ela estudou pintura na escola Saint-Luc e teve uma carreira diversificada como fotógrafa, pintora, escultora, artista de cartazes, autora de histórias em quadrinhos e ilustradora.

A seguir, apresento a segunda das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista belga, “Cecile Bertrand”:

Imagem 2 - Charge de “Cecile Bertrand”¹⁸



Fonte: ONU Mulheres (2018).

¹⁸ No *cartum*, lê-se ao alto: “**O Dia das Mulheres é algo a se comemorar**”. No diálogo, o homem afirma “**Não sei nada sobre vinho**”, ao que a mulher responde: “**Eu sei**”. O homem a ignora e decide: “**Bom, vamos tomar um Bordeaux 2007**” (ONU Mulheres, 2018, grifei).

Bertrand começou a publicar livros infantis em 1981 e, a partir de 1990, colaborou com vários jornais e revistas, incluindo *“Le Vif/L’Express”*, *“La Libre Belgique”*, *“Imagine Magazine”*, *“Axelle”* e *“Plus Magazine”*. Como pintora e escultora, expôs várias vezes no *“Cirque Divers”* de Liège em 1995, na galeria *“Michel Ray de Paris”* várias vezes na década de 1990 e na *“Botannique”* de Bruxelas em 2008. Ao longo de sua carreira, Bertrand recebeu vários prêmios notáveis. Em 1999, ganhou o segundo prêmio no *“Press Cartoon Belgium”* e, em 2007 e 2011, recebeu o *“Grand Prix pela La Libre Belgique”*. Ela foi reconhecida não apenas por seu talento artístico, mas também por sua capacidade de abordar questões sociais e políticas através de suas caricaturas e ilustrações (Cartooning for Peace, 2024).

Desde 2005, a belga Cecile Bertrand se destacou pela atividade como designer editorial do jornal diário *“La Libre Belgique”*. Anteriormente, trabalhou para uma variedade de jornais e revistas, como *“Le Vif/L’Express”*. Em 1999, recebeu o segundo Prêmio da Imprensa *“Cartum Bélgica”*. Em 2007 e 2011, foi condecorada com o Grande Prêmio por uma charge publicada no *“La Libre Belgique”*. Bertrand faleceu em 1 de março de 2024, aos 70 anos (ONU Mulheres, 2018).

1.3.3 Charge do artista Paquistanês, *“Patrick Chappatte”*

Patrick Chappatte, nascido em 22 de fevereiro de 1967 em Karachi, Paquistão, é um cartunista editorial de renome internacional com cidadania suíça e libanesa. Chappatte, que é filho de mãe libanesa e pai suíço, passou sua infância entre Singapura e Genebra. Ele é conhecido por seu trabalho pioneiro em jornalismo gráfico, também chamado de jornalismo em quadrinhos, um gênero que combina técnicas de romances gráficos com reportagem. Chappatte vive atualmente em Genebra, onde trabalha como cartunista para a sucursal internacional do jornal *“New York Times”* e para os jornais suíços *“Le Temps”* e *“NZZ am Sonntag”*. Em 2011 e 2015, Chappatte recebeu o Prêmio do *“Overseas Press Club of America’s Thomas Nast”* pelas melhores charges sobre relações internacionais. O artista também é cofundador e vice-presidente da fundação *“Desenhando pela paz”* (ONU Mulheres, 2018).

Além de sua carreira como cartunista editorial, Chappatte também tem se destacado por seus projetos de jornalismo gráfico, abordando temas complexos como a guerra em Gaza, a violência de gangues na América Central, e a pena de morte nos Estados Unidos. Seu projeto "*Inside Death Row*", realizado em colaboração com sua esposa, a jornalista Anne-Frederique Widmann, foi publicado pelo jornal "*New York Times*" e transformado em uma série documental que explora a vida no corredor da morte (Chappatte, 2024).

A seguir, apresento a terceira das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria do artista paquistanês "Patrick Chappatte":

Imagem 3 - Charge de "Patrick Chappatte"¹⁹



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Chappatte também é conhecido por seu ativismo em prol da liberdade de expressão e da democracia através do *cartooning*. Ele também é um dos fundadores da Fundação "*Cartooning for Peace*", uma organização que promove o uso de caricaturas como ferramenta para o diálogo e a paz, inspirada pelo cartunista Jean Plantu e pelo falecido Nobel da Paz Kofi Annan (Cartooning for Peace, 2024).

¹⁹ Em meio a uma guerra, duas meninas conversam. A da esquerda pergunta: "**E você, o que gostaria de ser quando crescer?**". A da direita responde: "**Estudante**" (ONU Mulheres, 2018, grifei).

Seu trabalho recebeu inúmeros prêmios e reconhecimentos, incluindo o “*Thomas Nast Award da Overseas Press Club of America*”, sendo o primeiro não americano a receber essa distinção. Ele também recebeu prêmios de excelência na Suíça e na França, e foi homenageado com um doutorado honorário pela Escola Federal de Tecnologia de Lausanne (Chapatte, 2024).

1.3.4 Charge da artista norte-americana, “Liza Donnelly”

A norte-americana Liza Donnelly, nascida em 26 de janeiro de 1955 em Washington, é palestrante, escritora e cartunista da revista “*The New Yorker Magazine*” e desenhista residente da “*CBS News*”. Seu trabalho já foi publicado em vários outros meios de comunicação, como o “*New York Times*”, “*Politic*” e “*Glamour*”. Liza é enviada cultural para o Departamento de Estado dos Estados Unidos e, por isso, viaja pelo mundo para falar sobre liberdade de expressão, *cartuns* e direitos das mulheres. Ela já recebeu o Prêmio de Mulher de Distinção da “*American Association of University Women*” (ONU Mulheres, 2018). A seguir, apresento a quarta das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista norte-americana, “Liza Donnelly”:

Imagem 4 - Charge de “Liza Donnelly”²⁰



“Are you hiring me because I’m cheap,
I’m qualified, or I’m cheap and qualified?”

Fonte: ONU Mulheres (2018).

²⁰ Mulher em entrevista de emprego questiona o empregador: “**Você está me contratando porque custo pouco, porque sou qualificada ou porque custou pouco e sou qualificada?**” (ONU Mulheres, 2018, grifei).

Além de suas contribuições para jornais e revistas, Liza Donnelly é autora de vários livros, incluindo *"Funny Ladies: The New Yorker's Greatest Women Cartoonists and Their Cartoons"* e *"When Do They Serve the Wine?: The Folly, Flexibility, and Fun of Being a Woman"*. Seu trabalho aborda frequentemente temas como direitos das mulheres, liberdade de expressão e justiça social, e ela é uma defensora apaixonada da liberdade de expressão e do uso do humor como ferramenta para promover a paz (Illustration History, 2020).

Donnelly também é conhecida por suas palestras e participação em eventos globais, como o TED, onde seu discurso foi traduzido para 40 idiomas e visualizado mais de 1,4 milhão de vezes. Ela tem lecionado no *Vassar College* e na *School of Visual Arts*, e atuado como Enviada Cultural para o Departamento de Estado dos EUA, promovendo os direitos das mulheres e a liberdade de expressão (WePresent, 2024).

1.3.5 Charge da artista iraniana, "Firoozeh Mozaffari"

Firoozeh Mozaffari, nascida em 1970, é uma renomada artista iraniana, que estudou design gráfico em Teerã. Atualmente, ela trabalha em diferentes jornais, incluindo *"Shargh"*, *"Etemad"* e *"Farhikhtegan"*, bem como também atua no site de notícias *"Khabaronline"*. A artista já recebeu vários prêmios por suas charges em festivais no Irã e foi reconhecida com o primeiro Prêmio Internacional da "Desenhando pela Paz", entregue em 2012 pelo ex-secretário-geral da ONU Kofi Annan (ONU Mulheres, 2018).

Firoozeh é conhecida por suas caricaturas que frequentemente abordam temas sociais e políticos. Cumpre informar que ela foi uma das quatro cartunistas iranianas a receber o "Prêmio de Liberdade de Expressão Kofi Annan" em 2012. Firoozeh Mozaffari, como muitos artistas e cartunistas no Irã, enfrentou desafios significativos em sua carreira devido ao ambiente político e social restritivo do país. A liberdade de expressão no Irã é severamente limitada, e os cartunistas frequentemente enfrentam censura e repressão por parte do governo. Como cartunista, ela frequentemente abordou temas sociais e políticos sensíveis, o que a colocou em risco de censura. Os jornais e outras mídias no Irã são rigorosamente monitorados, e qualquer conteúdo

considerado subversivo ou crítico ao governo pode ser removido ou proibido (Gardner, 2012).

A seguir, apresento a quinta das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista iraniana, “Firoozeh Mozaffari”:

Imagem 5 - Charge de “Firoozeh Mozaffari”



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Após as eleições presidenciais de 2009 no Irã, que foram marcadas por alegações de fraude e protestos em massa, Firoozeh boicotou o nono evento bienal de caricaturas em Teerã em protesto contra a violência governamental. Este ato de resistência destaca os riscos que ela correu ao se posicionar contra as injustiças. Cartunistas e jornalistas no Irã muitas vezes enfrentam ameaças, intimidação e até mesmo prisão. A expressão artística de Firoozeh, que frequentemente critica aspectos da sociedade iraniana, a coloca em uma posição vulnerável (Gardner, 2012).

Apesar desses desafios, Firoozeh Mozaffari continua a trabalhar como uma voz importante na caricatura iraniana, usando sua arte para promover a liberdade de expressão e destacar questões sociais importantes. Sua resiliência e coragem são inspiradoras para muitos na luta pela liberdade artística e de expressão.

1.3.6 Charge da artista colombiana e espanhola, “Adriana Mosquera Soto”

Adriana Mosquera Soto, conhecida pelo pseudônimo Nani, é uma artista colombiana e espanhola, nascida no dia 22 de julho de 1968 em Bogotá. Ela é bióloga de formação, mas se destacou como cartunista, escritora e designer de moda. Nani já trabalhou para diferentes jornais do mundo hispânico, como “*El Tiempo*”, “*El Espectador*”, “*La Razón*” e “*El País*”. Ela contribui com a luta pela igualdade de gênero e batalha para dar visibilidade às cartunistas mulheres. Adriana já firmou uma parceria com a ONU, criando a personagem “Magola” da Colômbia, usada como um símbolo de emancipação e igualitarismo em campanhas e livros didáticos (ONU Mulheres, 2018).

A seguir, apresento a sexta das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista colombiana e espanhola, “Adriana Mosquera Soto”:

Imagem 6 - Charge de “Adriana Mosquera Soto”



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Nani recebeu vários prêmios internacionais, como o prêmio “*Profesora Honorífica del Humor*” da Universidade de Alcalá de Henares na Espanha, em 1998, e o “*Grande Prêmio Diogenes Taborda*” na Argentina, em 2012. Ela também foi a primeira mulher a realizar uma exposição solo no Museu de Caricatura na Cidade do México, em 2015. Além disso, Nani tem sido uma defensora ativa dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero, utilizando seu personagem “Magola” em várias campanhas de conscientização e materiais educativos. Ela também é parceira da ONU Mulheres, utilizando sua arte para promover a igualdade de gênero em diversos contextos (Cartooning for Peace, 2024).

1.3.7 Charge da artista italiana, “Marilena Nardi”

Marilena Nardi, nascida em 1966 em Chiampo, perto de Vicenza, Itália, é uma renomada cartunista e escultora. Ela se formou em Arte em 1986 e em Escultura em 1990. Desde 1992, Nardi leciona Anatomia Artística na Academia de Belas Artes de Veneza e, desde 2003, também ministra aulas de Ilustração. Ela é conhecida por seu trabalho em humor gráfico, participando de centenas de exposições de humor e ilustração em todo o mundo desde 1984 (Cartooning for Peace, 2024).

Marilena Nardi é membro de várias organizações de cartunistas, incluindo “Cartooning for Peace”, “United Sketches”, “France Cartoon” e “Cartoon Movement”, e faz parte do conselho consultivo do centro “Libreexpression”. Ao longo da carreira, Nardi já recebeu mais de 50 prêmios (ONU Mulheres, 2018).

A seguir, apresento a sétima das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista italiana, “Marilena Nardi”:

Imagem 7 - Charge de “Marilena Nardi”



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Nardi colaborou com vários jornais e revistas italianos, incluindo “Diario”, “Corriere della Sera”, “L’Antitempo” e “Il Fatto Quotidiano”. Atualmente, desenha para “Left, Il Fiore del Partigiano”, “Espoir” e “Zélium”, além de contribuir online para

“*DosBufones*” e “*CartoonMovement*”. Em 2019, participou da breve aventura editorial de “*SinéMadame*” (ONU Mulheres, 2018).

Ela recebeu inúmeros prêmios importantes ao longo de sua carreira. Entre eles, o Primeiro Prêmio no “*World Press Freedom Cartoon*” em Ottawa em 2011 e o “*Grand Prix no World Press Cartoon*” em Caldas da Rainha, Portugal, em 2018, sendo a primeira mulher a ganhar este prêmio na história do festival. Além disso, recebeu o “*Prêmio Forte dei Marmi per la Satira politica*” em 2013 (Cartooning for Peace, 2024).

1.3.8 Charge do artista francês, “*Plantu*”

Jean Plantureux, nascido em 23 de março de 1951 em Paris, conhecido profissionalmente como Plantu, é um renomado cartunista francês que começou sua carreira publicando seu primeiro *cartoon* sobre a Guerra do Vietnã no jornal *Le Monde* em 1972.

Plantu também é conhecido por seu papel como defensor da liberdade de expressão e dos direitos humanos. Em 2006, ele e Kofi Annan, então Secretário-Geral das Nações Unidas, organizaram um simpósio em Nova York que resultou na formação da organização *Cartooning for Peace*. Esta organização promove a liberdade de expressão para cartunistas em todo o mundo (ONU Mulheres, 2018).

Seus desenhos se tornaram presença regular nas manchetes do jornal a partir de 1985. Além de seu trabalho para o “*Le Monde*”, Plantu colaborou com a revista “*L'Express*” e trabalhou para a revista “*Fósforo*” entre 1980 e 1986. Em 1991, Plantu conseguiu algo notável ao obter as assinaturas de Yasser Arafat e Shimon Peres no mesmo desenho, um ano antes dos Acordos de Oslo. Este desenho histórico simbolizou um passo em direção à paz entre palestinos e israelenses (Rahman, 2016).

A seguir, apresento a oitava das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria do artista francês, “*Plantu*”:

Imagem 8 - Charge de “Plantu”²¹



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Ao longo de sua carreira, Plantu recebeu inúmeros prêmios, incluindo o “*Grand Prix no World Press Cartoon*” em 2018 e o “*Prix de l’humour noir*” em 1989. Ele publicou mais de 60 livros de suas coleções de *cartoons* e realizou exposições em diversas partes do mundo, incluindo Teerã, Buenos Aires, e a *National Assembly* na França (Cartooning for Peace, 2024).

1.3.9 Charge da artista venezuelana, “Rayma Suprani”

Rayma Suprani, nascida em 22 de abril de 1969 em Caracas, Venezuela, é uma renomada cartunista editorial e satirista política. Ela é conhecida por seu trabalho contundente que critica o governo venezuelano e aborda questões sociais e políticas. Suprani graduou-se em jornalismo pela Universidade Central da Venezuela e começou sua carreira em jornais como “*El Diario Economía Hoy*” e “*O Jornal de Caracas*”. No jornal “*El Universal*” Rayma Suprani foi cartunista-chefe por 19 anos. Rayma foi ameaçada muitas vezes por suas charges e se tornou uma defensora dos

²¹ Em reunião, um executivo diz: “**E como dizia o poeta: ‘as mulheres são o futuro da humanidade’**”. E, em seguida, enfatiza: “**Anota isso aí, Brigitte**” (ONU Mulheres, 2018, grifei).

direitos humanos, realizando uma exposição dedicada exclusivamente à representação das mulheres (ONU Mulheres, 2018).

A seguir, apresento a nona das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista venezuelana, “Rayma Suprani”:

Imagem 9 - Charge de “Rayma Suprani”



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Em setembro de 2014, Rayma foi demitida de “*El Universal*” após publicar uma charge que criticava o sistema de saúde venezuelano e incluía a assinatura do falecido presidente Hugo Chávez combinada com uma linha plana de eletrocardiograma, simbolizando a crise na saúde pública. Este evento destacou a crescente repressão à liberdade de expressão no país (Pen America, 2024).

Atualmente, Rayma reside em Miami, EUA, onde continua seu trabalho como artista independente e ilustradora através de sua empresa, “*Antena Creativa LLC*”. Ela é membro ativo de várias organizações de defesa da liberdade de expressão e direitos humanos, incluindo a “*Cartooning for Peace*” e a “*Cartoonist Rights Network International (CRNI)*”. Além disso, Rayma participou de conferências importantes, como o “*Oslo Freedom Forum*”, e foi protagonista do documentário “*Caricaturists - Footsoldiers of Democracy*” (Cartooning for Peace, 2024).

Rayma Suprani também recebeu vários prêmios ao longo de sua carreira, incluindo o Prêmio Interamericano de Imprensa (2005) e o Prêmio Pedro León Zapata como Melhor Cartunista da Venezuela (2000, 2009). Sua obra continua a ser um

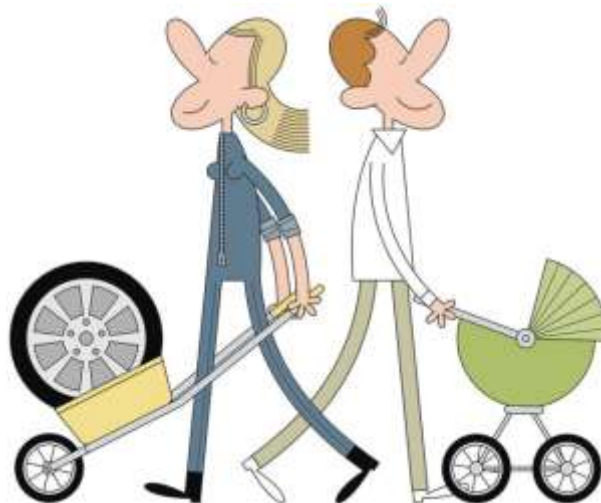
exemplo poderoso de como a caricatura e a arte podem ser usadas para promover a reflexão e o diálogo sobre questões críticas da sociedade (ONU Mulheres, 2018).

1.3.10 Charge da artista portuguesa, “Cristina Sampaio”

Cristina Sampaio é uma ilustradora e cartunista portuguesa, nascida em 1960 em Lisboa. Ela se formou em Pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa em 1985. Desde 1986, Sampaio trabalha como ilustradora e caricaturista de imprensa para várias revistas em Portugal e fora do país, como “*Expresso*”, “*Kleine Zeitung*”, “*Courrier International*”, “*Boston Globe*”, “*Wall Street Journal*” e “*The New York Times*”. A artista também já trabalhou com animação, multimídia e direção de arte, além de ter publicado livros infantis (ONU Mulheres, 2018).

A seguir, apresento a décima das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista portuguesa, “Cristina Sampaio”:

Imagem 10 - Charge de “Cristina Sampaio”



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Cristina Sampaio recebeu múltiplos prêmios ao longo de sua carreira. Entre os reconhecimentos, estão o Prêmio de Excelência da “*Society for News Design*” (2002, 2005 e 2009), o Prêmio Stuart para o melhor *cartoon* na imprensa portuguesa (2006

e 2010), e o primeiro prêmio na categoria editorial do “*World Press Cartoon*” (2007), além de menções honrosas em 2009 e 2015 (Cartooning for Peace, 2024).

Atualmente, ela colabora regularmente com o jornal Público em Portugal, além de Alternativas Econômicas e Correio Internacional na França, e com o canal de televisão português RTP3. Em 2023, ela foi uma das finalistas do “*European Cartoon Award*”.

1.3.11 Charge do artista francês, britânico e australiano, “Nicolas Vadot”

Nicolas Vadot é um cartunista e ilustrador franco-britânico-australiano, nascido em 17 de junho de 1971, em Carshalton, Reino Unido. Ele passou a infância em Paris antes de se mudar para a Bélgica, onde vive atualmente. Vadot é conhecido por seu trabalho como cartunista político e ilustrador de livros infantis, bem como por suas contribuições para a imprensa internacional. Atualmente, Nicolas Vadot trabalha para as revistas “*News magazine*” e “*Le Vif/L’express*” e para o jornal diário de finanças “*L’Echo*”. O artista ainda produz histórias em quadrinhos e, desde o ano de 2011, também apresenta programas de rádio na estação RTBF (ONU Mulheres, 2018).

A seguir, apresento a décima primeira das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria do artista francês, britânico e australiano, “Nicolas Vadot”:

Imagem 11 - Charge de “Nicolas Vadot”²²



Fonte: ONU Mulheres (2018).

²² No canto superior esquerdo, lê-se: “**Homens/mulheres: escala dos salários**”. O executivo diz: “**Procuro alguém ambicioso, que não perca tempo cuidando das crianças ou passando roupa**” (ONU Mulheres, 2018, grifei).

Vadot começou sua carreira em 1993, publicando caricaturas em diversos jornais e revistas, incluindo “*L’Echo*”, “*Le Vif/L’Express*” e “*The Bulletin*”. Seu trabalho é reconhecido por seu estilo distinto e a capacidade de abordar temas políticos e sociais com humor e perspicácia. Em 1999, ele co-fundou a publicação Kroll e Leading juntos. Além de seu trabalho em jornais, Vadot também é autor de várias *graphic novels* e livros ilustrados, tanto para crianças quanto para adultos. Ele já participou de inúmeras exposições e recebeu diversos prêmios por suas caricaturas e ilustrações, incluindo o prestigiado Prêmio de Desenho de Imprensa Mundial (Comic Art Museum, 2024).

Vadot é membro ativo da *Cartooning for Peace*, uma organização que promove a liberdade de expressão e apoia cartunistas ao redor do mundo. Ele continua a trabalhar como cartunista político e ilustrador, utilizando sua arte para estimular o diálogo e a reflexão sobre questões contemporâneas (Cartooning for Peace, 2024).

1.3.12 Charge da artista tunisiana, “*Nadia Khiari*”

Nadia Khiari, nascida em 21 de maio de 1973 em Túnis, é uma renomada cartunista, pintora, grafiteira e professora de arte tunisiana. Ela é mais conhecida por seu personagem “*Willis from Tunis*”, um gato que se tornou um símbolo da Revolução Tunisiana de 2011. Willis foi criado em resposta aos eventos da Primavera Árabe, particularmente em reação ao discurso final do ditador Zine El Abidine Ben Ali, no qual prometia novas liberdades para um país em revolta. Sobre o famoso personagem de *cartum* “*Willis, o gato*”, a autora informa que foi criado para expressar o que sentia em relação às Primaveras Árabes na rede social *Facebook*, sendo que após a divulgação, o desenho virou um fenômeno de público (ONU Mulheres, 2018).

Conforme mencionado, “*Willis from Tunis*” foi criado em janeiro de 2011. Merece destaque o fato de o personagem ter se tornado rapidamente um ícone da Primavera Árabe. Usando seu personagem, Khiari comenta de forma satírica sobre os eventos políticos e sociais na Tunísia, muitas vezes destacando a hipocrisia e a corrupção dos líderes políticos. Seu trabalho não apenas capturou a atenção do público tunisiano, mas também recebeu reconhecimento internacional. A página no

Facebook de Willis acumulou milhares de seguidores, tornando-se um espaço importante para a expressão e o debate político (Grillmeier, 2018).

Khiari se formou na Faculdade de Artes Plásticas de Aix-en-Provence, França, e leciona na Faculdade de Belas Artes de Túnis. Além da docência, a artista também se destaca pelas publicações nos veículos “*Siné Mensuel*”, “*Courrier International*” e “*Zelium*”. Ela também é membro ativa da “*Cartooning for Peace*”, organização que promove a liberdade de expressão através do humor e da caricatura.

A seguir, apresento a décima segunda das doze charges que integram o *corpus* desta tese de doutorado, de autoria da artista tunisiana, “Nadia Khiari”:²³

Imagem 12 - Charge de “Nadia Khiari”²³



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Nadia Khiari recebeu diversos prêmios por seu trabalho, incluindo o Prêmio “*Honoré Daumier*” durante o Segundo Encontro Internacional do *Cartooning for Peace* em Caen (2012), o Prêmio Internacional de Sátira Política em Forte dei Marmi (2014), e o Prêmio “*Agora Med para Diálogo Intercultural no Mediterrâneo*” (2015). Em 2016,

²³ No alto, lê-se a pergunta: “**De saco cheio de ver todas essas mulheres peladas nas revistas?**”. A personagem responde: “**Sim! Queremos mais homens pelaaaados!**” (ONU Mulheres, 2018, grifei).

ela foi nomeada uma das 100 Mulheres da BBC, uma homenagem que reconhece mulheres influentes e inspiradoras em todo o mundo (Agence France-Presse, 2020).

Cumpramos ressaltar que, além de suas caricaturas, Khiari é ativa em projetos de educação e conscientização. Ela participa de oficinas e programas educacionais em escolas, promovendo a liberdade de expressão e o pensamento crítico através da arte. Como membro da “*Cartooning for Peace*”, ela utiliza sua plataforma para lutar pelo respeito às culturas e liberdades, usando o humor como uma ferramenta poderosa para a mudança social (Cartooning for Peace, 2024).

1.4 Quadro-resumo²⁴

A seguir, apresento um quadro-resumo deste capítulo, com os principais eixos/dimensões/temáticas mobilizadas pelas decisões metodológicas e os entrecruzamentos discursivos mapeados na análise desta tese de doutorado:

EIXOS/ DIMENSÕES/ TEMÁTICAS MOBILIZADAS	ENTRECruzAMENTOS DISCURSIVOS MAPEADOS
Metodologia da AD	Análise das FDs e suas inter-relações com o poder, com embasamento nas contribuições teóricas de Michel Foucault e Michel Pêcheux. A metodologia foca na linguagem não apenas como comunicação, mas como prática social que está intrinsecamente ligada às relações de poder e à construção de identidades.
Análise das charges da ONU	Exploração das FDs em charges, considerando como elas refletem e questionam ideologias e discursos dominantes, bem como os discursos entram em conflito ou se complementam em temas específicos como empoderamento feminino e desigualdade de gênero, mostrando a dinâmica e a fluidez das práticas discursivas.
Desigualdade de gênero e empoderamento feminino	Investigação sobre como as FDs dominantes perpetuam normas e estereótipos de gênero e como permitem a crítica e a desconstrução desses discursos para promover a visibilidade e inclusão de vozes marginalizadas, analisando como certos temas e questões persistem ou mudam ao longo do tempo.
Interdiscursividade e memória discursiva	Estudo de como os discursos se cruzam e se influenciam mutuamente, trazendo à tona a memória discursiva e os discursos já estabelecidos no campo social, especialmente no contexto das charges que frequentemente utilizam intertextualidade e polissemia.

²⁴ Com vistas à organização da análise no texto, este **quadro-resumo** foi elaborado em consonância com a recomendação da Prof.^a Dra. Ana Paula Corrêa Bovo, na ocasião da defesa desta tese.

Dinâmica das Formações Discursivas em Formação	Análise do caráter dinâmico e contínuo das FDs, refletindo sobre como novos discursos são criados e como os antigos são modificados, e como as regras que regem esses discursos estão em constante negociação e mudança, influenciadas por transformações sociais, culturais, políticas e tecnológicas.
---	---

Cumprе destacar que este quadro visa fornecer uma visão sintetizada das principais dimensões e entrecruzamentos discursivos da análise metodológica e temática, demonstrando a complexidade e a profundidade da pesquisa apresentada nesta tese de doutorado.

CAPÍTULO II

AS IDIOSSINCRASIAS DO EMPODERAMENTO FEMININO E DA DESIGUALDADE DE GÊNEROS

O presente capítulo tem como objetivos tecer análises acerca das essencialidades sobre o feminismo, os contextos e principais vertentes do empoderamento feminino, bem como também analisar como se dá a propagação dos discursos de empoderamento feminino na rede mundial de computadores sob o prisma da ONU.

Ressalto que a ONU, em decisão histórica da Assembleia Geral, realizada em 02 de julho de 2010, deliberou, de forma unânime, pela constituição da ONU Mulheres²⁵, com a finalidade de atender as múltiplas e diversas demandas de mulheres e meninas em todo o planeta, com vistas a priorizar a promoção da igualdade de gênero e do empoderamento das mulheres. E, em razão desta atuação, a ONU Mulheres apoia os Estados-membros na implementação de normas e políticas globais, com o intuito de fornecer assistência técnica e financeira aos diversos programas que promovem os direitos das mulheres.

Além disso, a ONU tem uma participação de extrema relevância em relação à promoção da igualdade de gênero e ao empoderamento das mulheres. Suas ações abrangem uma ampla gama de iniciativas e programas destinados a abordar a discriminação de gênero, promover os direitos das mulheres e garantir a igualdade em todas as esferas da sociedade.

Além da ONU Mulheres, é necessário trazer à lume a importância da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW). Adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1979, a CEDAW é um tratado internacional que define o que constitui discriminação contra as mulheres e estabelece uma agenda de ação para acabar com tal discriminação. Os países que ratificam a CEDAW são obrigados a incorporar a igualdade de gênero em sua legislação nacional.

Ainda com foco nos conteúdos relacionados à igualdade de gênero e ao

²⁵ Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres.

empoderamento feminino, cito a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que foi adotada pela ONU em 2015 e inclui 17 objetivos. Dentre os quais, destaca-se o Objetivo 5, que é dedicado especificamente à igualdade de gênero. Este objetivo visa acabar com todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas, eliminar a violência de gênero, garantir a plena participação das mulheres em posições de liderança e promover o acesso universal à saúde reprodutiva, entre outras metas.

Com foco na mídia como canal de propagação, a campanha global “HeforShe”²⁶ foi lançada no ano de 2014 pela ONU Mulheres, e tem como principal objetivo envolver homens e meninos como defensores e agentes da mudança na busca pela igualdade de gênero. Importa ressaltar que, desde seu lançamento, essa campanha solidária incentiva ações concretas que promovam a igualdade de gênero em diversas esferas da sociedade.

Outro foco da ONU, relacionado às mulheres, a Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW) é uma comissão funcional do Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC). Tal comissão é dedicada exclusivamente à promoção da igualdade de gênero e ao empoderamento das mulheres. A CSW reúne-se anualmente para avaliar o progresso e formular recomendações políticas sobre a promoção dos direitos das mulheres em todo o mundo. E, neste diapasão, a ONU publica regularmente relatórios e dados sobre o estado da igualdade de gênero e os direitos das mulheres em todo o mundo. Esses documentos ajudam a monitorar o progresso, identificar desafios persistentes e orientar políticas e ações futuras.

Enfim, com esta breve exposição contextual, fica evidente que a participação da ONU na promoção da igualdade de gênero parece fundamental para expor ao mundo intenções de se buscar um mundo mais justo e equitativo, onde todas as pessoas, independentemente de seu gênero, possam viver com dignidade e ter oportunidades iguais para prosperar.

Porém, na maioria das vezes, buscar um mundo mais justo e equitativo tem sido cada vez mais utópico, tendo em vista que este é um objetivo desafiador por várias razões complexas e interconectadas. Dentre os principais fatores que contribuem para tais dificuldades, posso elencar a própria história das desigualdades

²⁶ Em português, “Ele para Ela”.

de gênero, que têm raízes profundas na história humana e na cultura de muitas sociedades. Estruturas patriarcais, normas sociais e tradições que subordinam as mulheres aos homens têm sido difíceis de dismantelar e continuam a influenciar comportamentos e atitudes. Sobre a questão das normas culturais e sociais, entendo que as normas e expectativas culturais muitas vezes intensificam e reforçam os estereótipos de gênero e papéis tradicionais, dificultando a mudança de mentalidades e comportamentos. Por conseguinte, esses estereótipos podem limitar as oportunidades e a mobilidade social das mulheres.

Quando falamos em limitações, podemos mencionar a imensa resistência às mudanças que permeia o universo feminino, tendo em vista que uma mudança social significativa pode encontrar resistência tanto em níveis institucionais quanto individuais. Até mesmo porque aqueles que se beneficiam das estruturas de poder existentes podem resistir a mudanças que ameaçam sua posição e privilégios. Neste sentido, quando falo de privilégios, me vêm à tona os antagonismos inerentes às desigualdades econômicas. Afinal, as disparidades econômicas podem, na maioria das situações, exacerbar as desigualdades de gênero. E, neste âmbito, as mulheres são as que mais enfrentam a discriminação e o preconceito no mercado de trabalho, e, em consequência disto, também têm menos acesso a recursos financeiros e oportunidades econômicas, sendo as mais desproporcionalmente afetadas pela pobreza.

Dito isto, quando falamos das idiossincrasias do empoderamento feminino e da paridade de gêneros, é de máxima importância lembrar da violência de gênero, já que a violência contra as mulheres é uma barreira significativa à igualdade de gênero. Afinal, violência doméstica, assédio sexual e outras formas de violência mantêm as mulheres em uma posição subordinada e prejudicam sua capacidade de participar plenamente na sociedade. E, nesta esteira, a consequência imediata é a falta de representação, causando uma sub-representação das mulheres em posições de liderança política e econômica, o que significa que suas vozes e interesses são frequentemente sub-representadas nas tomadas de decisão, o que perpetua políticas e práticas que não atendem adequadamente às necessidades das mulheres.

Outro aspecto que expõe as imensuráveis dificuldades de que homens e mulheres possam viver com dignidade e ter oportunidades iguais para prosperar, é a desigualdade educacional, afinal, em diversas partes do mundo, as meninas e

mulheres ainda enfrentam barreiras significativas ao acesso à educação, o que limita terrivelmente suas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

Outro aspecto que entendo ser de absurda importância, mas parece ser constantemente ignorado, é a saúde reprodutiva. Pois, a falta de acesso a serviços essenciais de saúde reprodutiva e direitos reprodutivos afeta desproporcionalmente as mulheres, limitando sua autonomia e capacidade de participar plenamente na vida econômica e social.

Mais um desafio merece destaque, e se trata da desigualdade relacionada ao trabalho doméstico, tendo em vista que há um *quantum* imenso de mulheres que assumem uma maior carga de trabalho doméstico e cuidados não remunerados, o que ocasiona a limitação das oportunidades de participar plenamente no mercado de trabalho e na vida pública. E, falando na questão pública, não posso deixar de dar o devido destaque às políticas públicas inadequadas e ineficazes. Afinal, em muitos lugares, as políticas públicas não abordam suficientemente as desigualdades de gênero ou não são implementadas de forma eficaz. E, para completar este quadro trágico, a falta de vontade política e recursos dedicados agravam esse problema.

Entretanto, apesar desses imensos desafios, também existem alguns exemplos de progresso significativo. Neste sentido, é possível destacar que mudanças culturais, políticas de igualdade de gênero e a crescente conscientização global sobre a importância da igualdade de gênero têm sido vislumbradas como avanços positivos.

Para tanto, destaco que a mobilização de movimentos sociais, o engajamento de aliados homens e a promoção de modelos de igualdade são vitais para continuarmos avançando rumo a um mundo mais justo e equitativo.

2.1 Considerações essenciais sobre o feminismo

No âmbito da AD de linha francesa, o feminismo e os movimentos feministas se configuram como agentes discursivos fundamentais na construção e transformação das narrativas sobre gênero, poder e empoderamento. Esses movimentos, com suas diversas ondas e vertentes, têm desempenhado um papel crucial na reconfiguração

das relações sociais, políticas e econômicas, promovendo a igualdade de gênero e desafiando as estruturas patriarcais que historicamente marginalizaram as mulheres.

Para contextualizar o empoderamento feminino, é essencial entender as dinâmicas históricas e discursivas que sustentam o feminismo e os movimentos feministas. Desde o sufragismo no final do século XIX, que lutou pelo direito ao voto, até os movimentos interseccionais contemporâneos que abordam questões de raça, classe, sexualidade e identidade de gênero, os discursos feministas têm continuamente moldado as estratégias de empoderamento. A análise desses objetos discursivos revela as complexas interações entre resistência, legitimidade e contestação que caracterizam as lutas feministas.

Dentro da AD, o feminismo pode ser examinado como uma FD que articula e dissemina discursos específicos sobre igualdade de gênero, direitos das mulheres e justiça social. As FDs feministas são moldadas por práticas discursivas que envolvem a produção, legitimação e contestação de significados relacionados ao gênero e ao poder. As práticas discursivas feministas não apenas refletem as condições sociais existentes, mas também ativamente engajam-se na transformação dessas condições através da criação e promoção de novos discursos.

Neste sentido, destaco que os movimentos feministas não apenas promovem a conscientização sobre as desigualdades de gênero, mas também mobilizam ações coletivas para mudanças sociais significativas. Eles articulam demandas por direitos e autonomia, criando espaços onde as vozes das mulheres podem ser ouvidas e valorizadas. Através da crítica às normas patriarcais e da promoção de políticas inclusivas, os discursos feministas têm impactado profundamente na cultura, no aprimoramento das legislações e nas práticas institucionais. E a análise desses discursos feministas possibilita compreender estratégias e desafios enfrentados por esses movimentos na busca pela igualdade de gênero, proporcionando uma base sólida para o entendimento do empoderamento feminino no contexto contemporâneo.

Nas **considerações essenciais sobre o feminismo**, ressalto que consiste num movimento dinâmico e multifacetado, com objetos discursivos voltados à transformação da sociedade para alcançar a igualdade de gênero. Com uma rica história e diversas vertentes, o feminismo traz consigo discursos que abordam uma ampla gama de questões sociais, políticas e econômicas, promovendo a autonomia, a justiça e a igualdade de gênero.

No que tange ao aspecto histórico do feminismo, enfatizo a divisão em “Ondas”, sendo que a PRIMEIRA ONDA, é focalizada no discurso sufragista no final do século XIX e início do século XX, sendo uma FD que constrói a narrativa em torno da cidadania plena e do direito ao voto para as mulheres. As práticas discursivas dessa onda focam na legitimidade política das mulheres e na contestação das normas patriarcais que excluem as mulheres da esfera pública. A SEGUNDA ONDA, emergindo na década de 1960, amplia a FD feminista para incluir direitos reprodutivos, igualdade no trabalho e na educação, e a crítica à opressão sexual. Obras como "A mística feminina" de Betty Friedan (1971) exemplificam as práticas discursivas que questionam e subvertem as representações tradicionais das mulheres.

A partir dos anos 1990, a TERCEIRA ONDA feminista introduz a interseccionalidade como um conceito central, reconhecendo a multiplicidade de identidades e experiências das mulheres. Este discurso complexifica as FDs feministas, abordando as intersecções de raça, classe, sexualidade e outras dimensões de opressão. Kimberlé Crenshaw (1989) e outras teóricas interseccionais exemplificam esta prática discursiva que desafia a universalização da experiência feminina.

Caracterizada pelo uso das redes sociais e pela mobilização digital, a QUARTA ONDA feminista, iniciada na década de 2010, caracteriza-se pelo uso de redes sociais para mobilização, a luta contra o assédio sexual e a violência de gênero, e um foco renovado na interseccionalidade. Ressalto que essa quarta onda utiliza práticas discursivas que amplificam vozes marginalizadas e promovem campanhas como *#MeToo*²⁷ e *#TimesUp*²⁸. Estas práticas desafiam as FDs que normalizam a violência

²⁷ A campanha *#MeToo* (eu também) foi iniciada em 2006 pela ativista norte-americana Tarana Burke. Porém, ficou popularizada globalmente a partir do ano 2017, após uma série de denúncias de assédio sexual envolvendo personalidades de Hollywood. A campanha se consolidou como um movimento de conscientização e mobilização contra a violência sexual e o abuso de poder. O uso da *hashtag* nas redes sociais permitiu que milhões de pessoas compartilhassem suas experiências pessoais de assédio e abuso, rompendo o silêncio e promovendo a solidariedade entre as vítimas. O movimento impulsionou debates sobre desigualdade de gênero, poder nas relações laborais e nos mecanismos institucionais que historicamente silenciaram as vítimas, gerando um impacto significativo na reformulação de políticas públicas e na cultura corporativa global. Para além das denúncias, o *#MeToo* se expandiu em diversas esferas, abordando as intersecções entre violência sexual, racial, de classe e outras formas de opressão estrutural, consolidando-se como um marco na luta pelos direitos das mulheres e na reavaliação dos papéis de gênero na sociedade contemporânea (Khomami, 2017; O Globo, 2018).

²⁸ A campanha *#TimesUp* (o tempo acabou) foi lançada em janeiro de 2018, impulsionada pelo impacto global do movimento *#MeToo*, como uma resposta organizada para combater o assédio sexual, a discriminação de gênero e o abuso de poder, especialmente no ambiente de trabalho. Fundado por mais de 300 mulheres da indústria do entretenimento, incluindo atrizes, produtoras e advogadas, o

de gênero e promovem a responsabilização e a justiça. A quarta onda do feminismo tem sido amplamente discutida por autoras como Kira Cochrane (2013), Megan Seely (2019), Jessa Crispin (2017), Roxane Gay (2014), Jessica Valenti (2016), Catherine Rottenberg (2018), Angela McRobbie (2009), que exploram o impacto das tecnologias digitais, as redes sociais e as novas formas de mobilização na luta pela igualdade de gênero. As referidas autoras destacam a importância da visibilidade, da interseccionalidade e da resistência cultural na configuração das práticas feministas contemporâneas. Suas obras fornecem uma compreensão profunda das dinâmicas e dos desafios que moldam o feminismo na era digital.

No que tange às suas **vertentes**, destaco como principais: o **feminismo liberal**, com discurso que defende a igualdade de direitos e oportunidades dentro do sistema existente, focando em mudanças legislativas e políticas públicas. O **feminismo radical**, com discurso focalizado em enunciados que reiteram o interdiscurso de que a raiz da opressão de gênero está nas estruturas patriarcais, bem como propõe mudanças fundamentais na sociedade e nas relações de poder. O **feminismo marxista/socialista**, com objetos discursivos focalizados na opressão de gênero em conjunto com a exploração econômica, propõe uma reestruturação da sociedade para eliminar tanto o patriarcado quanto o capitalismo. O **feminismo interseccional** focaliza a interseção de múltiplas identidades e formas de opressão (gênero, raça, classe, sexualidade), argumentando que o feminismo deve abordar essas complexidades para ser verdadeiramente inclusivo. O **ecofeminismo**, com discurso que conecta a exploração das mulheres com a exploração do meio ambiente, defende a sustentabilidade e a harmonia entre humanos e natureza (Beauvoir, 1970; Firestone, 1970; Crenshaw, 1989; Butler, 2010; 2015; Hooks, 2019).

No que tange aos OBJETIVOS do Feminismo, destaco como principais: **promover a igualdade de gênero**, focalizado no discurso da igualdade de direitos e

movimento se estruturou em torno de iniciativas como o *Time's Up Legal Defense Fund*, que oferece apoio jurídico a vítimas de assédio e violência sexual, particularmente aquelas em posições vulneráveis e com menos recursos. Além de denunciar o abuso sistêmico em Hollywood, a *Time's Up* expandiu sua atuação para diversos setores profissionais, promovendo reformas institucionais e políticas de inclusão que visam erradicar a desigualdade de gênero e as barreiras socioeconômicas. A campanha também desempenhou um papel crucial na pressão por mudanças nas legislações trabalhistas e na criação de ambientes mais seguros e equitativos para as mulheres, reforçando a importância da responsabilização de indivíduos e corporações nas práticas de combate à discriminação e ao assédio. A mobilização global e intersetorial do *Time's Up* marcou uma nova fase no ativismo feminista contemporâneo, especialmente ao focar na implementação de mudanças estruturais e na proteção das mulheres em todas as esferas do mercado de trabalho (Moraes, 2018; NyTimes, 2018).

oportunidades para todas as pessoas, independentemente do gênero. **Garantir a autonomia corporal**, focalizado em um discurso no sentido de que as mulheres tenham controle sobre seus próprios corpos, incluindo direitos reprodutivos e saúde sexual. **Erradicar todas as formas de violência**, com objetos discursivos relacionados, principalmente no combate à violência contra as mulheres, incluindo violência doméstica, assédio sexual e violência sexual. **Desafiar e transformar** as normas e expectativas culturais que limitam as pessoas com base em seu gênero, com discurso focalizado na desconstrução de estereótipos de gênero. **Facilitar a capacitação** das mulheres em todas as esferas da vida, incluindo educação, trabalho, política e vida familiar, com objetos discursivos focalizados no empoderamento das mulheres (Beauvoir, 1970; Enloe, 2014; Butler, 2015; Hooks, 2019).

No que tange aos IMPACTOS do Feminismo, destaco como principais: **legislação e políticas públicas**: Os discursos do feminismo têm sido fundamentais na conquista de direitos legais e proteções para as mulheres, tais como o direito ao voto, igualdade salarial, licença-maternidade, e leis contra a violência doméstica. **Mudanças culturais**: Os objetos discursivos do movimento feminista têm transformado atitudes e percepções sobre gênero e sexualidade, promovendo maior aceitação e inclusão. **Educação e conscientização**: Os discursos reiterados do feminismo têm promovido a educação e a conscientização sobre questões de gênero, capacitando novas gerações a questionar e desafiar desigualdades. **Solidariedade e movimentos globais**: os discursos relacionados ao feminismo têm unido mulheres e aliados em todo o mundo, criando uma rede global de apoio e ação para enfrentar injustiças de gênero.

No que tange aos impactos do feminismo, é essencial enfatizar que agentes discursivas como Angela Davis (2016), Bell Hooks (2019), Simone de Beauvoir (1970), Betty Friedan (1971), Gloria Steinem (2016), Audre Lorde (2020), Shulamith Firestone (1970), Kimberlé Crenshaw (1989) e Cynthia Enloe (2014) fornecem uma visão abrangente das transformações provocadas pelo movimento feminista em diversas áreas. Essas agentes discursivas, através de suas obras, abordam os efeitos do feminismo, desde mudanças culturais e sociais até transformações políticas e econômicas. Elas demonstram como os discursos feministas têm influenciado a percepção pública, moldando legislações, reformulando a academia e alterando práticas institucionais. Na perspectiva da AD de linha francesa, pode-se observar

como essas práticas discursivas feministas desafiam e subvertem as formações discursivas hegemônicas, promovendo novas narrativas de igualdade de gênero e justiça social.

Como exemplos de contribuições das referidas agentes discursivas enfatizo que Angela Davis (2016), analisa as intersecções entre raça, gênero e classe, destacando o impacto do feminismo na luta pelos direitos civis e na conscientização sobre múltiplas formas de opressão; Bell Hooks (2019), explora a importância da interseccionalidade e da educação crítica para a promoção da justiça social e igualdade de gênero; Simone de Beauvoir (1970), fundamenta a teoria feminista existencialista, abordando a construção social do gênero e a opressão das mulheres; Betty Friedan (1971), discute a transformação das expectativas de gênero, especialmente no contexto da vida doméstica e do trabalho; Gloria Steinem (2016), examina os impactos do ativismo feminista na política e nas políticas públicas, defendendo a igualdade de gênero; Audre Lorde (2020), destaca a importância da diversidade e da inclusão no feminismo, abordando a interseccionalidade e a luta contra múltiplas formas de opressão; Shulamith Firestone (1970), argumenta a favor de uma revolução feminista para transformar as relações de gênero e abolir o patriarcado; Kimberlé Crenshaw (1989), introduz o conceito de interseccionalidade, essencial para compreender as múltiplas camadas de opressão e promover a justiça para todas as mulheres e Cynthia Enloe (2014), analisa o impacto do feminismo na política internacional, destacando a importância de uma perspectiva feminista nas relações globais.

Destaco que, ao analisar os discursos das autoras, percebe-se a profundidade e a abrangência das transformações promovidas pelo feminismo. Em síntese, suas obras são fundamentais para compreender como o movimento feminista, através de suas práticas discursivas, desafia e reconfigura as formações discursivas dominantes, promovendo mudanças significativas em diversas esferas da sociedade. Portanto, a análise dos impactos do feminismo, sob a ótica da AD de linha francesa, revela não apenas a evolução histórica do movimento, mas também sua capacidade de transformar profundamente as estruturas sociais, políticas e econômicas, promovendo um mundo mais justo e igualitário.

Cumprе enfatizar que, no âmbito da AD de linha francesa, o feminismo e o empoderamento feminino são compreendidos como fenômenos discursivos inter-

relacionados que se articulam na construção e transformação das narrativas sobre gênero, poder e autonomia. O movimento feminista, através de suas práticas discursivas, continua a ser uma força vital na promoção do empoderamento feminino, desafiando e reconfigurando as formações discursivas hegemônicas e promovendo a igualdade de gênero e a justiça social.

2.2 Contextos e principais vertentes do empoderamento feminino

Conforme tratado no subtítulo anterior, o empoderamento feminino, na acepção relacionada aos poderes atribuídos às mulheres, não pode ser considerado algo novo²⁹. Pois certas responsabilidades, principalmente no ambiente doméstico, sempre tiveram relação direta com o feminino. Entretanto, no que tange ao caráter evolutivo e o reconhecimento pleno de que o poder feminino não pode mais ser considerado apenas no ambiente “do lar”, e sim dissipado a todo lugar e qualquer âmbito que as mulheres queiram, temos o surgimento dos discursos de empoderamento.

E, neste sentido, justifica-se e vislumbra-se a correlação entre a análise da FD e o duplo binário “*empowerment* x empoderamento”, pois na concepção de Pêcheux (1988, p. 160) a FD determina:

[...] o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam [...] **as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra** (grifei).

Nesta perspectiva, as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma FD a outra devido à maneira como os significados são construídos e negociados dentro de contextos históricos, sociais e ideológicos específicos. Compreendo que a concepção teórica de Michel Pêcheux, particularmente no contexto da FD, oferece um arcabouço

²⁹ Historicamente, o empoderamento feminino tem raízes profundas em diversos contextos culturais e sociais. Desde a Antiguidade, mulheres têm desempenhado papéis de liderança e influência. No entanto, a formalização e a ampliação dos direitos das mulheres ganharam maior visibilidade com os movimentos feministas a partir do final do século XIX, que buscaram direitos políticos, sociais e econômicos mais amplos para as mulheres (Beauvoir, 1970; Friedan, 1971).

analítico robusto e inovador para compreender e examinar o discurso do empoderamento feminino. Ressalto que a FD, conforme desenvolvida por Pêcheux, permite uma análise aprofundada de como os discursos são constituídos, mantidos e transformados dentro de estruturas de poder específicas, sendo crucial para o entendimento das dinâmicas de gênero.

No que se refere à transformação dos sentidos das palavras, destaco o papel crucial do contexto histórico e social dentro da AD de linha francesa, tendo em vista que o significado das palavras evolui ao longo do tempo, refletindo mudanças nas condições históricas. Por exemplo, o termo "empoderamento" tem raízes em movimentos sociais e políticos específicos, e seu significado tem se ampliado à medida que esses movimentos evoluem. As palavras ganham novos sentidos à medida que são utilizadas em diferentes contextos sociais. Por exemplo, o termo "empoderamento" no contexto dos movimentos feministas difere de seu uso em contextos empresariais ou educacionais.

Destaco que aplicar a concepção de FD de Pêcheux ao empoderamento feminino implica investigar como os discursos sobre empoderamento são produzidos, legitimados e desafiados em diferentes contextos socioculturais. Afinal, a FD empoderamento feminino abrange uma variedade de discursos, incluindo aqueles propagados pela mídia, instituições³⁰, políticas públicas e movimentos sociais. No que concerne aos variados contextos socioculturais onde os discursos sobre empoderamento são gerados, validados e contestados, o conceito de empoderamento³¹ é configurado por essas FDs específicas. Por conseguinte, cada ambiente sociocultural não apenas exerce influência sobre os discursos, mas também é moldado por eles, refletindo a dinâmica constante entre linguagem, poder e sociedade.

No **contexto político**, os discursos sobre empoderamento são frequentemente produzidos em arenas políticas, onde líderes, partidos e movimentos sociais utilizam

³⁰ Na perspectiva desta tese, a ONU é a agente de disseminação dos sete princípios de empoderamento das mulheres, objetos discursivos que buscam alinhar as práticas empresariais com os objetivos de igualdade de gênero, demonstrando que o empoderamento das mulheres pode ser uma estratégia eficaz para promover a sustentabilidade e o crescimento econômico no contexto capitalista.

³¹ Ressalto que o empoderamento pode ser compreendido tanto como um conceito fundamental para a promoção da igualdade e autonomia, quanto como uma FD que estrutura e é estruturada pelas relações de poder e ideologia. A AD de linha francesa permite explorar essas dimensões, fornecendo uma visão crítica e profunda sobre como os discursos de empoderamento são produzidos, legitimados e desafiados em diferentes contextos socioculturais.

a retórica do empoderamento para mobilizar apoio, promover políticas públicas e reformular estruturas de poder. Esses discursos são legitimados através de legislações, declarações oficiais e programas governamentais que visam promover a igualdade de gênero e a inclusão. No entanto, eles também enfrentam desafios significativos, incluindo resistência de grupos conservadores, políticas regressivas e a instrumentalização do empoderamento para fins políticos que não necessariamente beneficiam os grupos marginalizados (Butler, 2015).

No **contexto educacional**, instituições educacionais produzem discursos sobre empoderamento ao incorporar temas de igualdade de gênero e direitos humanos nos currículos e através de iniciativas que promovem a liderança feminina e a participação equitativa. A legitimação ocorre através de políticas educacionais, programas de bolsas de estudo e atividades extracurriculares que visam aumentar a conscientização e capacitar estudantes. Esses discursos podem ser desafiados por práticas discriminatórias, currículos que reforçam estereótipos de gênero e a falta de representação feminina em posições de liderança educacional (Freire, 2005).

No **contexto midiático**, compreendo a mídia como um poderoso produtor de discursos sobre empoderamento, através de reportagens, campanhas publicitárias e representações em filmes, séries e redes sociais que destacam histórias de sucesso e resistência feminina. A legitimação ocorre quando essas narrativas ganham ampla visibilidade e aceitação, influenciando percepções públicas e promovendo mudanças culturais. Entretanto, esses discursos também enfrentam desafios como a objetificação das mulheres, a perpetuação de estereótipos de gênero e a exclusão de vozes de mulheres de minorias étnicas, raciais e LGBTQIAPN+ (Mohanty, 2003; Jenkins, 2009).

No **contexto corporativo**, discursos sobre empoderamento são produzidos através de políticas de diversidade e inclusão, programas de liderança para mulheres e iniciativas de responsabilidade social corporativa. Empresas que adotam essas práticas são frequentemente reconhecidas e premiadas por suas contribuições para a igualdade de gênero no local de trabalho. No entanto, esses discursos podem ser desafiados por práticas corporativas que ainda favorecem a desigualdade salarial, a falta de representatividade feminina em cargos executivos e a cultura corporativa que pode marginalizar mulheres (Kanter, 1993; Sandberg, 2018).

No **contexto comunitário e movimentos sociais**, os atores discursivos são produtores essenciais de discursos sobre empoderamento, promovendo a conscientização, a mobilização e a ação coletiva para mudanças sociais. Esses discursos são legitimados através de ações comunitárias bem-sucedidas, campanhas de *advocacy* e o reconhecimento de líderes comunitários e ativistas. Os desafios incluem a repressão política, a falta de recursos e o risco de cooptação por interesses externos que podem desviar os objetivos originais dos movimentos (Freire, 2005; Young, 1990; 2000).

Reitero que a AD possibilita compreender como esses discursos são produzidos, legitimados e desafiados, destacando a importância de contextos específicos na construção e transformação dos sentidos de empoderamento. Em suma, cada contexto oferece oportunidades únicas e enfrenta desafios particulares, refletindo a dinâmica contínua entre poder, linguagem e sociedade.

Conforme já destacado, o **empoderamento feminino** é um enunciado multifacetado que abrange diversas vertentes, cada uma abordando aspectos específicos das desigualdades de gênero e propondo estratégias para focalizar a autonomia e a participação plena das mulheres em todas as esferas da vida. A seguir, apresento as principais vertentes do empoderamento feminino e os autores mais influentes em cada área.

Empoderamento econômico, focalizado no aumento da capacidade das mulheres de participar plenamente na vida econômica, ter acesso a recursos financeiros, e possuir poder de decisão em questões econômicas. Como sujeitos do discurso destaco Amartya Sen (2010), com teorias sobre desenvolvimento humano e capacidades, com objetos discursivos que destacam a importância de proporcionar às mulheres oportunidades econômicas iguais, e Martha Nussbaum (2008), que trabalha com a abordagem das capacidades, enfatizando a importância do empoderamento econômico para o desenvolvimento humano.

Empoderamento político, que focaliza na capacidade das mulheres de participar e influenciar processos políticos e decisões, incluindo a representação em posições de poder e tomada de decisão. Como sujeitos do discurso destaco Anne Phillips (1995), que em sua obra *"The Politics of Presence"* discute a importância da representação política das mulheres, e Nancy Fraser (1997), com discurso que

explora a justiça política e a necessidade de uma participação equitativa das mulheres em processos de decisão.

Empoderamento social e educacional, que focaliza a melhoria das condições sociais das mulheres através da educação, saúde e outras oportunidades sociais, permitindo-lhes viver vidas mais saudáveis, produtivas e significativas. Como sujeitos do discurso, destaco Bell Hooks (2013), que explora como a educação pode ser uma prática de liberdade para as mulheres, especialmente as mulheres de cor. Neste sentido, também merece destaque o discurso de Paulo Freire (2005), que embora não seja especificamente focado em gênero, sua pedagogia crítica tem sido aplicada para discutir a educação como um meio de empoderamento feminino.

Empoderamento legal, focado na obtenção de direitos legais que garantam a igualdade de gênero, proteção contra a discriminação e violência, e acesso à justiça. Como sujeitos do discurso, destaco Kimberlé Crenshaw (1989), que introduziu o enunciado de interseccionalidade, crucial para entender as diversas formas de opressão que as mulheres enfrentam e como a lei pode empoderá-las. Sobre o assunto, Catharine MacKinnon (1989) também merece destaque em razão de seu trabalho sobre direitos das mulheres e as leis relacionadas. Neste sentido, MacKinnon explora como a legislação pode ser utilizada para empoderar as mulheres.

Empoderamento cultural, focalizado nos discursos de transformação das normas e estereótipos culturais que limitam o potencial das mulheres, promovendo uma maior aceitação e valorização das suas contribuições em todas as esferas da vida. Como sujeitos do discurso destaco Gloria Anzaldúa (2016), que em "*Borderlands/La Frontera*", discute as interseções de cultura, identidade e gênero, enfatizando o empoderamento através da valorização das culturas marginalizadas, e Audre Lorde (2020), com um trabalho que destaca a importância de reconhecer e celebrar as diferenças culturais e identitárias como uma forma de empoderamento.

Empoderamento interseccional, focalizado no discurso de que o empoderamento deve considerar as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam, incluindo raça, classe, orientação sexual e outras identidades. Como sujeitos do discurso, destaco Kimberlé Crenshaw (1989), que em mais uma vertente de empoderamento feminino é fundamental, aqui com seu discurso de interseccionalidade. Também merece destaque Patricia Hill Collins (2000), que na obra "*Black Feminist Thought*", explora objetos discursivos focalizados nas

experiências das mulheres negras e como a interseção de diferentes formas de opressão requer uma abordagem interseccional ao empoderamento.

Sustento, portanto, que essas vertentes do empoderamento feminino e os sujeitos do discurso associados fornecem uma visão abrangente das várias dimensões do empoderamento. Cada vertente aborda diferentes aspectos das desigualdades de gênero e propõe estratégias para promover a autonomia e a participação plena das mulheres na sociedade. Compreendo que a integração dessas perspectivas é crucial para um entendimento completo e eficaz do empoderamento feminino.

Destaco que os principais contextos do empoderamento feminino estão intimamente ligados às suas principais vertentes. No contexto econômico, vertentes como o empoderamento econômico, discutido por Amartya Sen (2010) e Martha Nussbaum (2008), enfatizam a importância da participação econômica das mulheres. No contexto político, vertentes como o empoderamento político, abordado por Anne Phillips (1995) e Nancy Fraser (1997), destacam a necessidade de uma representação equitativa das mulheres em processos decisórios. O empoderamento social e educacional, promovido por Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (2005), aborda a melhoria das condições sociais das mulheres através da educação e saúde. No campo legal, vertentes como o empoderamento legal, exploradas por Kimberlé Crenshaw (1989) e Catharine MacKinnon (1989), tratam da utilização da legislação para garantir a igualdade de gênero. Culturalmente, vertentes como o empoderamento cultural, discutido por Gloria Anzaldúa (2016) e Audre Lorde (2020), focam na transformação de normas e estereótipos culturais. Por fim, o empoderamento interseccional, conforme discutido por Kimberlé Crenshaw (1989) e Patricia Hill Collins (2000), enfatiza a necessidade de abordar as múltiplas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres.

2.3 Discursos de empoderamento feminino na rede mundial de computadores

Em nosso “admirável mundo novo” da sociedade em rede (Castells, 2005), alguns objetos discursivos ganham destaque e são construídas milhões de páginas sobre determinado tema. Nesse mundo ultra tecnológico, a relevância de determinado

tema é na maioria das vezes determinada pela quantificação de dados gerados por e sobre esse tema (Simon, 2020).

Quando utilizamos apenas o *web search engine* - *wse* da gigante das soluções em *big data analysis*, a empresa *Google*, os números são expressivos quando o tema é empoderamento.

Se nos atermos ao *type*³² <empoderamento>, o *wse* da *Google* retorna um número da ordem de 4.640.000 resultados em 0.45 segundos. Uma busca mais específica pelos *types* <empoderamento> + <feminino> é mais expressiva ainda, retornando um número da ordem de 9.230.000 resultados em 0.68 segundos.

Uma das características dos *robots* de busca da *Google*, os *googlebots*, é o algoritmo Florida de 2003, atualizado para o algoritmo *Rankbrain* em 2015, que rastreia, indexa e exibe os resultados das buscas, exibindo na primeira página os sítios e *web pages* mais relevantes nesse gigantesco universo de dados.

Dito isso, desponta o interesse de ser o site “<http://movimentomulher360.com.br/institucional/7-principios-de-empoderamento/>” o quarto resultado exibido na busca pelo *type* <empoderamento> e o site “www.onumulheres.org.br” o segundo resultado exibido na busca pelos *types* <empoderamento> + <feminino>, sítios esses nos quais encontramos, em língua portuguesa, os sete Princípios de Empoderamento das Mulheres da Organização das Nações Unidas - ONU.

Muito embora tenhamos esse universo de dados a nosso dispor e o termo empoderamento seja relativamente novo (Freire; Shor, 1986), importa ressaltar que a luta das mulheres pelo empoderamento confunde-se mesmo com a história da humanidade, destacando-se aqui e ali alguma personagem mais ousada que conseguiu deixar sua marca em uma história escrita pelos homens, como por exemplo a ativista e revolucionária francesa Olympe De Gouges, que ousou lutar pela voz política das mulheres e dos negros, tendo escrito a “Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã”

³² O termo “*type*”, “tipo” em português, foi escolhido para fazer referência a um termo de busca ou palavra-chave inserida em um motor de busca (nesse caso, o Google). Ou seja, quando o texto menciona o *type* “<empoderamento>”, está se referindo à pesquisa pela palavra “empoderamento” no Google. Da mesma forma, quando fala dos tipos “<empoderamento> + <feminino>”, está se referindo a uma pesquisa combinada que utiliza ambas as palavras-chave “empoderamento” e “feminino” juntas. Então, neste caso, “*type*” é usado como um sinônimo para as palavras que são digitadas no campo de busca do Google, com o objetivo de refinar e especificar os resultados retornados.

e “Reflexões Sobre Os Negros”, e, criticado duramente tanto o “*Ancien Régime*” de Maria Antonieta e Luís XVI quanto “*La Révolution*” de Jean-Paul Marat e Maximilien de Robespierre o que acabou por lhe valer a execução pela guilhotina em 3 de novembro de 1793 (Blanc, 2003).

Originalmente, o neologismo anglo-saxão <empowerment> foi difundido no final da década de 70, ano de 1977, pelo psicólogo norte-americano, Jullian Rappaport (1990), com foco voltado, principalmente, aos campos da assistência social, psicologia e psiquiatria. Sendo a sua primeira definição publicada pelos dicionários Oxford (2019) e Merriam Webster (2020), com os respectivos significados: “1. *Authorize, license. 2. Give power to; make able, empowerment a.*” e “1. *To give official authority or legal power to. 2. Enable. 3. To promote the self-actualization or influence of*”.

Como se denota dos léxicos em língua inglesa, o termo cunhado por Rappaport traduz uma significação lusófona mais aproximada de “delegar poder(es) a alguém” de forma que A coloca B em uma situação de poder. Portanto, posso pressupor que, para Rappaport, empoderamento remete ao âmbito da política e da participação social. Ou seja, com um caráter objetivo.

Na construção de sua pedagogia, Paulo Freire e Ira Shor (1986) desconstruíram esse conceito em favor da noção de um <auto empoderamento> (*self empowerment*) que atua em favor do coletivo, do social. Dessa forma, é através da educação libertadora que o indivíduo se empodera e passa a agir em favor de uma coletividade. Ou seja, aqui o empoderamento adquire um caráter subjetivo.

A noção rappaportiana é, portanto, distinta da noção freiriana, visto que naquela o indivíduo é empoderado pelo Estado, pela empresa ou por alguém com autoridade, ao passo em que nesta o indivíduo se empodera através de suas próprias ações, e, mais importante ainda, esse indivíduo empoderado passa a agir em favor do social, da coletividade³³.

³³ Ressalto que na formulação original do conceito de empoderamento, Rappaport (1990) o emprega em um sentido predominantemente objetivo, como a delegação de poder de uma autoridade externa, como o Estado ou uma organização, para um indivíduo ou grupo. Entretanto, Paulo Freire e Ira Shor (1986) criticam essa abordagem e propõem uma reconfiguração do termo, introduzindo uma dimensão subjetiva e libertadora, onde o empoderamento surge através da conscientização crítica e da ação transformadora do próprio indivíduo, especialmente no contexto de uma educação emancipadora. Aplicando essa crítica ao contexto do empoderamento feminino, apresento uma ruptura significativa com a noção de que o poder é “concedido”, enfatizando que o empoderamento verdadeiro é uma construção interna que visa à transformação social e coletiva, especialmente na luta contra a opressão de gênero. Esta análise do discurso de Freire e Shor, em contraposição à perspectiva de Rappaport,

Diante destas distinções, a análise dos discursos de empoderamento feminino da ONU³⁴ a partir do suporte metodológico de Pêcheux (1997), buscando conhecer o sujeito do discurso, sua FD e consequentemente as condições de produção do discurso.

Isto posto, ressalto que as contribuições teóricas de Castells (2005) e Bordieu (1989) também contribuem para entendermos os efeitos pretendidos pelo sujeito discursivo ONU ao enunciar os sete princípios do empoderamento feminino no âmbito empresarial e social, bem como nas charges relacionadas às condições de desigualdade do gênero feminino.

De acordo com Maingueneau (2015), o termo discurso abriga uma série de significados, tanto gerais quanto específicos, de forma que o autor não conceitua o termo de forma fechada e didática, primando antes por determinar as características principais do discurso: uma organização situada para além de uma frase, orientada, uma forma de ação, interativo, contextualizado, assumido por um sujeito, regido por normas e considerado no bojo de um interdiscurso.

Neste sentido, compreendo o enunciado da ONU acerca dos princípios de empoderamento feminino como forma de ação, visto que visa produzir uma modificação em seus destinatários, atuando assim com uma série de diretrizes e indicações, para as empresas que fizerem adesão a eles equacionarem o problema da desigualdade de gêneros.

Mas, antes de me debruçar sobre o discurso da ONU propriamente dito, é preciso esmiuçar alguns conceitos-chave da análise pretendida, de forma que a primeira perquirição se refere ao sujeito do discurso, que não se pode confundir com o imaginário do sujeito gramatical, que, de acordo com Orlandi (2005, p. 50), “[...] cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”.

Ou seja, o sujeito discursivo é condicionado pela história, pela língua e pela cultura. E, nesse contexto, o sujeito urde e tece o discurso preso pelas amarras de

servirá como base para explorar como essa ressignificação do empoderamento impacta a formação do discurso feminista e a luta das mulheres por autonomia e igualdade, tema que será retomado e aprofundado em posições posteriores desta tese de doutorado.

³⁴ Os discursos aos quais me refiro consistem nas 12 charges selecionadas no concurso da ONU e suas conexões com os princípios de empoderamento da ONU Mulheres (2018).

uma ideologia dominante que dá sentido às “palavras, expressões e proposições” que, de acordo com Pêcheux (1997, p. 160): “[...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas”.

No entanto, é precioso ressaltar que esse sujeito discursivo não é plenamente consciente de sua condição, mas ao contrário é clivado, de acordo com Pêcheux (1997, p. 163), pelo esquecimento. Primeiro, porque é pelo esquecimento que o sujeito falante se encontra no interior da FD que o domina. E segundo, pelo esquecimento de que o sujeito não é livre para escolher as palavras mais adequadas para expressar seu pensamento, assim como não o é para imprimir uma literalidade às palavras e expressões empregadas em seu discurso.

Ademais, uma vez que esse sujeito discursivo não é livre, mas clivado por uma FD que o antecede historicamente, faz-se necessário investigar essa FD para compreender o sujeito e sua produção discursiva, pois, como aduz Pêcheux (1997, p. 162):

É próprio de toda formação discursiva dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (ça parle) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.

Isto posto, também é importante perquirir sobre o *locus* social do sujeito discursivo, isto é, qual o lugar, histórico, social, econômico, ideológico, ocupado pelo sujeito que enuncia o discurso. E esse *locus* social é “alguma coisa mais forte - que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua, que vai se historicizando [...]”. Ou seja, é “marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder” (Orlandi, 2005, p. 32).

Assim, ressalto que não basta compreender os signos da língua, a semântica das palavras, as regras da ortografia e da gramática ou os significados léxicos para apreender e acessar o conteúdo de um discurso. Pois, também se faz necessário analisar o sentido, a enunciação, a ideologia, as condições de produção e o sujeito

discursivo.

E então, sobre o seu papel, compreendo a ONU como uma instituição discursiva, ainda que fisicamente não seja um indivíduo da espécie humana, mas sim um organismo supranacional que deveria representar uma coletividade de seres humanos, isto porque ela não se traduz meramente em uma máquina discursiva, de caráter não polêmico e estabilizado. Por conseguinte, enquanto organismo supranacional, coletivo e altamente complexo, a ONU se traduz como uma instituição discursiva marcada pela polifonia dos sujeitos que a compõem, marcados por determinantes históricos, econômicos e sociais.

2.4 O Empoderamento Feminino e a desigualdade de gênero sob o prisma dos princípios da Organização das Nações Unidas - ONU

Desde sua criação em 24 de outubro de 1945, período pós-Segunda Guerra Mundial, a ONU tem demonstrado sua importância no cenário mundial. E, por conseguinte, em relação às questões de gênero, não podia ser diferente. Afinal, tal assunto faz parte do contexto relacionado à cooperação humanitária como solução para os problemas de direitos humanos. Ou seja, atuar em prol da redução da desigualdade de gênero é assunto de emergência indiscutível.

Nesse contexto, no ano de 2010, em face à necessidade de ampliar a atuação paritária do gênero feminino em todo o planeta, em ação conjunta da ONU Mulheres e o Pacto Global das Nações Unidas, foram desenvolvidos os 7 (sete) Princípios de Empoderamento das Mulheres, a saber:

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar o empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.

7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero (ONU Mulheres, 2010).

Importa ressaltar que os princípios citados visam fomentar a orientação às empresas e parceiros análogos sobre como os poderes podem ser delegados às mulheres nas comunidades a que pertencem, e consequentemente, fomentar melhorias no mercado de trabalho local, com possibilidades de crescimento coletivo. Por conseguinte, quando as empresas estimulam o empoderamento das mulheres, para que possam participar ativamente de todas as atividades econômicas, também passam a fomentar ações em que a paridade entre gêneros seja uma realidade e não uma mera fantasia.

Ressalto que no enunciado da ONU observei que alguns *types* se destacam, principalmente os que fazem referência direta ao capital e ao empresariado, sendo termos usuais das áreas de administração, economia, marketing etc.

Dentre estes *types* destacam-se <liderança>, <corporativa>, <trabalho>, <capacitação>, <desenvolvimento>, <profissional>, <empreendedorismo>, <cadeias>, <suprimentos>, <marketing>, <medir>, <documentar>, <progressos> e <empresa>.

Por outro lado, destacam-se também *types* mais usuais em ciências sociais, política, assistência social, como por exemplo <direitos humanos>, <não-discriminação>, <saúde>, <segurança>, <bem-estar>, <educação>, <igualdade de gênero> e <ativismo social>.

O enunciado denota, dessa forma, uma polifonia presente no discurso de empoderamento da Organização das Nações Unidas, visto que ao lado do discurso eminentemente empresarial do capitalismo globalizado encontramos um discurso mais voltado para o social, quiçá com o fito de amenizar o posicionamento ideológico daquela instituição, em um movimento já destacado por Pêcheux (1997, p. 162), de que é “próprio de toda FD dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso”.

Ao observarmos as condições de produção do discurso de empoderamento da ONU, ainda é possível reconhecer que essa organização consiste em uma iniciativa econômica neoliberal que não estabelece metas e objetivos para a produção de políticas públicas, limitando-se a estabelecer diretrizes empresariais, denotando a

ideologia do Estado mínimo, um neoliberalismo travestido de <ativismo social>.

Destaca-se também do discurso da ONU que as empresas devem <investir> no <capital humano>, representado pela mão de obra do gênero feminino, o que, evidentemente, também se reverte em benefícios econômicos para a empresa.

Ademais, é evidente que o discurso urdido e enunciado pela Organização das Nações Unidas se aproxima mais do <empowerment>, teoria relacionada com as premissas de Rappaport (1990). E, em contrapartida, há um consequente distanciamento da noção freiriana de empoderamento, visto que o que se destaca dos sete princípios é que as mulheres serão empoderadas pelas empresas. Elas serão empoderadas ao ocuparem cargos nas empresas. Ou seja, elas não se empoderam, elas são empoderadas por alguém em benefício direto a esse alguém.

Para tanto, tal discurso é reforçado e propagado, de forma bastante eficiente, pelo uso da tecnologia, que, de acordo com Castells (2005, p. 33):

A revolução da tecnologia da informação foi essencial para a implementação de um importante processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980. No processo, o desenvolvimento e as manifestações dessa revolução tecnológica foram moldados pelas lógicas e interesses do capitalismo [...].

Assim sendo, os discursos elaborados, enunciados e disseminados na rede mundial de computadores, em termos gerais, servem aos interesses capitalistas, impondo uma forma de dominação através do poder simbólico e da cultura dominante, conforme proposto por Pierre Bourdieu (1989, p.11):

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Esse efeito ideológico, produz a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário da comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções, compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante.

A AD revela como esses discursos, ao serem veiculados nas plataformas

digitais, reforçam estruturas de poder existentes e perpetuam a hegemonia cultural, exercendo um controle simbólico sobre os sujeitos sociais. Dessa forma, compreendo que os discursos urdidos e difundidos na rede mundial de computadores obedecem à lógica capitalista de reprodução da cultura dominante, cultura essa que preza pela subserviência de mulheres e homens aos meios de produção.

Com efeito, ao estipular princípios “universais” de empoderamento, fundamentados na concepção rappaportina, a cultura dominante estabelece limites ao verdadeiro empoderamento feminino, posto que as mulheres empoderadas serão CEOs e empreendedoras. Ou seja, quase sempre serão convertidas em burguesas ricas que também reproduzirão o sentido do *empowerment*.

Outro efeito do discurso da ONU é “o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força, fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente” (Bordieu, 1989, p. 15), de forma que a mulher não mais reconhecerá, ou ignorará (eufemização), sua exploração pela empresa/capital, uma vez que estará a dar o sangue pelo ideal do empoderamento, construído por um organismo supranacional e, portanto, “infalível”.

Para além da análise objetiva (sujeito, ideologia, condições de produção e efeitos) do discurso urdido e enunciado pela ONU, insta fazer uma análise subjetiva daquilo que se encontra “ignorado-reconhecido” nos princípios construídos ao longo do discurso. Ou seja, além do dito, do explícito, o “não dito” também traz consequências nas relações de empoderamento.

Para tanto, julgo ser relevante realizar uma análise pontual das informações explícitas e implícitas que a ONU traz em seus princípios de empoderamento feminino, conectando-os a algumas das charges do concurso de charges para criticar desigualdades de gênero.

O PRIMEIRO PRINCÍPIO de empoderamento feminino, da ONU Mulheres (2010), consiste no **“Estabelecimento de liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível”**. E, logo de imediato, depreende-se que há intenção explícita de se estabelecer uma pretensa igualdade na ocupação dos cargos de alto nível. Entretanto, é óbvio que, ao estabelecer tal princípio, a ONU traz no interdiscurso a constatação de que ainda há uma inegável desigualdade de gênero

no tocante aos cargos da alta hierarquia ocupados por mulheres.

Acerca da desigualdade em questão, ressalte-se que, um dos primeiros estudos sobre o assunto, realizado no ano de 2018, pelo *Peterson Institute for International Economics*, “levou em consideração um banco de dados com mais de 22 mil empresas de capital aberto em 91 países”, e concluiu que “as empresas que aumentaram a presença de mulheres em até 30% em cargos de alta hierarquia perceberam um crescimento médio de 15% após as contratações”. Porém, o lado mais cruel da aludida análise é o fato de que “60% das empresas pesquisadas não contam com mulheres em seus conselhos e 50% das companhias não têm mulheres no ponto hierárquico mais alto. Na verdade, menos de 5% das empresas pesquisadas têm hoje uma mulher como CEO [...]” (Salemi, 2018).

Tal pesquisa demonstra que uma das maiores dissonâncias em relação à desigualdade de gênero no ambiente laboral está no fato de que às mulheres cabem os cargos de hierarquia inferior. Ou seja, é inegável que as mulheres têm seus papéis nas empresas. Mas, dali a terem o poder de “mandar”, concedido através de um cargo de alta hierarquia, ainda há uma série de barreiras a serem transpostas.

E, nesta mesma linha de raciocínio, apresento o SEGUNDO PRINCÍPIO de empoderamento feminino, da ONU Mulheres (2010), que consiste no **“Tratamento de todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação”**. Entendo que neste segundo princípio, a pretensão clara é de que a relação empregatícia vai além de mera tentativa de equilíbrio em relação às lideranças.

Ou seja, é um princípio com tal força, que emerge da necessidade de se respeitar a todos como seres humanos, independente do gênero a que pertençam. Por conseguinte, entendo que, a partir do momento em que se defende tratar mulheres e homens de forma justa, o discurso do “não dito” deixa evidente que tratamento igualitário nunca existiu!

E, na sequência dos princípios, apresento o TERCEIRO PRINCÍPIO de empoderamento feminino, da ONU Mulheres (2010) que consiste na **“Garantia de saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa”**. A primeira questão que merece ser destacada é que este terceiro princípio fecha a sequência das preocupações inerentes às relações trabalhistas,

outro assunto que remete a um interdiscurso com a DUDH.

Além deste aspecto, o referido princípio reveste o discurso da preocupação com a saúde, segurança e bem-estar de todos que trabalham na empresa, sejam homens ou mulheres. Ou seja, está implícito que as relações de trabalho que não garantam essas premissas não podem ser entendidas como “empoderadoras”, como garantidoras do conjunto complexo de ações no qual o empoderamento feminino pode se fazer presente.

Ainda sobre o assunto “garantia de saúde, segurança e bem-estar”, é preciso reconhecer o “não dito”, que no caso em tela remete ao fato de que pessoas saudáveis trabalham mais e melhor. Ou seja, proporcionar estas garantias também resulta em lucro para as empresas.

O QUARTO PRINCÍPIO de empoderamento feminino, da ONU Mulheres (2010), consiste na **“Promoção da educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres”**. De imediato, observo que, além das relações de trabalho insculpidas nos três primeiros, esse quarto princípio demonstra o discurso de que a qualificação profissional é necessária e indispensável, para que seja possível às mulheres boas colocações no mercado profissional.

Ou seja, sem a especialização nas áreas em que a mulher se propõe atuar, sem proporcionar as oportunidades para que as mulheres possam estudar e se capacitar, o empoderamento não será possível. Pois, o desenvolvimento profissional está intrinsecamente atrelado à evolução dos saberes.

O QUINTO PRINCÍPIO de empoderamento feminino, da ONU Mulheres (2010), consiste no **“Apoio ao empreendedorismo de mulheres e promoção de políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing”**. Esse quinto princípio, insculpe em seu bojo a ideia de que “não basta fazer acontecer”.

Ou seja, também é preciso, em decorrência da sociedade midiática, da sociedade do espetáculo e das aparências, que tudo o que for realizado, conquistado, seja devidamente divulgado. Ou seja, até a ONU faz entender que é apenas através da divulgação do fomento das cadeias de suprimentos e marketing, que as ações serão conhecidas e conseqüentemente poderão inspirar outras mulheres, os Estados e até mesmo as empresas a investir nesse setor. A própria campanha de

empoderamento feminino, lançada pela ONU em 2010, se valeu dessa estratégia para ampliar a visibilidade e o alcance das ações envolvendo as mulheres em inúmeros setores da economia global.

Destaco que, na própria página do aludido organismo supranacional, existem múltiplas informações, com diversos assuntos. E, no que se refere a este quinto princípio, existe um passo a passo de como as empresas podem aderir à campanha, bem como também links onde as mesmas poderão fazer a adesão aos sete princípios, e obter incentivos e divulgação como empresas que empoderam mulheres em todo o mundo.

O SEXTO PRINCÍPIO consiste em fomentar a **“Promoção da igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social”**. Por conseguinte, ao destacar a promoção da igualdade de gênero focada nos aspectos de iniciativas voltadas à comunidade e no ativismo social, traz a ideia de que há de se pensar no coletivo, inspirando-se no princípio da fraternidade estabelecido com a Revolução Francesa.

Enfim, a partir desta proposta, podemos inferir que são as pequenas iniciativas, praticadas pelo maior número de pessoas, que promovem a satisfação de um quantum maior de beneficiados. Ou seja, é um sistema que cresce e se retroalimenta de forma contínua e eficiente.

O SÉTIMO PRINCÍPIO é carregado de sentidos, quando determina a necessidade de **“Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero”**. Entendo que este princípio segue a mesma linha de raciocínio do quinto princípio, visto que tem como centralidade a divulgação em prol do fomento através de publicidade, aqui também defendida no sétimo e último princípio. E, neste sentido, propõe que todas as ações relacionadas com o empoderamento feminino tenham seu devido controle através da elaboração de dados estatísticos coletados, devidamente documentados e posteriormente publicados.

Ou seja, não basta quantificar e documentar, também é necessário que o maior número de pessoas tenha acesso aos progressos que as empresas alcançaram no tocante à promoção da igualdade de gênero. E finalmente, voltamos à importância da mídia no que se refere ao empoderamento das mulheres.

Por conseguinte, na maioria das vezes, em face da força do capital, quem

realmente se “empodera” são as empresas que aderem aos aludidos princípios. Ou seja, as empresas atingirão evidente destaque nas páginas da ONU, ao passo em que a maioria das mulheres que “empoderadas” pelas mesmas continuará incógnita para a toda sociedade, enquanto mão-de-obra muito bem qualificada a serviço do capital.

Finalmente, após a análise da formação dos sintagmas “empoderamento feminino” e “paridade de gêneros” propostas neste capítulo, até aqui dedicado à apresentação das idiossincrasias dos referidos enunciados, ressalto que a FD “Empoderamento Feminino” está relacionada a uma série de práticas discursivas, ideias, normas e valores que giram em torno do conceito de capacitar e fortalecer as mulheres em diversos aspectos sociais, políticos e econômicos. Por conseguinte, ao analisar a FD “Empoderamento Feminino” na perspectiva da AD, podemos identificar algumas relações significativas com os discursos do feminismo, tendo em vista que a FD “Empoderamento Feminino” está intrinsecamente ligada ao movimento feminista, que busca promover a igualdade de gênero, os direitos das mulheres e a desconstrução de desigualdades sistêmicas.

2.5 Quadro-resumo

O quadro-resumo apresentado a seguir destaca os principais eixos e dimensões que articulam o discurso de empoderamento feminino, analisando suas interseções com as estruturas do capitalismo e neoliberalismo. Através da metodologia da AD, o estudo busca desvelar como o empoderamento feminino, enquanto FD, é construído, legitimado e contestado em diversos espaços discursivos, desde as iniciativas globais da ONU até os meios digitais.

O uso da AD de linha francesa permite, neste estudo, uma leitura não subjetiva da circulação de sentidos, propondo um gesto de interpretação de como o empoderamento feminino é, por um lado, moldado por agendas neoliberais que buscam integrar as mulheres nas dinâmicas econômicas globais, e por outro, contestado pelas correntes feministas que lutam pela transformação social e pela igualdade de gênero. Ao longo do quadro, os entrecruzamentos discursivos representam as complexidades inerentes à propagação dessas ideias, enfatizando como o discurso de empoderamento é constantemente reconfigurado conforme

transita por diferentes contextos, tais como os políticos, econômicos, educacionais e midiáticos.

Ressalto que essa análise não se limita a descrever a FD de empoderamento feminino, mas também analisar as tensões que emergem na sua relação com as práticas capitalistas. Dessa forma, a tese se propõe a desvendar os efeitos de sentido que essa FD produz, bem como as condições de produção dos discursos que a legitimam ou questionam. Ao utilizar a AD como ferramenta metodológica central, o estudo busca proporcionar uma compreensão mais profunda das transformações discursivas em torno do empoderamento feminino e da desigualdade de gênero na contemporaneidade.

Então, com base neste capítulo intitulado "As Idiossincrasias do Empoderamento Feminino e da Desigualdade de Gêneros", com ênfase nos subtítulos apresentados, eis aqui o quadro-resumo:

EIXOS/ DIMENSÕES/ TEMÁTICAS MOBILIZADAS	ENTRECRUZAMENTOS dos DISCURSIVOS MAPEADOS
Análise da ONU e ONU Mulheres	Avaliação da atuação histórica da ONU e a criação da ONU Mulheres em promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres sob a lente do capitalismo global, refletindo sobre como discursos neoliberais podem moldar as agendas de igualdade de gênero.
Considerações Essenciais sobre o Feminismo	Análise das ondas históricas do feminismo e suas principais vertentes, promovendo uma leitura de como estas têm interagido e respondido às pressões do capitalismo e do neoliberalismo. Avaliação de como o feminismo critica ou é cooptado por estes sistemas, moldando discursos sobre igualdade de gênero dentro de uma economia globalizada.
Contextos e principais vertentes do empoderamento feminino	Exploração das vertentes de empoderamento, como econômico, político, social, legal e cultural, observando como elas são informadas e moldadas por contextos capitalistas e neoliberais. Discussão sobre como cada vertente aborda as disparidades de gênero e contribui para a integração das mulheres nas esferas de influência econômica e social.
Discursos de empoderamento feminino na rede mundial de computadores	Investigação sobre como os discursos de empoderamento são amplificados ou distorcidos pela rede mundial de computadores, especialmente sob a influência das grandes corporações e da lógica capitalista. Análise da representação e do impacto desses discursos nas políticas digitais e sua eficácia em promover mudanças sociais genuínas.

O Empoderamento Feminino e a desigualdade de gênero sob o prisma dos princípios da Organização das Nações Unidas - ONU	Avaliação crítica dos Princípios de Empoderamento das Mulheres da ONU, discutindo como se alinham ou confrontam com as demandas do capitalismo e neoliberalismo. Análise de como esses princípios buscam moldar as práticas corporativas e sociais para promover a igualdade de gênero, e quais são as limitações e potenciais dessa abordagem.
---	---

Este quadro busca sintetizar os principais temas discutidos no capítulo, interligando-os com a influência pervasiva do capitalismo e neoliberalismo nas lutas por empoderamento feminino e igualdade de gênero, proporcionando uma análise das dinâmicas que moldam essas questões na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DISCURSIVA DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS PREDOMINANTES NAS CHARGES PREMIADAS PELA ONU

Este capítulo tem como objetivo geral apresentar uma análise discursiva das FDs nas charges premiadas pela ONU, em um concurso promovido pela ONU Mulheres, identificando os temas centrais e as estratégias discursivas utilizadas para promover o empoderamento feminino e a igualdade de gênero. Como objetivos específicos destaco a necessidade de identificar e categorizar os temas principais abordados nas charges, analisar as estratégias discursivas imagéticas e textuais utilizadas nas charges, tecer compreensões de como as charges contribuem para a formação e transformação dos discursos sobre empoderamento feminino e desigualdade de gênero.

Ressalto que as charges, como elementos de comunicação visual e textual, desempenham um papel crucial na formação e transformação dos discursos sobre questões sociais e políticas. Em particular, as charges premiadas pela ONU Mulheres abordam temas centrais como empoderamento feminino, igualdade de gênero, paridade, direitos humanos e justiça social. Este estudo busca entender como esses discursos são construídos, difundidos e transformados através dessas obras artísticas³⁵.

Evidencio que as charges têm sido uma ferramenta poderosa para a comunicação de ideias complexas e para a mobilização social. A ONU Mulheres, ao premiar charges que abordam questões de gênero, destaca a importância de utilizar a arte como meio de conscientização e transformação social. As charges selecionadas para este estudo refletem a diversidade de experiências e perspectivas sobre o empoderamento feminino e a desigualdade de gênero em diferentes contextos culturais e sociais. Ressalto também que as charges analisadas não apenas refletem

³⁵ Compreendo a charge como uma obra artística, uma vez que se trata de uma ilustração que combina elementos de humor e crítica social ou política, utilizando a arte do desenho para colocar em funcionamento discursos de forma satírica ou irônica. A charge frequentemente reflete questões contemporâneas e emprega recursos imagéticos e enunciativos para provocar reflexão, debate e, muitas vezes, uma reação emocional no público. Como forma de expressão artística, a charge desempenha um papel significativo na comunicação e na cultura, mobilizando a criatividade e a perspicácia do artista para abordar temas relevantes e potencialmente influenciar o discurso público.

os discursos contemporâneos sobre gênero e empoderamento, mas também contribuem para sua transformação. Ao abordar questões urgentes e promover novas formas de ver e entender a igualdade de gênero, as charges desempenham um papel ativo na abordagem da FD “empoderamento feminino”.

Acerca da análise individual das charges, é importante evidenciar que optei por destacar algumas características e dimensões. E, dentre os principais aspectos discursivos, apresento minhas análises a partir de dois componentes que se encontram presentes em todas as charges, que são a **metáfora visual**³⁶ e a **ironia e crítica social**³⁷.

Sobre minha opção, evidencio que as **metáforas visuais** são poderosas na construção de sentido, pois permitem que ideias complexas sejam comunicadas de maneira acessível e impactante. E, em uma análise de natureza discursiva, as metáforas visuais são estudadas para entender como produzem e veiculam significados específicos dentro de um contexto social e cultural. Ainda sobre o assunto, destaco que as metáforas visuais podem representar realidades sociais, políticas e culturais, oferecendo leituras sobre as estruturas de poder e as relações sociais. Neste sentido, entendo que as metáforas visuais buscam revelar as ideologias subjacentes e as relações de poder que elas naturalizam e perpetuam.

Sobre a opção pelo componente **ironia e crítica social**, compreendo que a ironia pode ser uma ferramenta eficaz para desconstruir normas e questionar as crenças estabelecidas. Ela frequentemente subverte as expectativas e expõe as contradições nas práticas sociais e culturais. A ironia é utilizada como uma forma de

³⁶ Embora na AD de linha francesa a metáfora visual não seja um foco central de estudo em termos comparáveis à metáfora verbal, há alguns autores que exploram aspectos da visualidade e sua relação com o discurso. E, nesse sentido, os autores que embasaram o suporte teórico relacionado à metáfora visual analisado nas charges que compõe o *corpus* desta tese são Dominique Maingueneau (2001; 2008) e Patrick Charaudeau (2007; 2008). Ressalto que, embora esses autores não foquem exclusivamente na metáfora visual, suas abordagens à articulação entre imagem e discurso fornecem as bases para explorar esse tema na AD de linha francesa.

³⁷ Na AD de linha francesa, vários autores abordam temas como ironia e crítica social, principalmente no que se refere à linguagem como prática social e às suas relações com o poder e a ideologia. E neste sentido, os autores que embasaram o suporte teórico, relacionado com a ironia e a crítica social, analisados nas charges que compõe o *corpus* desta tese são: Dominique Maingueneau (2008), Michel Pêcheux (1997), Patrick Charaudeau (2007) e Alain Courbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2008). Ressalto que, embora não abordem a ironia e a crítica social como temas centrais, os referidos autores fornecem ferramentas teóricas valiosas para analisar como essas estratégias discursivas funcionam. A ironia, especialmente como forma de crítica social, pode ser analisada dentro da AD de linha francesa como parte do funcionamento dos discursos, sua inter-relação com as ideologias e a forma como desafia as formações discursivas hegemônicas.

crítica social, revelando as disparidades e injustiças presentes nos discursos dominantes. E, na AD francesa, a ironia é analisada para entender como ela funciona dentro do discurso para desafiar e subverter os significados estabelecidos. Ressalto também que a análise da ironia busca revelar as contradições e tensões nos discursos, oferecendo uma visão crítica das ideologias dominantes.

Ainda sobre os elementos utilizados na análise das charges, também se destacam o **contexto sociocultural e histórico**, os **elementos visuais e simbólicos**, o **interdiscurso**, a **memória discursiva**, o **biopoder** e os **deslizamentos de sentido**.

Acerca do **contexto sociocultural e histórico**, as charges são situadas em seus respectivos contextos históricos, abordando temas como desigualdade de gênero, empoderamento feminino e as opressões patriarcais, moldados por eventos e práticas socioculturais. A relação entre empoderamento feminino e temas como guerra, religião, e sistemas patriarcais também é examinada para entender as influências de diferentes épocas e culturas nas representações (Pêcheux, 1997; Maingueneau, 2008; Foucault, 1969; Charaudeau, 2007).

Sobre os **elementos visuais e simbólicos**, as charges utilizam metáforas visuais, como a escadaria, para representar as barreiras enfrentadas pelas mulheres. Como exemplos dos elementos visuais e simbólicos estão o *hijab*, o cinto-língua ou sapatos de salto, que são analisados em relação ao empoderamento feminino, ressaltando como eles sugerem poder, opressão ou resistência (Pêcheux, 1969; Maingueneau, 2008; Foucault, 1987; Charaudeau, 2007).

No que tange ao **interdiscurso**, as charges apresentam uma inter-relação de discursos, especialmente ao tensionar discursos religiosos, patriarcais ou de guerra com o empoderamento feminino. Cumpre destacar que o interdiscurso remete à forma como certos discursos dominantes são desafiados ou reforçados, questionando as práticas sociais de dominação e desigualdade de gênero (Pêcheux, 1969; Maingueneau, 2008; Foucault, 1987; Charaudeau, 2007).

A **memória discursiva** é utilizada para conectar os discursos das charges a representações históricas e culturais pré-existentes. Por exemplo, ao associar elementos contemporâneos das charges com o simbolismo religioso ou patriarcal de tempos passados, a memória discursiva ajuda a explorar como certos conceitos de

empoderamento ou opressão se transformaram ao longo do tempo (Orlandi, 2005; Pêcheux, 1969; Maingueneau, 2008; Foucault, 1969; Charaudeau, 2007).

Ressalto que a análise das charges a partir do **biopoder** (Foucault, 2003; 2008) é fundamental, tendo em vista que as representações visuais frequentemente expõem de maneira crítica como o corpo feminino é controlado ou vigiado por mecanismos de poder, como instituições religiosas, o patriarcado e o capitalismo. Por exemplo, nas charges analisadas, o biopoder pode ser percebido nos discursos que regulam a autonomia das mulheres sobre seus corpos, suas escolhas de vida e sua reprodução. Em muitas dessas charges, o controle sobre o corpo feminino é representado de maneira explícita ou simbólica, como no caso das críticas ao patriarcado, à desigualdade de gênero e à imposição de padrões de comportamento e estética.

Por conseguinte, ao incorporar o conceito de **biopoder**, foi possível aprofundar a análise das charges, ressaltando como os discursos de poder sobre os corpos femininos são visibilizados e criticados, e como o empoderamento feminino surge como uma forma de resistência a esses controles. Esse conceito, além de iluminar as relações de poder representadas nas charges, também contribui para uma compreensão mais ampla das forças sociais e políticas que moldam as experiências das mulheres e suas lutas por autonomia e direitos.

E, finalmente, os **deslizamentos de sentido** são examinados para mostrar como os significados de certos elementos visuais ou verbais mudam de acordo com o contexto discursivo. Nas charges, o que inicialmente pode parecer uma representação simples de opressão ou empoderamento pode deslizar para outros significados, como resistência ou ironia. Esses deslizamentos ajudam a mostrar a complexidade das representações do empoderamento feminino (Orlandi, 2005; Pêcheux, 1969; Maingueneau, 2008; Foucault, 1987; Charaudeau, 2007).

Ressalto que após cada charge, há a inclusão de um quadro que detalha esses deslizamentos de sentido, explicando como os elementos visuais e textuais se deslocam de um significado inicial para outro, contribuindo para uma compreensão da FD empoderamento feminino em diversos contextos.

3.1 Entre o sagrado e o profano: a FD “Empoderamento Feminino” *versus* “Religião”

Ah! As nefastas mulheres! Acusadas de sujas, irracionais, infernais, culpadas desde seu nascimento pelos males da humanidade, pela queda de Adão e pela morte dos homens. Bruxas, feiticeiras, concubinas do demônio, curandeiras, detentoras de saberes ocultos, durante as guerras eram violadas, mortas, tomadas por escravas, afastadas de sua prole e de seus familiares. Na verdade, é sobre as mulheres que, ao longo da construção da civilização humana, recaem todos os malefícios da guerra, da fome, da peste, da religião e do domínio masculino.

Mas nem sempre foi dessa forma. No estudo antropológico de outros povos, considerados, no século XIX e na primeira metade do século XX, como primitivos e incivilizados, achamos traços de uma ordem matriarcal com uma ordem de sucessão absolutamente rigorosa e herança legalmente aceita através do nome materno. O principal reflexo dessas sociedades eram os cultos às deusas e aos atributos femininos, como a fertilidade.

Um último resquício dessa ordem social subsistiu durante algum tempo entre os gregos, tal como no culto às divindades fêmeas: Afrodite, Atenas, Artêmis, Gaia, Europa, Hera, Diana. Deusas que simbolizavam o que havia de melhor na raça humana: a coragem do caçador, a beleza e o amor, as colheitas fartas, a própria terra, o matrimônio e a sabedoria.

Acerca do assunto, Brandão (1986, p. 44) destaca algumas peculiaridades das sociedades neolíticas do arquipélago grego:

O sítio neolítico mais bem conhecido é *Dimini*, na Tessália, e que corresponde ao Neolítico II. Trata-se de uma acrópole, de uma cidade fortificada, fato raro para a época. O reduto central contém um *mégaron*³⁸, ou grande sala, o que revelaria uma organização monárquica. Trata-se, e é isto que importa, de uma civilização agrícola. O homem cuida dos rebanhos e a mulher se encarrega da agricultura, o que patenteia a crença de que a fecundidade feminina exerce uma grande e benéfica influência sobre a fertilidade das plantas. A divindade soberana do Neolítico II, na Grécia, é a *Terra-Mãe*, a *Grande Mãe*, cujas estatuetas, muito semelhantes às cretenses, representam

³⁸ [Do gr. *mégaron*.] Substantivo masculino. 1. Grande sala central de uma antiga casa micênica, em cujo centro ger. havia uma lareira. 2. Parte interna de um templo grego, que abrigava a imagem de uma divindade (Ferreira, 2004).

deusas de formas volumosas e *esteatopígicas*³⁹. A função dessas divindades, *hipóstases* da Terra-Mãe, é fertilizar o solo e tornar fecundos os rebanhos e os homens.

O mais notável é que a supremacia da razão, a sabedoria, seja simbolizada por uma deusa: Atenas ou Palas Atenas, enquanto o contraponto, a irracionalidade e a violência sejam simbolizadas por um deus: Aries, o deus da Guerra.

Eis um campo profícuo aos estudiosos das ciências humanas e sociais, para os quais nada deveria ser tão sagrado ou tão profano que não devesse ser tocado, a exemplo da religião. As indagações que surgem diante de nossos olhos, tão brilhantes quanto um letreiro de neon, são: Até que ponto a religião desempenha papel preponderante na forma como a mulher é vista em sociedade? Até onde se estende a influência da religião nas relações sociais?

Para iniciarmos a discussão acerca do polêmico assunto, cito Jane Soares de Almeida (2006, p. 59), que no artigo “Os Paradigmas da Submissão: Mulheres, Educação e Ideologia Religiosa”, esclarece essa questão e afirma:

A religião se insere na cultura da sociedade ao edificar regras e valores, ditando hábitos e costumes, **normalizando corpos e esculpindo mentes**, numa escalação axiológica que regra comportamentos e estabelece uma tessitura inconsútil nas relações entre homens e mulheres. Essas últimas convergem para si o imaginário social que lhes atribui simbologias próprias ao que se espera de seu sexo. Ao reger o comportamento com o apelo ao imaginário e ao sagrado, a **religião ratifica os princípios morais e educacionais quanto ao sexo feminino** e advoga sua perenidade ao edificar com sucesso a simbologia da sacralidade vocacionada que aureola o protagonismo feminino e se presta eficazmente à manutenção desses princípios. **Sob seus dogmas**, as relações de gênero se solidificam cultural e ideologicamente, dando espaço ao simbólico que paira sobre a vida social, a política e a economia. Em contrapartida, essas relações também são erodidas ao darem abertura para a violência, a discriminação e o preconceito (Grifei).

Cumprе salientar que a religião se destaca como primeiro legislador, primeiro juiz e primeiro carrasco na forma de organização comunal entre nossos ancestrais. Desde “priscas eras”, a religião mostra sua influência de forma decisiva, não apenas no âmbito das relações sociais, mas também na regulação da ideologia dominante.

³⁹ Esteatopíxico [De *esteatopigia* + *-ico*.] Adjetivo. Relativo à esteatopigia, ou que a tem. [De *esteat(o)*- + *-pig(o)*- + *-ia*.] Substantivo feminino. 1. Med. Acúmulo excessivo de gordura nas nádegas, que ocorre especialmente nas mulheres e é frequente nos hotentotes, boximanes e pigmeus (Ferreira, 2004).

Afinal, a religião referenda as decisões políticas, sanciona tratados, arroga-se do manto de Themis⁴⁰ e ainda decide a “sorte” dos povos. Não sem motivação, afirma a autora:

Não resta dúvida de que a religião ocupa lugar determinante na vida humana e está inserida na cultura e no delineamento da identidade de um povo. **Em nome da religião, guerras são travadas e civilizações dizimadas.** O cristianismo é uma das religiões que mais produziram santos na Crônica do Martirólogo da Humanidade [...] (Almeida, 2006, p. 69, grifei).

A influência da religião é tamanha, que desde a perseguição aos hereges, que se opunham aos dogmas da religião oficial do Estado, até as cruzadas contra os muçulmanos passando pelos *progroms*⁴¹ contra os judeus e a dizimação dos povos pré-colombianos, vemos a religião como mola mestra dos momentos e movimentos mais sangrentos da humanidade. A religião é, ao longo da história humana, responsável por ideologias que pressupõem a superioridade de certas raças, culturas e civilizações sobre outras, referendando inclusive a escravidão e as servidões humanas. E, neste sentido, afirma Almeida (2006, p. 69):

Os cristãos, ao longo dos séculos, impuseram sua crença ocidental aos demais povos ao redor do mundo, por meio de uma **cultura teológica ou imperialismo teológico e cultural**, num processo de aculturação que levou à perda da religião original de conglomerados primitivos [...] (Grifei).

A religião também foi responsável pela primeira onda da “globalização”, impondo aos povos conquistados a catequese forçada e a uma conversão obrigatória à religião oficial do conquistador, numa ação tão violenta que impôs inclusive a morte de cristãos pelas espadas de cristãos no ocidente e a morte de muçulmanos pela espada de outros muçulmanos no oriente.

⁴⁰ Brandão (1986, p. 151-152) assim ilustra a importância da deusa: [...] não havia código algum escrito de direito no período micênico, [...] o direito grego oral, consuetudinário, estava nas mãos dos nobres, dos Eupátridas, que, por "conhecimento hereditário", pretendiam interpretá-lo e aplicá-lo. Era o direito baseado na *thémis*, "têmis" (*Thémis*, "Têmis", é a deusa da justiça), isto é, na justiça de caráter divino, uma espécie de ordálio, cujo depositário é o rei, o eupátrida, que decide em nome dos deuses. Não foi apenas Hesíodo que se queixou dos "reis comedores de presentes", que não raro julgavam em seu próprio proveito. Foi exatamente com isto inclusive, que Sólon tentou romper, substituindo a Têmis pela Díke, "Dique", isto é, pela justiça dos homens, baseada em leis escritas.

⁴¹ Vocábulo eslavo, que significa linchamento público.

Como não poderia deixar passar nenhum assunto incólume, a religião também impôs aos gêneros os seus papéis, sendo que ditou, desde o nascimento, qual seria o fado⁴² de homens e mulheres. Desde o berço, a educação, os valores e as formas de agir dos gêneros foram definidos pela ideologia religiosa. Diz a benção ao nascimento dos meninos que:

Meu filho amado, esta casa onde nasceste não é senão um ninho, uma pousada onde chegastes, é tua saída do mundo, aqui brotas e floresces, aqui te separarás de tua mãe, tua própria terra está em outra parte, é o campo onde se guerreia e teu ofício será dar de beber ao sol o sangue de teus inimigos e dar de comer à terra os corpos de teus inimigos (Guerra *apud* Almeida, 2006, p. 70).

Depreende-se da citação que o destino do infante era a virilidade, a guerra, a força e os louros da vitória. Ele deveria ganhar o mundo como conquistador e viver do butim, do saque, do estupro e da violência. Às infantas, não, nunca, jamais! A essas, a benção diferia assustadoramente:

[...] Filha minha, viestes a este mundo enviada por nosso senhor que está em todo lugar, viestes a um lugar de cansaço, de trabalho e de servidão, onde faz frio e vento. Tu haverás de estar dentro de casa como o coração dentro do corpo, não deverás sair de tua casa, não terás o costume de ir a nenhuma parte, deverás ser a cinza que com que se cobre o fogo do lar, deverás ser as brasas onde se colocam as panelas, aqui deverás trabalhar, teu ofício será trazer água e moer o milho, aqui haverás de suar sobre as cinzas e o lar (Guerra *apud* Almeida, 2006, p. 70).

À infanta, a nascida menina, mesmo que fosse uma princesa, uma aristocrata, ou até mesmo uma nobre, não poderia ter um destino de guerra e glória, e se por acaso buscasse tal destino, fatalmente acabaria na fogueira como a donzela de Orleans⁴³, que após inúmeras batalhas vitoriosas contra os ingleses, foi acusada de bruxaria e morreu queimada. Tendo um destino bem semelhante ao impingido à primeira mulher “sábia” da humanidade, Hipatia de Alexandria⁴⁴, isto é, a primeira a

⁴² Destino, sina.

⁴³ Santa Joana D’Arc.

⁴⁴ Hipatia de Alexandria, filha de Teon de Alexandria, curadora da Biblioteca de Alexandria, inventora do astrolábio e do densímetro, foi criada por seu pai com todos os saberes só disponíveis aos homens, dentre estes, a Filosofia, a Matemática, a Astrologia. Circulava livremente pelo meio masculino e, por ser considerada uma herética, teve seus membros totalmente esfolados e depois queimados, ainda pulsando, por São Cirilo, em 415 depois de Cristo. Um dos principais motivos de ter sido considerada herege deu-se em face de ter escolhido não se casar e ter filhos. Cumpre salientar que, após sua morte,

ter seu destino escrito nos anais da história (Duby; Perrot, 1995). Neste sentido, destaco que a religião tinha tamanha primazia na sociedade e nos assuntos sagrados e mundanos, que ditou, inclusive, a forma de agir e avançar a ciência em assuntos tão díspares quanto à astronomia e à medicina.

Sobre a força destas influências, ressalto que, numa breve análise dos principais livros sagrados do cristianismo, tanto a mulher cristã quanto a mulher e a mulher hebreia sempre foram relegadas aos papéis de mãe e esposa, sendo intensamente submissas à autoridade patriarcal. Fato que ainda hoje é preponderante nas relações sociais e de gênero, visto que a religião cristã tratou as mulheres de forma preconceituosa e estigmatizante, da mesma forma que o judaísmo ou o islamismo, como ensina Almeida (2006, p. 71), nesta instigante constatação: “O cristianismo, apesar de todas as afirmações em contrário, nomeou atributos negativos às mulheres e nunca confiou no sexo feminino, atribuindo às mulheres vícios e exigindo-lhes virtudes e comportamentos não cobrados dos homens”.

Eis aqui a divisão mais profundamente arraigada no inconsciente de homens e mulheres até os dias de hoje, a divisão dos gêneros, dos papéis atribuídos a esses gêneros e acima de tudo, do desenvolvimento da mulher, a quem era negado a qualidade de “ser”, considerando que a religião nega a mulher o poder sobre seu corpo, a tomada de decisões sobre sua vida, tendo seu devir obstado por uma instituição que a acusou de suja, irracional, infernal e culpada de todos os males da humanidade⁴⁵.

Enfim, para relacionar ao contexto deste subtítulo, ponho em evidência duas das charges pertencentes ao *corpus* selecionado.

E, no enquadramento da opressão feminina e das culpas e críticas constantemente atreladas ao gênero feminino, apresento a imagem nº 5, charge da artista iraniana, “Firoozeh Mozaffari”:

a célebre Biblioteca de Alexandria foi parcialmente destruída e teve seu acervo disperso. Inclusive, muitas das obras remanescentes estão na Biblioteca do Vaticano, sem possibilidade de consulta pelos acadêmicos e pela população em geral. Um claro exemplo de como a religião influenciou nas relações sociais e na própria construção do conhecimento.

⁴⁵ Cumpre salientar que esta afirmação tem embasamento no fato de os dogmas cristãos ainda permanecerem intocados. O sumo pontífice, por exemplo, tem reafirmado categoricamente, ao longo das últimas décadas, em suas encíclicas, qual o papel da mulher na sociedade como esposa, mãe e educadora, tão somente.



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge da artista iraniana Firoozeh Mozaffari mostra uma mulher vestida com um *hijab*, cobrindo seus ouvidos, enquanto uma língua, representada por um cinto, sai da boca de um homem. Esta imagem oferece uma crítica visual às pressões e opressões enfrentadas pelas mulheres na sociedade iraniana e, mais amplamente, nas sociedades patriarcais. Na imagem, a artista utiliza a **metáfora visual** e a **ironia** para criticar a opressão e o silenciamento das mulheres na sociedade iraniana. Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pelas liberdades e direitos das mulheres no Irã, a charge sublinha a importância de desafiar as normas patriarcais e promover a igualdade de gênero. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes que impedem o avanço da igualdade, enfatizando a necessidade urgente de ações concretas para superar essas desigualdades e apoiar o empoderamento feminino.

No que tange à contextualização histórico-enunciativa, a **metáfora visual** que se destaca imediatamente é a língua como um cinto, sugerindo controle e opressão. O cinto, como um objeto de restrição, simboliza a tentativa de controlar e restringir a liberdade de expressão das mulheres. Destaco também a ação de cobrir os ouvidos, que pode simbolizar tanto a tentativa de se proteger do abuso verbal e da opressão quanto o desejo de ignorar ou resistir às imposições opressivas.

No tocante ao componente **ironia e crítica social**, a ironia reside no fato de

que, embora a língua seja um meio de expressão, aqui ela é representada como um meio de opressão e controle, subvertendo seu papel usual. Ademais, a charge critica o patriarcado e a opressão sistemática das mulheres, destacando as pressões e restrições verbais e sociais que elas enfrentam.

Para analisar a FD empoderamento feminino na charge apresentada, é importante observar como os elementos visuais e simbólicos da imagem contribuem para a construção de significados relacionados ao empoderamento das mulheres. Para tanto, vou analisar estes aspectos a partir de alguns elementos, iniciando pelos **elementos visuais e simbólicos**.

Primeiramente destaco a **mulher com postura defensiva**. Neste aspecto, a mulher é a figura central, que parece estar sofrendo ou se sentindo oprimida, tendo em vista que ela está cobrindo parte do rosto com um dos braços, gesto que pode indicar vergonha, medo ou proteção. Noutro prisma, a mulher na charge parece estar em uma postura que sugere tentativa de autoproteção e talvez resistência. E, embora ela pareça oprimida, seu ato de cobrir o rosto com o braço pode também ser interpretado como um ato de autopreservação e resiliência.

Outro destaque está no **cabelo trançado e na vestimenta tradicional**, elementos que podem representar a identidade cultural e a força interna da mulher. A trança e a vestimenta tradicional podem simbolizar uma conexão com suas raízes, ou cultural específica, possivelmente islâmica, e um orgulho de sua identidade, aspectos que são importantes no discurso de empoderamento feminino.

Mais um elemento visual importante desta charge está na **língua como cinto**. Ressalto que no canto superior esquerdo, a figura parcial de um rosto masculino com uma língua que se assemelha a um cinto, inicialmente, remete ao acessório a um símbolo forte que pode representar controle, repressão e autoridade. Entendo que esse elemento é crucial na charge, e a língua-cinto que sai da boca masculina pode ser vista como uma representação da tentativa de controle e silenciamento da voz feminina. Contudo, a própria existência da charge e a visibilidade dessa dinâmica também sugerem um ato de denúncia e resistência.

Quanto ao **contexto sociocultural e ideológico**, destaco a questão da **opinião e da liberdade de expressão**, sendo que a charge parece estar criticando a falta de liberdade de expressão e a opressão sofrida por mulheres em certas culturas

ou contextos sociais. E, neste sentido, a imagem da língua como cinto pode sugerir que as palavras do homem são usadas para impor normas e silenciar a mulher. Também no contexto supracitado, importa mencionar a importância dos **direitos das mulheres**, sendo que a imagem remete a uma representação visual das dificuldades e repressões que muitas mulheres enfrentam, especialmente em contextos em que há forte controle patriarcal e autoritário.

Ainda sobre o **contexto sociocultural**, a charge também apresenta **repressão e autoridade**, sendo que reflete sobre contextos em que as mulheres são oprimidas por discursos autoritários. Contudo, ao ilustrar essa opressão, a imagem também sugere a importância de questionar e resistir a essas dinâmicas de poder. Finalmente, vislumbro o **empoderamento através da arte**, pois a própria existência da charge como uma obra de arte é um ato de empoderamento. A arte possui o poder de articular discursos significativos e de mobilizar ações coletivas. Ao destacar a opressão, a charge encoraja o debate e a luta por igualdade e justiça.

Especificamente no **contexto social**, a sociedade iraniana, como muitas outras, tem expectativas tradicionais de gênero que colocam as mulheres em posições subalternas e limitam sua participação plena na vida pública. As mulheres no Irã frequentemente enfrentam opressão sistêmica, manifestada através de leis discriminatórias, práticas sociais restritivas e violência de gênero. Ainda neste sentido, merece destaque o silenciamento das mulheres, sendo que a imagem da mulher cobrindo os ouvidos simboliza justamente esta condição, considerando que as mulheres muitas vezes são desencorajadas a falar ou agir contra a opressão que enfrentam. A língua parecida com um cinto que sai da boca do homem representa a repressão verbal e social que limita as vozes e liberdades das mulheres.

Outro contexto que merece destaque é o **contexto histórico**, sendo que a luta pelos direitos das mulheres no Irã tem como importante marco a Revolução Islâmica de 1979, que marcou uma grande transformação na sociedade iraniana, com a imposição de leis islâmicas rigorosas que afetaram diretamente os direitos das mulheres, incluindo o código de vestimenta obrigatório (*hijab*) e restrições nas liberdades pessoais e sociais. Entretanto, apesar das restrições, os movimentos feministas no Irã têm uma longa história de luta pelos direitos das mulheres, desafiando as normas impostas e buscando maior liberdade e igualdade. Ainda neste contexto, em diferentes períodos, houve tentativas de reformas que buscavam

melhorar a condição das mulheres, mas frequentemente enfrentaram resistência de elementos conservadores dentro do governo e da sociedade. Por conseguinte, as mulheres continuam a enfrentar restrições legais e sociais que limitam suas liberdades e direitos, refletindo uma constante batalha entre forças progressistas e conservadoras.

Neste sentido, destaco também o **discurso do empoderamento** através dos **símbolos de identidade e resistência**, sendo que a trança e a vestimenta tradicional podem ser vistas como símbolos de identidade cultural e resistência. E, partindo deste prisma, a mulher não está apenas sendo oprimida, mas também pode estar afirmando sua identidade e sua dignidade. Ainda sobre a questão visual, a **crítica ao poder patriarcal** se conecta à língua-cinto, que representa a crítica ao poder patriarcal que tenta silenciar as mulheres. Portanto, a visualização desse símbolo é uma forma de empoderar as mulheres ao expor e questionar essas estruturas de poder.

Enfim, a FD empoderamento feminino na qual se insere o sujeito chargista remete à **denúncia da opressão da religião**, sendo que a charge expõe a opressão que muitas mulheres enfrentam, especialmente em contextos em que a voz masculina é usada para controlar e silenciar. A visualização dessa opressão é o primeiro passo para conscientizar e mobilizar a resistência. Remete também à **resiliência e resistência**, pois a mulher, apesar de estar em uma postura defensiva, está resistindo ao controle. E isso simboliza a força interior e a resiliência das mulheres que, mesmo diante de opressão, encontram formas de se proteger e lutar contra as injustiças.

Finalmente, evidencio a **visibilidade das questões de gênero**, considerando que, ao trazer à tona essa dinâmica de poder, a charge contribui para o discurso de empoderamento ao tornar visíveis as questões de gênero e a luta contra a opressão, já que a conscientização é um passo importante no processo de empoderamento.

Em síntese, a charge não só denuncia a opressão enfrentada pelas mulheres, mas também atua como um instrumento de empoderamento ao visibilizar e criticar essas dinâmicas de poder. A resiliência da mulher na imagem e a crítica ao discurso autoritário são elementos centrais na FD empoderamento feminino presente na charge.

Sendo assim, quando analiso os **elementos visuais e simbólicos**, destaco que a mulher está vestida de forma que pode sugerir uma vestimenta religiosa ou

cultural tradicional, possivelmente indicando uma associação com práticas religiosas específicas. Isso pode simbolizar as normas e expectativas religiosas em relação às mulheres. Em relação à postura corporal, a mulher parece estar se protegendo, um gesto que pode ser interpretado como uma resposta às pressões e opressões que ela enfrenta, possivelmente incluindo aquelas impostas por normas religiosas. Enfim, a língua transformada em cinto saindo da boca masculina pode simbolizar a utilização do discurso religioso (ou de uma interpretação específica dele) como uma ferramenta de controle e repressão das mulheres.

No **contexto sociocultural e religioso**, a imagem sugere que certas normas religiosas são utilizadas para controlar e silenciar as mulheres. Este controle pode ser exercido através de discursos autoritários que impõem comportamentos e limitam a liberdade feminina. Neste sentido, a língua-cinto pode simbolizar o patriarcado dentro das estruturas religiosas, onde líderes ou figuras de autoridade masculina usam a religião para manter o controle sobre as mulheres.

Enfim, no tocante à FD **empoderamento feminino**, a charge sugere que as interpretações religiosas podem ser usadas para silenciar e controlar as mulheres. Ao expor essa dinâmica, a imagem está questionando essas interpretações e sugerindo a necessidade de reavaliar o papel da religião na vida das mulheres. Neste diapasão, a mulher na charge, embora oprimida, está em uma postura que sugere resistência. Isso pode ser interpretado como uma representação de mulheres que, dentro de contextos religiosos, lutam por sua autonomia e seus direitos. Entendo que a charge contribui para o empoderamento ao tornar visíveis as formas como o discurso religioso pode ser utilizado para oprimir. Afinal, a exposição dessa dinâmica pode ser um passo crucial para a conscientização e a luta por igualdade.

Destaco que, no **interdiscurso** entre empoderamento *versus* religião, a charge questiona como certas interpretações religiosas podem ser prejudiciais para as mulheres. Isso não é uma crítica à religião em si, mas às interpretações que perpetuam a desigualdade de gênero. Neste sentido, a imagem pode ser vista como um chamado para que as mulheres fortaleçam sua identidade e resistência, mesmo em contextos religiosos que podem ser opressivos. Trata-se de um discurso voltado para buscar formas de empoderamento que reconciliem a fé com a igualdade de gênero.

Importa também destacar que a **memória discursiva** desta charge remete a

uma longa tradição de discursos patriarcais e religiosos que operam sobre o corpo e a voz das mulheres. A figura masculina, com uma língua que se transforma em um cinto, representa a persistência desses discursos de controle e opressão. Ao mesmo tempo, a mulher, coberta com um véu e com as mãos sobre os ouvidos, simboliza o impacto desses discursos sobre sua subjetividade e seu silenciamento. Por conseguinte, compreendo que a memória discursiva articula uma tensão entre discursos patriarcais e religiosos que oprimem as mulheres e as formas de resistência, ainda que silenciosas, que elas manifestam diante dessa opressão. O deslizamento de sentido, típico da AD, é evidente na transformação do discurso verbal em um instrumento de opressão física (a língua como cinto), reforçando a crítica à dominação masculina e à perpetuação de estruturas de poder que limitam o empoderamento feminino.

Conforme menção no capítulo I, o conceito de **biopoder** de Foucault (1976) refere-se ao controle e à regulação da vida e dos corpos pelas instituições e discursos de poder. Na charge em análise, destaco a representação de uma mulher coberta, em uma postura de opressão, enquanto uma figura masculina com uma "língua-cinto" exerce uma forma de controle verbal, visualmente simbolizando a opressão que a prende. Esse cinto e sua função de silenciamento remetem ao biopoder no sentido de que o corpo feminino está sendo controlado não apenas fisicamente, mas também simbolicamente, limitando sua expressão, liberdade e autonomia.

Sob a ótica da AD de linha francesa e do conceito de **biopoder** de Foucault (1976), esta charge expõe o controle invisível e normativo sobre o corpo feminino. Neste sentido, o **biopoder** regula a vida da mulher, impondo limites sobre sua liberdade de expressão, sua autonomia corporal e sua subjetividade. O que não é dito pela charge, mas que pode ser interpretado dentro da FD empoderamento feminino, é que essa mulher está sujeita a um sistema de controle que a impede de se empoderar, de agir e de ter autonomia. O biopoder, nesse sentido, atua de forma a impedir que as mulheres alcancem a liberdade que o discurso de empoderamento busca promover. O **biopoder**, nesse sentido, não se expressa abertamente, mas é interiorizado pela sociedade, pelas instituições e pelas próprias mulheres, que acabam aceitando e reproduzindo essas normas de comportamento. O que influencia a análise é, portanto, a invisibilidade desse controle, que molda o corpo e a vida da mulher sem que isso seja necessariamente percebido de forma consciente.

Neste âmbito, destaco os **sentidos identificados no corpus em estudo**, que, analisados a partir da AD de linha francesa com ênfase na FD empoderamento feminino, a imagem problematiza o poder e a opressão sobre a mulher. Ressalto que a análise considera a relação entre o não dito e as práticas discursivas que sustentam o silenciamento e a opressão feminina, de modo que a charge, ao tensionar esses elementos, mobiliza o empoderamento como resposta crítica.

E, neste sentido, optei pela elaboração de um **quadro em que** apresento como os sentidos deslizam de uma FD a outra, produzindo sentidos múltiplos e, muitas vezes, contraditórios:

1 LÍNGUA-CINTO	
Significado	Sentidos
A língua é o órgão da fala, associado à comunicação, à expressão e ao discurso.	Ao ser representada como um cinto, a língua transforma-se em símbolo de controle e opressão, indo além da fala. Aqui, o que poderia ser visto como uma fala legítima e comunicativa desliza para o campo do silenciamento, onde o discurso do homem não é apenas fala, mas ferramenta de dominação. A FD de empoderamento feminino se opõe diretamente a essa metáfora, pois o empoderamento implica a possibilidade de expressão, enquanto a língua-cinto representa a imposição de poder e submissão.
2 MULHER COBRINDO OS OUVIDOS	
Significado	Sentidos
O gesto de cobrir os ouvidos parece uma ação de proteção contra o que está sendo dito.	A partir de uma análise discursiva, esse gesto sugere um silenciamento forçado, onde o ato de cobrir os ouvidos não se trata de uma escolha ativa, mas de uma necessidade de autoproteção frente à opressão verbal que a envolve. Este gesto desloca o sentido do simples ato de “não ouvir” para um indicativo da exclusão da mulher dos espaços de fala e poder. Assim, o que parece ser uma recusa em ouvir se revela, no campo da FD, como a imposição de um silêncio e a ausência de poder de resposta – uma crítica clara à opressão patriarcal.
3 HIJAB E TRANÇA	
Significado	Sentidos
Esses elementos visuais representam identidades culturais e religiosas, tradicionalmente ligadas à modéstia e à feminilidade.	Na charge, esses símbolos deslizam para representar opressão e controle. O hijab, que em muitos contextos pode ser um símbolo de identidade e escolha, aqui é associado ao controle sobre o corpo e à fala feminina, sugerindo a presença de uma pressão externa que restringe sua liberdade. A FD do empoderamento feminino, ao ser inserida nesse contexto,

	propõe a desconstrução dessas tradições como práticas de controle e questiona até que ponto elas estão imbricadas em relações de poder que silenciam a mulher.
4 LÍNGUA COMO FERRAMENTA DE PODER	
Significado	Sentidos
A fala do homem, que deveria ser um ato de comunicação	A língua que se transforma em cinto desliza o sentido da fala do homem para uma ferramenta de dominação. A fala aqui não comunica, mas reprime, deslocando-se para o campo da violência simbólica. No discurso de empoderamento feminino, o acesso à fala é crucial para a emancipação, e essa charge tensiona o lugar da fala masculina como um instrumento de perpetuação da desigualdade de gênero, mostrando que, em vez de construir diálogos, o discurso masculino muitas vezes perpetua o controle e a opressão.
5 METÁFORA DO CONTROLE E SUBMISSÃO	
Significado	Sentidos
O cinto é um objeto que regula, ajusta e controla, sendo associado à disciplina.	Ao ser comparado à língua, o cinto sugere que o discurso masculino funciona como um mecanismo de controle sobre as mulheres, deslocando-se para o campo da submissão forçada. Este deslizamento associa o poder da fala à imposição do patriarcado sobre as mulheres, reforçando o lugar do silêncio e da obediência feminina. Na FD do empoderamento feminino, essa imagem é altamente contraditória, pois o empoderamento pressupõe a libertação do controle externo sobre o corpo e a voz das mulheres.
6 EXPRESSÃO CORPORAL E DEFESA	
Significado	Sentidos
A postura da mulher pode ser interpretada como defensiva, um movimento para se proteger da violência verbal.	A defesa corporal não é apenas um reflexo físico, mas também um símbolo de resistência passiva diante da opressão. Essa defesa se desloca de uma ação pessoal para um símbolo coletivo, onde a mulher resiste, mesmo que em silêncio, às estruturas patriarcais que a controlam. A FD de empoderamento feminino sugere que essa resistência passiva pode evoluir para ações mais ativas de contestação, onde a mulher deixa de ser o objeto controlado para se tornar sujeito de sua própria narrativa.

Os deslizamentos de sentido nesta charge, vistos à luz da AD de linha francesa, expõem como as práticas discursivas de controle e dominação masculina são naturalizadas no discurso patriarcal, representado pelo cinto-língua. Esses

deslizamentos ressaltam a oposição direta entre o discurso de poder masculino e a FD do empoderamento feminino. A mulher, que cobre os ouvidos e é silenciada, é também a figura que, mesmo em uma postura de defesa, carrega em si a possibilidade de resistência, ainda que velada. A ironia e a metáfora visual reforçam a crítica à dominação patriarcal, ao mesmo tempo em que sugerem a necessidade urgente de resignificação dessas práticas, onde o empoderamento feminino não seja apenas o "não dito", mas uma realidade discursiva atuante.

Além dos elementos em destaque, vislumbro ainda que há uma relação dialética entre a FD religião e a FD empoderamento, pois a charge ilustra o conflito entre as normas religiosas opressivas e o movimento de empoderamento feminino. No entanto, também sugere que é possível resistir e buscar um espaço onde a religião e o empoderamento possam coexistir, através de interpretações mais igualitárias e justas. Em resumo, o autor da charge, como agente discursivo, utiliza elementos visuais para criticar a utilização de certos discursos religiosos na opressão de mulheres, ao mesmo tempo em que destaca a resistência e a busca por empoderamento dentro desses contextos. Enfim, a FD aqui é complexa, abordando tanto a opressão quanto a resistência e a luta por igualdade, mesmo em face de normas religiosas restritivas.

Ainda no âmbito do sagrado *versus* profano, é pertinente apresentar a imagem nº 3, que consiste na charge do artista paquistanês “Patrick Chappatte”, um dos artistas fundadores da fundação “Desenhando pela paz”:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge de Patrick Chappatte utiliza a metáfora visual e a ironia para criticar os impactos devastadores da guerra na educação infantil e destacar a importância da educação para crianças em zonas de conflito. Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pela educação em áreas afetadas por conflitos, a charge sublinha a necessidade urgente de ações concretas para garantir que todas as crianças possam acessar a educação de maneira segura e contínua. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes à educação e a esperança resiliente das crianças que aspiram a um futuro melhor.

No aspecto relacionado à enunciação e estratégias discursivas, a **metáfora visual** em destaque é o ambiente devastado, tendo em vista que o cenário de destruição ao redor das meninas simboliza os impactos devastadores da guerra e como ela rouba a infância e as oportunidades de desenvolvimento. A metáfora se completa com a presença do tanque, sugere a contínua ameaça e a presença de violência e militarização que impede o desenvolvimento pacífico e educacional das crianças.

No que tange aos componentes **ironia e crítica social**, a ironia reside na resposta simples e inocente da menina, que contrasta fortemente com o ambiente de devastação e conflito. Isso destaca a desconexão entre as aspirações das crianças e a realidade que elas enfrentam. A charge critica implicitamente a guerra e seus efeitos devastadores sobre as crianças e suas oportunidades de educação e desenvolvimento.

Pelo fato de ter sido uma das premiadas pelo concurso realizado pela ONU Mulheres, o contexto indica que a charge trata de temas relacionados à igualdade de gênero, empoderamento feminino e direitos das mulheres, especialmente em contextos de conflito. Na análise visual, a charge apresentada mostra duas meninas sentadas em escombros, possivelmente em uma zona de conflito, com um tanque de guerra ao fundo. Uma das meninas pergunta à outra: "*Et toi, tu aimerais faire quoi plus tard?*" (E você, o que gostaria de ser quando crescer?), ao que a outra responde: "... *écolière*"⁴⁶ (estudante).

⁴⁶ Em meio a uma guerra, duas meninas conversam. A da esquerda pergunta: "**E você, o que gostaria de ser quando crescer?**". A da direita responde: "... **Estudante**" (ONU Mulheres, 2018, grifei).

Esta charge oferece uma base rica para a análise de FD, especialmente em relação à situação das meninas em zonas de guerra, educação e infância, destacando o impacto dos conflitos em suas vidas e suas aspirações. Começo a análise destacando o **contexto social e histórico**. Neste sentido, a **guerra** oportuniza analisar como plano de fundo o cenário de desolação, com a presença de escombros e de um tanque de guerra, o que sugere um cenário de conflito armado. Aliás, muitos países ao redor do mundo, incluindo regiões no Oriente Médio e sul da Ásia, têm sido devastados por conflitos armados que afetam severamente a infraestrutura, incluindo escolas e serviços educacionais. Organizações internacionais como a UNICEF e a ONU têm destacado a importância da educação, especialmente em zonas de conflito, e os direitos das crianças a uma educação segura e contínua. Este contexto é crucial para entender as limitações e os desafios enfrentados pelas crianças nessas regiões. E, nesta linha de raciocínio, vem à tona a questão crucial do **direito à educação**, considerando a resposta da menina, que deseja ser uma estudante, o que enfatiza a importância da educação, um direito fundamental frequentemente negado em situações de guerra.

Ainda no âmbito da educação, é necessário destacar a importância do ativismo pela educação. Acerca do assunto, merece destaque a jovem paquistanesa Malala Yousafzai, mulher que se tornou uma figura proeminente na defesa da educação para meninas em zonas de conflito, considerando que sobreviveu a um atentado do Talibã e continua a lutar pela educação de meninas em todo o mundo. Neste âmbito, diversas iniciativas e campanhas globais têm sido lançadas para promover a educação em zonas de conflito, reconhecendo a educação como um direito fundamental e uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e a paz.

Especificamente no **contexto social**, lembro que as guerras frequentemente resultam na destruição de escolas e outras infraestruturas educacionais, tornando difícil ou impossível para crianças frequentarem a escola. E, crianças em zonas de conflito enfrentam traumas significativos e deslocamento, o que agrava as dificuldades de acesso à educação. Ademais, a resposta "*écolière*" (escolar) sublinha o desejo de normalidade e um futuro melhor para as crianças em zonas de conflito. Apesar das circunstâncias adversas, muitas crianças mantêm esperanças e aspirações para um futuro educado e seguro. Neste sentido, posso inferir que a educação é vista não

apenas como uma atividade acadêmica, mas como um símbolo de esperança, normalidade e desenvolvimento futuro.

No contexto dos **elementos visuais e simbólicos**, destacam-se os **escombros e tanque de guerra**, elementos visuais que evidenciam a devastação causada pela guerra e como ela afeta todos os aspectos da vida, inclusive as aspirações e os direitos das crianças. Já as **meninas sentadas** representam a fragilidade e a vulnerabilidade infantil, sendo que as meninas estão em meio aos escombros, o que simboliza a destruição de suas vidas cotidianas e sonhos devido à guerra.

Enfim, a FD também pode apresentar o **impacto da guerra na infância**. E, neste contexto, a charge aborda a referida FD sobre o impacto devastador da guerra na infância, tendo em vista que as crianças são forçadas a lidar com realidades extremas que destroem suas oportunidades e sonhos. Outra FD apresentada é o **direito à educação**, que em contextos de conflito é inexistente. Causa impacto a resposta da menina, que deseja ser uma estudante, e ressalta a FD sobre o direito à educação. É importante destacar que, em contextos de guerra, esse direito é frequentemente violado, e a simples aspiração de ser estudante se torna um desejo profundo e, muitas vezes, inalcançável. As FDs **resiliência e esperança** ensejam um discurso contraditório, considerando que apesar do cenário devastador, a aspiração da menina de ser estudante mostra uma forma de resiliência e esperança. Isso revela a FD da resistência humana e a persistência do desejo de aprender e crescer, mesmo nas condições mais adversas.

Enfatizo que a charge em análise apresenta algumas críticas implícitas, tais como a falha das instituições internacionais em proteger os direitos das crianças e garantir a paz, o que tem sido constatado nas constantes falhas dos sistemas de proteção e operacionalização da ONU e dos governos. Outra crítica se encontra na ironia e nos contrastes. E, neste sentido, há uma ironia poderosa no contraste entre a pergunta inocente sobre o futuro e a resposta simples da menina. Este contraste enfatiza a tragédia de como a guerra reduz os sonhos das crianças a desejos básicos que deveriam ser garantidos.

A charge oferece uma reflexão profunda sobre a FD em torno da guerra, infância e direito à educação. Destaca como os conflitos armados destroem as vidas e os sonhos das crianças, transformando aspirações simples em desejos quase

inatingíveis. Ao fazer isso, a charge critica implicitamente a incapacidade da comunidade internacional de proteger esses direitos fundamentais e ressalta a resiliência das crianças que, apesar de tudo, continuam a sonhar com um futuro melhor. Neste diapasão, destaco o discurso de direitos humanos, tendo em vista que a resposta da menina "...écolière" destaca a violação dos direitos das crianças, especialmente o direito à educação, em contextos de guerra.

Acerca do assunto, importa sinalizar a **intertextualidade** desta charge, considerando a conexão com os discursos globais sobre direitos das crianças, direitos humanos e a importância da educação para todos, ecoando os objetivos e missões da ONU Mulheres.

Cumprе ressaltar que a charge apresentada, de forma explícita, não trata diretamente do empoderamento feminino, mas podemos analisar como a FD do empoderamento feminino pode ser interpretada de forma implícita no contexto e nos elementos presentes na imagem. A começar pelo contexto da charge, já que a imagem mostra duas meninas em uma zona de guerra. Uma pergunta à outra sobre o que ela gostaria de ser quando crescer, e a resposta é "estudante". Isso nos dá pistas sobre as aspirações das meninas e o impacto do contexto de guerra sobre elas.

Então, quando a FD empoderamento feminino é considerada, mesmo que de forma implícita. Então, o **aspirar à educação** pode ser entendido como mote para o empoderamento. Tendo em vista que o fato de a menina desejar ser uma estudante pode ser visto como uma forma de empoderamento feminino. E, mesmo que em muitos contextos de guerra e conflito o acesso à educação para meninas seja severamente limitado, a aspiração de ser estudante representa o desejo de superação das barreiras impostas pelo contexto de guerra e a busca por um futuro melhor e mais capacitado.

A **resiliência e esperança** também podem ser conectadas à FD Empoderamento Feminino. Na charge em análise, a resposta da menina sugere uma forma de resiliência. E, mesmo em meio à destruição, ela mantém a esperança e o desejo de aprender. Isso é um elemento importante do empoderamento feminino, que se baseia na capacidade de resistir às adversidades e continuar aspirando a uma vida melhor.

A FD empoderamento feminino também se conecta com os **desafios específicos às meninas em conflitos**, pois, em muitas zonas de conflito, as meninas enfrentam desafios específicos, incluindo a violência de gênero, a falta de acesso à educação e a vulnerabilidade extrema. A charge traz à tona esses desafios, destacando a importância de empoderar as meninas para que possam superar essas adversidades.

E, neste sentido, observo o **simbolismo do empoderamento** na simples pergunta sobre o futuro e a resposta focada na educação. A meu ver, ambas podem ser interpretadas como uma forma de reivindicação de direitos e oportunidades, já que, ao desejar ser estudante, a menina está, de certa forma, reivindicando o direito à educação e, por extensão, o direito a um futuro mais seguro e empoderado. A charge enfatiza a importância do acesso à educação para o empoderamento das meninas, sugerindo que, mesmo em situações extremas, as aspirações educacionais permanecem.

Por conseguinte, mesmo que o empoderamento feminino não seja o tema central explícito da charge, ele está presente de maneira implícita através do desejo da menina de ser estudante, da resiliência diante das adversidades e da esperança de um futuro melhor. A FD do empoderamento feminino aqui se manifesta na busca por educação e na resistência às circunstâncias opressivas, destacando a importância de oferecer oportunidades e direitos iguais para meninas, mesmo em contextos de guerra e conflito.

Sendo assim, no tocante à **religião** e do **contexto sociocultural**, as meninas estão vestidas com roupas que podem ser interpretadas como tradicionais ou religiosas, sugerindo um contexto cultural específico onde normas religiosas podem influenciar a vida das mulheres. Ademais, em muitos contextos, normas religiosas têm sido usadas para justificar a exclusão das mulheres da educação e outras formas de participação social. A charge pode estar destacando essa dinâmica ao mostrar o desejo das meninas por educação, contrastando com a realidade ao seu redor.

Enfim, a partir da AD e do conceito de **biopoder** de Foucault, esta charge revela as tensões entre o desejo de empoderamento feminino e as forças de controle que limitam as oportunidades das mulheres em contextos de guerra e opressão. O **biopoder**, aqui, se manifesta no controle direto sobre o corpo feminino e no impedimento do acesso à educação, que é um dos pilares do empoderamento. O que

não é dito explicitamente, mas está presente na análise, é a impossibilidade latente que o biopoder cria para as mulheres em contextos de guerra. Ao regular suas vidas, privando-as de educação e mantendo-as em ambientes de violência, o biopoder perpetua um ciclo de subordinação e silenciamento, onde os desejos de autonomia e empoderamento são esmagados por normas sociais invisíveis, que dizem às mulheres qual é o "lugar" delas.

A **memória discursiva** desta charge articula discursos históricos de opressão, exclusão e desigualdade, com foco no impacto desproporcional que a guerra tem sobre o acesso das mulheres à educação. O desejo da menina de ser escolar, em meio a um cenário de destruição, atualiza a memória da luta pelo empoderamento feminino, em que a educação sempre desempenhou um papel central. A carga simbólica desse desejo simples, porém poderoso, indicia como, apesar das adversidades impostas por um contexto patriarcal e de guerra, o empoderamento feminino continua a emergir como uma forma de resistência e esperança de transformação social.

O **interdiscurso** desta charge articula discursos de guerra e violência, que negam às mulheres e meninas o direito à educação, com discursos de empoderamento feminino que reivindicam a educação como um direito fundamental para a emancipação. A tensão entre esses discursos é reforçada pela representação visual do ambiente destruído, que confronta o desejo simples da menina com as realidades de um sistema opressor e devastador. Assim, a charge opera no cruzamento de diferentes discursos - guerra, patriarcado, educação e resistência -, revelando a complexidade do cenário em que se dá a luta pelo empoderamento feminino.

Enfim, no discurso Empoderamento *versus* Religião, compreendo que a charge ilustra o conflito entre as normas tradicionais/ religiosas que podem restringir as oportunidades para as meninas e o desejo destas por um futuro melhor através da educação. Entretanto, apesar das dificuldades impostas pelo contexto de guerra e possivelmente pelas normas religiosas, o desejo de ser estudante representa uma visão de esperança e a possibilidade de mudança.

Cumprе destacar que nesta charge, as materialidades evocam uma série de tensões e contradições entre os discursos de guerra, opressão e empoderamento feminino, temas centrais em uma AD de linha francesa, com foco na FD

empoderamento feminino. A interação entre o ambiente de destruição e a aspiração da personagem feminina a ser "escolar" mobiliza múltiplos significados, deslocando o discurso da educação feminina para um contexto de opressão e violência. Vejamos uma síntese dessa proposta de leitura:

1 DESTRUIÇÃO E EDUCAÇÃO: "ESCOLAR" COMO ASPIRAÇÃO	
Significado	Sentidos
A personagem feminina, ao dizer que quer ser "escolar", expressa um desejo de acessar algo que, em muitos contextos, é visto como básico e natural – a educação.	O desejo de estudar, aparentemente comum, é colocado em um cenário de destruição causado pela guerra. O que seria uma aspiração normal se torna, nesse contexto, um objetivo quase inatingível, carregado de ironia e tragédia. O sentido da educação, que representa empoderamento e emancipação, desliza para o campo da resistência e da luta por direitos básicos, como o acesso à escola, em um cenário que claramente o impede.
2 A GUERRA COMO CENÁRIO DE SILENCIAMENTO E OPRESSÃO	
Significado	Sentidos
A presença de tanques e destruição simboliza o cenário de guerra.	O conflito armado aqui não é apenas uma representação de violência física, mas também de violência simbólica e opressiva, especialmente sobre as mulheres. O contexto de guerra oprime e controla os corpos. A aspiração da jovem de ser escolar contrasta violentamente com a realidade imposta pela guerra, que silencia e destrói as oportunidades de emancipação.
3 IRONIA E DESIGUALDADE: COMPARAÇÃO DE ASPIRAÇÕES	
Significado	Sentidos
O diálogo entre as personagens verbaliza uma pergunta comum sobre o futuro e aspirações.	No entanto, a pergunta <i>"E tu, tu aimerais faire quoi plus tard?"</i> (E você, o que gostaria de ser no futuro?) revela-se profundamente irônica quando a resposta <i>"écolière"</i> (escolar) é dada em um cenário de destruição. Há uma transição da expectativa de um futuro livre e normal para a dura realidade de que, nesse contexto, até mesmo o desejo de ser escolar é algo quase utópico. Esse deslizamento expõe a brutal desigualdade entre as aspirações femininas em um ambiente de opressão e as reais possibilidades de empoderamento.
4 SÍMBOLOS DE RESISTÊNCIA E VULNERABILIDADE FEMININA	
Significado	Sentidos
As duas personagens femininas sentadas em meio aos destroços	Esse quadro de vulnerabilidade desliza para uma postura de resistência. O simples fato de a jovem expressar o desejo de

sugerem uma posição vulnerável em um cenário de destruição.	ser escolar, em um ambiente que a restringe e impede seu acesso à educação, já configura uma forma de resistência ao sistema opressor que a cerca. Assim, o corpo feminino, que parece vulnerável e fragilizado, passa a carregar um sentido de força e resistência, ainda que silenciosa, em um ambiente dominado pela violência patriarcal.
5 A CRÍTICA AO PATRIARCADO E AO MACHISMO VIOLENTO	
Significado	Sentidos
A cena da guerra e destruição representa a devastação de um conflito armado.	O conflito armado aqui também representa, simbolicamente, a manifestação de um sistema patriarcal violento que impede a autonomia e o empoderamento feminino. A guerra, um ato historicamente associado à dominação masculina, representa uma das formas de opressão que limita as oportunidades femininas. A FD do empoderamento feminino, portanto, se choca com o discurso patriarcal da guerra, que impede a mulher de sonhar ou de se ver em posições de poder e autonomia.
6 A DESCONEXÃO ENTRE FUTURO E REALIDADE PRESENTE	
Significado	Sentidos
A pergunta sobre o futuro sugere uma expectativa de continuidade, progresso e realização de sonhos.	No entanto, a realidade apresentada na charge – de destruição e guerra – faz com que o futuro se torne uma projeção distante e quase inalcançável. Ocorre uma desconexão entre o desejo de ser escolar e a impossibilidade imposta pelas circunstâncias violentas. Isso gera uma tensão entre o desejo de empoderamento, associado ao futuro, e as forças opressivas do presente que tentam sufocar esse empoderamento.

Entende-se que esta charge indicia a tensão entre o empoderamento feminino e as forças opressoras da guerra e do patriarcado. A aspiração simples de ser escolar, em um contexto de destruição, desliza de um desejo comum para um ato simbólico de resistência em um cenário em que a opressão limita drasticamente as oportunidades das mulheres. A carga irônica da cena, combinada com os elementos de violência e opressão, torna-se crítica em relação às barreiras impostas pela guerra e pelo patriarcado que dificultam ou até impossibilitam o acesso das mulheres ao empoderamento.

O discurso de empoderamento feminino, nesse contexto, é uma forma de resistência que enfrenta as dinâmicas de poder e controle representadas pela

violência do conflito e pela exclusão sistemática das mulheres das esferas de educação e autonomia.

Enfim, é importante lembrar que a FD em atualização nesta charge premiada pela ONU Mulheres destaca a importância da educação e os direitos das crianças em contextos de conflito. Através de elementos imagéticos e textuais, a charge articula um discurso de vulnerabilidade, esperança e a necessidade urgente de ações para proteger e empoderar as meninas em zonas de guerra. A análise busca compreender como as FDs são utilizadas para criar conscientização e promover mudanças sociais em prol da igualdade de gênero e dos direitos humanos.

3.2 Entre o poder masculino e a desigualdade de gênero: a FD “Empoderamento Feminino” *versus* “Machismo e Patriarcalismo”

“E no princípio eram as deusas...”. Tal enunciado seria bem adequado para ser o início de um romance de ficção de Marion Zimmer Bradley ou Lewis Henry Morgan. No entanto, considero ser o mote inicial do “romance histórico” da raça humana. Alguns arqueólogos e antropólogos têm uma compreensão de que os deuses masculinos e o instituto do patriarcado são invenções posteriores às primeiras civilizações. Entretanto, os primeiros humanos, grupos de caçadores e coletores, tinham uma extrema adoração pelos segredos femininos, em particular pela maravilhosa capacidade de a fêmea dar à luz, de gerar um outro ser.

Desde a invenção da escrita no oriente por volta de 4.000 a.C. e no ocidente por volta de 3.000 a.C., não temos notícia de uma civilização que não estivesse sob a égide do patriarcalismo. Foi apenas no século XIX que alguns antropólogos desafiaram a ordem estabelecida e, através de seus estudos, propuseram a existência primitiva de um matriarcado.

Acerca do assunto, Engels (1994) destacou, no prefácio à quarta edição de uma das suas mais importantes obras, “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, que Johann Jakob Bachofen (1861) publicou em 1861 a obra “Mito, Religião e Direito Materno”, na qual, segundo ele, as primitivas sociedades humanas seriam sociedades matriarcais. Para Bachofen (1861), devido à promiscuidade sexual reinante nessas sociedades, as mulheres que copulavam com vários parceiros eram as únicas que tinham certeza de quem eram os filhos. Assim, os homens seriam

apenas reprodutores, sem qualquer vínculo afetivo com os filhos dessas mulheres. Ainda segundo Bachofen, o matriarcalismo explicaria a existência dos cultos às deusas-mães presentes em quase todas as sociedades, servindo também à guisa de explicação da estrutura jurídica derivar da ideia de um *Mutterrecht*, um Direito Materno.

Ainda sobre a força do feminino, Lewis Morgan (2014), no estudo intitulado “A Sociedade Antiga”, publicado pela primeira vez em 1877, em que propôs um estudo das aldeias dos nativos norte-americanos, a nação Iroqui apontava para o fato de que as relações de parentesco eram dadas pelas mulheres, mais especificamente pelas mães. A possível consequência desse fato para Morgan seria a confirmação da teoria do Direito Materno de Bachofen. Naquela nação indígena, a linhagem de parentesco é matrilinear, sendo o casamento grupal e exogâmico⁴⁷. Os filhos e filhas de um casal são filhos e filhas do grupo e chamam todos os homens adultos de pai e todas as mulheres adultas de mãe. Assim, os Iroqueses são a prova viva da existência de uma ordem matriarcal anterior ao patriarcalismo das nações civilizadas.

Em 1908, foi encontrada nas proximidades da cidade de Willendorf, na Áustria, uma pequena estátua de 11 cm de altura, que retrata uma mulher prestes a dar à luz, uma representação em pedra de uma futura mãe. Como sendo talvez a mais antiga representação do feminino, foi-lhe dada a designação de *Vênus de Willendorf* e, sendo submetida ao teste de carbono 14, este revelou que aquela estatueta datava de 24 ou 25.000 anos atrás, colocando-a como um raríssimo exemplar da arte paleolítica. Essa é, talvez, a maior evidência, senão do matriarcado primitivo, mas da deferência e do culto que os homens prestavam às mulheres de então.

Ademais, devemos recordar que o paleolítico durou milênios, sendo um dos períodos mais nebulosos da pré-história humana. Os sinais encontrados em cavernas e artefatos de osso e de pedra nos levam a supor que essa sociedade era pacífica, haja vista que jamais foram encontrados indícios de guerra, todavia, esses humanos já se utilizaram de primitivas armas para caçar. Ao que tudo indica, esses caçadores e coletores do paleolítico participavam da caça e da coleta de forma igual entre si, não existindo propriedade privada, exploração de um sexo pelo outro ou concentração de riqueza. Os primeiros signos parietais encontrados nas cavernas datam de

⁴⁷ Consiste na prática de os membros de uma aldeia se casarem com membros de outra, de modo a evitar casamentos consanguíneos.

aproximadamente 26.000 a.C. e são signos sexuais femininos e masculinos, isto é, representações dos genitais. Ressalte-se, todavia, que as únicas estatuetas desse período são representações femininas, de corpo inteiro.

A representação do matriarcado também encontra seus ecos atualmente nas aldeias indígenas sul-americanas, conforme nos apontam os estudos de diversos antropólogos e indigenistas. Neste sentido, Elatti (1994, p. 64-65) afirma que

Entre os índios Tenetehára, os produtos da roça, a caça e o peixe, depois de trazidos para a casa, passam a pertencer à mulher. A propriedade da roça entre os índios Krahó é difícil de ser definida [...]. Em caso de divórcio, entretanto, os produtos da roça passam a pertencer apenas à mulher.

Sob essa mesma perspectiva, encontramos um novo relato de Ellati (1994, p. 110), corroborando com o seguinte entendimento:

Já entre os Borôro, a chefia é privilégio de dois clãs, um chamado Baaddageba Xobuguiui e o outro, Baaddageba Xebeguiui, ambos pertencentes à metade Exerae. Entre os Borôro, a chefia não pode passar de pai para filho. Pois, sendo a descendência entre eles matrilinear, o filho nunca pertence ao clã do pai, mas sim ao da mãe.

Todavia, as sociedades matriarcais se fragmentaram, a descendência deixou de ser matrilinear, as deusas foram substituídas pelos deuses e o poder passou aos homens. Instalado o patriarcado, as antigas detentoras do poder tornaram-se as principais vítimas do julgo masculino, que passou a oprimi-las em todas as civilizações ao longo da linha do tempo, desde a invenção da escrita até os dias de hoje.

Ainda na antiguidade clássica, vemos as mulheres gregas como meras reprodutoras e objetos de cobiça. Na *Ilíada* de Homero, uma cidade esplendorosa é aniquilada pelo ciúme e pela irresignação de um único grego em busca de sua propriedade. Neste poema clássico, Helena, esposa de Menelau, foge com Páris para Tróia, tendo como consequência o cerco de 10 anos que resultará na destruição total da cidade. A mulher grega, assim como todas as mulheres sob o signo do androcentrismo, será vislumbrada como *res*, como nos deixa entrever a argumentação de Fernando Crespim Zorrer da Silva (2008, p. 194), no artigo intitulado “A Mulher Grega: O Corpo de Fedra na Peça *Hipólito* de Eurípides”.

Neste sentido, a leitura do excerto a seguir procura comentar essa condição de “coisa”, que está intrinsecamente relacionada à figura da mulher:

No âmbito social, as falas de Fedra expressam desejos que sugerem uma liberdade inaceitável para uma mulher do mundo grego. Normalmente, ela [a mulher do mundo grego] não sai de casa, talvez só aquela que necessitava buscar meios para sobreviver. A mulher é só vista fora de casa quando ia aos cultos públicos. Quando a mulher se casava, ela renunciava a diversos aspectos de sua vida, como a família, as amizades, e ficava trancada dentro de casa, cuidando dos bens e dos filhos. Outras atividades não lhe eram permitidas. [...]. Há diversas passagens nas tragédias, não só nas de Eurípides, mas nas de Ésquilo e Sófocles, que enfatizam que a mulher, ao estar fora de casa ou dos recintos, comete grave deslize no seu comportamento.

Com inspiração grega, diverso não seria o papel desempenhado pela mulher no Império Romano. Conforme Flávia Lages de Castro (2004, p. 10-11), a mulher romana não tinha identidade própria e tal fato reflete-se: a) na prática de nomear as mulheres romanas pelo sobrenome paterno com a terminação feminina e, se havia irmãs, elas recebiam a singela nomenclatura de “primeira”, “segunda” e sucessivamente, e b) porque jamais alguém se referia a uma mulher romana sem que houvesse uma conexão entre essa e um varão. A mulher romana era sempre filha de alguém do sexo masculino, mãe de alguém do sexo masculino ou esposa de alguém do sexo masculino.

De fato, a condição da mulher era tão abjeta, que, conforme aponta Dominique Simonnet (2003, p. 41), na noite de núpcias, a mulher não era deflorada, ela era sodomizada. A prática da sodomia remonta à antiguidade clássica na Grécia, onde os homens entregavam-se a essa prática, sendo que durante a juventude deveria ser passivo e na maturidade ser sempre ativo. Isso ocorre porque a sodomia é antes de tudo um símbolo de dominação e submissão. O ativo é o dominante, nesse tipo de coito, aquele que dá as ordens e tem o poder moral e físico de infligir dor, enquanto o passivo é totalmente submisso, recebendo a dor física e moral que lhe é infligida pelo seu senhor.

E esse *status quo* do gênero feminino permanecerá inalterado durante toda a Antiguidade Clássica, sendo alterado apenas no âmbito do Direito Romano, quando, tardiamente, a mulher recebe de volta o direito à herança, se bem que, nesse período, a mulher romana ainda gozava de pouquíssimos direitos e o *pater familias* detinha inclusive o poder de vida e morte sobre a mulher, depois de um tribunal de família.

Foi com o advento do cristianismo que a situação da mulher sofreu mais algumas modificações significativas, obviamente negativas. Pois, se durante a antiguidade a mulher tinha algum tipo de direito, ainda que residual, à propriedade e à separação, com o cristianismo a mulher perde esses dois direitos e recebe em troca o direito, bastante vago, de consentir ou não no casamento. Isso em tese, posto que, na prática, não eram raros os casamentos forçados para fins de alianças políticas e financeiras e, se a mulher se recusasse, a reclusão em um convento era destino certo.

Entretanto, muito pior para as mulheres foram os Tribunais do Santo Ofício, da Santíssima Igreja Católica Apostólica Romana, que, por medo do crescimento do imenso poder das mulheres, poder esse dado pelo conhecimento empírico, buscaram através das falsas acusações, da tortura, da morte e do terror, coibir e impedir que as mulheres fizessem uso de seus conhecimentos. Essa perseguição, urdida pelo poder dominante, atingiu milhares de mulheres em todo o mundo civilizado, desestruturando famílias, enriquecendo o Estado e o Clero, e, é claro, reduzindo ainda mais o papel social da mulher.

Durante a Idade Média, marcada pelo feudalismo, pelas cruzadas, guerras e conquistas, as produções literárias nos deixam entrever dois extremos: a crueldade do cotidiano e o amor cortês. Por esse último, entenda-se aquele amor cantado pelos bardos medievos, antecessores dos grandes escritores pré-renascentistas como Giovanni Boccaccio. Notadamente, tal amor nunca existiu de fato, e o amor mais próximo de tal idealização literária foi o adultério, como nos sugere Simonet (2003).

Outro não é o entendimento de Bauer (2001, p. 32) ao afirmar que: “Numa sociedade em que o amor era rigorosamente proibido nos marcos do casamento, que traduzia interesses econômicos e políticos, a poesia trovadoresca cumpria a tarefa de exaltar o amor para muito além dessas uniões de interesse”.

Todavia, cumpre ressaltar que o amor mais que cortês, o amor adúltero, estava num patamar bem mais acessível às damas da nobreza, que normalmente se casavam por volta dos quatorze anos de idade. Ou seja, se por um lado a dama da nobreza gozava de poucos ou nenhum direito, por outro lado era detentora de grande poder ao representar a autoridade de seu marido ausente, cabendo-lhe inclusive a defesa do paço ou do castelo. Às mulheres camponesas, por seu turno, só lhes cabiam, desde a mais tenra idade, os serviços domésticos na casa dos senhores feudais ou dos comerciantes e artesãos mais abastados dos burgos. Ademais, uma

vez que cabia à família da mulher camponesa pagar o dote à família do noivo, não era raro que essas mulheres se prostituíssem, para levantar a soma correspondente ao valor estipulado para pagamento do dote.

Mais adiante, na passagem da Idade Média à Idade Moderna, o papel social do gênero feminino sofreu novas alterações. Sendo que, nesse período, era relativamente comum encontrarmos mulheres desempenhando os mais diversos ofícios ao lado dos homens, se bem que recebendo remunerações bastante inferiores. Uma situação bastante comum era a morte de um artesão que havia ensinado seu ofício à filha e/ou esposa. Nesse caso, elas poderiam manufaturar os produtos, mas a venda deveria ser efetuada por um obreiro contratado.

Porém, com o início da Idade Moderna, o quadro mudou drasticamente e os grêmios de artesãos, sob a alegação de que as práticas comerciais e manufatureiras ofendiam a castidade feminina, as expulsaram da maioria dos serviços, mais uma vez exercendo o poder masculino ao controlar os principais ofícios.

Ainda nesse período da história, observamos uma divisão importante no trabalho humano com a definição de uma categoria de “trabalhos femininos”, seja por características próprias e exclusivas do gênero feminino, tal como exemplo, a ama-de-leite, seja por uma definição dos atributos do gênero feminino como, por exemplo, os serviços domésticos. Ressalto que a profissão de ama-de-leite tomou tal monta no final do século XVIII em Paris, que de 20 mil nascimentos, apenas 700 nascituros foram criados pelas próprias mães, como nos aponta Carlos Bauer (2001, p. 55).

Era algo tão impressionante e impactante que a situação de dominação das mulheres deu-se de tal forma que até mesmo os movimentos revolucionários apenas infligiram mais injustiças às mulheres.

Nesse sentido, é adequado o exemplo de Bauer (2001, p. 61), sobre aquela que, por muitas estudiosas do feminismo, talvez seja a primeira feminista declarada da história ocidental:

A francesa Olympe de Gouges foi a autora da **Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã**, elaborada em setembro de 1791, como réplica da **Declaração Universal dos Direitos do Homem**, realizada no início da Revolução Francesa. Em sua declaração, a autora sustentava que, se a Revolução havia abolido os privilégios feudais, devia fazer mesmo com os do sexo masculino. **No seu artigo VI, a declaração reivindicava a igualdade da mulher no trabalho e dizia que todos os cidadãos e cidadãs**

deveriam ser admitidos como iguais em todos os empregos públicos 'segundo suas capacidades e sem outras distinções que não fossem suas virtudes e seus talentos'. Estas reivindicações não só não tiveram nenhuma resposta por parte dos poderes públicos da revolução, como também, por seu empenho em defendê-las, Olympe de Gouges perdeu a vida em novembro de 1793 (Grifei).

Com o advento da Revolução Industrial, o trabalho, como fato social e condição essencial ao devir ontológico do ser humano, passa por terríveis transformações. A desvalorização da mão-de-obra especializada dos artesãos pelo moderno maquinário suprimiu cerca de 90% da força humana necessária ao desempenho de uma tarefa. Em decorrência, tal contexto econômico levou a uma exploração, até então sem nenhum precedente, do trabalho humano de grandeza tal, que mulheres e crianças foram simplesmente “devoradas” pelas engrenagens sedentas de sangue humano das modernas maquinarias.

A jornada de trabalho era de uma média de 20 horas diárias, com intervalos ocasionais apenas para comer, e não foram poucas trabalhadoras e trabalhadores que caíram ou até mesmo morreram, da mais pura exaustão. Em 1863, num ateliê de costura, Mary Ann Wicley morreu após 30 horas de trabalho ininterrupto. As condições eram as mais insalubres possíveis e relatórios indicam a ocorrência de mulheres trabalhando em minas de carvão que saíram do trabalho apenas para dar à luz, e de pronto, retornaram ao labor. O emprego da mão-de-obra foi tal que, de acordo com Bauer (2001, p. 72), em meados do século XIX elas representavam 90% da força de trabalho empregada.

Esse foi um tempo de mudanças drásticas e dramáticas, que levaram o mundo a redesenhar-se política, econômica e geograficamente. Com o advento dos maquinários agrícolas, como o trator a vapor, a consequente redução da necessidade de mão-de-obra e a oferta de emprego nas cidades, o êxodo rural e a explosão demográfica das cidades industriais e portuárias despontaram como uma das inquestionáveis consequências da Revolução Industrial.

É nesse contexto que a mulher, cosmopolita e mão-de-obra indispensável ao capital, colocou mais lenha na fogueira das paixões humanas, nesse incessante embate entre os gêneros, ao necessitar de instrução adequada para trabalhar em um mundo tecnológico e mecânico. Essa instrução, essa educação para mulheres, esbarrou mais uma vez, logicamente, no extremismo do preconceito machista, na

defesa da ideia de que as mulheres não teriam as mínimas condições de serem comparadas aos homens!

Acerca de mulheres instruídas, Kant *apud* Ruiz (2002, p. 148), um dos maiores filósofos da era moderna, tinha o parecer de que: “Uma mulher que tem a cabeça cheia de grego, como Mme. Dacier, ou que, tal como a marquesa de Châteler, disputa sabiamente sobre temas de mecânica, só lhes falta a barba para expressar melhor a profundidade do espírito que ambicionam”. Ou seja, o preconceito contra as mulheres era tanto que, se uma demonstrasse qualquer inclinação à ciência ou para outros assuntos “masculinos”, era tratada como uma degenerada, uma farsante, que desejava tornar-se “homem” pela forma de pensar e agir. Jamais admitiriam que uma mulher pudesse dominar os assuntos masculinos.

E é sob essa mesma visão sobre o papel da mulher que apresento a imagem nº 1, charge do artista cubano, “Angel Boligan”:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge de Angel Boligan utiliza a **metáfora visual** e a **ironia** para criticar as barreiras que as mulheres enfrentam para alcançar posições de liderança. Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pela igualdade de gênero, a charge sublinha a importância de eliminar as barreiras estruturais e culturais que impedem o avanço das mulheres. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre a persistência da

desigualdade de gênero e enfatiza a necessidade urgente de ações concretas para promover a verdadeira igualdade e apoiar o empoderamento feminino.

No contexto da **enunciação**, a **metáfora visual** da longa escadaria simboliza as numerosas barreiras e desafios que as mulheres devem superar para alcançar posições de liderança. E os sapatos de salto deixados na base da escada representam os sacrifícios pessoais e as adaptações que muitas mulheres fazem para alcançar suas ambições profissionais.

Sobre a **ironia e crítica social**, a ironia na imagem está no fato de que, mesmo após superar tantas dificuldades e alcançar uma posição de liderança, a mulher ainda é representada em um ponto isolado e elevado, sugerindo que a desigualdade e a exclusão continuam a ser uma realidade. A charge critica o sistema (representado pela escada) que impõe essas barreiras desproporcionais às mulheres, sublinhando a necessidade de mudanças estruturais para promover uma verdadeira igualdade.

Contextualizada historicamente pelas lutas feministas e socialmente pelas práticas de empoderamento feminino, a imagem reflete e reforça a necessidade de uma liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, conforme defendido pelos princípios da ONU Mulheres. Ela nos chama a atenção para a importância de reconhecer e remover as barreiras sistêmicas que ainda dificultam o progresso equitativo das mulheres em todos os setores.

Nesta charge do artista cubano Angel Boligan, chamo atenção para algumas marcas dessa crítica imagéticas, tal como a cabeça feminina sendo aqui retratada numa perspectiva diminuta⁴⁸, que pode remeter à pouca informação, pouco conhecimento e até mesmo um QI reduzido.

E, neste sentido, observo que a **metáfora visual** traz a perspectiva de que a cabeça está representada proporcionalmente menor em relação ao restante da ilustração, adicionando um aspecto irônico ou até mesmo um humor mordaz e cruel. A ironia reside no fato de que, apesar de alcançar a posição de destaque, a jornada é significativamente mais árdua. O contraste entre a mulher no pódio e a longa escadaria sugere a desigualdade nas oportunidades e o esforço desproporcional

⁴⁸ O cartunista Angel Boligan tem como tração característico de sua arte a cabeça pequena dos “personagens” retratados em sua obra. Mas na charge em estudo, essa característica, a meu ver, extrapola seu traço característico, pois ele pode mobilizar uma memória que diz sobre a intelectualidade das mulheres.

exigido das mulheres.

Além disso, tal perspectiva remete a sintagmas como "cabeça reduzida", "cabeça pequenina" ou "cabeça em desenvolvimento", que podem ser utilizados para representar a ideia de que a cabeça feminina foi representada em escala menor versus representações em que cabeças masculinas são apresentadas como "enormes". Ainda relacionado a tal disparidade, destaca-se um interdiscurso em que o feminino remete a práticas sociais e discursivas em que predomina o preconceito contra a mulher em cargos e/ou posições de destaque.

Ainda no aspecto corpóreo, a personagem é representada como uma pessoa franzina e sem curvas aparentes, o que remete às constantes tentativas de as mulheres serem induzidas, explícita e implicitamente, a despojarem, negarem ou até esconderem algumas de suas características femininas, com o intuito de alçarem posições de poder ou cargos de alta hierarquia. Tudo isto deixa transparecer a desigualdade de gênero, já que cargos hierarquicamente superiores são eminentemente ocupados por homens. Ainda neste sentido, enfatiza-se a postura corporal da personagem, tendo em vista precisar se inclinar para alcançar os dois microfones, o que nos possibilita a leitura da desigualdade das mulheres em relação aos homens.

Ainda em relação aos **elementos não-verbais**, destaco a representação dos cabelos, que, numa primeira análise, parecem "esvoaçantes". Porém, numa observação mais apurada, destacam-se como "presos", sem *frizz* ou fios fora do lugar, remetendo a penteados "contidos" com spray fixador. Também chama atenção no aspecto visual o pescoço longo, com uma boa parte da pele coberta pela gola do vestido, sem deixar entrever ao expectador partes do corpo ou algo que possa exacerbar feminilidade. Ressalto que, por detrás do púlpito, braços, pernas e pés podem ser vistos. Ou seja, há duas possibilidades de visibilidade do corpo feminino: se a visão da personagem for a partir da parte frontal do púlpito, a mulher só será vista nos "melhores ângulos"; em contrapartida, quem estiver presente nos bastidores, terá visão diversa.

Ainda sobre o aspecto verbo-visual, é possível identificar o **simbolismo** do salto alto *versus* a quantidade de degraus da escada (15 degraus), sendo que o salto considerado mais poderoso é o de 15cm, o que me remete à história do Rei Luís XV da França (1710-1774), frequentemente associado à introdução do salto alto na moda

masculina durante o século XVIII. Acredita-se que ele tenha popularizado o uso de saltos altos, não apenas por razões estéticas, mas também como um símbolo de status e poder.

Neste sentido, a história relata que o Rei Luís XV era relativamente baixo, e o uso de saltos altos o ajudava a compensar sua baixa estatura mais baixa, ao mesmo tempo em que conferia uma presença mais imponente. Fato curioso é que o Rei Luís XV era conhecido por ser um apreciador da moda e, como muitos monarcas da época, influenciava as tendências do vestuário. Sendo assim, compreendo que estes elementos remetem à intertextualidade, já que os contextos culturais que enriquecem a interpretação da charge remetem à associação de Luís XV com o uso de saltos altos, fato que não apenas influenciou a moda da nobreza francesa durante seu reinado, mas que também contribuiu para a disseminação dessa moda na Europa. Enfim, o salto alto tornou-se um símbolo de elegância e distinção na corte francesa do século XVIII e continua sendo associado ao poder.

No que concerne à composição e ao *layout* da charge, é importante considerar a disposição dos elementos na imagem, com destaque para o púlpito, considerando sua contribuição para o discurso imagético. E, na charge analisada, a mulher no alto do púlpito pode ser analisada considerando diversos elementos, incluindo o contexto social, cultural e histórico em que ela se encontra, bem como as práticas discursivas associadas à posição de falar em público. Neste sentido, destaco o campo de visibilidade relacionado ao gênero e ao poder, tendo em vista que, as mulheres muitas vezes foram excluídas de posições de liderança e, consequentemente, de falar em público.

Ainda relacionada ao assunto mencionado, a **memória discursiva** desta charge coloca em funcionamento discursos históricos de exclusão, desigualdade e opressão que marcam a trajetória das mulheres em sua busca por empoderamento e visibilidade. A representação da longa escadaria remete às barreiras estruturais e invisíveis que as mulheres enfrentam, enquanto os sapatos abandonados sugerem o desafio de conciliar as expectativas de feminilidade com a ascensão ao poder. A FD do empoderamento feminino, portanto, está fazendo circular sentidos sobre os desafios e a resistência e a superação das mulheres na luta por igualdade e voz nos espaços públicos.

Ao analisar as FDs de um discurso, a **abordagem das cores** também pode ser

fundamental para compreender como a crítica visual é construída, já que as cores podem evocar emoções, destacar elementos específicos ou criar contrastes que reforçam o sentido pretendido. No caso da charge em análise, além dos tons de cinza, o vermelho foi a cor escolhida como ponto de contraste, tendo em vista ter sido utilizada para destacar elementos específicos, visando direcionar a atenção do observador para partes importantes da imagem, quais sejam: o batom, o vestido e os sapatos. No caso da charge analisada, a FD da cor vermelha é multifacetada e pode variar significativamente de acordo com o contexto cultural, social e histórico.

Então, considerando algumas dimensões do uso da cor vermelha, destaco que essa é a cor mais frequentemente associada à paixão e ao amor. Um exemplo dessa associação é evidente em muitos contextos, como cartões de Dia dos Namorados, símbolos românticos e representações de emoções intensas. Além desta enunciação “romântica”, é preciso lembrar que o vermelho também é frequentemente utilizado para indicar perigo e alerta. Exemplos disto são os sinais de trânsito, as luzes de emergência e as marcações de segurança que frequentemente empregam o vermelho para chamar a atenção e indicar situações críticas. Outra vinculação da cor vermelha pode ser sua relação com poder e prestígio, visto que em algumas culturas o vermelho é associado ao poder e prestígio, afinal, realeza e figuras de autoridade muitas vezes usam trajes vermelhos como um símbolo de status elevado.

Vermelho também pode ser relacionado com revolução e mudança, já que é frequentemente associado a movimentos de revolução e mudança social. Isso pode ser observado em bandeiras de países, símbolos políticos e protestos. Ainda sobre a cor, lembro que, em algumas tradições culturais e religiosas, o vermelho pode ser associado a sentimento de culpa e pecado. Lembro também que essa associação está presente em algumas representações artísticas e narrativas mitológicas.

Enfim, “a cor vermelha” pode ser percebida, interpretada e utilizada de maneiras diversas em diferentes sociedades ao redor do mundo. Portanto, ela é dinâmica e complexa, sendo influenciada por uma variedade de fatores culturais, sociais e históricos. A interpretação dessa cor pode variar significativamente conforme as diferentes lentes através das quais é observada. Há ainda a associação da cor vermelha à sedução.

A charge em destaque mostra uma mulher em pé em um pódio alto, mas inclinando-se sobre a borda para alcançar o microfone, com seus sapatos de salto

alto deixados na base das escadas. Esta imagem oferece uma rica base para análise da FD, que pode ser decomposta em vários elementos interligados, tais como o **contexto social e histórico**. E neste sentido, destaco as **questões de gênero e representatividade**, sendo que a mulher na charge simboliza a luta das mulheres para alcançar posições de destaque e voz em espaços tradicionalmente dominados por homens. A altura do pódio sugere a dificuldade adicional que as mulheres enfrentam para serem ouvidas.

Outro aspecto relacionado ao contexto social e histórico são as **roupas e acessórios**, pois, na imagem em análise, o vestido vermelho e os sapatos de salto alto são significativos. O vermelho pode simbolizar poder e visibilidade, enquanto os saltos altos deixados na base das escadas podem indicar os sacrifícios pessoais e conformidades que as mulheres frequentemente têm que fazer para alcançar essas posições de visibilidade e autoridade.

Ainda no contexto social e histórico, e bastante relevante para destacar, são os **elementos visuais e simbólicos**. E, neste sentido, o que mais chamam atenção são as **escadas e o pódio**, sendo que as escadas representam a jornada e os obstáculos que as mulheres enfrentam para subir na hierarquia social e profissional. O fato de o pódio ser tão alto e a mulher precisar se inclinar exageradamente para falar no microfone enfatiza a desproporção dos desafios enfrentados. Outro elemento visual que se sobressalta são os **microfones**, instrumentos que simbolizam a voz, a plataforma para ser ouvida. A posição desconfortável da mulher sugere que, mesmo quando alcançam posições de visibilidade, as mulheres ainda enfrentam barreiras e desafios para exercer sua voz plenamente.

Enfim, a FD também pode ser vislumbrada nos **discursos de empoderamento** perpetrados pela ONU, ao colocar em pauta os discursos sobre a necessidade de empoderamento feminino e igualdade de gênero. Afinal, a luta da mulher para ser ouvida e a necessidade de abandonar os sapatos (um símbolo de feminilidade tradicional) apontam para a tensão entre os papéis de gênero tradicionais e a busca por igualdade.

Outro discurso imagético em destaque é a **crítica às estruturas de poder**, sendo que a charge deixa evidente a crítica às estruturas de poder que não são adaptadas para as mulheres. Afinal, a necessidade de a mulher se inclinar tanto para alcançar o microfone sugere que o sistema atual não foi projetado para elas,

precisando ser reformulado para ser mais inclusivo.

Ressalto também que a charge utiliza simbolismos visuais e contextuais para articular um discurso poderoso sobre as **dificuldades e sacrifícios** que as mulheres enfrentam para serem ouvidas e respeitadas em espaços públicos e profissionais, refletindo, por conseguinte, a necessidade de mudança nas estruturas de poder e na percepção de gênero na sociedade, e destacando o contínuo esforço das mulheres para alcançar igualdade e reconhecimento.

O **interdiscurso** desta charge articula diferentes FDs que estão em tensão: o empoderamento feminino, que é confrontado pelas barreiras estruturais e invisíveis impostas pelo patriarcado, ao mesmo tempo em que as normas tradicionais de feminilidade entram em conflito com a necessidade de desempenho público e político. O abandono dos sapatos simboliza a luta das mulheres para priorizar seu papel público sobre as expectativas de gênero, enquanto a longa escadaria representa a dificuldade adicional que elas enfrentam para alcançar visibilidade e reconhecimento. A charge, portanto, oferece uma crítica interdiscursiva às normas de poder, feminilidade e visibilidade pública, revelando as complexidades da jornada feminina em espaços historicamente dominados por homens.

Sob a perspectiva da AD e do conceito de **biopoder** de Foucault (1976), a charge representa o controle social e as normas invisíveis que limitam o acesso das mulheres ao poder. O que não é visível, mas influencia profundamente a análise, são as barreiras estruturais e as expectativas de gênero que impõem dificuldades extras às mulheres, exigindo que elas façam concessões e abandonem certas normas (simbolizadas pelos sapatos) para alcançar suas metas.

Ou seja, o **biopoder** atua silenciosamente, moldando as trajetórias das mulheres e regulando seu acesso a posições de liderança, enquanto a FD empoderamento feminino luta para superar esses obstáculos invisíveis, expondo as limitações que continuam a existir, mesmo quando não são visíveis.

Ainda sobre a charge do cubano “Angel Boligan”, destaco que os **sentidos possíveis apontam para** uma crítica sobre os desafios enfrentados pelas mulheres no acesso ao poder e à liderança. Sob o prisma da AD de linha francesa, com ênfase na FD empoderamento feminino, a imagem mobiliza sentidos que problematizam as barreiras estruturais, as expectativas de gênero e a desigualdade que as mulheres

enfrentam ao tentar ocupar espaços de visibilidade e poder. A seguir, apresento um quadro síntese das leituras empreendidas nesta charge, com ênfase nos significados e sentidos:

1 O PALCO COMO SÍMBOLO DE PODER	
Significado	Sentidos
O palco elevado, onde a mulher está em frente a um microfone, é tradicionalmente um símbolo de liderança, influência e poder. Estar nesse local implica que a pessoa é ouvida e reconhecida.	Na charge, esse palco é construído de maneira que não é acessível de forma direta. O sentido de poder associado ao palco desliza para uma metáfora de dificuldade e exclusão. A estrutura, uma escada íngreme, com degraus aparentemente difíceis de serem escalados, indica que a mulher chegou a esse lugar, mas não sem grandes desafios e sacrifícios. O simbolismo das imagens sugere que, para as mulheres, o caminho para o poder não é apenas uma questão de estar lá, mas envolve barreiras invisíveis que tornam a jornada extremamente complicada.
2 SAPATOS NO CHÃO: SÍMBOLO DE RENÚNCIA	
Significado	Sentidos
Os sapatos de salto deixados na base da escada remetem ao vestuário feminino, sugerindo elegância, feminilidade e expectativas de gênero em relação à aparência.	Ao retirar os sapatos, a mulher parece estar renunciando a certas normas de feminilidade para conseguir alcançar o poder. Esse ato de deixar os sapatos no chão indicia outro sentido: para chegar ao topo, as mulheres muitas vezes precisam sacrificar sua identidade, conforto ou expectativas sociais associadas ao papel tradicional de gênero. Este deslizamento ressalta as tensões entre o que é esperado de uma mulher e o que ela precisa fazer para conquistar espaço em posições de liderança.
3 A ESCADA ÍNGREME E O ACESSO DIFICULTADO	
Significado	Sentidos
A escada é um símbolo de progresso, ascensão e conquista.	A escada, porém, é representada de maneira incomum: extremamente íngreme, sem corrimão, e sem uma forma clara de ser escalada com facilidade. O sentido de ascensão desliza para o de obstáculos. A FD do empoderamento feminino, que defende a inclusão das mulheres em todos os níveis de poder, aqui é representada como algo desafiador, quase inatingível. As barreiras são tanto físicas quanto simbólicas, sugerindo que, mesmo quando as mulheres alcançam posições de poder, o processo é árduo e muitas vezes injustamente difícil em comparação aos homens.

4 A MULHER NO PÚLPITO E O SILENCIAMENTO IMPLÍCITO	
Significado	Sentidos
A mulher está no topo da escada, de pé em frente ao púlpito, o que sugere que ela está pronta para falar e exercer sua voz e liderança.	Apesar de estar na posição de liderança, há um deslizamento de sentido que revela o silenciamento e a fragilidade dessa conquista. A mulher está inclinada sobre o púlpito, em uma posição que transmite esforço e cansaço, sugerindo que sua chegada a esse espaço de poder foi difícil e exaustiva. O fato de estar de pé em um púlpito elevado, sem aparente suporte ou segurança, reforça o deslizamento de sentido de que, embora ela tenha conquistado o direito de estar ali, sua posição é instável e precária. O discurso de empoderamento feminino, que busca igualdade e liberdade de expressão, é colocado em contraste com essa representação visual de fragilidade e esforço extremo, indicando que, muitas vezes, a voz da mulher em posições de poder é cerceada por obstáculos estruturais e simbólicos. Assim, o poder é alcançado, mas o espaço de fala continua comprometido ou contestado, sugerindo que o empoderamento feminino enfrenta barreiras invisíveis mesmo quando as mulheres chegam ao topo.
5 ESCADA COMO METÁFORA DE DESIGUALDADE ESTRUTURAL	
Significado	Sentidos
A escada é uma construção simples que, em determinadas condições normais, serve para facilitar o acesso ao topo.	No contexto desta charge, a escada não é apenas uma ferramenta de acesso, mas uma representação das desigualdades estruturais que as mulheres enfrentam. O sentido da escada como algo que facilita o caminho é transferido para uma metáfora de barreiras e obstáculos. Em vez de ser um caminho natural para o poder, ela se transforma em uma série de dificuldades impostas pela sociedade patriarcal. A FD do empoderamento feminino desafia essas barreiras estruturais, mas a charge sugere que o sistema ainda é desenhado de forma a dificultar o acesso pleno das mulheres ao poder.
6 A ILUSÃO DO EMPODERAMENTO: ESTAR NO TOPO, MAS NÃO COMPLETA	
Significado	Sentidos
A mulher conquista uma posição de poder e visibilidade ao alcançar o topo da escada.	No entanto, esse empoderamento está incompleto. O deslizamento de sentido ocorre quando percebemos que, apesar de ter chegado ao topo, ela ainda não está totalmente inserida no espaço de poder. Ela está em uma posição vulnerável, e sua posição de liderança é instável, sugerindo que o empoderamento feminino, mesmo quando alcançado, muitas vezes está sujeito a limitações e desafios que não afetam da mesma maneira os homens em posições de poder. A FD do empoderamento feminino é, assim, um processo contínuo de luta contra essas limitações, mostrando que alcançar o topo é apenas parte da batalha.

Esta charge tematiza a complexidade e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao tentar alcançar posições de poder e liderança. A charge não apenas critica a desigualdade de oportunidades, mas também destaca como o empoderamento feminino é condicionado por estruturas patriarcais e capitalistas que impõem barreiras adicionais às mulheres.

Sob a análise discursiva de linha francesa, esses sentidos podem ser relacionados à persistência de práticas discursivas que dificultam a ascensão feminina, sugerindo que, mesmo quando as mulheres cheguem ao topo, seu espaço de fala e ação ainda é limitado e constantemente questionado.

Quando abordo as dissonâncias relacionadas ao trabalho feminino, ressalto que a sub-representação das mulheres em cargos de liderança e em conselhos corporativos constitui um problema contínuo, refletindo uma falta de equidade nas oportunidades de carreira. Apesar dos avanços, a desigualdade de gênero persiste em muitas áreas, especialmente em posições de liderança, em que mulheres frequentemente enfrentam barreiras estruturais e culturais que limitam suas oportunidades de ascensão e reconhecimento.

Sobre este aspecto do reconhecimento, é importante notar que somente no final do século XIX se abriram às mulheres as portas dos primeiros liceus. E foi apenas no início do século XX que a maioria das mulheres teve acesso ao nível superior de educação.

Muito embora tenhamos que destacar que houve algumas exceções, tais como a genial e incomparável Marie Curie, formada pela Sorbonne ainda no século XIX, e Arabella Babb Mansfield, professora, feminista e a primeira advogada no Estado Norte-Americano do Iowa, em 1869. Mais precoce também foi o empenho das mulheres nas lutas sindicais, sendo que em 1874, Emma Paterson fundou na Inglaterra a *Women's Protective and Provident League*, que se tornará em pouco tempo na *Women's Trade Union League*, a confederação de todos os sindicatos femininos ingleses. Já em 1903, a *Women's Trade League*, com os mesmos fundamentos da *Women's Trade Union League*, é formada nos Estados Unidos (Bauer, 2001).

Aliás, jamais poderemos esquecer que o Dia Internacional da Mulher é devido a um grupo de 129 mulheres, que em 1857, foram queimadas vivas em uma indústria

têxtil de New York, enquanto reclamavam pela redução da jornada de trabalho para 15 horas diárias.

Apesar dos avanços significativos na educação e no trabalho, a mulher continuou sendo vítima do sistema androcêntrico ocidental ao longo de todo o século XX. E, se o ensino despontou na virada do século como um trabalho eminentemente feminino, outras áreas ainda eram proibidas às mulheres, como, por exemplo, o voto, que apenas foi permitido às mulheres norte-americanas em 1920 e às brasileiras em 1932 (Bauer, 2001).

Nesse contexto, apresento a Imagem nº 8, uma charge do artista francês Plantu, que oferece uma representação visual da interdiscursividade entre o poder masculino e a desigualdade de gênero:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge de Plantu utiliza a **ironia** e a **metáfora visual** para criticar a superficialidade dos discursos sobre igualdade de gênero no ambiente de trabalho. Contextualizada historicamente pelas lutas feministas e socialmente pelas políticas de igualdade de gênero, a imagem destaca a discrepância entre as declarações progressistas e a realidade cotidiana das mulheres. Esta charge sublinha a necessidade urgente de transformar discursos em ações concretas que promovam a

verdadeira igualdade de gênero, em linha com os princípios de empoderamento feminino defendidos por organizações como a ONU Mulheres.

Quando analiso a questão da enunciação e das estratégias discursivas, a **metáfora visual** está no ambiente corporativo, sendo que a sala de conferências e os homens em trajes formais representam um tradicional espaço masculino, onde as decisões importantes são tomadas predominantemente por homens. A mulher ao fundo, tomando notas, simboliza o papel subalterno frequentemente atribuído às mulheres, mesmo quando elas são essenciais para o funcionamento da organização.

No que tange ao âmbito da **ironia e crítica social**, a ironia está na declaração "A mulher é o futuro do homem", dita em um contexto em que a mulher é visivelmente relegada a um papel menor. A ironia expõe a hipocrisia de muitos discursos sobre igualdade de gênero que não se traduzem em prática. A charge critica o *status quo* que mantém as mulheres em papéis de suporte, apesar das declarações progressistas sobre seu valor e potencial.

Vê-se que a charge apresentada retrata uma mesa de reunião ocupada por homens idênticos em ternos escuros, enquanto uma mulher (Brigitte) está no fundo da sala, em uma posição subalterna, tomando notas. O líder da reunião cita um poeta, dizendo: "*La femme est l'avenir de l'homme*"⁴⁹, e instrui Brigitte a tomar nota disso. Destaco que esta charge oferece uma análise rica da FD em termos de gênero, poder e hipocrisia social.

E, neste âmbito, apresento como destaque o **contexto social e histórico**, em que o primeiro aspecto que se destaca é o **discurso de igualdade de gênero**, pois o enunciado "*La femme est l'avenir de l'homme*" remete a um enunciado progressista que sugere que o futuro da humanidade depende da igualdade e do empoderamento das mulheres. Lembro que este enunciado é atribuído a Louis Aragon⁵⁰, e é muitas

⁴⁹ Em reunião, um executivo diz: "**E como dizia o poeta: 'as mulheres são o futuro da humanidade'**". E, em seguida, enfatiza: "**Anota isso aí, Brigitte**" (ONU Mulheres, 2018, grifei).

⁵⁰ Louis Aragon (1897-1982) foi um poeta, romancista e ensaísta francês, conhecido tanto por sua produção literária quanto por seu ativismo político. Aragon foi uma figura central no movimento surrealista e, posteriormente, um importante intelectual comunista. Louis Aragon deixou um legado duradouro na literatura francesa e no pensamento político do século XX. Durante a Segunda Guerra Mundial, Aragon participou ativamente da Resistência Francesa. Ele utilizou sua poesia como forma de resistência contra a ocupação nazista, com obras como "*Le Crève-Cœur*" (1941) e "*Les Yeux d'Elsa*" (1942), que exaltavam o espírito de luta e a resistência do povo francês. Sua obra é caracterizada pela fusão de lirismo e compromisso político, refletindo as tensões e esperanças de sua época. Ele é lembrado tanto como um poeta inovador quanto como um intelectual engajado, cuja vida e obra foram profundamente influenciadas pelos eventos tumultuosos de seu tempo.

vezes usado para promover a ideia de que as mulheres desempenharão um papel crucial no avanço da sociedade. Ainda sobre a questão da Desigualdade de Gênero, cumpre ressaltar que, apesar das conquistas dos movimentos feministas, a desigualdade de gênero ainda é bastante incidente e persiste em muitas áreas, incluindo o mercado de trabalho, em que mulheres frequentemente ocupam menos posições de liderança e são sub-representadas em setores influentes.

Ainda no contexto histórico, a charge insere-se em uma sociedade marcada por décadas de lutas feministas que buscam a igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade, especialmente no local de trabalho, sendo que, desde os anos 1960, movimentos feministas têm pressionado por mudanças significativas nas políticas e práticas que discriminam as mulheres, culminando em diversas legislações e reformas institucionais.

Outro aspecto em destaque é a **realidade contraditória**, pois, apesar do discurso progressista, a realidade representada na charge é de um ambiente dominado por homens, onde a mulher está relegada a uma posição servil, destacando a disparidade entre o discurso e a prática.

Ainda sobre o **contexto social e histórico**, o **domínio masculino no poder** expõe o fato de que, historicamente e de forma majoritária, são os homens que têm dominado posições de poder e tomada de decisão, tanto em esferas políticas quanto corporativas. Afinal, as estruturas de poder foram e, muitas vezes, ainda são desenhadas por e para os homens.

Importa também mencionar a questão da **enunciação e estratégias discursivas**, com destaque para a metáfora e a ironia. Na metáfora visual, a figura da mulher anotando as palavras do homem simboliza a realidade de muitas mulheres que, apesar de serem essenciais no ambiente de trabalho, são frequentemente relegadas a papéis subalternos. E a ironia está presente na discrepância entre a citação inspiradora sobre o futuro das mulheres e a realidade mostrada na charge, em que a mulher está claramente em uma posição subordinada.

Outro aspecto que merece abordagem especial são os **elementos visuais e simbólicos**. E, neste sentido, destaco os **homens idênticos**, sendo que todos os oito homens que aparecem na charge se encontram vestidos de maneira idêntica e simbolizam a homogeneidade e a falta de diversidade no poder, sugerindo que,

apesar do discurso de igualdade, as posições de poder ainda são dominadas por homens.

A **posição de Brigitte** também necessita de análise, tendo em vista que a mulher, Brigitte, está em uma posição subalterna, fisicamente afastada da mesa principal, destacando sua exclusão dos círculos de poder e tomada de decisão, destacando a segregação e a marginalização das mulheres nos espaços de poder. Isso visualiza a realidade de muitas mulheres no ambiente de trabalho, onde ainda são frequentemente colocadas em papéis de apoio em vez de liderança.

Outro elemento visual simbólico que merece destaque é a **decoração da sala**, tendo em vista que a decoração tradicional e conservadora da sala reforça a ideia de uma instituição arraigada em práticas antigas e resistente à mudança verdadeira, mesmo que adotem uma retórica progressista. Enfim, no ambiente tradicional retratado na charge, a decoração tradicional simboliza uma estrutura de poder antiquada, resistente a mudanças e inclusões significativas.

Enfim, entre poder masculino e desigualdade de gênero, aparece na **dominação masculina**, sendo que o interdiscurso do poder masculino é visível na forma como os homens dominam a reunião. Essa imagem reforça a ideia de que o poder é um espaço masculino, onde a inclusão feminina é limitada e periférica. O interdiscurso também pode ser vislumbrado na **ironia do discurso de igualdade**, visto que, a citação "*La femme est l'avenir de l'homme*" destacada pelo líder da reunião é um exemplo de como o discurso de igualdade de gênero pode ser apropriado superficialmente pelos homens no poder sem que isso se traduza em práticas reais de inclusão. Ou seja, é uma demonstração de como o discurso progressista pode ser usado de forma irônica, falaciosa e performativa, sem a intenção de mudanças genuínas.

Além das FDs mencionadas, vislumbro também a **hipocrisia e incongruência**, já que a charge expõe a hipocrisia de muitas instituições que proclamam apoio à igualdade de gênero enquanto continuam a praticar a exclusão e a desigualdade. E, neste sentido, o líder da reunião usa uma frase progressista enquanto perpetua uma estrutura de poder desigual, bem como na **crítica social**, pois a charge critica não apenas a falta de mulheres em posições de poder, mas também o uso de discursos de igualdade como uma forma de manter o *status quo* sem implementar mudanças reais. Neste diapasão, outra crítica que pode ser observada na charge do artista

francês “Plantu” é a **marginalização das mulheres**, pois a posição de Brigitte, tomando notas ao fundo, ilustra a marginalização contínua das mulheres nos espaços de decisão. Isso simboliza a dificuldade que as mulheres enfrentam para serem reconhecidas como iguais em capacidade e influência.

Sobre a relação com a FD Igualdade de Gênero, a charge alinha-se com os princípios de empoderamento feminino, destacando a necessidade de mudar as práticas e políticas que mantêm as mulheres em posições subalternas. Além disto, a imagem sugere que, além dos discursos progressistas, são necessárias ações concretas para promover a verdadeira igualdade de gênero no ambiente de trabalho.

Esta charge mobiliza a **memória discursiva** que traz à cena a permanência de discursos patriarcais que, apesar de progressos simbólicos no discurso sobre a importância da mulher na sociedade, mantêm as mulheres em posições subalternas nas esferas de poder. A referida frase *"La femme est l'avenir de l'homme"* reflete a promessa de inclusão feminina, enquanto a prática cotidiana - ilustrada pela posição de Brigitte - continua a restringir sua participação efetiva. A charge, portanto, ativa uma memória discursiva de exclusão e marginalização, criticando a diferença entre o discurso de igualdade de gênero e as práticas “reais” nas estruturas de poder. A FD do empoderamento feminino aqui é colocada em tensão com as formações discursivas patriarcais que continuam a dominar os espaços de decisão.

Enfim, a charge revela a complexa FD entre o poder masculino e a desigualdade de gênero, destacando a discrepância entre discursos progressistas e a realidade prática. A imagem critica a superficialidade com que muitas instituições abordam a igualdade de gênero, usando retórica sem implementar mudanças significativas.

Por conseguinte, entendo que a charge analisada utiliza o contraste entre o discurso progressista e a prática real para destacar a hipocrisia e a resistência à verdadeira igualdade de gênero nas instituições de poder. Ao fazer isso, ela convida os espectadores a refletirem sobre a diferença entre palavras e ações, e sobre a necessidade de mudanças estruturais profundas para alcançar a verdadeira igualdade.

Neste sentido, o **interdiscurso** desta charge articula um conflito entre o discurso ideal de igualdade de gênero e a prática patriarcal que ainda domina os

espaços de poder. O confronto entre a ideia de que "a mulher é o futuro do homem" e a realidade da exclusão feminina, simbolizada pela posição de Brigitte, revela a ironia e a superficialidade com que o empoderamento feminino é tratado. A presença de múltiplos discursos - igualdade, inclusão, patriarcado e marginalização feminina - é usada de forma crítica para expor as tensões entre as promessas de transformação social e as barreiras que ainda limitam a participação plena das mulheres no poder.

A análise sob o prisma do conceito de **biopoder** (Foucault, 1976) revela como as mulheres, embora aparentemente integradas aos espaços de poder, continuam a ser controladas por barreiras invisíveis que limitam sua participação. O biopoder, ao regular de forma sutil as normas culturais e sociais, impede que as mulheres tenham acesso real à influência e ao poder de decisão. Embora o discurso de empoderamento feminino esteja presente, o controle invisível sobre os corpos e as vozes femininas perpetua a exclusão, mantendo as mulheres à margem dos processos decisórios.

Destaco que essas barreiras invisíveis se manifestam de várias formas, tais como o controle simbólico sobre onde as mulheres podem estar, o silenciamento imposto a elas e a naturalização da exclusão feminina dos espaços de poder. A crítica à ironia do discurso que enaltece a mulher enquanto o **biopoder** a mantém submissa é central para entender como o empoderamento feminino ainda enfrenta obstáculos profundos e estruturais, que precisam ser desafiados tanto no discurso quanto na prática.

Ainda sobre a charge do artista francês "Plantu", é possível observar uma crítica irônica à relação entre discurso sobre empoderamento feminino e a realidade das estruturas de poder masculinas. Ao mobilizar **deslizamentos de sentido**, a imagem revela a distância entre o que é dito e o que de fato ocorre nas relações de poder, especialmente em contextos corporativos e institucionais. Analisada sob a lente da AD de linha francesa, com ênfase na FD empoderamento feminino, a charge mostra como o discurso progressista sobre as mulheres frequentemente é neutralizado por práticas patriarcais e conservadoras.

Eis, assim, um quadro dos principais significados e sentidos contidos na charge de "Plantu":

1 A CITAÇÃO SOBRE A MULHER COMO FUTURO DA HUMANIDADE	
Significado	Sentidos
A frase mencionada por um dos homens, "La femme est l'avenir de l'homme" (A mulher é o futuro do homem), parece, à primeira vista, uma afirmação progressista e positiva, que coloca a mulher como uma figura central e importante para o futuro.	Contudo, esse discurso desliza para a ironia quando observamos o contexto em que é pronunciado. A frase progressista é dita por um homem em um ambiente dominado exclusivamente por homens, onde a única mulher presente está relegada à função de assistente, sendo instruída a "tomar nota". O sentido da frase se desloca de uma valorização do papel feminino para uma hipocrisia.
2 O PAPEL SUBMISSO DA MULHER: "BRIGITTE, TOME NOTA"	
Significado	Sentidos
A mulher, chamada de "Brigitte", está fisicamente presente na sala, mas relegada ao papel de secretária, enquanto todos os outros participantes, todos homens, ocupam os lugares principais à mesa de decisão.	O papel de Brigitte como anotadora de decisões desliza para uma crítica contundente ao silenciamento e à subordinação feminina. Embora as mulheres sejam reconhecidas como "o futuro" no discurso do homem, a realidade mostra que elas continuam ocupando funções de servidão e invisibilidade dentro das esferas de poder. O deslizamento aqui denuncia a disparidade entre o discurso de valorização da mulher e a perpetuação de práticas patriarcais que a mantêm afastada dos espaços de decisão.
3 A MESA DE DECISÃO EXCLUSIVAMENTE MASCULINA	
Significado	Sentidos
A mesa cheia de homens sugere um ambiente corporativo ou institucional tradicional, onde as decisões importantes são tomadas.	A presença exclusiva de homens na mesa, em contraste com a única mulher fora desse círculo de poder, desliza para a representação da exclusão sistêmica das mulheres das esferas de liderança e tomada de decisão. Esse deslizamento expõe a ironia do discurso sobre o empoderamento feminino em contextos onde as mulheres continuam a ser marginalizadas e confinadas a papéis secundários.
4 A FIGURA DE BRIGITTE NO CANTO DA SALA	
Significado	Sentidos
A mulher está fisicamente presente no ambiente, o que poderia sugerir sua participação no processo de decisão.	A posição física de Brigitte, isolada e sentada fora do centro de poder, revela um deslizamento significativo. Embora esteja no mesmo espaço que os homens, ela está colocada à margem, desempenhando um papel secundário. Sua presença física contrasta com a ausência simbólica das discussões importantes. Um sentido possível dessa cena é o de que a participação das mulheres é frequentemente simbólica e não efetiva nas esferas de poder, reforçando sua exclusão das decisões reais.

5 O AMBIENTE CONSERVADOR E AS IMAGENS DE HOMENS NA PAREDE	
Significado	Sentidos
A sala está decorada com retratos de figuras masculinas, o que sugere a continuidade de uma tradição masculina de poder.	Os retratos na parede, todos de homens, deslizam para a ideia de que o poder e a autoridade são historicamente reservados aos homens. Essa tradição é perpetuada no ambiente representado na charge, onde, apesar do discurso de "a mulher é o futuro", os homens continuam a dominar e tomar decisões. O deslizamento de sentido aqui critica o caráter conservador das instituições, onde o poder continua a ser associado à figura masculina, enquanto as mulheres permanecem marginalizadas.
6 A HIPOCRISIA DO DISCURSO PROGRESSISTA	
Significado	Sentidos
O homem cita um poeta que valoriza o papel da mulher no futuro, o que inicialmente sugere um reconhecimento do valor feminino.	No entanto, esse discurso desliza para a hipocrisia quando confrontado com a realidade da cena. O reconhecimento do "futuro feminino" é apenas verbal, sem nenhuma consequência prática. As mulheres continuam ausentes das decisões e marginalizadas nas esferas de poder, mesmo quando reconhecidas retoricamente. Este deslizamento evidencia como o discurso progressista pode ser cooptado por instituições patriarcais para mascarar a manutenção do status quo, sem promover uma real transformação nas relações de poder.

Nesta charge, a crítica encaminha para a distância entre o discurso e a prática em relação ao empoderamento feminino. A frase "*La femme est l'avenir de l'homme*", que deveria implicar igualdade e valorização das mulheres, é subvertida pela própria cena que a charge apresenta, onde as mulheres continuam ocupando posições de subordinação e silêncio. O discurso progressista é neutralizado por práticas patriarcais persistentes, que mantêm as mulheres à margem das decisões importantes. A FD do empoderamento feminino é confrontada com o discurso vazio e simbólico, sugerindo que, sem mudanças estruturais, o empoderamento real continua sendo uma promessa não cumprida.

Acerca do assunto inerente às práticas patriarcais persistentes, é importante ressaltar que os movimentos feministas desencadeados na segunda metade do século XX tiveram como foco principal de seus combates a repressão sexual feminina, a igualdade de direitos civis, a proteção do Estado no combate à pornografia e à prostituição. E, se na Idade Média a situação das mulheres foi marcada pela negação

de seu Direito à Propriedade, no final do século XIX essa também foi importante bandeira de luta dos movimentos feministas.

Pois, como demonstra Bauer (2001, p. 90), o casamento era para as mulheres a verdadeira “morte civil”, visto que elas se tornavam totalmente incapazes perante a lei, lei que atribuía ao marido todos os poderes sobre a propriedade e o patrimônio da mulher, que mesmo se trabalhasse não seria dona de seu próprio salário.

A repressão ao longo do século XX, aos poucos, passou a ser substituída por horrendos e inexplicáveis preconceitos. Preconceitos que foram nutridos, por muito tempo, pela sociedade pós-moderna, sociedade que via as mulheres que ousavam igualar-se aos homens em atributos que vão da genialidade intelectual às proezas físicas, como seres inferiores, dignas das mais diversas “marcas”. E essas mulheres que logravam obter qualquer sucesso na sociedade patriarcal, tais como sucesso financeiro ou uma carreira profissional em qualquer área, passaram a ser agrupadas pela sociedade preconceituosa em três grandes grupos: as predadoras, as assexuadas e as homossexuais.

O preconceito era tão abissal, que essa sociedade retrógrada propagava que, ou a mulher dormiu com uma série de homens ao longo do tempo para obter favores profissionais e ascender na carreira, ou a mulher seria um ser assexuado, que nutre uma patológica sede de poder assim como os homens, ou, se não se encaixa nas duas primeiras definições, ela é uma homossexual, assumida ou não, que age como homem e assim obtém o sucesso.

No que tange ao contexto da falta de reconhecimento e diálogo entre os gêneros, apresento a imagem nº 11, que consiste na charge de Nicolas Vadot, artista com tripla nacionalidade e renomado entusiasta das questões relacionadas ao gênero feminino:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge de Nicolas Vadot utiliza a **metáfora visual** e a **ironia** para criticar a desigualdade de gênero no ambiente de trabalho, destacando a divisão desigual do trabalho doméstico e de cuidado e suas implicações nas carreiras das mulheres. Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pela igualdade de gênero, a charge sublinha a necessidade de reconhecer e valorizar as múltiplas responsabilidades das mulheres, promovendo políticas e práticas que apoiem a verdadeira igualdade no local de trabalho. Esta charge oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes que impedem o avanço da igualdade de gênero, enfatizando a urgência de ações concretas para superar essas desigualdades.

No que tange à **metáfora visual**, a diferença nas escadas simboliza a desigualdade estrutural entre homens e mulheres no ambiente de trabalho, onde as mulheres têm que enfrentar mais obstáculos e esforços para alcançar o mesmo nível que os homens. Ainda sobre este aspecto, a imagem da mulher equilibrando uma criança e uma frigideira representa a pressão adicional sobre as mulheres de gerenciar tanto as responsabilidades domésticas quanto as profissionais.

Sobre a questão da **ironia e crítica social**, o comentário do homem sobre procurar alguém ambicioso ironiza a hipocrisia das expectativas corporativas que desconsideram as múltiplas responsabilidades que muitas mulheres enfrentam. A charge critica a discriminação implícita nas práticas de contratação e promoção, onde as mulheres são julgadas desfavoravelmente por seu envolvimento nas tarefas de cuidado.

Para analisar a FD empoderamento feminino na charge apresentada, destaco alguns elementos. Dentre os mais impactantes, analiso os elementos visuais e textuais e o contexto sociocultural implicado na imagem. Para tanto, dou início à análise com a apresentação dos **elementos visuais e textuais**. O primeiro elemento visual da charge mostra um homem e uma mulher em escadas de diferentes alturas, ambos diante de uma plataforma. As escadas de alturas diferentes evidenciam a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres no ambiente de trabalho, sendo que a escada mais baixa utilizada pela mulher representa as barreiras adicionais que ela enfrenta.

Em relação ao elemento textual, a mulher, carregando um bebê e uma sacola de compras, escuta um dos homens na plataforma que enuncia: *"Je cherche quelqu'un d'ambitieux, qui ne perd pas son temps à s'occuper des gosses et faire le*

repassage".⁵¹ Tal enunciado reflete o preconceito relacionado às mulheres, e em especial, às que se ocupam com as responsabilidades domésticas. Na charge, a mulher carregando um bebê e uma sacola de compras representa as múltiplas atividades domésticas e de cuidados que frequentemente recaem sobre as mulheres, limitando suas oportunidades de carreira.

Neste mesmo diapasão, surge o **contexto sociocultural**, onde destaco as **expectativas de gênero**, evidentes quando a charge critica as expectativas de gênero que colocam a responsabilidade do cuidado dos filhos e das tarefas domésticas quase exclusivamente sobre as mulheres, prejudicando suas oportunidades de desenvolvimento profissional. A **disparidade salarial** se destaca no próprio título da charge "*Hommes/Femmes: Échelle des Salaires*" ("Homens/ Mulheres: Escala dos Salários"), tendo em vista que sugere uma reflexão sobre a disparidade salarial entre homens e mulheres, exacerbada pelas responsabilidades domésticas que as mulheres carregam.

Neste sentido, em relação à FD empoderamento feminino, a charge destaca a desigualdade de gênero no ambiente de trabalho, onde as mulheres enfrentam barreiras adicionais devido às expectativas sociais sobre suas responsabilidades domésticas. A ênfase está na fala do homem na plataforma, reflete uma mentalidade patriarcal que desvaloriza o trabalho de cuidado realizado pelas mulheres e não reconhece suas ambições e capacidades profissionais.

Por conseguinte, compreendo que o discurso de empoderamento é decorrente do **reconhecimento das dificuldades**, já que, ao mostrar a mulher com múltiplas responsabilidades tentando alcançar o mesmo nível que os homens, a charge reconhece as dificuldades únicas enfrentadas pelas mulheres e sugere a necessidade de mudanças estruturais para permitir a igualdade de oportunidades, e da **valorização do trabalho doméstico**, considerando que a charge implicitamente valoriza o trabalho doméstico e de cuidado, ao criticar a visão que o desvaloriza. Ressalto que isso faz parte do empoderamento feminino, que inclui o reconhecimento e a valorização de todas as formas de trabalho realizadas por mulheres.

⁵¹ No canto superior esquerdo, lê-se: "Homens/mulheres: escala dos salários". O executivo diz: "Procuro alguém ambicioso, que não perca tempo cuidando das crianças ou passando roupa" (ONU Mulheres, 2018, grifei).

A informação contida no canto superior esquerdo remete a uma espécie de “manchete”, onde o que chama a atenção poderia até ser embasado em dados possíveis de manipulações. Entretanto, ao inter-relacionar a “manchete” com o discurso do executivo, que se encontra posicionado atrás de um móvel bem alto, sentado em uma cadeira com espaldar também alto e fumando um charuto, que remete ao símbolo de poder aquisitivo alto, temos um nítido caso de desigualdade de gêneros no ambiente laboral.

Afinal, as múltiplas tarefas desenvolvidas pelas mulheres que têm filho(s) e necessitam cuidar dos afazeres domésticos versus a “tranquilidade” masculina, tendem a gerar forte preconceito relacionado à maternidade. Afinal, “Mães” são criaturas “santas” e abnegadas. E em razão disto, não são consideradas ambiciosas suficientemente para ocupar cargos de poder. Tal preconceito também fomenta a realidade de que os salários ainda são bastante diferentes na maioria das atividades exercidas pelos homens e mulheres.

Ainda sobre o discurso do executivo, fica claro o menosprezo relacionado com os cuidados com crianças e tarefas domésticas. Ou seja, se a mulher tem dupla jornada de trabalho, a primeira interpretação é de que ela não é ambiciosa. E, em consequência, temos a desvalorização do trabalho doméstico, aliando tais atividades às mulheres.

Neste âmbito, a **memória discursiva** desta charge articula a persistente desigualdade de gênero no mercado de trabalho, refletindo a exclusão das mulheres das mesmas oportunidades de progresso profissional oferecidas aos homens. A representação visual da mulher equilibrando trabalho e tarefas domésticas reforça a sobrecarga de funções que limita seu empoderamento econômico. A charge atualiza discursos históricos sobre a desigualdade salarial, a invisibilidade do trabalho doméstico e as barreiras estruturais que impedem a ascensão feminina, destacando as tensões entre o discurso de empoderamento feminino e a realidade ainda marcada por um sistema patriarcal.

O **interdiscurso** desta charge articula a coexistência de múltiplos discursos que se chocam e interagem: o discurso do empoderamento feminino é confrontado pelas práticas de desigualdade salarial e pela sobrecarga de tarefas domésticas atribuídas às mulheres; o discurso de ambição profissional, geralmente associado aos homens, contrasta com as expectativas de gênero que colocam as mulheres em

desvantagem. Esses discursos interagem de maneira crítica, expondo a tensão entre o ideal de igualdade de gênero no trabalho e as barreiras invisíveis impostas pelo patriarcado. A charge, portanto, revela as limitações que as mulheres enfrentam ao tentar equilibrar as exigências do trabalho e da vida doméstica, mostrando que o discurso de igualdade ainda não foi plenamente traduzido em prática.

Sob o prisma da AD de linha francesa e do conceito de **biopoder** (Foucault, 1976), destaca-se que a charge revela como as normas invisíveis de gênero regulam o trabalho e a vida das mulheres, mantendo-as em uma posição de desvantagem tanto no mercado de trabalho quanto na esfera doméstica. O que não é visível, mas que molda a realidade dessas mulheres, são as expectativas sociais internalizadas que exigem que elas conciliem o trabalho com as responsabilidades domésticas, enquanto os homens são isentos dessas funções e podem se dedicar inteiramente ao trabalho.

A FD empoderamento feminino luta contra essas barreiras invisíveis, buscando desconstruir o controle do **biopoder** que perpetua a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. No entanto, como a charge ilustra, o controle continua presente, de maneira silenciosa, mas eficaz, mantendo as mulheres sobrecarregadas e subvalorizadas, sendo que a verdadeira igualdade depende de uma transformação não apenas das políticas salariais, mas também das normas culturais que regulam os papéis de gênero de maneira invisível.

Outro aspecto que merece destaque na charge de “Nicolas Vadot” são os **deslizamentos de sentido**, que exploram as disparidades de gênero no mercado de trabalho e, especificamente, a diferença salarial entre homens e mulheres. Sob a perspectiva da AD de linha francesa, com foco na FD empoderamento feminino, a imagem problematiza as barreiras estruturais impostas às mulheres, destacando como as responsabilidades domésticas e familiares são utilizadas para justificar a desigualdade salarial e a falta de ascensão profissional feminina. E, neste âmbito, um **quadro** onde apresento significados e sentidos analisados na charge:

1 A ESCADA SALARIAL: HOMENS VS. MULHERES	
Significado	Sentidos
A "escada salarial" representa a estrutura hierárquica e desigual das	A escada, que deveria ser uma ferramenta de ascensão social e profissional igualitária, desliza para um símbolo de

remunerações entre homens e mulheres.	desigualdade de gênero. A mulher tem uma escada menor e menos estável, enquanto os homens estão no topo, representando que, mesmo quando têm acesso ao mesmo sistema, as mulheres são colocadas em desvantagem estrutural. O deslizamento de sentido aqui revela como a FD do empoderamento feminino enfrenta barreiras no mercado de trabalho, onde a ascensão profissional é significativamente mais difícil para as mulheres devido a questões sistêmicas.
---------------------------------------	---

2 A MULHER SOBRECARGADA COM CRIANÇAS E TAREFAS DOMÉSTICAS

Significado	Sentidos
A mulher está dividida entre as responsabilidades profissionais e domésticas, carregando uma criança em um braço e produtos de limpeza no outro.	O deslizamento de sentido ocorre ao percebermos que, enquanto os homens estão focados em suas carreiras, a mulher precisa equilibrar suas responsabilidades familiares e profissionais. O empoderamento feminino, que deveria permitir uma igualdade de condições no mercado de trabalho, desliza para uma crítica à sobrecarga imposta às mulheres, que são historicamente responsabilizadas por tarefas domésticas e o cuidado dos filhos. Essa imagem reflete a ideia de que o progresso profissional das mulheres é limitado pelo peso das responsabilidades domésticas, perpetuando a desigualdade de gênero.

3 A DISPARIDADE NO TRATAMENTO PROFISSIONAL

Significado	Sentidos
Os homens no topo da escada conversam e fumam, alheios à sobrecarga enfrentada pela mulher, que está ocupada com múltiplas tarefas.	Esse deslizamento sugere que a disparidade salarial e de oportunidades entre homens e mulheres não é apenas uma questão de mérito, mas de expectativas sociais desiguais. Enquanto os homens estão livres para se concentrar em suas carreiras e ascender na escala salarial, a mulher está presa a uma série de demandas que restringem seu tempo e seu avanço profissional. O deslizamento de sentido aqui reflete a crítica à ideia de meritocracia em um sistema que, desde o início, é estruturado para privilegiar os homens.

4 O DISCURSO PATRIARCAL

Significado	Sentidos
A fala do homem, "Estou procurando alguém ambicioso, que não perca tempo cuidando dos filhos e fazendo o serviço doméstico", sugere um ideal de trabalhador focado e produtivo.	No entanto, essa afirmação desliza para uma crítica irônica à exclusão das mulheres do conceito de ambição e produtividade. Ao associar o cuidado dos filhos e as tarefas domésticas a uma "perda de tempo", o discurso patriarcal desvaloriza o trabalho não remunerado realizado pelas mulheres, reforçando estereótipos de gênero que perpetuam a desigualdade. Esse deslizamento sugere que, enquanto as mulheres são vistas como responsáveis pelo trabalho doméstico, sua ambição e potencial profissional são automaticamente subestimados, impedindo seu avanço.

5 A ESTABILIDADE DA ESCADA MASCULINA E A FRAGILIDADE DA ESCADA FEMININA	
Significado	Sentidos
As escadas representam a trajetória profissional e salarial dos homens e mulheres.	A estabilidade da escada masculina contrasta com a fragilidade e precariedade da escada feminina. O deslizamento aqui mostra que, mesmo quando as mulheres conseguem entrar no mercado de trabalho, sua trajetória profissional é muito mais instável, com menos oportunidades de progresso e reconhecimento. Esse deslizamento reflete a crítica à FD do empoderamento feminino, que é constantemente minada por uma estrutura social que não oferece o mesmo suporte ou oportunidades para as mulheres.
6 A INVISIBILIDADE DO TRABALHO DOMÉSTICO NA VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL	
Significado	Sentidos
As tarefas domésticas e o cuidado dos filhos são representados como atividades que a mulher precisa equilibrar com suas responsabilidades profissionais.	O deslizamento de sentido aqui ocorre quando percebemos que essas responsabilidades são invisíveis ou desvalorizadas no contexto do avanço profissional. O discurso patriarcal dominante desconsidera o peso do trabalho doméstico não remunerado nas vidas das mulheres, enquanto valoriza o homem que pode se dedicar exclusivamente à sua carreira. Esse deslizamento sugere que, enquanto o trabalho não remunerado continua invisível, as mulheres permanecem em desvantagem na "escada salarial", sem que suas responsabilidades e esforços sejam levados em conta.

Os deslizamentos de sentido nesta charge expõem a disparidade estrutural entre homens e mulheres no mercado de trabalho, onde o discurso de empoderamento feminino é frequentemente ofuscado pelas expectativas sociais desiguais e pelo peso das responsabilidades domésticas impostas às mulheres. A ascensão salarial é representada de forma desigual, revelando como as estruturas patriarcais continuam a favorecer os homens, enquanto as mulheres enfrentam múltiplas barreiras para avançar em suas carreiras. A FD empoderamento feminino, neste contexto, é um constante confronto com as desigualdades sistêmicas que limitam a participação plena das mulheres no mercado de trabalho e nas esferas de poder econômico.

Após a análise das charges apresentadas neste subtítulo, é possível constatar que a mulher sempre foi, ao longo da história, hostilizada, desprezada, infantilizada ou demonizada, jamais vista, nunca ouvida, nunca sentida, apesar de algumas vezes ser idealizada. Enfim, em pleno século XXI, ainda travamos verdadeiras batalhas,

onde o androceu teme o gineceu, o masculino teme o feminino, e esse temor se transmuda em dominação pura e simples, posto que somos levados por um élan incontrollável a dominar, destruir ou desprezar tudo o que não conhecemos ou tememos.

Simonnet (2003) nos brinda com esse entendimento ao descrever que alguns atos eram tidos pelos romanos por ignóbeis, portanto, sequer citados nos livros, e que entre esses atos encontrava-se o cunilíngua, que desonrava o homem por colocá-lo a serviço de uma mulher. O destino do macho da espécie *Homo Sapiens Sapiens* é, portanto, dominar. Mesmo nos jogos do amor, o macho tem a sede do poder, a vontade da conquista, o afã de aventura, a busca pelo conhecimento. Essas qualidades masculinas são vetadas às mulheres, seres inferiores e submissos que devem obediência aos seus senhores. Essa é a ótica do macho e, infelizmente, a ótica de algumas mulheres que agem conscientemente como reprodutoras do sistema.

3.3 Entre o capitalismo e a desigualdade de gênero: a FD “Empoderamento Feminino” versus “Capitalismo e Neoliberalismo”

Pode parecer estranho iniciar um subtítulo sobre propriedade privada com reminiscências alusivas à religião. Mas, na sequência, tal menção justificar-se-á. Para tanto, basta que recordemos à fala de Almeida (2006, p. 69), que, de forma incisiva e pontual, afirma: “Não resta nenhuma dúvida de que a religião ocupa lugar determinante na vida humana e está inserida na cultura e no delineamento da identidade de um povo”. Como Almeida (2006), compreendo que a religião, em um movimento apriorístico, impõe as primeiras restrições à liberdade individual dos seres humanos, o que, na maioria das vezes, visa estabelecer uma ordem no caos social.

Muito embora os positivistas e mesmo alguns jusnaturalistas neguem ser o direito um rebento dileto das normas morais e religiosas, o que vemos claramente na dialética histórica é que, de fato, o surgimento do direito do Estado se deu a partir do momento em que este toma para si o conjunto das normas religiosas ou morais de uma nação e as positiva nos primeiros códigos humanos. Ou seja, nesse caso, temos um discurso político reiterado e ratificado pelo jurídico.

Por conseguinte, podemos afirmar que a propriedade privada é, por assim dizer, o “Direito Base” das sociedades “civilizadas” ocidentais, sociedades estas que têm por escopo normatizar as relações sociais. Importa evidenciar que a regulamentação desse “Direito Divino” remonta aos primeiros códigos legais, que objetivam coibir ou impedir os delitos que atentam contra a propriedade. Nesse sentido, destaco que a mais antiga compilação de cláusulas legais escritas é o Código de Hamurábi⁵². E este Código exibe um Título denominado “II - Crimes de furto e de roubo, reivindicação de móveis”. Ou seja, a premissa é pela existência da propriedade privada individual, posto que não se poderia falar de delitos como furto e roubo em um sistema de propriedade coletiva.

Outro antiquíssimo código de leis que também estabelece o direito à propriedade, como já nos referimos, é a “Lei Mosaica”, inscrita na compilação de história e direito público e privado dos Hebreus, a Torah ou Pentateuco. Nessa compilação, em especial, também há a previsão das condutas antijurídicas avessas ao Direito à Propriedade, tais como o furto e a cobiça. Ressalto que a própria cobiça é vetada como conduta humana, pelo dispositivo insculpido em Êxodo, capítulo 20, versículo 17: “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo”.

Ressalte-se ademais que, a partir desses códigos legais, mais antigos que o Livro dos Mortos do Egito, ainda se vislumbrava o instituto da escravidão como meio natural de obtenção do lucro, concentração da riqueza e dominação dos povos mais fracos. Essa atitude dos códigos primitivos tem seu firme liame com a religião e com os costumes daquela época, posto que positivados não apenas nos códigos propriamente ditos, mas citados e referenciados em outros trechos das escrituras sagradas daqueles povos. E, ainda mais, as sanções não se restringiam ao mundo real, corpóreo, donde se desenvolviam as relações sociais, mas estendiam-se ao mundo do “além” onde as “almas” seriam punidas por suas más ações em vida.

Esse é o ponto da conexão da mulher e da propriedade privada, posto que é nesse ponto do devir humano, isto é, desde os mais tenros primórdios da história, que a mulher perde o direito à propriedade privada e passa ela própria à qualidade de

⁵² Primeiro Código de leis da história, criado na Mesopotâmia por volta do século XVIII a.C.

propriedade, de coisa, de “res”. Pois nessas que foram as “tribos” ancestrais da civilização ocidental, era o homem, o patriarca da família, que detinha o poder de vida e morte sobre seus filhos, filhas e esposas. Foi a partir deste período que o status da mulher passou a ser tão reduzido, que o pai da noiva precisava pagar ao pai do noivo um dote pelas núpcias, como uma forma de se livrar de mais uma “despesa”.

Ressalte-se, todavia, que antes desse período, as mulheres partilhavam a propriedade privada em igualdade de direitos com os homens. Aliás, como já nos referimos anteriormente, no matriarcado ancestral, a linha de transmissão do parentesco e da propriedade era matrilinear. Ou seja, a mulher transmitia a posse a seus descendentes e determinava os laços de consanguinidade.

No caso de predominância do poder feminino, é patente que nos grupamentos de primatas há uma predominância de fêmeas sobre os machos. Ou seja, a lei da natureza, para garantir a conservação das espécies, prevê um nascimento maior de fêmeas, posto que um macho pode fecundar várias fêmeas, mas uma fêmea não pode ser fecundada por vários machos. Baseando-se nesta premissa, este tem sido, inclusive, um dos argumentos fundamentadores da repressão à sexualidade feminina e da libertinagem masculina.

Ainda sobre as formas de conexão da mulher à propriedade privada, temos os primeiros grupamentos tribais, que adotaram o casamento grupal como forma de equilibrar o matriarcado com a propriedade coletiva. E, era dessa forma, que a propriedade pertencia a todos os membros do grupo, ao mesmo tempo em que todos os filhos do grupo se referiam aos adultos como “pais” e “mães”, garantindo dessa forma a transmissão da posse a todos os “filhos” e “filhas” da “tribo”.

No modelo monogâmico ou poligâmico patriarcal, diametralmente oposto ao modelo grupal ou poliândrico matriarcal, a transmissão da herança se dá através da primogenitura do varão e nunca através da sucessão feminina. Isto é, mesmo a filha sendo a mais velha, o filho mais moço é o varão primogênito e herdará tudo. Nesse sistema patriarcal e altamente misógino, como as mulheres não poderiam herdar, o marido da mulher, mesmo sem nenhum laço consanguíneo com a família da mesma, era quem herdava o espólio do sogro. Dessa forma, a mulher obrigava-se a uma submissão total, posto que incapaz de prover seu sustento e de seus filhos, por absoluta incapacidade legal de deter os meios de produção e sustento. Sendo assim, muitas vislumbravam, como uma das poucas saídas que lhe restavam, a prostituição.

Pois, seria uma forma de não depender do varão e ainda era uma forma de garantir a subsistência sua e de seus filhos e filhas.

Uma outra consequência dessa estrutura social machista foi o surgimento da figura dos filhos “bastardos”. Ressalto que, durante muito tempo, esses “seres inferiores” nem sequer existiam para o Direito desse período, visto que sequer eram incapazes de herdar o nome paterno, o que lhes poderia conferir, dentre outras coisas, o direito de exercer o ofício do pai. Por conseguinte, sem nome e sem meios para sobreviver, nada mais restava aos “bastardos” senão as condutas ilícitas como forma de subsistência na nascente sociedade patriarcal.

Triste constatação é que esse *status* do gênero feminino permaneceu inalterado durante toda a Antiguidade Clássica, sendo alterado apenas no Direito Romano, quando a mulher recebe de volta o direito à herança, se bem que, mesmo nesse período, a mulher romana ainda gozava de pouquíssimos direitos e o *pater familias*, depois de um tribunal de família, detinha inclusive o poder de vida e morte sobre a mulher.

Na Idade Média, a aludida conquista de direito à herança mudou de prisma. E, mais uma vez, a situação se inverteu e as mulheres perderam de novo qualquer tipo de direito à propriedade, que se tornará futuramente bandeira de luta dos movimentos feministas. Bauer (2001, p. 90) demonstra de forma incisiva a “morte civil” da mulher no casamento, pois se tornava totalmente incapaz perante a lei que atribuía ao marido todos os poderes sobre a propriedade e o patrimônio da mulher, e que mesmo se trabalhasse, não seria dona de seu próprio salário. Diante disto, seria plausível afirmar que tais discursos remeteriam à compreensão de o casamento seria uma espécie de escravidão?

Diante de tal questionamento, apresento a imagem nº 09, charge da venezuelana Rayma Suprani, destacando que as FDs do empoderamento e do casamento podem interagir de várias maneiras, refletindo as mudanças nas dinâmicas sociais, culturais e de gênero:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge de Rayma Suprani apresenta uma mulher vestida de noiva olhando para um espelho, no qual seu reflexo aparece como uma dona de casa lavando louças. Esta imagem é carregada de simbolismo e crítica às expectativas tradicionais de gênero que confinam as mulheres a papéis domésticos, mesmo quando elas assumem novas identidades e aspirações.

A charge de Rayma Suprani utiliza a **metáfora visual** e a **ironia** para criticar as expectativas sociais de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres para equilibrar suas responsabilidades pessoais e domésticas. Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pela igualdade de gênero na América Latina, a charge sublinha a necessidade urgente de transformar discursos em ações concretas que promovam a verdadeira igualdade de gênero. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes que impedem o avanço da igualdade de gênero, enfatizando a urgência de ações para superar essas desigualdades e apoiar o empoderamento feminino em todas as esferas da vida.

Quando focalizo a enunciação e estratégias discursivas, a **metáfora visual** da noiva no espelho representa a dualidade de identidade que muitas mulheres enfrentam. A imagem idealizada de noiva contrasta com o reflexo da mulher como dona de casa, simbolizando os papéis conflitantes que a sociedade impõe às mulheres. O espelho serve como um dispositivo para refletir a realidade das expectativas sociais sobre as mulheres, destacando a disparidade entre a aparência e a realidade.

No que tange à **ironia e crítica social**, a ironia reside no fato de que a mulher, vestida para um dos dias mais celebrados pela sociedade de sua vida (seu casamento), é refletida como uma dona de casa, sublinhando a continuidade das

responsabilidades domésticas que muitas vezes não mudam com o casamento. Ainda, neste sentido, a charge critica as expectativas sociais que confinam as mulheres a papéis tradicionais, destacando a necessidade de uma reavaliação dessas normas.

Destaco que a charge se alinha com os princípios de empoderamento feminino, promovendo a ideia de que as mulheres devem ter a liberdade de perseguir suas ambições sem serem limitadas por expectativas tradicionais de gênero. Afinal, a imagem sublinha a necessidade de políticas e práticas que apoiem a igualdade de gênero, facilitando a conciliação entre vida profissional e doméstica. Então, para analisar a FD empoderamento feminino na charge apresentada, destaco alguns elementos. Dentre os mais impactantes, analiso os elementos visuais, o simbolismo e o contexto sociocultural implícito na imagem.

Dou início à análise com a apresentação dos **elementos visuais**. A charge apresenta como figura central uma mulher vestida de noiva, segurando um buquê de flores, representando um papel tradicional associado ao casamento. Na sequência, vê-se o espelho à frente da noiva e, no reflexo do espelho, a mesma mulher está segurando um prato, que simboliza as tarefas domésticas e responsabilidades culinárias.

Destaco que, nos **elementos simbólicos**, o buquê é um símbolo tradicional de casamento, sugerindo o papel de esposa que a sociedade frequentemente atribui às mulheres. O prato no reflexo simboliza o trabalho doméstico, indicando as responsabilidades que as mulheres assumem dentro de casa, como cozinhar e cuidar da família. E a dualidade entre a imagem da noiva e o reflexo segurando um prato destaca a expectativa de que as mulheres desempenhem múltiplos papéis, tanto públicos (como o de esposa) quanto privados (como o de dona de casa).

No **contexto sociocultural**, a imagem reflete sobre as expectativas sociais que tradicionalmente colocam as mulheres em papéis de cuidado e domésticos, muitas vezes em detrimento de suas aspirações profissionais ou pessoais, sendo que a dualidade representada na charge também sugere a pressão social para que as mulheres se conformem a esses papéis tradicionais, ao mesmo tempo em que navegam por suas próprias identidades e aspirações.

Ao analisar a FD **empoderamento feminino**, a charge critica os papéis tradicionais de gênero que colocam as mulheres em posições limitantes, tanto no casamento quanto nas tarefas domésticas. Esta crítica é fundamental para a FD empoderamento feminino, cujo discurso busca desafiar e mudar essas normas culturais. Ademais, a charge destaca a invisibilidade e a falta de reconhecimento do trabalho doméstico realizado pelas mulheres. Ao trazer isso à tona, a imagem promove a valorização dessas tarefas, que são essenciais, mas frequentemente desvalorizadas.

Neste sentido, a FD Empoderamento também aduz à **autonomia e escolha**, sendo que o empoderamento feminino, conforme sugerido pela charge, envolve a autonomia das mulheres para escolherem seus próprios caminhos, seja no papel de esposa, mãe, profissional ou qualquer outra identidade que desejem assumir. Por conseguinte, a charge incentiva a redefinição dos papéis de gênero, onde as responsabilidades domésticas são reconhecidas e valorizadas, e as mulheres têm a liberdade de buscar suas aspirações pessoais e profissionais.

A **memória discursiva** desta charge expõe a crítica aos estereótipos patriarcais que ainda vinculam a realização feminina ao casamento e ao trabalho doméstico. A mulher, simbolicamente representada como noiva, é confrontada com a imagem de si mesma realizando tarefas domésticas, o que representa como o discurso patriarcal continua a restringir o papel da mulher à esfera privada, mesmo em momentos de grande simbolismo social.

Neste diapasão, a charge aponta para os desafios que as mulheres enfrentam ao tentar equilibrar diferentes papéis e responsabilidades. Isso reflete a necessidade de uma maior compreensão e apoio às mulheres que navegam por essas múltiplas identidades. Entendo que a imagem sugere que, para alcançar o **empoderamento verdadeiro**, é necessária uma mudança cultural que permita às mulheres definir seus próprios papéis e valorizar todas as suas contribuições igualmente. Em resumo, a charge promove a FD do empoderamento feminino ao criticar as expectativas tradicionais de gênero e destacar a dualidade de papéis que muitas mulheres enfrentam. A imagem sugere a necessidade de autonomia, reconhecimento e valorização das responsabilidades domésticas, promovendo uma visão de igualdade de gênero que permite às mulheres escolherem e equilibrarem suas múltiplas identidades de maneira justa e valorizada.

Por conseguinte, o **interdiscurso** nesta charge articula diferentes FDs que se entrelaçam e se confrontam: o discurso patriarcal tradicional e os estereótipos de gênero, por um lado, e o discurso de empoderamento feminino e a busca pela emancipação, por outro. A figura da noiva, que deveria simbolizar um momento de celebração e realização, é colocada em tensão com o reflexo da mulher realizando tarefas domésticas, expondo o conflito entre a idealização romântica do casamento e a opressão prática das expectativas de gênero. Assim, o interdiscurso revela as contradições entre a realização feminina, as normas patriarcais e a luta por autonomia, criticando os limites que essas imposições sociais ainda colocam sobre o empoderamento das mulheres.

Ressalto que esta charge, em especial, remete a um importante campo de **enunciação**, tendo em vista o espaço social e histórico do instituto “casamento”. Neste sentido, as discursividades do empoderamento podem influenciar a forma como as pessoas negociam suas identidades dentro do casamento. Isso pode envolver a busca por relações mais igualitárias, a promoção da autonomia individual e a rejeição de papéis tradicionais de gênero. Ou seja, a FD empoderamento feminino pode contribuir para a desconstrução das normas tradicionais associadas ao casamento. E, isso pode incluir questionamentos sobre expectativas de gênero, papéis conjugais pré-determinados e outras normas que podem restringir a autonomia e a igualdade.

Sob o prisma da AD de linha francesa e do conceito de **biopoder** de Foucault, a charge revela como as normas invisíveis de gênero moldam as expectativas sobre o papel das mulheres no casamento e na sociedade. O que não é visível, mas que influencia profundamente a vida das mulheres, são as expectativas sociais naturalizadas que confinam a mulher ao papel de dona de casa após o casamento, limitando suas opções de futuro e autonomia. Afinal, ao regular o que é esperado delas como esposas, a sociedade impõe limites invisíveis sobre suas vidas, confinando-as a certos papéis que não precisam ser ditos explicitamente, mas que são internalizados pelas normas sociais.

O reflexo no espelho é uma representação simbólica dessa expectativa invisível que pesa sobre a mulher. O que não é dito, mas está implícito na charge, é que as mulheres muitas vezes se veem confinadas a essas expectativas sem perceber a influência do **biopoder**. O empoderamento feminino, neste contexto, é uma luta para escapar dessas barreiras invisíveis e redefinir o que significa ser mulher no casamento

e na sociedade. A crítica aqui é à naturalização do papel de dona de casa para a mulher, como se fosse o destino inevitável após o casamento.

A FD empoderamento feminino busca romper com essas expectativas, promovendo a liberdade de escolha e questionando as normas que impõem à mulher o papel de cuidadora e gestora do lar. No entanto, como a charge ilustra, o **biopoder** continua a regular de maneira sutil os futuros das mulheres, confinando-as a um papel que, embora não explicitamente articulado, é amplamente aceito e naturalizado pela sociedade. A verdadeira libertação, portanto, envolve não apenas questionar essas normas, mas também reestruturar o que é esperado das mulheres em suas escolhas de vida.

Enfim, na charge da artista venezuelana Rayma Suprani, os **deslizamentos de sentido** tratam das tensões entre o papel idealizado da noiva e a realidade cotidiana imposta às mulheres, particularmente em relação às tarefas domésticas. Analisada sob a perspectiva da AD de linha francesa, com ênfase na FD empoderamento feminino, a charge critica as expectativas sociais tradicionais de gênero, expondo a desconexão entre o ideal romântico do casamento e a realidade opressora do trabalho doméstico. Neste sentido, eis um **quadro** onde apresento o significado e os respectivos sentidos, analisados na charge de Rayma Suprani:

1 A NOIVA VESTIDA PARA O CASAMENTO	
Significado	Sentidos
A imagem da mulher vestida de noiva evoca o ideal tradicional de casamento, associado à felicidade, celebração e realização pessoal, especialmente no imaginário feminino.	Ao invés de simbolizar uma conquista ou um momento de realização pessoal, o vestido de noiva desliza para um símbolo de restrição e aprisionamento ao papel doméstico. O casamento, que deveria ser uma celebração de um novo começo, transforma-se aqui em uma projeção de obrigações futuras, especialmente relacionadas às tarefas domésticas. Este deslizamento revela que, para muitas mulheres, o casamento tradicionalmente marca a transição para uma vida de deveres domésticos, comprometendo sua autonomia e liberdade pessoal, em oposição ao discurso de empoderamento feminino.
2 O REFLEXO NO ESPELHO: LAVANDO PRATOS	
Significado	Sentidos
O espelho deveria refletir a noiva no momento presente, como é comum em uma imagem de	No entanto, o espelho reflete uma imagem futura: a mulher lavando pratos, o que sugere um deslizamento significativo de sentido. A noiva não se vê como uma mulher empoderada ou

preparação para o casamento.	prestes a entrar em uma nova fase da vida, mas sim como alguém encarregada de tarefas domésticas. Isso simboliza a projeção de expectativas sociais que atrelam o casamento feminino à responsabilidade quase exclusiva pelas tarefas domésticas. Esse deslizamento evidencia a crítica às normatizações sociais que, ao invés de promoverem o empoderamento feminino, reforçam a tradicional divisão de papéis, onde a mulher é vista principalmente como cuidadora do lar.
------------------------------	--

3 O ESPELHO COMO PROJEÇÃO DE FUTURO

Significado	Sentidos
O espelho deveria refletir o estado atual da noiva, celebrando seu momento.	O deslizamento de sentido ocorre quando o espelho não reflete o presente, mas uma projeção futura, remetendo às expectativas sociais impostas à mulher casada. Em vez de se ver como uma figura de realização pessoal, a noiva vê seu futuro associado ao trabalho doméstico, uma tarefa invisível e frequentemente desvalorizada. O empoderamento feminino, que defende a igualdade e a liberdade de escolha para as mulheres, é tensionado por essa projeção, mostrando como o casamento, no imaginário social, muitas vezes implica a assunção automática de obrigações relacionadas ao cuidado do lar.

4 A TRANSIÇÃO DO ROMANTISMO PARA A REALIDADE DOMÉSTICA

Significado	Sentidos
O buquê de flores, que a noiva segura nas mãos, simboliza o romantismo, o amor e a celebração.	O buquê, um símbolo do amor romântico, contrasta com a imagem refletida de lavar pratos, um ato que representa o trabalho doméstico monótono e desvalorizado. O deslizamento de sentido ocorre aqui ao destacar que o romantismo frequentemente promovido pelo casamento é rapidamente substituído pelas realidades diárias de responsabilidades domésticas. Isso reforça a crítica de que o papel da mulher no casamento é visto menos como parceiro e mais como uma cuidadora, relegada a uma vida de tarefas domésticas invisíveis e sem reconhecimento, o que contradiz o discurso de igualdade e empoderamento feminino.

5 O TRABALHO DOMÉSTICO COMO SÍMBOLO DE SUBMISSÃO

Significado	Sentidos
A noiva, vestida de branco, poderia representar a figura de uma mulher autônoma, que escolhe seu destino.	O deslizamento de sentido ocorre ao percebermos que o casamento, neste contexto, não é uma escolha que leva à autonomia, mas sim à submissão a normas patriarcais que mantêm a mulher presa ao trabalho doméstico. A imagem da mulher lavando pratos reflete o papel tradicionalmente atribuído às mulheres como donas de casa, apagando seu potencial de empoderamento e de exercer papéis públicos ou profissionais. Esse deslizamento critica como o casamento, em vez de ser um símbolo de parceria igualitária, frequentemente reforça o

	confinamento das mulheres às esferas privadas e domésticas.
6 O SILENCIAMENTO DAS ASPIRAÇÕES PESSOAIS	
Significado	Sentidos
O casamento, simbolizado pela noiva, deveria ser um momento de celebração e expressão de aspirações pessoais.	No entanto, o deslizamento ocorre quando essas aspirações pessoais são subjugadas pelas expectativas sociais do trabalho doméstico, representado pela imagem de lavar pratos. Em vez de ser uma figura autônoma com ambições próprias, a mulher reflete a perda de sua autonomia em um sistema que a prende a papéis domésticos tradicionais. O empoderamento feminino, que busca a igualdade e a liberdade de escolha, é silenciado nesse contexto, onde as mulheres, mesmo em momentos considerados de conquista, como o casamento, são empurradas para o confinamento das tarefas domésticas e a ausência de reconhecimento público.

Nesta charge há uma crítica à narrativa tradicional do casamento, em que o empoderamento feminino é comprometido pelas expectativas sociais de que a mulher se tornará, inevitavelmente, a cuidadora do lar. O reflexo no espelho – uma mulher lavando pratos – simboliza a invisibilidade do trabalho doméstico e a imposição de papéis que limitam o potencial de realização pessoal e profissional das mulheres. A FD empoderamento feminino é colocada em tensão com essa visão tradicional, sugerindo que, apesar do discurso romântico e celebratório do casamento, as mulheres muitas vezes são empurradas para papéis que contradizem suas aspirações de autonomia e igualdade.

Em relação às observações já levantadas, compreendo que a busca pelo empoderamento muitas vezes está relacionada à promoção da autonomia individual, que pode se refletir na capacidade de fazer escolhas relacionadas ao casamento, como decidir quando e com quem se casar, e como moldar a dinâmica dentro do relacionamento. Ademais, as discursividades do empoderamento também podem encorajar a participação ativa de todos os envolvidos nas decisões matrimoniais, o que inclui considerar questões como a escolha do parceiro, o formato do casamento e as expectativas mútuas dentro do relacionamento.

Ainda nesta linha de raciocínio, em contextos feministas, a FD do empoderamento pode estar intrinsecamente ligada à redefinição de concepções sobre o casamento. Afinal, algumas perspectivas feministas buscam transformar as relações

conjugais, promovendo relações mais equitativas e livres de opressão de gênero. Pois, a busca pelo empoderamento pode influenciar a construção de relacionamentos matrimoniais mais igualitários, onde as responsabilidades são compartilhadas, as decisões são tomadas em conjunto e os parceiros buscam apoiar o crescimento individual um do outro.

Cumprе ressaltar que as FDs empoderamento, muitas vezes, negam discursos sobre os estereótipos de gênero, o que pode se refletir na forma como o casamento é concebido e vivido. Isso inclui questionamentos sobre expectativas tradicionais em relação ao papel de homens e mulheres dentro do casamento. Enfim, a interação entre as FDs do empoderamento e do casamento também pode ser mediada por fatores culturais. Acerca deste discurso, é importante lembrar que, em algumas culturas, as práticas matrimoniais podem ser mais tradicionais, enquanto em outras, o empoderamento pode moldar mais profundamente as dinâmicas conjugais.

Ou seja, sobre o instituto “casamento”, é de relevância máxima considerar que nem todas as “aparências” não são más, ruins em si mesmas, já que guardam funções históricas, ideológicas, biológicas, políticas e sociais. Afinal, algumas “aparências” tomam para si a qualidade de serem benéficas ou prejudiciais. Bastando que seja possível identificar para quais objetivos estão sendo utilizadas. Como, por exemplo, no âmbito da prejudicialidade, quando usadas de forma a dissociar-nos da realidade, como meio de fuga, ou quando usadas para mascarar as reais intenções, como chamarizes para os incautos.

Em referência a essas constatações, ressalta-se a importância da interação entre as FDs do empoderamento e do casamento, que é dinâmica e depende significativamente do contexto cultural, social e histórico em que ocorre. Afinal, as mudanças nos discursos de empoderamento muitas vezes têm implicações nas concepções e práticas relacionadas ao casamento, e vice-versa. Até mesmo porque, muito embora as “aparências” sirvam muitas vezes como ponto de partida para investigações mais acuradas, elas são apenas isso, e não podem jamais ser confundidas como o objeto em si ou com o fenômeno observado, sob pena de não captarmos senão as sombras da caverna de Platão, acorrentados pelos grilhões da ignorância. O que a charge em comento traz no seu aspecto de opacidade. Afinal, o casamento não pode ser considerado como a única forma eficaz de satisfazer os anseios pessoais e sociais.

A etimologia do termo francês *fétiche* nos remete ao vocábulo português *feitiço*, com raiz latina em *facticius*, o qual pode ser traduzido como artificial ou fictício. Deve-se o termo a Charles de Brosses, escritor francês do século XVIII, autor de *Du culte des Dieux Fétiches*, ou *Parallèle de l'ancienne Religion de l'Égypte avec la Religion actuelle de Nigritie*⁵³, em 1760. A partir de então, foi usado pelos portugueses para referir-se aos objetos empregados nos cultos religiosos dos negros da África ocidental. Originalmente, portanto, um fetiche seria um objeto material, natural ou artificial, ao qual se atribuíam poderes mágicos (Simião; Simanke, 2021).

Em sua *opus magna*, “Das Kapital”⁵⁴, Karl Marx toma o termo de empréstimo a fim de dissecar a forma como a mercadoria ganha um caráter místico no modo de produção capitalista:

É evidente que o homem, por meio de sua atividade, modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante, a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária, física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica. Além de se pôr com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa. O caráter místico da mercadoria não provém, portanto, de seu valor de uso. Ele não provém, tampouco, do conteúdo das determinações de valor (Marx, 1984, p. 197).

A questão agora é saber de onde provém esse caráter místico que a mercadoria adquire ao ser exposta no mercado. Neste específico sentido, Marx (1984, p. 197) teoriza que:

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos.

A mercadoria seria, portanto, um reflexo do trabalho do artífice e das relações sociais deste. Todavia, o mestre esclarece que:

⁵³ Do Culto dos Fetiches dos Deuses ou Paralelo da Antiga Religião do Egito com a Religião Atual dos Negros (tradução livre).

⁵⁴ O Capital.

[...] a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se representa, não têm que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens, que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas (Marx, 1984, p. 198).

Depreendo das lições do filósofo/ sociólogo que o homem alienado, na relação com a mercadoria, perde seu caráter de ser, no sentido ontológico, o qual é transferido à mercadoria. E é nesse processo que o homem alienado se torna objeto e o objeto ganha, para o homem desprovido da capacidade de compreender a historicidade das mercadorias que o cercam, dimensões metafísicas de ser ontológico dotado de faculdades humanas como o pensar e o agir, ditando as ações humanas e as relações sociais.

Podemos exemplificar na prática tal fetichismo. Imagine-se uma bela moça que vai à loja comprar um jeans novo de uma marca famosa. Ela escolhe, leva ao provador e tenta vesti-lo, porém, o mesmo não lhe chega nem aos quadris. E é nesse momento que o jeans, a mercadoria, toma a forma mística de ser ontológico e lhe “fala” através da desejada mercadoria: *“Eu gostaria muito de vestir-lhe, de embelezar suas formas, mas, você está acima do peso e dessa forma não posso fazê-lo. Vá, faça dieta, passe fome, faça academia, tome remédios para emagrecer, ou até mesmo faça uma lipoaspiração e volte. Estarei aqui a lhe esperar”*. Posso dizer que a tal moça do exemplo já não é mais um “ser”. A tal moça passou a ser um “objeto”, uma “coisa” que recebe comandos da mercadoria. É evidente que do trabalho humano cria-se um objeto inanimado, que é cortado para nosso uso, porém, essa coisa morta transmuda-se em “ser vivo” e nós nos transmudamos em “coisa morta”, a tal ponto que cortamos nossa própria carne para servir àquele ser (Schlemper, 2010).

Outros teóricos marxistas, como Lukács, analisaram o processo de “reificação” do ser humano, no trabalho e na totalidade da sociedade dominada pela mercadoria, a partir do fenômeno desse fetichismo. Especificamente sobre o assunto, Lukács (1989, p. 97) ressalta que:

Não é por acaso que as duas grandes obras da maturidade de Marx, cujo objetivo é descrever o conjunto da sociedade capitalista e pôr a nu seu caráter fundamental, começam por uma análise da mercadoria. Com efeito, nesta etapa da evolução da sociedade, não há problema que não nos remeta, em última análise, para esta questão, e não deva ser procurada na solução do enigma da estrutura da mercadoria. É evidente que o problema só pode

elevar-se a este grau de generalidade quando colocado com a grandeza e profundidade que atinge nas análises de Marx, quando o problema da mercadoria não aparece apenas como um problema particular, mas como o problema central, estrutural da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. Só assim é possível descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as formas de subjetividade na sociedade burguesa.

Um aspecto interessante sobre esse processo de “reificação” é que o mesmo tem como cerne o fetichismo da mercadoria e a alienação do trabalho, impondo sua própria forma de “objetivação”, na qual as coisas exercem uma dominação abstrata sobre os sujeitos. Neste sentido, ainda de acordo com Lukács (1989, p. 108):

Assim como o sistema capitalista se produz e reproduz economicamente a uma escala cada vez mais alargada, também, no decurso da evolução do capitalismo, a estrutura da reificação penetra cada vez mais profundamente, fatalmente, constitutivamente, na consciência dos homens.

Portanto, a partir da ótica do autor, posso compreender que o processo de reificação se tornou cada vez mais profundo e abrangente, mais sórdido e nefasto, na medida em que o capital global se expande e evolui.

Em sua obra, “A Condição Humana”, Hannah Arendt (2005) menciona que as três atividades fundamentais do ser humano são: o labor, o trabalho e a ação. O labor refere-se ao processo biológico relacionado à luta pela sobrevivência. É uma forma de agir automática, tendo como objetivo suprir as necessidades mais básicas do ser humano, como o alimento e o abrigo. O trabalho refere-se ao criar um objeto por arte ou técnica, no processo que os gregos denominaram de “*poiesis*”. E, neste sentido, apresento a imagem nº 4, charge da artista norte-americana, “Liza Donnelly”:



*"Are you hiring me because I'm cheap,
I'm qualified, or I'm cheap and qualified?"*

Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge de Liza Donnelly utiliza a **ironia** e a **metáfora visual** para criticar a disparidade salarial e a desvalorização do trabalho feminino no mercado de trabalho. Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pela igualdade de gênero, a charge sublinha a necessidade urgente de transformar discursos em ações concretas que promovam a verdadeira igualdade salarial e o reconhecimento das qualificações das mulheres. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes que impedem o avanço da igualdade de gênero, enfatizando a urgência de ações para superar essas desigualdades e apoiar o empoderamento feminino em todas as esferas da vida profissional.

Analisando a **metáfora visual**, a escolha do cenário de entrevista de emprego em um escritório corporativo sublinha a formalidade e a seriedade do problema discutido - a disparidade salarial e a desvalorização do trabalho feminino. A interação direta entre o entrevistador e a entrevistada enfatiza a realidade cotidiana dessas questões, tornando o problema pessoal e imediato. No quesito **ironia e crítica social**, entendo que a ironia está na formulação da pergunta da candidata, que sugere que ela está ciente da possibilidade de estar sendo desvalorizada salarialmente, apesar de suas qualificações. Ademais, a charge critica a prática comum de pagar menos às mulheres, destacando a injustiça e a falta de lógica nessa abordagem, uma vez que muitas mulheres são altamente qualificadas.

Para analisar a FD Empoderamento Feminino na charge apresentada, entendo ser importante observar alguns elementos. Primeiramente, observo que os **visuais e textuais** remetem a uma Entrevista de Emprego. E, nesta entrevista, uma mulher está sentada diante de um homem em um escritório e indaga: *"Are you hiring me because I'm cheap, I'm qualified, or I'm cheap and qualified?"*⁵⁵

No que tange à **análise dos símbolos**, o cenário de um escritório e a situação de uma entrevista de emprego colocam o foco no mundo corporativo e nas práticas de contratação. Neste sentido, a pergunta da mulher revela uma preocupação com o valor atribuído a seu trabalho e a suas qualificações. Ela está destacando a questão do pagamento justo e da valorização profissional.

Neste sentido, a FD **empoderamento feminino** na charge aborda a questão de como as mulheres podem ou não ser valorizadas no ambiente de trabalho. Por conseguinte, quando a mulher está questionando se seu valor está sendo reconhecido de maneira justa, remete a um ponto nevrálgico do empoderamento feminino. Entretanto, a pergunta feita pela mulher também toca na questão da igualdade salarial. Pois, ao perguntar se está sendo contratada por ser "barata", a charge critica a prática de pagar menos às mulheres pelo mesmo trabalho que os homens realizam. Ainda sobre a questão trabalhista, a mulher apresentada na charge também questiona se suas qualificações estão sendo consideradas, destacando a importância do reconhecimento profissional e do mérito.

Agora, quando a FD remete ao **contexto sociocultural**, a charge reflete uma realidade em que, muitas vezes, as mulheres são pagas menos que os homens e não têm suas qualificações plenamente reconhecidas. Ademais, a imagem aponta para práticas de contratação que podem ser baseadas em estereótipos de gênero ou na tentativa de economizar ao contratar mulheres a salários mais baixos. Neste sentido, estereótipos de gênero podem influenciar percepções de competência e valor, com mulheres frequentemente enfrentando preconceitos que questionam sua qualificação ou justificam salários mais baixos. Afinal, o trabalho realizado por mulheres muitas vezes é desvalorizado em comparação com o trabalho realizado por homens, contribuindo para a disparidade salarial e a desigualdade no local de trabalho.

⁵⁵ Mulher em entrevista de emprego questiona o empregador: "Você está me contratando porque custo pouco, porque sou qualificada ou porque custou pouco e sou qualificada?" (ONU Mulheres, 2018, grifei).

No **contexto histórico**, impende lembrar que, no quesito evolução dos direitos das mulheres no trabalho, ao longo do século XX e XXI, houve um progresso significativo nos direitos trabalhistas das mulheres, incluindo o direito ao voto, a igualdade salarial e a proteção contra discriminação de gênero no local de trabalho. Neste sentido, os movimentos feministas têm sido fundamentais para a conquista de direitos trabalhistas para mulheres, lutando por igualdade salarial, licença-maternidade, e políticas de não-discriminação. Outro fator a ser lembrado está no clássico enunciado “disparidade salarial e desigualdade de gênero”, pois, apesar dos avanços, a disparidade salarial entre homens e mulheres persiste, com mulheres frequentemente recebendo menos do que homens em posições equivalentes. Inclusive, vários países, incluindo Brasil e Estados Unidos, implementaram legislações para promover a igualdade salarial, mas a aplicação e a eficácia dessas leis muitas vezes enfrentam desafios.

No que tange ao **discurso de empoderamento**, a charge promove o empoderamento ao encorajar as mulheres a questionarem e desafiarem as práticas injustas no ambiente de trabalho. A mulher na charge está ativamente buscando uma resposta que revele a lógica por trás da decisão de contratação. E, ao destacar a necessidade de um pagamento justo e o reconhecimento das qualificações, a charge defende o valor do trabalho feminino e a importância de tratar as mulheres com equidade no ambiente profissional. Isso se indica na charge através da voz. Afinal, quando a mulher na charge usa sua voz para questionar e desafiar as práticas injustas, exemplifica um aspecto crucial do empoderamento feminino: a capacidade de se expressar e demandar justiça.

Por conseguinte, destaco que a **memória discursiva** desta charge reflete uma crítica direta às desigualdades de gênero no mercado de trabalho, especialmente no que diz respeito à desigualdade salarial e à subvalorização das mulheres, mesmo quando qualificadas. O questionamento da personagem feminina sobre o motivo de sua contratação resgata discursos históricos de discriminação econômica e profissional, onde as mulheres são constantemente subestimadas e remuneradas de maneira injusta. A charge evoca a persistência de estereótipos de gênero e a exploração da força de trabalho feminina, ao mesmo tempo em que sugere uma tomada de consciência das mulheres sobre sua própria desvalorização, no contexto da luta por empoderamento feminino e igualdade no ambiente de trabalho.

O **interdiscurso** nesta charge articula diferentes formações discursivas que se cruzam e se tensionam, indiciando os conflitos entre o discurso de igualdade de gênero e a prática de desigualdade salarial, entre o empoderamento feminino e a mercantilização da força de trabalho das mulheres. A pergunta da mulher ressalta essa tensão, expondo as contradições entre sua qualificação profissional e o valor que lhe é atribuído, como mão de obra "barata". O interdiscurso reflete as tensões entre as exigências econômicas do sistema capitalista e as demandas por justiça social e igualdade no trabalho, revelando como essas práticas continuam a marginalizar e desvalorizar as mulheres, mesmo quando qualificadas.

Sob a ótica da AD de linha francesa e do conceito de **biopoder** de Foucault (1976), a charge expõe as dinâmicas invisíveis de controle que regulam o valor do trabalho feminino no mercado. O que não é visível, mas que molda profundamente as oportunidades das mulheres, são as normas sociais que subvalorizam sua mão de obra e as mantêm em posições de desvantagem. O **biopoder**, ao regular de maneira invisível a diferença salarial e as expectativas de gênero no trabalho, perpetua a desigualdade. Neste sentido, destaco que o **biopoder** aqui regula as dinâmicas salariais de maneira sutil, mantendo as mulheres em posições de desvantagem. O que não é dito, mas que influencia fortemente a análise, é a suposição de que o trabalho feminino vale menos que o masculino, uma norma social que muitas vezes é invisível, mas que tem impactos profundos na realidade do mercado de trabalho. Essa desvalorização invisível é uma das formas mais eficazes de controle que o biopoder exerce, mantendo a desigualdade sem a necessidade de imposições explícitas.

A FD empoderamento feminino busca desafiar essas barreiras invisíveis, promovendo igualdade de valor e remuneração para as mulheres, mas a charge ilustra como o **biopoder** continua a regular e controlar essas dinâmicas de maneira sutil. A crítica aqui não é apenas à desigualdade salarial explícita, mas às normas culturais e econômicas que mantêm as mulheres em uma posição de subordinação no mercado de trabalho, mesmo quando igualmente qualificadas.

Em resumo, a charge promove a FD do empoderamento feminino ao abordar questões de igualdade salarial, reconhecimento profissional e práticas justas de contratação. A imagem incentiva as mulheres a questionarem e desafiarem as injustiças no ambiente de trabalho, destacando a importância de valorizar adequadamente o trabalho feminino e reconhecer suas qualificações.

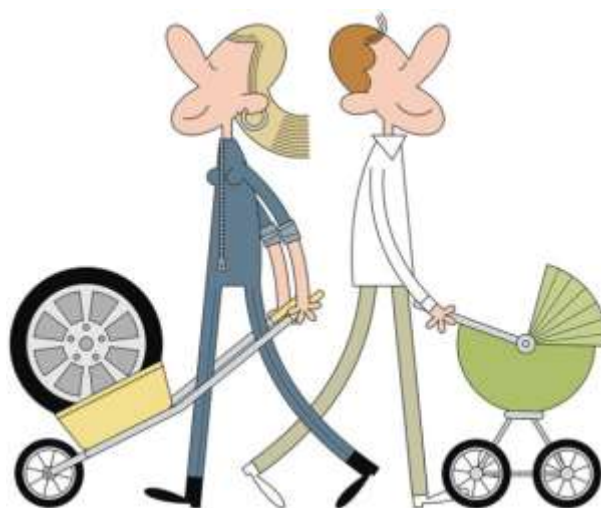
Enfim, na charge da artista norte-americana Liza Donnelly, os **desliza-mentos de sentido** refletem questões relacionadas à desigualdade salarial e à subvalorização da mulher no mercado de trabalho. Sob a lente da AD de linha francesa, com foco na FD empoderamento feminino, a imagem destaca as tensões entre a qualificação profissional das mulheres e a percepção de que elas são frequentemente subvalorizadas ou exploradas financeiramente, mesmo quando possuem as mesmas ou melhores qualificações que os homens. Neste sentido, eis um quadro onde apresento o significado e os respectivos sentidos analisados na charge:

1 O QUESTIONAMENTO DA MULHER SOBRE O MOTIVO DA CONTRATAÇÃO	
Significado	Sentidos
O chefe sentado atrás da mesa, em uma posição de autoridade, representa a figura que detém o poder de contratação.	A figura do chefe desliza de uma simples autoridade corporativa para um símbolo das estruturas patriarcais que perpetuam a desigualdade salarial entre homens e mulheres. A posição de poder que ele ocupa reflete como, historicamente, os homens dominam os espaços de decisão nas empresas e instituições, perpetuando a subvalorização das mulheres. A FD do empoderamento feminino, que defende a inclusão das mulheres em posições de liderança e igualdade, se choca com essa realidade, na qual a autoridade masculina ainda regula o acesso e o valor atribuído ao trabalho feminino.
2 A FIGURA DO CHEFE E A RELAÇÃO DE PODER	
Significado	Sentidos
O chefe sentado atrás da mesa, em uma posição de autoridade, representa a figura que detém o poder de contratação.	A figura do chefe desliza de uma simples autoridade corporativa para um símbolo das estruturas patriarcais que perpetuam a desigualdade salarial entre homens e mulheres. A posição de poder que ele ocupa reflete como, historicamente, os homens dominam os espaços de decisão nas empresas e instituições, perpetuando a subvalorização das mulheres. A FD do empoderamento feminino, que defende a inclusão das mulheres em posições de liderança e igualdade, se choca com essa realidade, na qual a autoridade masculina ainda regula o acesso e o valor atribuído ao trabalho feminino.
3 A QUESTÃO DA “BARATEZA” E DA QUALIFICAÇÃO	
Significado	Sentidos
A mulher menciona duas características que definem seu valor: ser “barata” e ser “qualificada”.	O deslizamento de sentido aqui ocorre quando essas duas características, que deveriam ser avaliadas separadamente, são colocadas em uma relação que expõe a contradição de como o mercado de trabalho trata as mulheres. Mesmo

	sendo qualificadas, as mulheres ainda são vistas como uma mão de obra barata. Isso reflete um problema estrutural no qual o valor de uma mulher no mercado de trabalho é frequentemente minimizado, independente de suas habilidades ou qualificações. Esse deslizamento denuncia a lógica perversa de exploração que coloca as mulheres em posições onde precisam provar constantemente que são mais do que apenas uma "opção barata" para as empresas.
4 A PERCEPÇÃO DA DESIGUALDADE SALARIAL	
Significado	Sentidos
A pergunta da mulher pode ser vista como uma dúvida comum sobre o motivo de sua contratação.	No entanto, o deslizamento de sentido revela uma crítica mais profunda à desigualdade salarial persistente entre homens e mulheres. A mulher está ciente de que, muitas vezes, o salário oferecido a ela será inferior ao que seria oferecido a um homem com as mesmas qualificações. O discurso de empoderamento feminino, que luta por igualdade de remuneração e reconhecimento, é desafiado por essa realidade, na qual as mulheres são subvalorizadas em termos financeiros, mesmo quando possuem todas as qualificações necessárias para o cargo.
5 A FRAGILIDADE DO EMPODERAMENTO FEMININO NO MERCADO DE TRABALHO	
Significado	Sentidos
A mulher, sentada à mesa de frente para o chefe, está no processo de ser contratada, o que poderia ser visto como um avanço para sua independência e empoderamento.	O deslizamento de sentido ocorre quando percebemos que, embora ela esteja sendo contratada, a base dessa contratação ainda é marcada por injustiças estruturais. Sua "barateza" sugere que, mesmo quando as mulheres entram no mercado de trabalho, elas o fazem em condições desiguais, muitas vezes sendo sub-remuneradas em comparação aos homens. O empoderamento feminino, nesse contexto, torna-se uma conquista frágil e limitada, pois as mulheres ainda estão sujeitas a estruturas que as exploram e não reconhecem plenamente seu valor.
6 O SILENCIAMENTO DE EXPECTATIVAS DE EQUIDADE	
Significado	Sentidos
A questão da mulher sugere que ela busca entender a razão pela qual está sendo contratada, o que poderia indicar uma preocupação com suas qualificações.	No entanto, o deslizamento de sentido aponta para o silenciamento das expectativas de igualdade. Ao ser contratada por ser "barata", a mulher percebe que seu valor está condicionado a fatores econômicos e não a suas qualificações. Isso silencia suas expectativas de ser tratada com igualdade e reconhecimento no ambiente de trabalho. A FD do empoderamento feminino, que busca garantir condições justas e equitativas para as mulheres no mercado de trabalho, se depara com a realidade de que as mulheres ainda são contratadas com base em uma lógica de exploração financeira.

Os **deslizamentos de sentido** nesta charge expõem a contradição entre a qualificação profissional das mulheres e a exploração econômica que enfrentam no mercado de trabalho. A questão levantada pela mulher – se está sendo contratada por ser "barata", "qualificada", ou ambas – denuncia a desigualdade salarial e a lógica de subvalorização que continua a vigorar em muitas empresas. O discurso de empoderamento feminino, que visa à igualdade e o reconhecimento das capacidades femininas, é colocado em xeque por essas práticas que ainda subordinam as mulheres a condições desiguais de trabalho. A charge, assim, aponta para a necessidade de repensar as estruturas de contratação e remuneração, que perpetuam a exploração econômica das mulheres, mesmo quando são tão ou mais qualificadas que seus pares masculinos.

A ação, por sua vez, se materializa nas relações entre os homens, sem mediação de objetos inanimados, ou seja, é a própria práxis cotidiana, práxis essa que, em outra obra, "A Vida do Espírito" (Arendt, 2009), é vista como tendo o objetivo de dar continuidade ao tempo-espço do "ser". Todavia, o modo de produção capitalista transmuta o trabalho e a ação em labor, na medida em que desvaloriza o homem e o reifica. Ainda no contexto do trabalho, imagem nº 10: charge da artista portuguesa, "Cristina Sampaio":



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge da artista portuguesa Cristina Sampaio mostra uma mulher e um homem caminhando em sentidos contrários, cada um empurrando um carrinho. A

mulher está empurrando um carrinho onde carrega uma roda de carro, enquanto o homem está empurrando um carrinho de bebê. Essa imagem oferece uma crítica às expectativas de gênero e à divisão de trabalho entre homens e mulheres.

Contextualizada pelo progresso histórico e social em Portugal, a charge sublinha a importância de desafiar e transformar as normas culturais que perpetuam a desigualdade de gênero. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre a necessidade de cooperação e equilíbrio na divisão de responsabilidades, enfatizando a urgência de ações concretas para superar essas desigualdades e apoiar o empoderamento feminino e a participação igualitária dos homens no cuidado doméstico.

Quando analiso a questão da enunciação e estratégias discursivas, no âmbito da **metáfora visual**, chama atenção a inversão de papéis, considerando que a mulher empurra um carrinho de mão com uma roda de carro e o homem empurra um carrinho de bebê, representando uma inversão das expectativas tradicionais de gênero. A roda de carro simboliza trabalho ou responsabilidade tipicamente associada aos homens, enquanto o carrinho de bebê representa a responsabilidade tradicionalmente associada às mulheres. A imagem sugere a necessidade de equilíbrio e cooperação entre os gêneros, onde tanto homens quanto mulheres compartilham igualmente as responsabilidades domésticas e de cuidado.

No aspecto da **ironia e crítica social**, compreendo que a ironia na imagem destaca a incongruência entre as expectativas tradicionais e a realidade desejada de igualdade de responsabilidades. A imagem critica a persistência das normas tradicionais e sugere a necessidade de mudanças. Ainda neste sentido, a charge critica os estereótipos de gênero que limitam as oportunidades e responsabilidades tanto de homens quanto de mulheres, enfatizando a importância de uma divisão equitativa de trabalho.

Para analisar a FD empoderamento feminino na charge apresentada, importa observar os elementos visuais, os papéis de gênero representados e o contexto sociocultural implicado. Nos **elementos visuais**, a charge apresenta um homem e uma mulher caminhando para lados opostos, em que os papéis convencionais estão invertidos, sendo que o homem está empurrando um carrinho de bebê, enquanto a mulher está empurrando um carrinho com uma roda de carro.

Na **interpretação dos símbolos**, há uma inversão dos papéis tradicionais, que compreendo como o elemento central da charge. Pois, normalmente, o cuidado com o bebê é associado à mulher, enquanto a manutenção do carro é associada ao homem. A troca desses papéis na imagem desafia essas normas tradicionais.

Ainda sobre este aspecto simbólico, a charge é diferenciada quando remete explicitamente à **igualdade de gêneros**. Afinal, ao mostrar o homem cuidando do bebê e a mulher lidando com uma tarefa associada a habilidades técnicas ou mecânicas, a charge promove a ideia de que ambos os gêneros são capazes de desempenhar funções tradicionalmente atribuídas ao outro.

No **contexto sociocultural**, a charge critica as normas de gênero que ainda prevalecem em muitas sociedades, em que se espera que homens e mulheres assumam certos papéis com base em seu gênero. Neste sentido, a imagem sugere um progresso social em direção à igualdade de gênero, em que as responsabilidades são compartilhadas de maneira mais equitativa e onde as pessoas são valorizadas por suas habilidades e preferências, em vez de seu gênero.

No **contexto histórico jurídico**, é interessante informar que Portugal passou por uma grande transformação social e política após a Revolução dos Cravos em 1974, que trouxe democracia e maior liberdade, incluindo avanços significativos nos direitos das mulheres (Duwe, 2023). E, desde a democratização, movimentos feministas têm lutado por igualdade de gênero, incluindo igualdade salarial, direitos reprodutivos e contra a violência de gênero. Cumpre destacar que houve várias reformas legais para promover a igualdade de gênero, incluindo leis que incentivam a divisão equitativa das responsabilidades domésticas e familiares entre homens e mulheres. Por conseguinte, a crescente conscientização sobre a necessidade de equilibrar trabalho e vida familiar levou a mudanças nas políticas públicas e empresariais, promovendo licenças parentais e horários de trabalho mais flexíveis.

Ressalto que o **discurso de empoderamento** da charge enfatiza que tanto homens quanto mulheres são igualmente capazes de cuidar dos filhos e realizar trabalhos técnicos. Isso promove a ideia de que a igualdade de gênero deve ser praticada tanto no âmbito doméstico quanto no profissional, aduzindo à ideia de igualdade na parentalidade e trabalho técnico.

Ou seja, a imagem não só empodera as mulheres, mas também considera a participação dos homens, ao reconhecer que ambos os gêneros podem compartilhar responsabilidades de maneira justa e equilibrada. Isso contribui para uma sociedade mais igualitária, remetendo à ideia do empoderamento mútuo. Cumpre ressaltar que o discurso que a charge coloca em funcionamento é o de que os homens também têm responsabilidades.

Acerca do assunto, cumpre enfatizar que a **memória discursiva** desta charge revela as tensões entre os papéis tradicionais de gênero e as tentativas contemporâneas de desconstruí-los em prol da igualdade de gênero e do empoderamento feminino. A inversão dos papéis de cuidado infantil e trabalho técnico ou mecânico simboliza uma crítica às normas rígidas de gênero e uma reflexão sobre como esses papéis podem ser redistribuídos de maneira mais equitativa. No entanto, a charge também sugere que, apesar de essas mudanças estarem ocorrendo, as estruturas sociais ainda mantêm expectativas rígidas e preconceitos que dificultam uma verdadeira igualdade de gênero. Neste sentido, a charge desafia a ideia de que certas tarefas são inerentemente masculinas ou femininas, promovendo uma visão mais igualitária da divisão de trabalho e responsabilidades. Por conseguinte, a imagem projeta uma visão de futuro em que a flexibilidade de papéis de gênero é normalizada, permitindo que todos tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente em diversas áreas da vida.

Cumpre ainda destacar que o **interdiscurso** nesta charge articula e confronta os discursos sobre gênero, trabalho e família. O confronto entre os papéis tradicionais e as novas expectativas de igualdade de gênero revela as tensões que ainda persistem na sociedade contemporânea. Enquanto o discurso de empoderamento feminino busca redistribuir responsabilidades e quebrar estereótipos, os discursos tradicionais de gênero e as normas patriarcais ainda exercem influência. A charge, portanto, destaca o contraste entre as mudanças superficiais, como a inversão dos papéis, e a necessidade de uma mudança estrutural mais profunda para que a igualdade de gênero seja efetivamente alcançada, tanto no espaço público quanto no privado.

Sob a perspectiva da AD de linha francesa, o conceito de **biopoder** (Foucault, 1976) expõe de maneira sutil as dinâmicas invisíveis de poder que regulam os papéis de gênero na sociedade. O que não é visível, mas que molda as expectativas sobre

homens e mulheres, são as normas sociais internalizadas que definem quem deve realizar quais tarefas. Ao inverter esses papéis, a charge critica as estruturas que limitam as possibilidades tanto para homens quanto para mulheres, sugerindo que, embora essas inversões sejam possíveis, elas ainda são vistas como excepcionais.

O "não dito" nesta charge refere-se à subversão das expectativas sociais em torno do gênero. A mulher, com uma postura decidida, está lidando com algo mecânico - uma tarefa geralmente vista como "masculina" -, enquanto o homem, com uma postura mais leve, empurra um carrinho de bebê, uma imagem tradicionalmente associada à maternidade e ao cuidado feminino.

Neste sentido, o **biopoder** regula de maneira invisível as expectativas em torno dos papéis de gênero, estabelecendo quais funções são "normais" para homens e mulheres. Embora a charge mostre uma inversão, o que não é dito, mas está implícito, é que essa subversão não é comum. Na vida real, as normas sociais continuam a pressionar as mulheres a assumirem a responsabilidade principal pelo cuidado dos filhos e pelos trabalhos domésticos, enquanto os homens são incentivados a se envolverem no mercado de trabalho e nas tarefas técnicas.

Acerca do assunto, a FD empoderamento feminino busca romper com essas normas invisíveis, promovendo uma maior igualdade na distribuição das responsabilidades e libertando os corpos femininos das pressões que o **biopoder** impõe. A charge ilustra essa luta ao apresentar uma subversão das normas tradicionais, mas também revela que o biopoder continua a regular sutilmente as expectativas em torno dos papéis de gênero, mesmo quando esses papéis são desafiados visualmente.

Enfim, na charge da artista Cristina Sampaio, os **deslizamentos de sentido** tratam das inversões de papéis de gênero, ao mesmo tempo que criticam a desconexão entre as expectativas sociais de masculinidade e feminilidade, especialmente no que diz respeito ao trabalho e à criação de filhos. Sob a lente da AD de linha francesa, com ênfase na FD empoderamento feminino, a charge destaca o fato de os personagens estarem caminhando em sentidos opostos, o que agrega uma camada crítica sobre a falta de comunicação e entendimento entre homens e mulheres quando se trata da redistribuição das responsabilidades de gênero.

Neste sentido, eis um quadro onde apresento o significado e os respectivos sentidos analisados na charge:

1 A INVERSÃO DE PAPÉIS TRADICIONAIS DE GÊNEROS	
Significado	Sentidos
A mulher, tradicionalmente associada ao cuidado doméstico, empurra um carrinho com uma roda de carro, um objeto que simboliza trabalho manual ou técnico, tipicamente relacionado ao papel masculino.	Esse deslizamento inverte os papéis tradicionais de gênero. A mulher, em vez de ser retratada como cuidadora, assume uma função associada ao trabalho físico ou mecânico, tipicamente masculino. Isso questiona as expectativas sociais de que as mulheres devem ocupar papéis domésticos. A FD do empoderamento feminino está presente aqui, sugerindo que as mulheres podem e devem assumir papéis em qualquer esfera de atividade, incluindo aquelas historicamente reservadas aos homens.
2 O HOMEM COM O CARRINHO DE BEBÊ	
Significado	Sentidos
O homem, que tradicionalmente seria associado ao trabalho fora de casa e à responsabilidade financeira, está empurrando um carrinho de bebê, que simboliza o cuidado com os filhos e o envolvimento na paternidade.	O deslizamento de sentido aqui acontece ao ver o homem assumindo um papel associado ao cuidado e à criação de filhos, tradicionalmente reservado às mulheres. Este deslizamento critica as normas de gênero que restringem o envolvimento dos homens na vida familiar, sugerindo que eles também devem partilhar das responsabilidades de cuidar dos filhos. Isso reforça uma ideia de masculinidade mais flexível, que reconhece o valor do envolvimento emocional e prático dos homens na criação dos filhos, em consonância com os ideais de igualdade promovidos pelo empoderamento feminino.
3 O CAMINHAR EM SENTIDOS OPOSTOS: DESCONEXÃO DE PAPÉIS	
Significado	Sentidos
A princípio, pode-se interpretar que ambos estão engajados em atividades importantes, a mulher no trabalho manual e o homem no cuidado dos filhos, sugerindo uma nova dinâmica de equilíbrio.	No entanto, o fato de estarem caminhando em sentidos opostos revela uma profunda desconexão entre os dois personagens. Ao invés de estarem colaborando ou compartilhando responsabilidades de forma equilibrada, os personagens estão fisicamente distantes e desconectados, sugerindo que, mesmo com a inversão dos papéis de gênero, ainda existe uma falta de comunicação e entendimento entre eles. Esse deslizamento denuncia que, embora haja avanços nas discussões sobre empoderamento feminino e paternidade ativa, ainda falta uma verdadeira integração e cooperação entre os gêneros na redistribuição das responsabilidades.

4 A TROCA DE FERRAMENTAS POR FILHOS E O CONFLITO DE EXPECTATIVAS	
Significado	Sentidos
A imagem poderia sugerir que ambos estão lidando com responsabilidades que tradicionalmente não lhes pertencem.	O deslizamento de sentido ocorre quando, em vez de uma colaboração ou compartilhamento das responsabilidades, a imagem sugere uma troca de papéis que ocorre de forma isolada e desconexa. Cada um está assumindo o papel que seria esperado do outro, mas sem qualquer interação entre si. Isso reflete o problema das expectativas sociais que muitas vezes veem essas mudanças de papéis como temporárias ou incompletas, não levando em conta a necessidade de uma divisão verdadeiramente equitativa e colaborativa. A FD do empoderamento feminino aqui é contraposta a uma realidade em que, apesar de os papéis serem trocados, a desigualdade e a falta de integração continuam presentes.
5 DESIGUALDADE VELADA NA INVERSÃO DE PAPÉIS	
Significado	Sentidos
O homem e a mulher estão assumindo papéis diferentes dos que lhes são tradicionalmente atribuídos, o que poderia sugerir uma redistribuição equitativa das tarefas.	O deslizamento de sentido ocorre ao percebermos que, embora ambos estejam executando funções que quebram os estereótipos de gênero, a desconexão entre eles sugere que essa troca de papéis não está sendo feita de maneira integrada. O homem cuida do bebê e a mulher lida com o trabalho técnico, mas cada um está isolado em sua própria tarefa, sem interação ou cooperação. Esse deslizamento reflete como, mesmo quando os papéis de gênero são questionados, a falta de uma comunicação efetiva e de uma divisão justa das responsabilidades mantém a desigualdade subjacente.
6 EMPODERAMENTO FEMININO E A REDEFINIÇÃO FRAGMENTADA DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE	
Significado	Sentidos
O empoderamento feminino pode ser visto na figura da mulher ocupando um espaço tradicionalmente masculino, enquanto o homem assume responsabilidades domésticas.	No entanto, esse deslizamento mostra que, embora haja uma tentativa de reconfiguração dos papéis de gênero, o caminhar em direções opostas sugere que essa transformação ainda é fragmentada e não plenamente integrada. O empoderamento feminino implica a liberdade de as mulheres escolherem seus próprios papéis, mas isso só será efetivo se houver também uma redefinição completa da masculinidade, que permita aos homens participar plenamente do cuidado familiar sem que isso seja visto como uma troca forçada de papéis. O caminhar em sentidos contrários sugere que essa reconfiguração ainda está distante de uma verdadeira equidade e compartilhamento de responsabilidades.

Os **deslizamentos de sentido** nesta charge destacam a crítica à inversão superficial dos papéis de gênero e à desconexão entre homens e mulheres quando se trata de compartilhar responsabilidades. Embora haja uma aparente inversão dos papéis tradicionais, o fato de os personagens estarem caminhando em sentidos opostos sugere que, mesmo com avanços no empoderamento feminino e no envolvimento dos homens na criação de filhos, ainda há uma falta de comunicação, cooperação e integração. A FD empoderamento feminino aqui está em tensão com uma realidade em que as trocas de papéis são realizadas de forma isolada e fragmentada, o que representa a necessidade de uma redistribuição mais colaborativa e equilibrada das responsabilidades de gênero.

Destaco que, no tocante à FD **empoderamento feminino**, a charge desconstrói estereótipos de gênero ao ilustrar que as mulheres podem lidar com tarefas técnicas e os homens podem cuidar de bebês. Essa representação desafia as expectativas tradicionais de gênero e promove a igualdade, ensejando o empoderamento através da flexibilidade de papéis. Então, ao mostrar que os papéis de gênero não são fixos, a charge sugere que o empoderamento feminino (e masculino) inclui a liberdade de assumir diversos papéis conforme necessário ou desejado, sem limitações impostas por normas culturais.

Ainda no tocante ao assunto “mercadoria”, em sua obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx (1989, p. 69-71) ressalta que “O operário se torna uma mercadoria tanto mais barata quanto maior é a quantidade de mercadoria que produz. A desvalorização do mundo humano aumenta em relação direta com a valorização do mundo das coisas [...]”. Neste sentido, entendo que essa práxis é alcançada através das ciências humanas e sociais, da ação política, dos relacionamentos interpessoais e das necessidades humanas que não são natas, mas criadas pelo próprio homem. Criadas ou incriadas⁵⁶, o certo é que essas necessidades regem o devir do homem e sua autorrealização.

Mesmo a ação, a práxis diária, torna-se mediada pelas coisas e quebram-se os elos da continuidade espaço-temporal em que os homens estão imersos, tornando fluidos e efêmeros os laços que os unem. Nesse contexto, o outro, também a nosso olhar, deixa de existir como um ser no sentido ontológico e torna-se tão somente uma

⁵⁶ Diz-se das coisas que não foram criadas, que não tiveram princípio, que não tiveram um criador.

mercadoria a mais na prateleira, à espera de um comprador. Essa forma patológica de intersubjetividade promove um rasgo na trama do tecido social, levando a níveis cada vez mais elevados a exploração dos seres humanos, uns pelos outros. Retoma-se, portanto, na moderna sociedade globalizada pelo capital e seu modo de produção, a máxima de Hobbes, “*Homo homini lúpus*”⁵⁷, o homem é lobo do homem.

O capital evoluiu ao longo do último século, reificando os seres e transformando radicalmente as relações humanas. Esse processo criou, mais que uma sociedade global, uma sociedade de massas. Hanna Arendt (2011, p. 126) em sua obra, “Entre o Passado e o Futuro”, afirma que “[...] uma sociedade de massas nada mais é que aquele tipo de vida organizada que automaticamente se estabelece entre seres humanos que se relacionam ainda uns aos outros, mas que perderam o mundo outrora comum a todos ele”.

Nesta mesma linha de raciocínio, observa ainda a autora, em “A Condição Humana”, que nessa sociedade de massas, consumista por excelência, “todas as coisas devem ser devoradas e abandonadas quase tão rapidamente quanto surgem no mundo” (Arendt, 2005, p. 147).

Com o processo de globalização e o advento das modernas tecnologias, as distâncias se encurtaram e os seres humanos, das mais distantes localidades, comunicam-se e interagem, porém, isolam-se cada vez mais de seu mundo comum (Bauman, 1999). A impessoalidade de uma tela fria de LCD permite o consumo do outro, cuja aparência real e idiossincrasias nem imaginamos, ou supomos serem verdadeiras como se mostram.

Um exemplo disso são os chamativos *releases* das agências de turismo *online*, que mostram e vendem paisagens oníricas, em particular na América Latina e Caribe ou no Sudeste Asiático, com exuberantes praias e lindas mulheres em minúsculos trajes de banho. E, como mais uma mercadoria, aquelas mulheres são meros signos, cuja conotação é, sem sombra de dúvidas, sexual.

Eis que, nessa sociedade, se desenvolve mais um subproduto da “fábrica” do capital, da mercadoria “fresca” e “pronta” para o “consumo”, o Turismo Sexual. Essa

⁵⁷ Thomas Hobbes cita a famosa frase em suas obras mais famosas, “Do cidadão” (1642) e “Leviatã” (1651). Porém, apesar de a referida frase ser mundialmente atribuída a Hobbes, o autor que citou “*Homo homini lupus*” (O homem é o lobo do homem) pela primeira vez foi Plauto (230 a.C. – 180 a.C.), dramaturgo romano.

moderna sociedade de massas consome avidamente os destinos paradisíacos que prometem, explícita ou implicitamente, entre outros prazeres edênicos, o sexo fácil com belas mulheres, a preço baixo e com satisfação garantida. A mulher é reificada, transmutada em uma coisa, uma mercadoria a mais para ser consumida, oferecida como um “extra” nos pacotes de viagens. E como todas as coisas, também essas mulheres serão “devoradas e abandonadas”, tão logo finde o cruzeiro ou as férias paradisíacas (Schlemper, 2010).

Mais de uma década depois de sua edição, a obra “*Os homens lixo*”, de Leonel Moura (1996, p. 16), permanece atual e gritante ao denunciar a reificação da mulher pelo *status quo*:

Depois do movimento feminista no pós-guerra, cuja ação em defesa da dignidade das mulheres, quer no Ocidente, quer por todo o mundo, é histórica e notável, assistimos nestes últimos anos a um retrocesso. A glorificação do corpo volta a reduzir-se à mulher objeto, numa total dependência do ponto de vista masculino, mas acima de tudo, nessa trivialização do próprio ato sexual, cada vez mais genitalizado. Não é por acaso, que a prática do *fellatio*, forma rápida e eficaz de provocar o orgasmo masculino, se banalizou ao ponto de constituir hoje a ação sexual mais disseminada, muito particularmente nos encontros fortuitos e na prostituição. O retorno à reificação da mulher, não representando só um atraso no relacionamento homem/mulher, já que é evidente que uma tal situação também prejudica a “libertação” do próprio homem, implica mais profundamente a consagração da indignidade humana. **O corpo das mulheres é de novo exaustiva e doentamente explorado na publicidade, na moda, no mundo empresarial e no relacionamento social. Verdadeira carne para canhão de campanhas sem escrúpulos, nem decência, onde se confunde erotismo com promiscuidade e desejo com perversão.** Nesta redução da mulher a uma mera fisicidade, perde-se humanidade. Depressa, o objeto de consumo apetecível se transforma num lixo inapresentável (Grifei).

Destaco as facetas relacionadas à “coisificação” do feminino, a ponto de metaforizar a mulher em comparação a “lixo inapresentável”. E continua sua análise realística, quando aborda a questão da prostituição:

A sorte das velhas prostitutas, é tão só a face mais visível de um destino corrente de todas as mulheres em tempo da sua condição material. Quando se diz que alguém “caiu” na prostituição, afirma-se precisamente esse instante abrupto de passagem para um espaço não-humano e não-partilhado. Na imagem perfeita de um fosso, dentro do qual se anima a exclusão. Os maus tratos, a tortura e o assassinio das prostitutas e prostitutos são vistos com alguma condescendência. Afinal, trata-se de seres que não são inteiramente humanos, que não pertencem ao espaço social e com os quais todo o relacionamento é meramente funcional. Servem de breve e veloz depósito de orgasmos, verdadeiros contentores da necessidade urgente. **Nunca existiu tanta prostituição. Porque, sobre uma condição, se impôs uma economia. Fonte de lucros, a prostituição é promovida por todas as autoridades do globo. Sendo considerada uma das grandes**

atividades econômicas do planeta. Espécie cinegética para os países pobres, questão pragmática para as democracias ocidentalizadas, a prostituição é o destino cruel do desenraizamento cultural e da globalização capitalista. Transformando o centro das maiores cidades do mundo noutro tipo de lixeiras humanas. Aquelas em que o prazer transitório de uns tantos, se dá com o continuado e extremo sofrimento de muitos outros. **A extensão da prostituição no capitalismo global tem a sua equivalência na dimensão da perda dessa qualidade única do humano: a dignidade.** A prostituição contemporânea não tem limites. Tudo serve ao desejo de quem paga. Do *fellatio* no banco do automóvel, passa-se para a prostituição infantil, consumindo virgindades com violência e voracidade num absoluto desrespeito pela condição e pela dignidade. Mas, se alguns gostam de violentar, outros gostam de maltratar, torturar e matar. A memória de Auschwitz não anda longe de muitas dessas casas de "prazer" que os governos legalizam e as comunidades aprovam pelos benefícios econômicos que aportam, sob a forma de um turismo sexual. Um mundo de necessidades prementes vai criando cada vez mais profundas demarcações territoriais. suas fronteiras nem sempre são assinaladas com arame farpado, mas com separações feitas de condições e singularidades. Etnias, religiões, culturas, sexualidades, tudo vai servindo à obra da exclusão (Moura, 1996, p. 16-17, grifei).

Esta citação é longa. É fato. Mas, julgo necessário a leitura do autor, que faz uma crítica à coisificação da mulher, à sua exploração nos mais diferentes mercados, destacando que em múltiplos lugares, para os mais diferentes usos, as mulheres são meras “coisas” e “objetos”. Ou seja, não são seres humanos, não têm dignidade, podendo ser consumidas e depois descartadas como lixo imprestável. Então, os “extras” dos pacotes turísticos podem ser descartados, como o chapéu bizarro que se usou numa praia longínqua e do qual não mais recordamos. Ao transmutar o ser em coisa, tudo é possível e permitido.

Ao longo do último meio século, as necessidades humanas, inclusive no que tange à práxis diária, modificaram-se intensamente. O homem, que há meio século tinha necessidades reduzidas, não apenas pela falta da necessidade em si, mas, sobretudo, pela falta de oferta e variedade de escolhas, tem hoje um mundo de oportunidades à sua frente, um rol antes inimaginável de escolhas, um festival de variedades e bizarrices intermináveis.

Às mulheres, as ofertas existem, é óbvio. Mas nem de perto se aproximam das inúmeras possibilidades que são oferecidas e vendidas aos homens. Neste sentido, Engels (1994, p. 54), na emblemática obra “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, destaca como se dava a primeira divisão de tarefas entre homens e mulheres:

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos [...] O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino.

A primeira interpretação que me vem à mente é a de que esse “antagonismo” trata de uma divisão não apenas de tarefas, de trabalho, mas sim de uma demarcação de “fronteiras” bem delimitadas, de espaços de poder entre os gêneros, que se transmudou ao longo da história humana em dominação pura e simples.

A constatação mais cruel é de que a sociedade ocidental adotou o sistema familiar patriarcal e transformou a mulher em serva do homem. Trata-se daí de uma servidão não apenas laborativa, mas de uma servidão total e irrestrita, de forma que a mulher perdeu a própria identidade. Um exemplo literal desta situação é o tratamento europeu, em geral, e particularmente anglo-saxônico, deferido às mulheres no tocante à sua identidade civil. Sendo que, quando solteiras, a primeira premissa é nomeá-las pelo sobrenome paterno. E, quando casadas ou viúvas, na mesma regra de “rotulação” machista, são nomeadas pelo sobrenome do marido.

Acerca do assunto, que remete a uma espécie de dependência esposa *versus* marido, mulher *versus* homem, lembro que até as modificações do Código Civil de 2002, bem como pela Lei do Divórcio no Brasil, a mulher no ato do casamento ainda precisava incorporar o sobrenome do marido como um “aviso”, uma “marca” de propriedade e sinal do parentesco patrilinear. E, mesmo após o divórcio, ou a viuvez, ainda era obrigada a manter o sobrenome do cônjuge varão. Por conseguinte, isso só poderia se alterar até que ela fosse tomada como propriedade de outro macho.

Neste contexto, apresento a imagem nº 7, charge da artista italiana, “Marilena Nardi”:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge da artista italiana Marilena Nardi mostra uma estrutura de poder em que homens em posições superiores são literalmente sustentados por mulheres que estão em posições inferiores. Esta imagem oferece uma crítica às estruturas de poder e à desigualdade de gênero no local de trabalho e na sociedade em geral. Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pela igualdade de gênero na Itália, a charge sublinha a importância de reconhecer e valorizar o trabalho das mulheres, promovendo reformas estruturais para alcançar a verdadeira igualdade de gênero. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes que impedem o avanço da igualdade, enfatizando a necessidade urgente de ações concretas para superar essas desigualdades e apoiar o empoderamento feminino.

No tocante à enunciação e estratégias discursivas, a **metáfora visual** pode ser constatada na estrutura de poder e na desigualdade de gênero, sendo que a imagem usa a metáfora visual de homens em posições superiores sendo sustentados literalmente pelas mulheres, simbolizando como as estruturas de poder frequentemente dependem do trabalho não reconhecido e subvalorizado das mulheres. A hierarquia física na imagem reflete a hierarquia social e profissional, em que as mulheres são colocadas em papéis de suporte e os homens em posições de liderança.

No âmbito da **ironia**, esta reside no fato de que, apesar de serem essenciais para sustentar a estrutura, as mulheres estão em posições subalternas, destacando a

injustiça e a falta de reconhecimento. Ironicamente, a charge critica as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero, sugerindo que essas estruturas são mantidas às custas das mulheres.

Sobre a FD **empoderamento feminino**, destaco que a charge busca promover a ideia de que as mulheres devem ser reconhecidas e valorizadas por suas contribuições, e que devem ter igualdade de oportunidades. Neste sentido, a imagem sublinha a necessidade de reformas estruturais que abordem a desigualdade de gênero de maneira eficaz, transformando as práticas e políticas corporativas.

Por conseguinte, para analisar a FD empoderamento feminino na charge apresentada, considere como principais elementos visuais o simbolismo e o contexto sociocultural implícitos na imagem. Nos **elementos visuais**, a charge mostra mulheres ajoelhadas ou em posições de suporte, carregando/ suportando homens sobre seus ombros. Os homens estão de pé, eretos, e bem-vestidos em trajes formais. A disposição das figuras sugere desníveis de poder ou uma hierarquização, em que os homens estão literalmente em uma posição mais alta e são sustentados pelas mulheres.

Quanto aos **símbolos**, as mulheres são representadas como **suporte**, tendo em vista que estão fisicamente suportando os homens, simbolizando como as mulheres muitas vezes carregam o peso do trabalho e das responsabilidades enquanto os homens ocupam posições de poder e reconhecimento. Em contrapartida, **homens em posições de destaque**, sendo que, estando de pé e em posições elevadas, representam a dominância masculina nas estruturas de poder, tanto no ambiente de trabalho quanto na sociedade em geral. Outro aspecto interessante é a **postura das mulheres**, sendo que a charge apresenta as três mulheres em posturas desconfortáveis, mostrando-as, respectivamente, ajoelhada, ereta com braços em esforço extremo e curvada, todas posições que sugerem subordinação e sacrifício, destacando a desigualdade e a exploração de seu corpo, trabalho e esforços.

No **contexto sociocultural**, a imagem reflete sobre as expectativas de gênero que colocam as mulheres em papéis de suporte e cuidado, muitas vezes em detrimento de seu próprio avanço e reconhecimento profissional. Além disto, a charge critica a distribuição desigual de poder entre homens e mulheres, fazendo indiciar o modo como as mulheres sustentam essas estruturas de poder sem obter o mesmo nível de reconhecimento ou autoridade. Ressalto que a sociedade italiana, como

muitas outras, tem visto uma lenta mudança nas normas sociais relacionadas ao papel das mulheres, especialmente no que diz respeito à participação no mercado de trabalho e em posições de liderança. E, apesar das mudanças, ainda existem resistências culturais significativas que perpetuam estereótipos de gênero e dificultam a plena igualdade.

Acerca do assunto, o **interdiscurso** desta charge articula uma crítica profunda à desigualdade de gênero nas estruturas de poder, ao confrontar o discurso patriarcal, que sustenta as hierarquias masculinas, com o discurso de empoderamento feminino, que busca promover a igualdade e o reconhecimento do trabalho das mulheres. As mulheres são mostradas como a base de sustentação dessas estruturas, o que ressalta a exploração de sua força de trabalho em contraste com a falta de mobilidade e visibilidade. A interação entre esses discursos reflete as tensões que continuam a moldar a dinâmica de poder entre os gêneros, expondo a necessidade de uma transformação social que desafie a exploração e a invisibilidade feminina.

Destaco ainda o **contexto histórico legal**, lembrando que as lutas pela igualdade de gênero na Itália passam pela forte presença do movimento feminista, que ganhou força nas décadas de 1960 e 1970, lutando por direitos como o divórcio, a legalização do aborto e a igualdade de oportunidades no trabalho. Houve diversas reformas legais para promover a igualdade de gênero, como a introdução de leis contra a discriminação no local de trabalho e a violência doméstica. No entanto, a implementação e a efetividade dessas leis enfrentam desafios contínuos.

Acerca do assunto, a **memória discursiva** desta charge evoca um histórico de subordinação feminina e desigualdade de gênero, onde as mulheres são essenciais para o funcionamento das estruturas de poder, mas são relegadas a papéis de suporte invisíveis e subvalorizados. A imagem critica a exploração da força de trabalho feminina e a falta de reconhecimento por suas contribuições, destacando a persistência das hierarquias patriarcais que colocam os homens no topo e mantêm as mulheres como sustentadoras passivas. A FD empoderamento feminino, nesse contexto, busca justamente romper com essas hierarquias, desafiando a desigualdade de gênero e reivindicando a visibilidade e o reconhecimento das mulheres nos espaços de poder.

Sob a perspectiva da AD de linha francesa e do conceito de **biopoder** (Foucault, 1976), a charge revela as dinâmicas invisíveis de controle que perpetuam

a desigualdade de gênero. A imagem retrata uma mulher no centro, sustentando, com a ajuda de outras mulheres, homens que estão em uma posição de destaque, simbolizando uma hierarquia de poder onde as mulheres estão em posição de apoio e subordinação, enquanto os homens são elevados. O **biopoder** atua de forma a manter essas dinâmicas, regulando as expectativas em torno dos papéis de gênero de maneira invisível, mas eficaz. O "não dito" aqui é que o poder masculino não é autossuficiente. Ele depende da contribuição feminina, que é invisibilizada e desvalorizada pela sociedade. O **biopoder** regula essa dinâmica ao naturalizar a ideia de que o poder é algo inerentemente masculino, enquanto as mulheres devem permanecer em papéis de suporte. Isso é reforçado tanto no espaço público quanto no privado, com as mulheres sendo frequentemente relegadas a tarefas de cuidado, enquanto os homens ocupam espaços de visibilidade e poder.

A FD empoderamento feminino busca romper com essas normas, promovendo o reconhecimento do trabalho feminino e a redistribuição do poder. No entanto, como a charge demonstra, o biopoder continua a regular essas dinâmicas de forma invisível, mantendo as mulheres em papéis de subordinação, mesmo quando elas são essenciais para a sustentação das estruturas de poder. A verdadeira igualdade depende da desconstrução dessas barreiras invisíveis e do reconhecimento de que o poder e a autoridade não devem ser monopolizados pelo gênero masculino.

Enfim, na charge da artista italiana Marilena Nardi, os **deslizamentos de sentido** refletem uma crítica às estruturas de poder e à subordinação das mulheres em ambientes de trabalho e hierarquias sociais. Sob a lente da AD linha francesa, com foco na FD empoderamento feminino, a imagem expõe como as mulheres, apesar de sua presença nos espaços de trabalho, continuam a sustentar as hierarquias patriarcais que privilegiam os homens. A representação visual reforça a disparidade de poder entre os gêneros, mostrando como as mulheres são o alicerce, mas não as beneficiárias desse sistema.

Neste sentido, eis um quadro onde apresento o significado e os respectivos sentidos analisados na charge de Marilena Nardi:

1 MULHERES COMO BASE DA ESTRUTURA DE PODER	
Significado	Sentidos
As mulheres estão posicionadas na base da estrutura, sustentando os homens que estão no topo. Esse posicionamento sugere que, de alguma forma, elas fazem parte da hierarquia.	O deslizamento de sentido ocorre ao percebermos que, embora as mulheres sejam a base dessa estrutura, elas estão em uma posição de subserviência, literalmente sustentando os homens. A FD do empoderamento feminino é colocada em contraste com essa imagem, que sugere que as mulheres, apesar de serem essenciais para o funcionamento das instituições, estão confinadas a papéis de apoio e sustentação, enquanto os homens ocupam as posições de poder e visibilidade.
2 O FARDO INVISÍVEL DAS MULHERES NO AMBIENTE DE TRABALHO	
Significado	Sentidos
As mulheres parecem estar fisicamente presentes na estrutura hierárquica, mas sem uma posição de destaque.	O deslizamento aqui revela o "trabalho invisível" das mulheres, que frequentemente sustentam as estruturas organizacionais sem receber o reconhecimento ou os benefícios dos quais os homens no topo desfrutam. Embora estejam fisicamente presentes, as mulheres são representadas como as que carregam o fardo, enquanto os homens mantêm a posição de privilégio sem realizar o trabalho pesado. Esse deslizamento destaca a crítica ao sistema patriarcal que explora as mulheres para manter as hierarquias de poder inalteradas.
3 OS HOMENS NO TOPO: SIMBOLISMO DE PODER E PRIVILÉGIO	
Significado	Sentidos
Os homens estão em pé sobre as mulheres, representando as figuras de autoridade e controle no topo da estrutura.	No entanto, o fato de estarem caminhando em sentidos opostos revela uma profunda desconexão entre os dois personagens. Ao invés de estarem colaborando ou compartilhando responsabilidades de forma equilibrada, os personagens estão fisicamente distantes e desconectados, sugerindo que, mesmo com a inversão dos papéis de gênero, ainda existe uma falta de comunicação e entendimento entre eles. Esse deslizamento denuncia que, embora haja avanços nas discussões sobre empoderamento feminino e paternidade ativa, ainda falta uma verdadeira integração e cooperação entre os gêneros na redistribuição das responsabilidades.
4 A IMOBILIDADE E O PESO FÍSICO E SIMBÓLICO	
Significado	Sentidos
As mulheres estão sustentando fisicamente os homens, o que poderia sugerir força e resiliência.	No entanto, o deslizamento ocorre ao perceber que essa força é utilizada não para o avanço das próprias mulheres, mas para manter os homens em posições de poder. As mulheres não estão progredindo; ao contrário, estão sendo

	sobrecarregadas pelo peso literal e simbólico dos homens que estão no topo. Este deslizamento sugere que, enquanto as mulheres são fundamentais para o funcionamento das instituições e organizações, seu papel é frequentemente de suporte, sem mobilidade ascendente. Isso reforça a crítica à desigualdade de gênero nas hierarquias de poder.
5 A PASSIVIDADE DOS HOMENS EM RELAÇÃO AO TRABALHO DAS MULHERES	
Significado	Sentidos
Os homens no topo da estrutura estão em uma posição aparentemente relaxada e confortável.	Esse relaxamento, em contraste com o esforço físico das mulheres, desliza para uma crítica à forma como os homens, nas posições de poder, frequentemente ignoram ou se beneficiam do trabalho das mulheres sem reconhecer sua contribuição. Os homens parecem alheios ao fardo que as mulheres carregam, o que reflete uma crítica ao patriarcado e à forma como os homens se beneficiam das estruturas de poder sem questionar as desigualdades subjacentes. O deslizamento de sentido aqui denuncia a passividade masculina diante das injustiças de gênero que perpetuam sua posição de privilégio.
6 A IMOBILIDADE SOCIAL E A CRÍTICA AO PATRIARCADO	
Significado	Sentidos
A estrutura hierárquica parece estável, com homens no topo e mulheres na base, o que poderia sugerir uma ordem social rígida e bem estabelecida.	Esse sentido desliza para uma crítica mais ampla ao patriarcado, que se mantém estável às custas da imobilidade das mulheres. A hierarquia representada não oferece espaço para que as mulheres possam ascender ou mudar sua posição; elas estão fixas na base, sustentando a estrutura que perpetua a desigualdade de gênero. Esse deslizamento reflete como o patriarcado se perpetua por meio da exploração das mulheres, que continuam a carregar o peso das instituições sem receber os mesmos benefícios ou oportunidades de avanço. A FD do empoderamento feminino, que busca a igualdade e a mobilidade, é subvertida por esse sistema opressor.

Esta charge critica as estruturas patriarcais e as desigualdades de gênero nas esferas de poder e trabalho. As mulheres, representadas como a base da estrutura hierárquica, sustentam literalmente o peso dos homens, que se beneficiam de seu trabalho sem reconhecer ou dividir o fardo. A FD empoderamento feminino é desafiada por essa realidade, onde as mulheres continuam a ser essenciais para o funcionamento das instituições, mas permanecem em posições de subordinação,

invisíveis e sobrecarregadas. A charge representa o modo como as mulheres são mantidas na base das hierarquias de poder, enquanto os homens continuam a desfrutar dos privilégios de estar no topo, sem questionar a desigualdade que sustenta essa ordem.

E, voltando um pouco na história, ressalto que, a partir da revolução industrial entre os séculos XVII e XIX, a condição da mulher apenas se deteriorou em diversos sentidos. O “maravilhoso” progresso da humanidade, que prometia trazer mudanças benéficas a todos e todas, no aspecto do feminino, simplesmente levou as relações sociais a um retrocesso tal, que o *status quo* da mulher retrocedeu aos tempos bíblicos! O retrocesso foi tão absurdo que ela volta a ser simples *res*, uma propriedade do pai, dos irmãos ou do Estado (Schlemper, 2010).

A mulher voltou a ser negociada por um dote e vendida em contrato de casamento ao marido, que passava a ser seu “dono” e controlador absoluto da sua vida. Nesse devir histórico, a mulher não tinha direito sequer ao seu próprio corpo, que era violado e usado ao longo dos anos pelo seu senhor, como bem lhe aprouvesse e na hora que bem entendesse.

Nesse contexto histórico e tremendamente opressivo, novamente a prostituição se insurge, não apenas como forma de ganho financeiro, mas também como uma forma de emancipação. E, em consequência, aquela profissão parecia ser a única alternativa às mulheres que sofriam imensuravelmente sob o julgo dos seus “donos”. Portanto, naquele período houve um aumento considerável da prostituição, com uma forma de emancipação feminina (Schlemper, 2010).

Ouso afirmar que, se o vocábulo já existisse, poderíamos afirmar que a prostituição remetia a uma forma de “empoderamento feminino”. Afinal, naquela época, tal emancipação do julgo masculino através da fêmea que se rebelava e entregava-se a todos sem ser de ninguém, traduzia-se através do poder sexual, e se caracterizava como uma absoluta independência sexual que desconhecia qualquer barreira psicossocial.

Foi a partir da desumanização da mulher, transmutada pelo fetiche da mercadoria em *res*, quando restava apenas sua exibição numa “prateleira”, à espera de possíveis compradores, que alguns mercados consumidores começaram a surgir.

Afinal, essa mercadoria seria capaz de realizar múltiplos desejos e não se “acabaria” em apenas um único dia de “uso”.

Me chama atenção a formação de um determinado grupo de “consumidores fiéis”, que há muito tempo, especificamente mais de quinhentos anos, podem ser encontrados na história do nosso País, os europeus. Afinal, não se pode deixar de notar um certo olhar de cobiça do colonizador português, conforme a Carta de Pero Vaz de Caminha (1963, p. 1) a Sua Majestade, informando o descobrimento de Pedro Álvares Cabral:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

Ao longo da história, não apenas do Brasil, mas de toda a América Latina e Caribe, vemos nascer e evoluir um estereótipo dessa mercadoria, que, consciente ou inconscientemente, ainda é fortemente difundido no hemisfério norte. Essa divulgação parte basicamente das criações literárias que cantam e declamam em prosa e verso as “qualidades” das fêmeas latinas, como subservientes, sexualmente permissivas e boas procriadoras. Os exemplos literários são vários, desde Pero Vaz de Caminha até Jorge Amado, passando por Mario Vargas Llosa, Gabriel Garcia Marquez, Nelson Rodriguez e outros tantos escritores que descrevem as curvas das ancas das latinas e caribenhas.

No “admirável mundo novo” da *high technology*, novos “mercados” com “prateleiras” mais visíveis surgem a todo instante. Agora, podemos afirmar que já não é apenas a palavra escrita que se propaga aos quatro cantos do mundo, espalhando as delícias dos édens tropicais. O apelo agora é visual, dir-se-ia quase palpável em um boom de panfletos que superlotam o nascente mercado do turismo sexual nas décadas de 70 e 80.

Desde Platão até Sartre, passando por Kant, Hegel, Husserl e Merleau-Ponty, romper a película superficial das “aparências” sempre foi um tema espinhoso da fenomenologia, da dialética e da hermenêutica, e, no campo da linguística, a AD se debruça sobre a mesma problemática, na constante busca pelos conteúdos, nem sempre explícitos e explicitados nos variados discursos, seja na arte, na literatura, seja na política ou modernamente nos complexos discursos e interdiscursos digitais.

No tocante ao discurso artístico, exemplifico: quem adentra ao *Museu Del Prado, em Madri*, depara-se com centenas de obras de arte, principalmente de grandes mestres espanhóis, desde Goya, Dalí e até Picasso. Lembro que uma das obras mais valiosas deste riquíssimo acervo se deve ao mestre espanhol Velásquez, e intitula-se “*Las Meninas*”. A bela pintura, medindo 26,67cm X 23,11cm, é um óleo sobre tela, datado de 1556, descrito pelos críticos de arte como fruto da convergência de várias escolas, variando desde o realismo até o idealismo, e reconhecido pela crítica especializada como a obra-prima de Velásquez.

Ressalto que esse quadro chamou a atenção de outro mestre, Michel Foucault (2000, p. 19), que em sua obra, “*As Palavras e as Coisas*”, brindou-nos com uma brilhante análise dos pormenores desse quadro:

O pintor está ligeiramente afastado do quadro. Lança um olhar em direção ao modelo; talvez se trate de acrescentar um último toque, mas é possível também que o primeiro traço não tenha ainda sido aplicado. O braço que segura o pincel está dobrado para a esquerda, na direção da palheta, permanece imóvel, por um instante, entre a tela e as cores. Essa mão hábil está pendente do olhar; e o olhar, em troca, repousa sobre o gesto suspenso.

Note-se que a tela não retrata um modelo, mas o próprio pintor visto pelos olhos do modelo que está posando. Esse modelo, porém, necessita estar ausente da tela para que sua perspectiva seja apreendida, ou seja, só podemos “nos ver” através do olhar do outro:

O pintor olha, o rosto ligeiramente virado e a cabeça inclinada para o ombro. Fixa um ponto invisível, mas que nós, espectadores, podemos facilmente determinar, pois que esse ponto somos nós mesmos: nosso corpo, nosso rosto, nossos olhos. O espetáculo que ele observa é, portanto, duas vezes invisível: uma vez que não é representado no espaço do quadro e uma vez que se situa precisamente nesse ponto cego, nesse esconderijo essencial onde nosso olhar se furta a nós mesmos no momento em que olhamos (Foucault, 2000, p. 20).

Sobre o mundo “real”, entendo que vemos e somos vistos em uma constante troca de papéis, sendo que nestas trocas somos repetidas e simultaneamente vislumbrados como sujeitos e objetos. No quadro de Velásquez, no entanto, a presunção de que somos vistos pelo pintor é irreal, posto que nos colocamos no ponto virtual em que deveria existir um modelo.

A lição que nos fica da análise de Foucault (2000) é que o “olhar” que lançamos sobre o outro, objeto e não mais sujeito, é uma interpretação decorrente do que nós

mesmos queremos que seja. Logo, nosso discurso jamais será neutro ou imparcial, posto que se trata de conteúdo interpretativo e carregado de subjetividade.

Esta premissa me fez lembrar de George Berkeley (*apud* Siqueira, 2005), que em 1710, na primeira parte do “Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano”, lançou o desafio: *esse est percipi*⁵⁸, em contraposição ao *cogito ergo sum*⁵⁹, cartesiano. Ou seja, ser é ser percebido, ser visto pelo outro. Ademais, a filosofia de Berkeley propõe que uma substância material não possa ser conhecida em si mesma, e tudo o que percebemos são apenas as qualidades reveladas durante a investigação, diante do que o outro percebe.

Esse também é condizente com o ponto de partida da estrutura do pensamento de Kant (2001, p. 15), que assim revela:

A capacidade de receber (a receptividade) representações dos objetos segundo a maneira como eles nos afetam, denomina-se sensibilidade. Os objetos nos são dados mediante a sensibilidade e somente ela é que nos fornece intuições; mas é pelo entendimento que elas são pensadas, sendo dele que surgem os conceitos. Todo pensamento deve, em última análise, seja direta ou indiretamente, mediante certos caracteres, referir-se às intuições e, conseqüentemente, à sensibilidade, porque de outro modo nenhum objeto nos pode ser dado.

Por conseguinte, é possível inferir que a construção de qualquer conhecimento é fruto, portanto, de um processo de apreensão das qualidades do objeto, que é, *ab initio*, “sentido” e apenas posteriormente “pensado”. Esse devir é, para Kant (2001), a única maneira possível de “cognoscer” o objeto de nossa investigação, “porque de outro modo nenhum objeto nos pode ser dado”.

Ressalto que foi a partir dessa premissa que o mestre teutônico distinguiu o que nos é dado a conhecer pelas sensações, os “fenômenos” e as “coisas em si”. Aqueles são, por assim dizer, a aparência dos objetos reais enquanto percebidos pelo observador, e estas são a realidade jamais apreendida em sua totalidade, posto que:

Para nós, é completamente desconhecida qual possa ser a natureza das coisas em si, independente de toda receptividade da nossa sensibilidade. Não conhecemos delas senão a maneira que temos de percebê-las; maneira

⁵⁸ Enunciado em latim, cujo significado é “ser é ser percebido”, de autoria do filósofo irlandês George Berkeley (Siqueira, 2005).

⁵⁹ Máxima de René Descartes: “Penso, logo existo”.

que nos é peculiar; mas que tão pouco deve ser necessariamente a de todo ser, ainda que seja a de todos os homens (Kant, 2001, p. 25).

Logo, lidamos a todo o momento com essa dicotomia entre o **ser**, “coisa em si” e intangível pelo investigador cognoscente, e a **aparência**, “fenômeno” pelo qual percebemos a matéria que nos cerca. Essa mesma linha de raciocínio aplica-se à relação entre os homens, enquanto sujeitos-objetos que veem e são vistos, e à relação do sujeito, enquanto “ego pensante”, com seu próprio corpo.

O quadro de Velásquez assemelha-se ao mundo virtual da Internet, onde constantemente nos colocamos sob o “olhar” perscrutador dos outros, transmudando-nos constantemente de sujeito em objeto e vice-versa. Entretanto, assim como no mundo “real” que nos cerca, só podemos apreender as aparências, os “fenômenos” e nunca as “coisas em si”.

Hanna Arendt (2009, p. 50-51) em “A Vida do Espírito” traz à tona o impulso de auto-exposição, por meio do qual todas as coisas vivas se fazem notar nesse mundo de aparências, advertindo-nos, porém, que:

Além do impulso de auto exposição (*sic*), pelo qual as coisas vivas se acomodam a um mundo de aparências, os homens também apresentam-se por feitos e palavras, e, assim, indicam como querem aparecer, o que, em sua opinião, deve ser e não deve ser visto.

Os sujeitos-objetos mostram-se, portanto, sob uma forma premeditada, escolhendo, consciente ou inconscientemente, o que ou o quanto deve ser visto. Um exemplo disso, é o mundo virtual da rede mundial de computadores, que se assemelha ao mundo “real” que nos cerca, a tal ponto que, reproduzimos nele os mesmos constructos que nos cercam nos ambientes pelos quais vagamos hodiernamente. Nesse mundo, encontramos as mesmas estruturas sociais, as mesmas relações de poder, vínculos afetivos, desejos e sonhos, assemelhando-se à tela sobre a qual o pintor eterniza o efêmero instante de uma cena real.

Entretanto, apesar da primazia da aparência nesse mundo “real” e no mundo virtual da Internet, essa aparência é muitas vezes falaciosa ou ao menos tendenciosa às interpretações da cena, vista pelos espectadores. Ainda sobre o assunto, a autora adverte: “uma vez que as aparências sempre se apresentam na forma do parecer, a fraude, presumida ou premeditada, da parte do autor, o erro e a ilusão se encontram

inevitavelmente entre as potencialidades inerentes, da parte do espectador” (Arendt, 2009, p. 53). E, no mesmo diapasão, no parecer a seguir, a autora denomina *semblância*, e deduz a correlação entre esta e a *aparência*:

[...] há sempre um elemento de *semblância* em toda *aparência*: a própria base não aparece. [...] As *semblâncias* só são possíveis em meio às *aparências*; elas pressupõem as *aparências* como o erro pressupõe a verdade. O erro é o preço que pagamos pela verdade, e a *semblância* é o preço que pagamos pelo prodígio das *aparências* (Arendt, 2009, p. 54).

Neste âmbito, posso afirmar que isso se dá porque a *aparência* nunca é a “coisa em si”, mas sim mero “fenômeno”, através do qual apreendemos as qualidades do objeto. E, mesmo quando os seres, por um impulso irresistível de auto-exposição se mostram em toda sua exuberância, a *aparência* que adotam tem algo de *semblância*. No mundo virtual, o princípio mais contingente é o *esse est percipi*, assim sendo, todos se mostram e buscam ser vistos na rede mundial de computadores. O *homo faber*⁶⁰, evoluiu ao *homo virtualis*⁶¹ e já não pode ser definido como ser ontológico pela máxima cartesiana ou pela definição existencialista do *ex-sistere*, posto que o “ser fora de si” e o *cogito* são insuficientes para uma autorrealização.

Entendo que a *aparência* se reveste hoje em valor absoluto que determina não apenas a estética das coisas e dos seres, mas acima de tudo aquilo que consumimos, nossas roupas, nosso alimento, nossa escolha de profissão, nossas escolhas de “amigos” e “amores”, onde vamos morar, que carro queremos conduzir, que lugares devemos frequentar, o que devemos postar em nossas redes sociais, em quem devemos votar, que discurso devemos urdir e enunciar e quando devemos fazê-lo.

Desde os tempos imemoriais, o homem lida com o sentido do que é real em um jogo interminável de luz e sombras, de *aparências* e *semblâncias*⁶² na busca dos mais variados conteúdos que se ocultam em constructos nem sempre naturais – biológicos, químicos, físicos, matemáticos – muitos dos quais sociais, políticos e culturais.

⁶⁰ Enunciado em latim, cujo significado é “o homem artífice”. Locução de Henri Bergson (2005), que diz respeito à designação do homem primitivo em face da necessidade de ele forjar os próprios utensílios indispensáveis para viver.

⁶¹ “O homem virtual”. Fenômeno histórico, que surgiu a partir da invenção da internet. Ele é uma mutação ou variação do *homo socialis*, posto que é o que vive no ciberespaço.

⁶² Para Arendt (2009), a *semblância* é uma “falha” na apreensão da *aparência*, que quando modificada nos induz em erro.

Enfim, romper com as “aparências” importa em um exercício constante de pensamento crítico em busca dos significados e ressignificados dos discursos urdidos e difundidos à nossa volta por toda sorte de veículos de comunicação, sendo que tal exercício importa, no mínimo, em uma formação cultural pessoal e aprofundada e não apenas na educação formal disponibilizada pelas escolas, ainda mais em tempos de “Escola sem Partido” e outras mordanças culturais que nos são impostas.

Sobre o constante discurso acerca das aparências, apresento a imagem nº 6, de autoria da artista colombiana e espanhola, “Adriana Mosquera Soto”:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge da artista colombiana e espanhola Adriana Mosquera Soto mostra um casal dançando enquanto a mulher cuida de um bebê em uma bacia com uma das pernas, simbolizando a multitarefa e as responsabilidades adicionais das mulheres. Destaco que esta imagem oferece uma crítica sobre a divisão desigual das responsabilidades domésticas e parentais, mesmo quando as mulheres participam de atividades sociais ou profissionais.

Contextualizada pelas lutas históricas e sociais pela igualdade de gênero, a charge sublinha a importância de reconhecer e equilibrar as responsabilidades das mulheres, promovendo a verdadeira igualdade de gênero. A imagem oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes que impedem o avanço da igualdade e enfatiza a necessidade urgente de ações concretas para apoiar o empoderamento feminino e a participação equitativa dos homens nas responsabilidades domésticas e parentais.

Acerca da enunciação e estratégias discursivas, a **metáfora visual** em destaque está no âmbito da multitarefa feminina. A mulher dançando enquanto cuida do bebê simboliza a multitarefa que muitas mulheres enfrentam, combinando responsabilidades domésticas com atividades sociais ou profissionais. O contraste entre a atividade social (dança) e a responsabilidade doméstica (cuidado do bebê) destaca a desigualdade na divisão das responsabilidades.

No que tange ao aspecto da **ironia e crítica social**, a ironia reside no fato de que, mesmo em momentos de lazer ou atividades sociais, as mulheres são frequentemente responsáveis por tarefas domésticas, refletindo uma falta de divisão equitativa de responsabilidades. A charge critica implicitamente a persistência da desigualdade de gênero nas responsabilidades domésticas e parentais, sugerindo a necessidade de uma mudança.

Para analisar a FD do Empoderamento Feminino na charge apresentada, optei por considerar os elementos visuais, o simbolismo e o contexto sociocultural implícito na imagem. Nos **elementos visuais**, a charge mostra um casal dançando, onde a mulher está vestida de forma elegante e o homem também está bem-vestido. Ao mesmo tempo, a mulher está cuidando de um bebê em uma bacia cheia de sabão, utilizando o pé para manter o bebê seguro enquanto dança.

Quanto aos **símbolos**, destaco a **dança elegante**, lembrando que a dança simboliza uma atividade social e prazerosa, sugerindo que a mulher está tentando participar de atividades que lhe dão prazer e satisfação pessoal. Já o **bebê na bacia/berço improvisado** simboliza as responsabilidades domésticas e de cuidado que a mulher continua a ter, mesmo enquanto participa de outras atividades. Outro símbolo que se destaca é a **multitarefa**, sendo que a imagem da mulher dançando e cuidando do bebê ao mesmo tempo destaca a habilidade das mulheres de desdobrarem em múltiplas tarefas, bem como também sugere a sobrecarga de responsabilidades.

No **contexto sociocultural**, a charge reflete sobre as expectativas sociais que colocam a responsabilidade do cuidado dos filhos quase exclusivamente sobre as mulheres, mesmo quando elas estão engajadas em outras atividades. Ainda sobre o assunto, a imagem sugere uma crítica à distribuição desigual de tarefas domésticas e de cuidado, ressaltando a necessidade de uma divisão mais equitativa. Ressalto que, tradicionalmente, as mulheres têm sido vistas como as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados familiares, mesmo quando também trabalham fora de

casa. Entretanto, a sociedade moderna exige um reequilíbrio dessas responsabilidades, mas a mudança é lenta e muitas mulheres ainda enfrentam uma dupla jornada de trabalho.

No **contexto histórico**, impende informar que tanto na Colômbia quanto na Espanha, os movimentos feministas têm uma longa história de luta pelos direitos das mulheres, incluindo o direito ao trabalho, igualdade salarial, e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. E, no tocante às conquistas e desafios, as últimas décadas testemunharam conquistas significativas em termos de direitos trabalhistas e sociais para as mulheres, mas a implementação de uma verdadeira igualdade ainda enfrenta desafios culturais e estruturais.

Por conseguinte, no contexto da **FD empoderamento feminino**, a charge destaca os desafios que as mulheres enfrentam ao tentar equilibrar responsabilidades domésticas e pessoais. Esse equilíbrio é uma parte central da FD empoderamento feminino, que busca reconhecer e redistribuir essas cargas. E, neste sentido, resalto que a imagem traz à tona o trabalho invisível das mulheres, que muitas vezes têm que gerenciar tarefas domésticas enquanto tentam participar de outras atividades sociais ou profissionais.

Neste âmbito, o empoderamento feminino, conforme sugerido pela charge, envolve a capacidade das mulheres de participarem plenamente de atividades sociais e profissionais sem serem sobrecarregadas por responsabilidades domésticas. Ademais, a charge promove a ideia de que as tarefas domésticas e de cuidado devem ser igualmente compartilhadas entre homens e mulheres, permitindo que ambos possam participar de atividades externas sem sobrecarga.

Cumprе destacar que a **memória discursiva** desta charge articula discursos históricos e contemporâneos sobre o papel da mulher, especialmente no que diz respeito à sobrecarga de responsabilidades e à expectativa de que as mulheres sejam multitarefa, sem comprometer sua feminilidade ou a performance social de sucesso. A imagem critica o fato de que as mulheres são frequentemente pressionadas a equilibrar múltiplas esferas de suas vidas, ao mesmo tempo em que enfrentam a invisibilidade de seu trabalho doméstico e a falta de apoio efetivo. Assim, a FD empoderamento feminino está em tensão com o discurso patriarcal que ainda limita a redistribuição das responsabilidades de gênero, perpetuando a ideia de que a mulher deve "dar conta de tudo".

Ainda sobre as dissonâncias que envolvem a questão do empoderamento, a charge aponta para a sobrecarga de responsabilidades que muitas mulheres enfrentam, sugerindo que, mesmo em momentos de lazer, elas não conseguem se desvencilhar completamente das tarefas domésticas. Neste aspecto, a imagem sugere a necessidade de uma mudança cultural que permita uma divisão mais justa das responsabilidades domésticas, possibilitando que as mulheres busquem suas ambições e participem plenamente da vida social e profissional.

Neste sentido, o **interdiscurso** desta charge articula um confronto entre os papéis tradicionais de gênero e as demandas contemporâneas por empoderamento e igualdade de gênero. Ao mesmo tempo que o discurso de feminilidade idealizada pressiona as mulheres a manterem sua aparência e comportamento impecáveis, o discurso da sobrecarga feminina revela as dificuldades de conciliar múltiplas tarefas, especialmente no âmbito doméstico. A carga simbólica da dança e do cuidado simultâneo com o bebê representa a tensão entre a expectativa romântica de equilíbrio e a realidade prática de sobrecarga, sugerindo a leitura de que, embora as mulheres tenham conquistado mais liberdade e autonomia, elas ainda enfrentam uma pesada carga de responsabilidades, com pouca redistribuição efetiva dessas tarefas entre os gêneros.

Sob a ótica do conceito de **biopoder** de Foucault (1976), a charge expõe como as normas invisíveis de gênero regulam a vida das mulheres, exigindo que elas equilibrem múltiplas funções e responsabilidades. Neste sentido, o **biopoder** atua por meio de normas sociais e culturais que regulam o comportamento e as funções atribuídas a diferentes corpos, sem a necessidade de coerção explícita. Na charge, essa regulação é evidenciada pela dualidade de funções que a mulher desempenha: enquanto dança, uma atividade que pode ser associada à liberdade, leveza e prazer, ela simultaneamente realiza uma tarefa doméstica e de cuidado, relacionada ao cuidado com o bebê.

O **biopoder** regula silenciosamente a vida das mulheres, moldando expectativas sociais que naturalizam sua sobrecarga de tarefas. A mulher, mesmo no contexto de uma dança glamorosa, não pode se libertar completamente das responsabilidades domésticas, o que reflete o controle invisível que o biopoder exerce sobre seu corpo e sua vida. O **biopoder**, neste contexto, regula o comportamento

feminino ao naturalizar a ideia de que as mulheres devem ser capazes de equilibrar o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e suas vidas pessoais e profissionais.

O que não é dito, mas que está implícito, é que a luta pelo empoderamento feminino envolve a necessidade de expor e desconstruir essas normas invisíveis que continuam a regular as expectativas de gênero. A charge ilustra como o biopoder perpetua essas dinâmicas de maneira sutil, mantendo as mulheres em uma posição de sobrecarga e subordinação, enquanto os homens permanecem isentos dessas responsabilidades adicionais.

A FD empoderamento feminino busca desafiar essas expectativas, promovendo uma redistribuição mais justa das responsabilidades e libertando as mulheres da sobrecarga que o biopoder lhes impõe. No entanto, como a charge ilustra, essas normas continuam a regular de maneira invisível a vida das mulheres, forçando-as a desempenhar múltiplos papéis sem que isso seja questionado. A verdadeira igualdade depende da desconstrução dessas normas e da criação de um ambiente onde homens e mulheres possam compartilhar responsabilidades de maneira equitativa, tanto no lar quanto na vida pública.

Em resumo, a charge promove a **FD empoderamento feminino** ao destacar os desafios de equilibrar responsabilidades domésticas e pessoais, e ao criticar a distribuição desigual dessas tarefas. Ademais, a imagem ainda articula a necessidade de autonomia e uma divisão mais equitativa das responsabilidades domésticas, permitindo que as mulheres participem plenamente da vida social e profissional sem serem sobrecarregadas.

Enfim, na charge da artista colombiana e espanhola, “Adriana Mosquera Soto”, os **deslizamentos de sentido** exploram as tensões entre o ideal de feminilidade glamourosa e as responsabilidades domésticas e maternas, questionando as expectativas conflitantes impostas às mulheres. Sob a perspectiva da AD de linha francesa, com foco na FD empoderamento feminino, a imagem critica a pressão cultural que exige que as mulheres conciliem múltiplos papéis – o de mãe, cuidadora e esposa – enquanto se espera que elas mantenham um ideal de feminilidade e elegância. Neste sentido, eis um quadro onde apresento o significado e os respectivos sentidos analisados na charge:

1 A DANÇA E O GLAMOUR FEMININO	
Significado	Sentidos
A imagem de uma mulher elegantemente vestida em um vestido vermelho dançando com um homem pode inicialmente sugerir o ideal romântico e glamouroso de feminilidade. A dança em si simboliza harmonia, leveza e uma vida social ativa.	No entanto, o deslizamento de sentido ocorre ao vermos que, mesmo em meio à dança, a mulher está simultaneamente cuidando de um bebê. Esse deslizamento revela a crítica às exigências sociais que pedem que as mulheres mantenham um ideal de feminilidade e elegância, enquanto ainda realizam as funções domésticas e maternas. O empoderamento feminino, que luta pela autonomia e liberdade de escolha, é colocado em tensão com essas expectativas culturais de que as mulheres devem "dar conta de tudo", sem deixar de lado sua aparência e a função de cuidadora.
2 A MULHER MULTITAREFAS: CUIDANDO DO BEBÊ ENQUANTO DANÇA	
Significado	Sentidos
A mulher está envolvida em um momento de lazer e romantismo ao dançar com seu parceiro.	O deslizamento ocorre quando, apesar de estar em um momento de descontração e romantismo, a mulher continua a ser responsável pelo cuidado com o bebê, ilustrado pelo fato de que ela usa o pé para balançar o berço enquanto dança. Isso critica a carga mental e física colocada sobre as mulheres, que são frequentemente esperadas a executar múltiplas tarefas simultaneamente. O empoderamento feminino, neste contexto, é desafiado pela noção de que as mulheres devem equilibrar suas vidas profissionais, sociais e familiares sem negligenciar nenhuma dessas esferas.
3 A IMAGEM DO HOMEM DESCONECTADO DAS RESPONSABILIDADES DOMÉSTICAS	
Significado	Sentidos
O homem está engajado na dança, o que sugere que ele está presente e envolvido no momento.	No entanto, o deslizamento de sentido revela que, enquanto a mulher está dividida entre o cuidado com o bebê e a dança, o homem não parece se preocupar com essa responsabilidade. Ele está totalmente concentrado na dança, sem perceber ou participar das tarefas de cuidado com o filho. Esse deslizamento sugere uma crítica à divisão desigual de responsabilidades domésticas e parentais, onde o homem continua desfrutando de momentos de lazer enquanto a mulher precisa se desdobrar para equilibrar todas as suas funções. A FD do empoderamento feminino é colocada em tensão com a permanência de papéis tradicionais de gênero, nos quais o homem se distancia das responsabilidades cotidianas do cuidado.
4 O BEBÊ NA BACIA COMO SÍMBOLO DE IMPROVISACÃO E TRABALHO INVISÍVEL	
Significado	Sentidos
O bebê está deitado em uma bacia,	O deslizamento de sentido ocorre ao percebermos que a

que foi improvisada como um berço, o que inicialmente pode parecer uma solução prática.	bacia, um objeto normalmente associado ao trabalho doméstico, simboliza a sobrecarga invisível e a improvisação que muitas vezes recaem sobre as mulheres. Ao usar uma bacia como berço, a mulher precisa encontrar soluções imediatas e criativas para lidar com as demandas de cuidado, sem deixar de lado outras responsabilidades, como a dança com o parceiro. Esse deslizamento denuncia o peso da carga mental e física que as mulheres carregam ao tentar equilibrar o cuidado com os filhos e manter suas outras funções sociais e domésticas. O empoderamento feminino, que propõe a igualdade e a redistribuição das responsabilidades, é confrontado com a realidade de que as mulheres ainda precisam "improvisar" para dar conta de múltiplos papéis simultaneamente.
5 O SALTO ALTO E O GLAMOUR CONTRASTANDO COM A REALIDADE	
Significado	Sentidos
O salto alto e o vestido vermelho simbolizam o glamour, o romantismo e a feminilidade.	No entanto, ao contrastar essa imagem glamourosa com a realidade do cuidado com o bebê, o deslizamento de sentido destaca a desconexão entre o ideal estético imposto às mulheres e as responsabilidades reais que elas enfrentam. A mulher é esperada para ser uma mãe cuidadosa e dedicada, enquanto simultaneamente mantém a aparência e o comportamento esperados de uma mulher "feminina" e atraente. Esse deslizamento denuncia as pressões sociais que sobrecarregam as mulheres, exigindo que elas desempenhem múltiplos papéis sem qualquer alívio. O empoderamento feminino, que propõe a liberdade de escolha e a eliminação de papéis restritivos, é colocado em conflito com essa imposição de múltiplos papéis.
6 A CRÍTICA À DIVISÃO TRADICIONAL DE GÊNEROS	
Significado	Sentidos
A dança pode simbolizar uma parceria entre o homem e a mulher, sugerindo uma relação harmoniosa.	O deslizamento de sentido surge quando percebemos que, embora a dança implique parceria, a divisão de responsabilidades é totalmente desigual. Enquanto o homem dança sem preocupações, a mulher está literalmente esticada, fisicamente equilibrando a dança e o cuidado com o bebê. Esse deslizamento critica as normas de gênero tradicionais que permitem aos homens desfrutarem de momentos de lazer e prazer, enquanto as mulheres são sobrecarregadas por suas múltiplas funções. O empoderamento feminino busca uma redistribuição mais equitativa dessas responsabilidades, mas a charge reflete que essa divisão ainda está longe de ser alcançada.

Os **deslizamentos de sentido** nesta charge destacam a crítica à multiplicidade de papéis que as mulheres são obrigadas a desempenhar simultaneamente,

especialmente quando se espera que equilibrem o cuidado com os filhos, o trabalho doméstico e a manutenção de um ideal de feminilidade glamourosa.

A figura do homem, desconectado das responsabilidades domésticas, reforça a crítica à divisão desigual de papéis de gênero, onde o trabalho invisível e a sobrecarga mental recaem predominantemente sobre as mulheres. A FD empoderamento feminino é confrontada com essas expectativas de aparências sociais, sugerindo que, apesar dos avanços em direção à igualdade de gênero, as mulheres ainda enfrentam pressões para manter vários papéis de forma simultânea e exaustiva.

Não sem motivo, Hannah Arendt (2009) retoma o dilema da fenomenologia a partir das “Aparências”, nos termos em que surgimos em um mundo sensível que é naturalmente regido pelas aparências, vindos de lugar nenhum e fadados a desaparecer em lugar nenhum, e no qual “ser” e “aparecer” coincidem. Assim, a vida é um espetáculo no qual somos atores, e, ao mesmo tempo, espectadores. Surgimos em um mundo de aparências para vermos e sermos vistos muito além de nossos papéis sociais e aparências.

E neste sentido, em charge que aborda a questão da objetificação das mulheres nas mídias e a desigualdade de gênero na representação visual, apresento a imagem nº 12, de autoria de “Nadia Khiari”, mais conhecida como “Willis from Tunes”:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

A charge de Nadia Khiari, publicada sob o pseudônimo "*Willis from Tunis*", utiliza a **metáfora visual** e a **ironia** para criticar a objetificação das mulheres na mídia e destacar a desigualdade de gênero na representação visual. Contextualizada pelo contexto histórico e social da Revolução Tunisiana e das lutas contínuas pelos direitos das mulheres, a charge sublinha a importância de desafiar as normas culturais e promover a igualdade de gênero.

A imagem oferece uma reflexão crítica sobre as barreiras persistentes à representação equitativa e enfatiza a necessidade urgente de ações concretas para superar essas desigualdades e apoiar o empoderamento feminino.

Destaco que, no âmbito da enunciação e estratégias discursivas, a **metáfora visual** apresenta um gato como a própria metáfora. Ou seja, o personagem felino, "Willis", serve como uma metáfora para a sociedade tunisiana. Ele representa uma voz crítica e irônica, que desafia as normas estabelecidas e questiona a objetificação das mulheres. Ademais, o uso de cartazes com enunciados diretos e irônicos permite que a charge articule críticas complexas de maneira simples e visualmente acessível.

No que tange aos elementos **ironia e crítica social**, a ironia na resposta subverte a crítica inicial, expondo a hipocrisia e a desigualdade de gênero na objetificação sexual. A ironia destaca a discrepância entre a representação de homens e mulheres na mídia. A charge critica a objetificação das mulheres, sugerindo que, se a sociedade estivesse realmente interessada em igualdade, também existiria uma representação equivalente de homens de forma sexualizada, o que raramente é o caso.

No **contexto histórico**, a Revolução Tunisiana (2010-2011) marcou uma transformação significativa na sociedade tunisiana, com protestos contra o regime autoritário de Zine El Abidine Ben Ali, culminando em sua destituição e impulsionando a Primavera Árabe. Esta revolução propiciou uma maior abertura para discussões sobre direitos humanos, incluindo os direitos das mulheres e a igualdade de gênero. Nesse contexto, a arte e a sátira emergiram como ferramentas discursivas importantes para comentar e criticar a nova dinâmica social e política.

Ainda neste contexto, é necessário evidenciar a questão dos direitos das mulheres, sendo que, na Tunísia, as mulheres têm lutado por igualdade de gênero, direitos reprodutivos e contra a violência de gênero. Cumpre informar que a Tunísia é

conhecida por ter uma das legislações de direitos das mulheres mais progressistas do mundo árabe, mas a implementação dessas leis ainda enfrenta desafios culturais. Entretanto, a objetificação das mulheres na mídia é uma questão global que também afeta a Tunísia. Mulheres são frequentemente representadas de forma sexualizada, enquanto os homens são menos propensos a serem retratados da mesma maneira.

No **contexto social**, o foco está nas expectativas de gênero e mídia, sendo que a mídia tunisiana tem uma longa história de objetificação feminina, em que as mulheres são retratadas de maneira sexualizada, muitas vezes para atrair a atenção e vender produtos. Por conseguinte, há uma desigualdade na representação de homens e mulheres na mídia. Homens são frequentemente retratados em papéis de poder e liderança, enquanto mulheres são frequentemente reduzidas a objetos de desejo.

Ainda sobre este contexto, a liberdade de expressão pós-revolução proporcionou uma significativa abertura cultural. Ou seja, a revolução trouxe uma maior liberdade de expressão e uma maior abertura para discussões públicas sobre questões sociais e políticas. E justamente, artistas como Nadia Khiari usam essa liberdade para desafiar normas e criticar injustiças. Neste aspecto, destaco que a sátira e o humor são ferramentas poderosas na cultura tunisiana, usadas para criticar e refletir sobre a sociedade. A personagem *"Willis from Tunis"* é um exemplo de como essas ferramentas são utilizadas para abordar questões sérias de maneira acessível e impactante.

Para identificar a FD do Empoderamento Feminino nesta charge de Nadia Khiari, optei por focar diretamente nos aspectos que promovem ou criticam a situação das mulheres, especialmente em relação à representação midiática e à objetificação. E, a partir destes focos, destaco como um dos pontos chave a **crítica à objetificação das mulheres**. E, neste âmbito, a charge começa com o seguinte enunciado: *"Marre de toutes ces filles à poil dans les magazines?"*.

Neste sentido, cumpre evidenciar que este enunciado expressa frustração e crítica à frequente objetificação das mulheres na mídia. Já a resposta enfática: *"OUI!"* demonstra um acordo com essa frustração, sublinhando a necessidade de mudança. Então, numa Proposta de Igualdade, o segundo balão de fala enuncia: *"Nous voulons*

plus de mecs à poil?".⁶³ Este enunciado coloca em evidência a desigualdade de tratamento entre homens e mulheres na mídia. E, ao propor uma inversão de papéis, a charge destaca a hipocrisia e a injustiça na representação de gêneros. Sendo assim, a **desigualdade** fica evidente, tendo em vista que ao contrastar a representação de mulheres nuas com a ausência de homens nus, a charge aponta para a desigualdade gritante na mídia. Este contraste serve para ilustrar a injustiça e a necessidade de mudar essas práticas.

Por conseguinte, a **memória discursiva** desta charge aponta para um histórico de objetificação feminina na mídia e critica a desigualdade de gênero na forma como homens e mulheres são representados. O corpo feminino, historicamente sexualizado e comercializado, é colocado em contraste com a ausência de uma representação equivalente do corpo masculino. A ironia na fala da charge expõe as contradições patriarcais e faz referência à luta feminista por representações mais equitativas e pela valorização da mulher além de sua aparência física. A FD do empoderamento feminino busca questionar e desconstruir esses discursos, reivindicando uma representação mais justa e humana para as mulheres na mídia.

Neste sentido, analiso uma **chamada à ação** como um alerta para uma possível **mudança de perspectiva**. Pois, ao questionar diretamente a prática comum de objetificação das mulheres, a charge convoca os espectadores a reconsiderarem suas próprias percepções e a demandarem uma mídia mais justa e igualitária. Ainda sobre o chamamento à ação, observa-se o **empoderamento pela igualdade**, em que a proposta implícita de tratar homens e mulheres de maneira igualitária na mídia é um chamado direto ao empoderamento feminino, defendendo a necessidade de igualdade de tratamento e representação.

Cumprе ressaltar que também é possível vislumbrar na charge em comento, o **empoderamento através da conscientização**. E, neste aspecto, a charge traz à tona a discrepância na representação de gênero, incentivando os espectadores a refletirem sobre as normas culturais que aceitam a objetificação feminina. Este ato de denúncia é uma forma de empoderamento, pois educa e conscientiza o público sobre a necessidade de igualdade e respeito. Outro aspecto importante está na **voz de**

⁶³ No alto, lê-se a pergunta: "**De saco cheio de ver todas essas mulheres peladas nas revistas?**". A personagem responde, em dois tempos: "**Sim!**" "**Queremos mais homens pelaaaados?**" (ONU Mulheres, 2018, grifei).

autoridade feminina, em que a figura feminina com óculos e uma bengala representa uma voz crítica e autoritária, reforçando a ideia de que as mulheres têm o direito e o poder de questionar e desafiar as normas estabelecidas.

Destaco ainda que o **interdiscurso** desta charge articula uma crítica profunda à forma como o discurso patriarcal continua a controlar a imagem feminina na mídia, ao mesmo tempo que ignora uma exploração semelhante do corpo masculino. Ao colocar a questão irônica sobre a falta de homens nus nas revistas, a charge evidencia a desigualdade de gênero nas representações e desafia a naturalização da objetificação feminina. A interação entre esses discursos destaca as contradições entre a hipersexualização do corpo feminino e as lutas feministas por uma representação mais justa, humana e equitativa.

Em resumo, a FD do Empoderamento Feminino na charge está presente na crítica à objetificação das mulheres na mídia, na proposta de igualdade de representação entre os gêneros, na conscientização do público sobre essas questões, e na chamada à ação para uma mudança cultural e midiática. A imagem e o texto juntos promovem uma reflexão crítica e incentivam uma reavaliação das normas que perpetuam a desigualdade de gênero.

Nesta charge, a tunisiana Nadia Khiari traz suas marcas registradas: as cores preto e branco e gatos. Gatos que, segundo entrevista conduzida por Laura Brick (2022, p. 1): “[...] gatos são um símbolo de independência, eles não obedecem a ordens [...]”. E, ao ser indagada por que transformou seu gato em desenho animado, a artista alega que “desenhos animados são uma ferramenta de resistência”. Pois, “Prefiro rir a chorar [...]”. Quando você ri de algo de que tem medo, você não tem mais medo”. Disse ela com um sorriso.

Acerca da charge em análise, destaco que a artista optou por trazer uma fêmea, uma gata com características peculiares a alguém com mais idade: bengala na mão, óculos de modelo antigo, calçado fechado, roupa sóbria e cobrindo todo o corpo. Acerca do corpo da personagem, os “seios” caídos também fazem alusão a uma idade mais avançada. Trata-se de uma charge multimodal, com imagem e texto, sendo que o texto reitera a interpretação visual de que se trata de uma personagem com mais idade. Visto que, ao observarmos o excerto “*De saco cheio [...]*”, posso entender que não é algo novo à personagem “[...] *de ver todas essas mulheres peladas nas revistas?*”.

A primeira informação a ser destacada é de que revistas de “mulheres peladas”, na sua maioria, já não são mais publicadas. Pois, a forma de divulgação deste tipo de conteúdo, há vários anos, migrou para a rede mundial de computadores – *Internet*.

Ou seja, no caso em tela, a FD evidencia um período com contexto de produção midiática relacionado à décadas anteriores. Eis aí uma estratégia, com sentido subjacente ao próprio texto exposto. O não dito deixa entrever que as mulheres se ressentem de não serem consideradas na produção de conteúdo erótico/ sensual/ sexual. Para tanto, basta observarmos revistas de mulheres nuas, onde as personagens mostram-se num exaustivo conjunto de imagens. E, em contrapartida, nas pouquíssimas revistas de homens nus, as imagens se limitam às ereções.

Outra análise acerca dos enunciados da personagem traz um interdiscurso conectado ao machismo extremo, onde a produção midiática tem relação direta com os desejos dos consumidores masculinos, remetendo à invisibilidade dos desejos e fantasias femininas. Afinal, revistas com “homens pelados”, voltadas às mulheres, sempre foram raríssimas!

Por conseguinte, posso depreender que o processo de criação desta charge tem forte influência histórica e social, tendo em vista a ideologia veiculada à dicotomia masculino *versus* feminino. A ironia, a crítica e as provocações têm ligação direta com o apagamento das opiniões femininas. Tem conexão, inclusive, com questões patrimoniais e patriarcais, visto que há uma interpretação, às vezes errônea, de que quem tem mais poder de compra é o homem.

Sob o prisma da AD de linha francesa e do conceito de **biopoder** de Foucault (1976), a charge critica a forma como os corpos femininos são regulados e objetificados pela mídia e pela cultura de massa. O **biopoder** aqui atua ao regular a visibilidade dos corpos de maneira desigual, promovendo a ideia de que o corpo feminino é para ser exposto e consumido, enquanto o corpo masculino deve ser preservado ou exibido apenas em contextos específicos.

Essa desigualdade invisível na forma como os corpos são apresentados na mídia reflete a maneira como o biopoder molda as percepções sobre gênero e sexualidade, impondo um controle sobre a representação do corpo feminino. O que não é dito, mas que está implícito, é que o empoderamento feminino envolve a luta

pelo direito das mulheres de serem vistas como indivíduos e não apenas como corpos para consumo visual.

A FD empoderamento feminino desafia o **biopoder** ao questionar por que a nudez feminina é tão amplamente explorada e normalizada, enquanto a nudez masculina continua a ser vista como algo incomum ou transgressivo. A charge critica essa disparidade e propõe uma reflexão sobre o controle invisível que regula a exposição dos corpos na mídia. No entanto, como a charge demonstra, o biopoder continua a regular de forma sutil essas dinâmicas, mantendo a desigualdade na forma como os corpos masculinos e femininos são representados e consumidos. A verdadeira igualdade depende da desconstrução dessas normas culturais e da promoção de uma representação mais justa e equilibrada dos corpos na mídia.

Enfim, na charge da artista tunisiana “Nadia Khiari”, os **deslizamentos de sentido** giram em torno da crítica à objetificação das mulheres na mídia e à maneira como os corpos femininos são constantemente exibidos em revistas e outros meios de comunicação. Sob a lente da AD de linha francesa, com ênfase na FD empoderamento feminino, a imagem explora a desconstrução do discurso predominante que sexualiza as mulheres, ao mesmo tempo que sugere uma inversão satírica da lógica desse discurso.

Neste sentido, eis um quadro onde apresento o significado e os respectivos sentidos analisados na charge:

1 A FRASE “MARRE DE TOUTES CES FILLES À POIL DANS LES MAGAZINES”	
Significado	Sentidos
A frase expressa uma queixa sobre a quantidade excessiva de mulheres nuas (“à poil”) presentes nas revistas, o que reflete uma insatisfação com a constante exposição de corpos femininos na mídia.	O deslizamento de sentido ocorre quando essa crítica, que poderia ser entendida como uma rejeição à hipersexualização das mulheres, é imediatamente seguida por uma solução satírica: “Nous voulons plus de mecs à poil?” (Queremos mais homens nus?). Ao invés de propor uma solução que confronta a objetificação em si, a pergunta sugere uma inversão irônica, deslocando o foco para a objetificação masculina. O deslizamento aqui expõe a contradição de que, mesmo ao criticar a objetificação feminina, a resposta proposta continua dentro da mesma lógica superficial, sem resolver o problema da sexualização como um todo.

2 A INVERSÃO DE GÊNERO COMO SOLUÇÃO SATÍRICA	
Significado	Sentidos
A ideia de incluir mais homens nus nas revistas, em resposta à queixa sobre mulheres nuas, pode ser vista como uma tentativa de igualdade no tratamento dos corpos de ambos os sexos.	No entanto, o deslizamento de sentido revela que essa inversão de gênero não é uma solução real para o problema da objetificação. Ao invés de abordar a questão de como os corpos das mulheres são sexualizados e explorados, a inversão apenas reproduz a mesma lógica de objetificação, mas agora aplicada aos homens. Esse deslizamento sugere que a crítica à objetificação feminina não deveria ser respondida com mais objetificação, independentemente do gênero, mas sim com a desconstrução desse paradigma. A FD do empoderamento feminino, que busca eliminar a redução das mulheres a objetos sexuais, é tensionada por essa inversão superficial, que não questiona a lógica subjacente.
3 O TOM SATÍRICO DA PERSONAGEM	
Significado	Sentidos
A personagem, com uma aparência caricatural e um cajado, traz à tona um tom de humor satírico.	O deslizamento de sentido acontece quando percebemos que a personagem, ao fazer essa crítica, está usando um discurso que, ao mesmo tempo em que denuncia a exposição excessiva das mulheres, não apresenta uma solução séria. A satirização da crítica à objetificação feminina transforma uma questão importante em uma piada. Esse deslizamento pode ser interpretado como uma forma de minimizar o problema, sugerindo que, em vez de mudanças estruturais, as soluções poderiam ser superficiais e baseadas em inversões simbólicas de poder. A FD do empoderamento feminino, que busca o reconhecimento das mulheres como sujeitos plenos e não como objetos sexuais, é aqui colocada em confronto com uma abordagem que, ao fazer piada, subestima a profundidade do problema.
4 A NORMALIZAÇÃO DA OBJETIFICAÇÃO NA MÍDIA	
Significado	Sentidos
A crítica à presença de "filles à poil" nas revistas sugere uma insatisfação com a forma como a mídia explora os corpos femininos.	No entanto, o deslizamento de sentido se dá ao percebermos que, embora a crítica seja feita, o próprio discurso já normaliza a objetificação ao sugerir que, em vez de menos corpos nus, deveríamos ter uma inclusão maior de outros corpos (neste caso, os masculinos). Isso revela a naturalização da objetificação como um todo, como se o problema não fosse a sexualização em si, mas o fato de que apenas mulheres estão sendo exploradas dessa forma. Esse deslizamento denuncia a dificuldade de romper com o paradigma da objetificação na cultura midiática e como a própria crítica, se mal formulada, pode acabar reforçando a lógica patriarcal que submete corpos a consumo visual.
5 A PERGUNTA IRÔNICA: “NOUS VOULONS PLUS DE MECS À POIL?”	

Significado	Sentidos
A pergunta parece sugerir que a solução para o problema da exposição de mulheres nuas seria expor mais homens nus nas mídias.	O deslizamento de sentido ocorre quando essa pergunta, em vez de propor uma solução crítica à sexualização, apresenta uma ironia que não resolve o problema central da objetificação. O discurso aqui é o de aumentar a presença masculina em condições semelhantes, o que implica que a sexualização se tornaria "igualitária", mas não eliminaria o problema. Ao invés de desafiar a cultura de objetificação, a pergunta propõe uma paridade que mantém a lógica de consumo dos corpos. A FD do empoderamento feminino, que visa eliminar a objetificação, não é atendida por essa solução irônica, que apenas espelha o problema ao invés de enfrentá-lo.
6 O SILENCIAMENTO DA SOLUÇÃO REAL PARA A OBJETIFICAÇÃO	
Significado	Sentidos
A crítica à exposição excessiva de mulheres nas revistas poderia sugerir uma reflexão mais profunda sobre a necessidade de mudanças no tratamento da imagem feminina na mídia.	O deslizamento de sentido ocorre ao percebermos que, em vez de uma reflexão mais crítica sobre como eliminar a objetificação dos corpos femininos, a solução oferecida é simplista e irônica, desviando do problema real. O foco se desloca da necessidade de transformação das normas culturais para uma resposta humorística que não leva a uma mudança efetiva. Isso reflete como muitas vezes as críticas à sexualização feminina são tratadas de maneira superficial, sem uma verdadeira abordagem para acabar com a objetificação na mídia. A FD do empoderamento feminino é silenciada aqui, uma vez que as demandas por respeito e reconhecimento das mulheres como sujeitos não são levadas a sério.

A crítica dessa charge refere-se à objetificação das mulheres na mídia. Ao propor uma inversão irônica (mais homens nus), a solução apresentada não aborda o problema subjacente da sexualização, mas sim mantém a lógica de consumo dos corpos. A FD empoderamento feminino, que busca acabar com a exploração sexual das mulheres e garantir igualdade de tratamento, é desafiada por essa abordagem irônica, que sugere que a solução para a objetificação feminina seria apenas incluir mais corpos masculinos na mesma lógica, em vez de desconstruir o sistema que trata corpos como objetos para consumo visual.

Outra questão para evidenciar tem certa relação com uma idade mais avançada, onde certos discursos se relacionam com a redução do pudor e da timidez, se contrapondo aos mais jovens, muito mais influenciados pela moral cristã, cheia de discursos relacionados ao pecado.

Diante de um discurso maciçamente voltado ao público masculino, a charge traz uma pitada de ironia e acidez peculiares à autora Nadia Khiari, cartunista nascida em Tunis, na Tunísia, em 21 de maio de 1973. Sua fama e a difusão mundial da sua arte tiveram sua propulsão quando:

Em 2011, vários países do Oriente Médio começaram a se levantar contra as ditaduras que os mantinham em um reduto por tanto tempo. No Egito, na Líbia e no Iêmen, governos inteiros logo caíram. Na Tunísia, o presidente Zine el-Abidine Ben Ali sentiu que a maré estava virando e tentou despistar a população furiosa, parafraseando o presidente De Gaulle durante a crise argelina: "Je vous ai compris" ("eu te entendi"). Ele prometeu mais liberdade de expressão, embora o toque de recolher ainda estivesse em vigor. Isso inspirou Khiari a desenhar um desenho animado com um grupo de ratos ameaçando um gato que tenta afastá-los proferindo a mesma desculpa esfarrapada. Ela nomeou o felino Willis de Tunis. No mesmo dia de seu primeiro cartum, 13 de janeiro de 2011, Khiari também lançou uma página no Facebook para ele. Para sua surpresa, ela ganhou milhares de seguidores em questão de dias. Ainda mais surpreendente foi o fato de que Ben Ali fugiu do país um dia depois. Não é exagero dizer que Khiari deve sua descoberta artística a Willis the Cat. Antes de 2011, ela desenhava com um estilo muito detalhado, mas ainda não havia encontrado sua própria voz. Quando ela fez seu primeiro desenho animado de Willis, ela adotou um estilo mais simples e espontâneo. Com a turbulência política da saída de Ben Ali, a demanda por mais caricaturas de Willis cresceu. Para acompanhar todos os desenvolvimentos mais recentes, Khiari manteve esse estilo de desenho mais simples. Ela compartilhou seus desenhos on-line e os pintou com spray nas paredes de edifícios locais em Tunis. Isso deu a ela um certo apelo underground e ajudou Willis a se tornar um símbolo da rebelião tunisiana. (Lambiek, 2021, p. 1)

Ainda sobre a página criada no *Facebook* em 2011, Khiari informa que atualiza quase diariamente a página "*Willis from tunis*", dedicada ao seu próprio gatinho, "*Willis*", o inspirador do famoso personagem. Cumpre ressaltar que atualmente a página conta com mais de 56 mil seguidores, e aborda questões políticas, direitos femininos e dos homossexuais. Acerca dos seus famosos desenhos, todos são gatos. E, outra peculiaridade que se destaca é a preferência dos tons em preto e branco, e em casos específicos, quando a intenção é dar um tom de anarquismo, as cores preto e vermelho podem aparecer. (Cartooning, 2023, p. 1).

Lembro aqui que Nadia Khiari é uma das chargistas que teve uma alavancagem impressionante da sua arte através da rede social *Facebook*. Constatação que coaduna com as considerações que fiz sobre a "Cultura da Convergência".

E nesse jogral de ver e ser visto, o conteúdo é na maioria das vezes ocultado,

não apenas por nossas aparências físicas e biológicas, mas também por máscaras sociais e imagens socialmente projetadas de nós mesmos e que nem sempre correspondem à verdade, assim como as “aparências” que captamos de outros seres nem sempre correspondem à “verdade” dos conteúdos. Afinal, a questão central que se nos apresenta hodiernamente é a impositividade da aparência como ordem do dia a guiar nossas vidas e nossos relacionamentos.

Afinal, é nessa sociedade, na qual a Vida para o Consumo (Bauman, 2008) é a única opção que se nos apresenta, em que convertemos o “penso, logo existo” em “*egestate, ergo sum*”⁶⁴, e, na qual a espetacularização das “aparências” revela-se brutal, transmudando o “ser” em “ter” e levando-nos a adotar padrões de consumo em que a utilidade é posta em segundo plano e o *status quo* é determinado pelo valor e inutilidade dos bens de consumo, que ora nascemos, vivemos e eventualmente morreremos um dia.

Neste contexto, apresento a imagem nº 2, da artista belga, “Cecile Bertrand”:



Fonte: ONU Mulheres (2018).

Com o intuito de analisar a FD empoderamento feminino na charge apresentada, optei por destacar, inicialmente, os elementos visuais, o texto e o

⁶⁴ Consumo, logo existo.

contexto sociocultural implícito na imagem. E no tocante aos **elementos visuais e textuais**, a charge mostra um casal sentado em uma mesa de restaurante, analisando uma carta de vinhos. No título da charge lê-se o seguinte enunciado: *"La Journée des Femmes, ça se fête"*. Já no diálogo travado entre os dois personagens sentados, a sequência é iniciada pelo homem, que enuncia: *"Je n'y connais rien en vin..."*. Logo em seguida, a mulher responde: **"Moi si"**. Porém, o homem parece ignorar a resposta e profere: *"Bon, on va prendre un Bordeaux 2007"*⁶⁵.

Então, quando analiso o contexto dos **símbolos**, destaco a **comemoração do dia das mulheres**, que no título da charge sugere uma comemoração do Dia Internacional da Mulher, data em que deveriam ser celebradas conquistas sociais, econômicas, culturais e políticas das mulheres. Já no **diálogo sobre vinhos**, a troca de falas entre a mulher e o homem sobre a escolha do vinho destaca uma dicotomia entre conhecimento e decisão, onde o homem ignora a posição de especialista da mulher e toma a decisão sem considerá-la.

No **contexto sociocultural**, destaco que a imagem reflete sobre as expectativas de gênero que ainda prevalecem, em que homens são frequentemente vistos como os detentores do conhecimento especializado, enquanto as mulheres são desconsideradas. E, neste sentido, a charge sugere que o verdadeiro reconhecimento e respeito pelo Dia das Mulheres envolvem a valorização da opinião e do conhecimento das mulheres em todas as áreas, não apenas em celebrações superficiais.

No contexto da **FD empoderamento feminino**, a charge ilustra uma situação comum em que a opinião da mulher é minimizada ou desconsiderada, mesmo em um contexto de celebração de sua importância. Isso reflete uma crítica à persistência de atitudes que desvalorizam a capacidade das mulheres de tomar decisões ou possuir conhecimento. A crítica implícita pode ser dirigida às comemorações superficiais do Dia das Mulheres, que não abordam as questões mais profundas de igualdade e respeito. Celebrar o Dia das Mulheres deveria ir além de gestos simbólicos e reconhecer a necessidade de igualdade real nas dinâmicas cotidianas.

⁶⁵ No cartum, lê-se ao alto: **"O Dia das Mulheres é algo a se comemorar"**. No diálogo, o homem afirma: **"Não sei nada sobre vinho"**, ao que a mulher responde: **"Eu sei"**. O homem a ignora e decide: **"Bom, vamos tomar um Bordeaux 2007"** (ONU Mulheres, 2018, grifei).

Acerca do assunto, destaco que o **interdiscurso** nesta charge articula as tensões entre o discurso de empoderamento feminino e as práticas patriarcais que desvalorizam o conhecimento e a voz das mulheres. Embora o contexto da "*Journée des Femmes*" sugira uma celebração da igualdade de gênero, o comportamento do homem ao desconsiderar a opinião da mulher evidencia a persistência de práticas de silenciamento e exclusão feminina. Ou seja, o interdiscurso entre a celebração simbólica da igualdade e a realidade cotidiana de gênero reflete uma crítica à superficialidade com que a igualdade é muitas vezes tratada, sem mudanças estruturais nas dinâmicas patriarcais. Assim, a charge expõe a disparidade entre o discurso e a prática, sugerindo que, apesar dos avanços em termos de reconhecimento dos direitos das mulheres, a desvalorização das vozes femininas continua presente em muitas interações diárias.

Neste sentido, o discurso de Empoderamento Feminino, conforme sugerido pela charge, envolve a autonomia das mulheres para expressarem seus conhecimentos e tomarem decisões, sendo reconhecidas e valorizadas por isso. Ademais, a imagem promove o discurso de que as decisões devem ser tomadas de maneira igualitária, respeitando e considerando as opiniões de todos, independentemente de gênero.

Acerca do assunto, destaco que a charge critica a superficialidade com que algumas comemorações do Dia das Mulheres são tratadas, sem uma verdadeira reflexão sobre as desigualdades que ainda precisam ser abordadas. E, diante desta premissa, a imagem sugere que para alcançar o verdadeiro empoderamento feminino, é necessária uma mudança nas atitudes cotidianas que desvalorizam a capacidade e o conhecimento das mulheres.

Neste aspecto, a **memória discursiva** desta charge expõe as tensões entre a celebração da igualdade de gênero e a realidade cotidiana de silenciamento e desconsideração da competência feminina. No contexto do Dia Internacional da Mulher, a situação irônica retratada reflete a continuidade de práticas patriarcais que ignoram as vozes e experiências femininas, mesmo em um cenário em que a mulher claramente possui mais conhecimento. Essa memória remete às estruturas históricas de exclusão das mulheres em decisões culturais e intelectuais, revelando que, apesar de avanços discursivos em prol do empoderamento feminino, muitos comportamentos e dinâmicas patriarcais ainda estão enraizados no cotidiano social.

Sob a ótica do conceito de **biopoder** de Foucault (1976), a charge revela as dinâmicas invisíveis de controle que regulam as interações de gênero, promovendo a autoridade masculina e invisibilizando a competência feminina. O "não dito" aqui é que essa naturalização do controle masculino é tão profundamente enraizada que, mesmo em situações em que a mulher claramente tem mais conhecimento, a hierarquia de gênero ainda prevalece. O **biopoder** regula essas interações ao perpetuar a ideia de que o homem deve assumir a liderança em situações públicas, enquanto a mulher é relegada a um papel de suporte ou é ignorada em suas contribuições. Enfim, o que não é visível, mas fortemente presente, é a naturalização da autoridade masculina, que prevalece mesmo quando o homem não tem mais conhecimento ou competência do que a mulher em determinada situação. O **biopoder** regula essas dinâmicas invisíveis, promovendo uma hierarquia implícita de gênero onde o homem assume a liderança, mesmo em assuntos nos quais ele é menos informado. A mulher, por outro lado, mesmo sendo mais qualificada na situação, tem sua voz ignorada.

A FD empoderamento feminino busca desafiar essas normas invisíveis, promovendo a igualdade de vozes e a valorização do conhecimento feminino. No entanto, como a charge ilustra, o **biopoder** continua a regular essas dinâmicas de maneira sutil, perpetuando uma hierarquia de gênero que silencia as mulheres e valoriza as decisões masculinas, mesmo quando essas decisões são menos informadas. A verdadeira igualdade envolve a desconstrução dessas normas culturais e sociais que controlam as vozes e o poder de decisão com base no gênero.

Enfim, na charge da artista belga, "Cecile Bertrand", os **deslizamentos de sentido** refletem a dinâmica de poder e de controle sobre o conhecimento entre homens e mulheres, mesmo em um contexto em que a mulher demonstra ter mais competência em determinada área. Apesar de a mulher expressar claramente sua experiência, o homem ignora essa afirmação e toma a decisão por ela, revelando uma crítica às desigualdades sutis que ainda permeiam as interações cotidianas. Sob a ótica da AD de linha francesa, com foco na FD empoderamento feminino, a charge explora a contradição entre a celebração do Dia Internacional da Mulher e a manutenção de dinâmicas patriarcais nas pequenas ações do dia a dia.

Neste sentido, eis um quadro onde apresento o significado e os respectivos sentidos analisados na charge de Cecile Bertrand:

1 A CELEBRAÇÃO DO “DIA DAS MULHERES”	
Significado	Sentidos
O título “La Journée des Femmes – Ça se fête” (O Dia das Mulheres – isso deve ser celebrado) sugere que a cena se passa em um contexto de celebração, o que poderia simbolizar reconhecimento e valorização das mulheres.	O deslizamento de sentido ocorre quando, mesmo em um dia dedicado a reconhecer e celebrar as mulheres, elas ainda são ignoradas em decisões nas quais têm pleno conhecimento e capacidade. O empoderamento feminino, que propõe o reconhecimento e a igualdade de gênero, é confrontado por uma situação que reforça o controle masculino sobre decisões que deveriam ser compartilhadas ou até lideradas pelas mulheres, especialmente quando estas possuem mais conhecimento sobre o assunto.
2 A QUESTÃO DO VINHO: “JE N’Y CONNAIS RIEN EN VIN...” (EU NÃO ENTENDO NADA DE VINHO...)	
Significado	Sentidos
A fala do homem, admitindo que não sabe nada sobre vinhos, parece ser uma demonstração de vulnerabilidade ou humildade.	O deslizamento de sentido ocorre ao percebermos que, mesmo admitindo sua ignorância sobre vinhos, o homem ainda é quem toma a decisão final. Isso reflete uma dinâmica patriarcal onde, mesmo quando os homens não possuem o conhecimento ou as qualificações necessárias, continuam a exercer o poder de decisão. A FD do empoderamento feminino, que busca uma distribuição mais justa do poder e das decisões, é colocada em questão, uma vez que o conhecimento da mulher é negligenciado e a autoridade masculina permanece intacta.
3 A RESPOSTA CONFIANTE DA MULHER: “MOI SI” (EU SIM)	
Significado	Sentidos
A mulher responde de forma direta e assertiva, afirmando que tem conhecimento sobre vinhos. Isso marca uma inversão das expectativas tradicionais de gênero, onde se esperaria que o homem tivesse mais conhecimento sobre temas “sofisticados”.	O deslizamento de sentido aqui está no fato de que, mesmo com a afirmação da mulher de que ela tem conhecimento sobre vinhos, o homem a ignora e toma a decisão sozinho. Este comportamento reflete a dificuldade que as mulheres enfrentam em serem ouvidas e reconhecidas, mesmo quando são mais competentes em determinado assunto. O empoderamento feminino, que preza pela autonomia e reconhecimento das mulheres em suas áreas de expertise, é prejudicado por essa atitude masculina que insiste em manter o controle das decisões, mesmo que a mulher demonstre mais competência.
4 A ESCOLHA FINAL DO VINHO PELO HOMEM	
Significado	Sentidos
O homem decide escolher o vinho, especificando um Bordeaux 2007, o que pode sugerir uma tentativa de manter as aparências e parecer sofisticado, mesmo após admitir que não conhece o assunto.	O deslizamento de sentido ocorre quando, ao ignorar a declaração de conhecimento da mulher, o homem reafirma seu controle sobre a situação, fazendo a escolha final sem considerar sua opinião. Esse ato ilustra uma microagressão cotidiana que, embora sutil, reforça a manutenção do poder masculino em espaços onde as mulheres deveriam ter voz. A

	FD do empoderamento feminino, que propõe a participação igualitária nas decisões, é diretamente desafiada pela maneira como a mulher é silenciada ou desconsiderada, mesmo quando demonstra ter mais conhecimento.
5 IRONIA IMPLÍCITA: O DIA DAS MULHERES SEM VOZ	
Significado	Sentidos
A celebração do Dia das Mulheres sugere que este é um momento para reconhecer a importância e o valor das mulheres.	A ironia ocorre quando, mesmo no dia dedicado às mulheres, elas continuam a ser ignoradas em situações cotidianas. A mulher, que deveria ser celebrada, valorizada e ouvida, é silenciada em uma decisão onde ela deveria ter a palavra final. O deslizamento de sentido aponta para a superficialidade de algumas dessas celebrações, que não tratam das desigualdades estruturais e das microagressões que as mulheres enfrentam diariamente. A FD do empoderamento feminino é enfraquecida por essas celebrações que, em vez de promover a verdadeira igualdade, acabam reforçando as dinâmicas de poder que mantêm as mulheres em posições subordinadas.
6 A PERSISTÊNCIA DO CONTROLE MASCULINO NAS DECISÕES COTIDIANAS	
Significado	Sentidos
O homem parece estar tentando liderar uma situação, mesmo após admitir que não tem conhecimento sobre o tema.	O deslizamento de sentido ocorre ao notar que, apesar de não saber sobre vinhos e de ter uma pessoa ao lado que possui o conhecimento, o homem ainda toma a decisão. Isso reflete como o controle masculino persiste mesmo em contextos onde seria mais apropriado que a mulher liderasse. A FD do empoderamento feminino, que luta pela redistribuição do poder em todos os níveis, é desafiada pela continuidade dessas dinâmicas de gênero, que se manifestam até mesmo nas menores interações cotidianas.

Os **deslizamentos de sentido** nesta charge expõem a ironia e a contradição entre a celebração do Dia das Mulheres e as dinâmicas de poder que continuam a favorecer os homens, mesmo em situações triviais como a escolha de um vinho. A mulher, apesar de demonstrar conhecimento, é ignorada, e o homem, que admite não ter competência, toma a decisão final, reforçando a desigualdade de gênero. A FD empoderamento feminino é colocada em questão ao evidenciar como, mesmo em um contexto de celebração da mulher, suas opiniões e competências continuam a ser desconsideradas. A crítica implícita é que as comemorações como o Dia Internacional

da Mulher devem ir além de gestos superficiais e abordar as desigualdades cotidianas e estruturais que ainda mantêm as mulheres em uma posição subalterna.

A charge retrata de forma irônica e crítica uma cena cotidiana em que a mulher, mesmo demonstrando maior competência, é ignorada na tomada de decisões pelo homem, que mantém o controle, refletindo uma dinâmica comum nas relações de gênero. Quando conectamos essa charge ao parágrafo proposto, podemos perceber que essa situação é um reflexo da sociedade do espetáculo e do capitalismo consumista, tal como discutido por Debord (1997) e Adorno (1986). A aparência e as interações superficiais são enfatizadas em detrimento da substância e do reconhecimento das capacidades individuais.

O homem, mesmo admitindo que “não entende nada de vinhos”, assume a posição de autoridade, ignorando a fala da mulher que, apesar de sua competência, é marginalizada na tomada de decisões. Isso ecoa o que Zygmunt Bauman (2001) chamou de “Modernidade Líquida”, onde os vínculos e valores são fluidos e as interações carecem de profundidade, o que se reflete na ausência de reconhecimento do papel ativo da mulher na situação.

Além disso, a dinâmica de poder e a superficialidade presente na charge podem ser relacionadas ao “fetiche da maternidade”, mencionado no parágrafo. Esse “fetiche” não apenas exige que as mulheres assumam papéis decorativos e idealizados, mas também reforça o valor da aparência em detrimento do conteúdo. A mulher, muitas vezes celebrada de forma superficial no “Dia das Mulheres”, é constantemente representada como objeto de consumo cultural e social, onde sua imagem de felicidade, competência ou celebração é vazia de substância real.

Na leitura que faço da charge, o papel feminino é desvalorizado, ao ser silenciado em um contexto trivial, nas interações cotidianas. Isso reflete a aparência de participação e celebração das mulheres, enquanto, na prática, suas vozes ainda são subjugadas e ignoradas em uma sociedade que privilegia a superficialidade e os fetiches impostos pelo consumismo.

Finalizando este subtítulo, que aborda a intersecção entre o capitalismo e a desigualdade de gênero, com destaque para a análise da FD “Empoderamento Feminino” *versus* “Capitalismo e Neoliberalismo”, é possível observar tanto impactos positivos quanto negativos do capitalismo no âmbito do empoderamento feminino.

Entre os impactos positivos, observa-se que o capitalismo, ao promover a globalização e a expansão dos mercados, criou mais oportunidades de emprego para as mulheres. Isso permitiu que muitas alcançassem independência financeira e contribuíssem economicamente para suas famílias e comunidades.

Neste sentido, o ambiente capitalista, com ênfase em inovação e empreendedorismo, incentivou muitas mulheres a iniciar seus próprios negócios, promovendo o empoderamento econômico. Além disso, empresas capitalistas têm usado estratégias de *marketing* para direcionar produtos e serviços especificamente para mulheres, promovendo imagens de mulheres fortes e independentes, aumentando assim a visibilidade das mulheres em diversas áreas, desde a moda até a tecnologia.

As pressões do mercado têm levado muitas empresas a adotar políticas de diversidade e inclusão, criando ambientes de trabalho mais equitativos e promovendo o empoderamento feminino. O desenvolvimento tecnológico impulsionado pelo capitalismo criou plataformas digitais que permitiram às mulheres compartilhar suas vozes, formar redes de apoio e mobilizar movimentos sociais em escala global, como o movimento #MeToo.

Por outro lado, os impactos negativos do capitalismo no empoderamento feminino são evidentes na exploração e desigualdade. A segregação ocupacional permanece um problema, com muitas mulheres ainda encontrando-se em empregos de baixa remuneração e sem segurança, perpetuando a desigualdade econômica. A persistente diferença salarial entre homens e mulheres é uma manifestação das desigualdades estruturais que o capitalismo nem sempre aborda adequadamente.

Outro aspecto curioso está no fato de que as empresas capitalistas têm adotado o discurso do empoderamento feminino de forma superficial, utilizando-o como uma estratégia de *marketing* (conhecida como “feminismo corporativo” ou “*femvertising*”) sem implementar mudanças estruturais significativas que promovam a igualdade de gênero. Ademais, o capitalismo promove a ideia de que o consumo pode empoderar as mulheres, sugerindo que a compra de certos produtos ou serviços é a chave para o empoderamento, desviando a atenção de questões sistêmicas mais profundas.

Evidencio que, no contexto capitalista, muitas mulheres enfrentam a chamada

"carga dupla", em que são responsáveis tanto pelo trabalho remunerado quanto pelo trabalho de cuidado não remunerado em casa, o que pode limitar seu verdadeiro empoderamento e desenvolvimento profissional. A indústria capitalista de beleza e moda muitas vezes impõe padrões estéticos rígidos às mulheres, perpetuando a objetificação e a pressão para se conformarem a certos ideais de aparência, o que pode ser "desempoderador".

Entendo que a FD do empoderamento feminino é complexamente moldada pelo capitalismo. Enquanto o capitalismo cria oportunidades econômicas e plataformas de visibilidade que podem promover o empoderamento, ele também perpetua desigualdades estruturais e mercantiliza o discurso feminista. Para que o empoderamento feminino seja genuíno e abrangente, é necessário abordar criticamente tanto as oportunidades quanto as limitações impostas pelo capitalismo, promovendo mudanças estruturais que garantam a verdadeira igualdade de gênero.

Portanto, é fato incontestável que a FD empoderamento feminino é interdiscursivamente engendrada pelo discurso do capitalismo. Afinal, o capitalismo, com sua ênfase em mercados livres, consumo e competição, influencia os discursos e práticas de empoderamento feminino de várias formas. Enquanto o capitalismo cria oportunidades econômicas e plataformas de visibilidade que podem promover o empoderamento, ele também perpetua desigualdades estruturais e mercantiliza o discurso feminista.

3.4 Quadro Resumo

O capítulo III desta tese analisa, sob a perspectiva da AD de linha francesa, as FDs presentes nas charges premiadas pela ONU que tratam da desigualdade de gênero e empoderamento feminino. Ao examinar os eixos temáticos e os entrecruzamentos discursivos, explora-se como o empoderamento feminino é tensionado por discursos de poder, religião, machismo, capitalismo e neoliberalismo.

Essa análise permite mapear como as charges funcionam como enunciados imagéticos que desafiam e ressignificam os discursos tradicionais, reforçando ou contestando desigualdades de gênero.

Destaco que, ao longo deste capítulo, a análise buscou propor uma leitura que

mostrasse o papel da crítica feita pela arte para questionar e problematizar ideologias dominantes, com ênfase nos entrecruzamentos com as categorias de capitalismo e neoliberalismo, particularmente no campo da FD empoderamento feminino.

Então, com base neste capítulo intitulado "Análise discursiva das formações discursivas predominantes nas charges premiadas pela ONU", com ênfase nos subtítulos apresentados, eis um quadro-resumo que sintetiza os Eixos/ Dimensões/ Temáticas e os Entrecruzamentos Discursivos Mapeados:

EIXOS/ DIMENSÕES/ TEMÁTICAS	ENTRECRUZAMENTOS DISCURSIVOS MAPEADOS
Entre o sagrado e o profano: a FD “Empoderamento Feminino” versus “Religião”	- A religião, muitas vezes, atua como um fator de controle e subordinação feminina, com o discurso religioso justificando a opressão. - As charges apresentam a possibilidade de resignificação das crenças religiosas em prol de um empoderamento feminino que contesta o patriarcado religioso.
Entre o poder masculino e a desigualdade de gênero: a FD “Empoderamento Feminino” versus “Machismo e Patriarcalismo”	- As charges exploram como o machismo e o patriarcado perpetuam as desigualdades de gênero. - Há uma crítica explícita ao discurso patriarcal que define as mulheres como seres inferiores e submissos. - O empoderamento feminino é visto como uma forma de resistência ao machismo e às estruturas patriarcais.
Entre o capitalismo e a desigualdade de gênero: a FD “Empoderamento Feminino” versus “Capitalismo e Neoliberalismo”	- O capitalismo é ambivalente: promove o empoderamento econômico ao dar visibilidade às mulheres no mercado de trabalho, mas, ao mesmo, tempo perpetua desigualdades estruturais, mercantilizando o discurso feminista. - O "feminismo corporativo" ou "femvertising" são estratégias críticas abordadas nas charges.

Este quadro abrange as leituras possíveis das charges premiadas pela ONU e destaca os principais entrecruzamentos discursivos, com ênfase no capitalismo, no patriarcado e nas limitações do discurso institucional de empoderamento.

EM BUSCA DE UMA LEITURA CONCLUSIVA

A presente tese de doutorado utilizou-se, teórico-metodologicamente, dos princípios da AD de linha francesa, especificamente o conceito de FDs, para investigar charges premiadas pela ONU, com ênfase no empoderamento feminino e na desigualdade de gênero. A partir de um *corpus* composto por doze charges vencedoras de um concurso da ONU Mulheres, realizado por artistas de diversas nacionalidades, a pesquisa buscou propor uma leitura sobre as complexas interações entre discursos de empoderamento e as dinâmicas de poder do capitalismo global.

A análise discursiva evidenciou que, embora as charges promovam a crítica social e desafiem estereótipos de gênero, elas também refletem e, em alguns casos, perpetuam as ideologias do capitalismo neoliberal. A pesquisa mostrou que a pauta da ONU, ao promover o empoderamento feminino, frequentemente alinha-se com os interesses do capitalismo neoliberal, instrumentalizando a igualdade de gênero como um meio para alcançar objetivos econômicos e de mercado. Este alinhamento evidencia uma contradição: enquanto o discurso de empoderamento feminino visa promover a igualdade e a justiça social, ele também pode ser cooptado por agendas capitalistas que reforçam desigualdades estruturais.

No primeiro capítulo, a tese apresentou a construção teórico-metodológica, contextualizando as FDs no âmbito da AD de linha francesa, bem como a seleção e análise do *corpus* das charges premiadas. No segundo capítulo, discutiram-se as idiossincrasias do empoderamento feminino e da desigualdade de gênero, abordando contextos históricos, sociais e as principais vertentes do feminismo e do empoderamento feminino. No terceiro capítulo, realizou-se uma análise discursiva detalhada das FDs predominantes nas charges, explorando temas como religião, machismo, patriarcalismo, capitalismo e neoliberalismo, e como esses temas se interrelacionam com o discurso de empoderamento feminino.

Um ponto crucial desta pesquisa foi a crítica à pauta da ONU, que muitas vezes está alinhada aos interesses do capitalismo neoliberal. O estudo demonstrou como o discurso de empoderamento feminino promovido pela ONU pode estar imbuído de estratégias que reforçam o neoliberalismo, instrumentalizando a igualdade de gênero como um meio para alcançar objetivos econômicos e de mercado. Este aspecto é

fundamental para compreender as complexas interações entre os discursos de empoderamento e as dinâmicas de poder do capitalismo global.

A partir da análise do discurso articulado, enunciado e difundido pela ONU e das lições de Foucault, Pêcheux, Maingueneau, Orlandi, Bordieu, Castells, entre outros teóricos destacados nesta tese, compreendo que o concurso promovido pela ONU Mulheres se desloca do sentido do conceito freiriano de empoderamento, considerando que tal conceito se aproxima do conceito rappaportiano de *empowerment*, caracterizado por um viés mais individualista e exclusivista. Dessa forma, a ideologia dominante, representada pela ONU, instituição discursiva, urdiu a FD “Empoderamento Feminino” remetendo-o ao discurso do enriquecimento monetário na ascensão social, distanciando-se do ideal de empoderamento para o agir coletivo e social de Freire e Shor.

Saliento que também foi possível analisar que a referida FD se dissimula e oculta no interior do discurso e do interdiscurso da Organização das Nações Unidas, causando um efeito de eufemização das relações violentas de classe e trabalho a partir da difusão e comunicação de uma cultura dominante, urdida pelas classes dominantes como forma de poder simbólico.

Assim, em que pese serem os sete princípios de empoderamento feminino de alguma importância para mitigar as desigualdades de gênero no íntimo das relações de trabalho, estes trazem em seu bojo um interdiscurso em que se depreende que não passam, na verdade, de uma ilusão de “liberdade burguesa” que apenas pode se concretizar pela alienação da força de trabalho em troca dos salários pagos pelas empresas.

Também importa observar que os únicos “indivíduos” socialmente beneficiados com a implementação dos princípios aventados pela ONU são as empresas, uma vez que a maciça maioria das mulheres “empoderadas” ainda continuam invisíveis, ao passo em que as empresas difundem uma bela imagem institucional construída a partir de um pretenso ativismo social, que servirá como “mote” para múltiplas campanhas publicitárias, as quais enfatizarão a participação das mulheres no mercado de trabalho, e que, obviamente, custarão bem menos em razão dos descontos e benefícios concedidos em razão da adesão aos programas de incentivo, sendo que as mulheres sempre foram importante parcela da mão-de-obra.

Sobre tais aspectos, entendo que a FD empoderamento feminino não é apenas reflexiva, mas também proativa. Afinal, esta FD já desempenha um papel importante na formação da agência das mulheres e na promoção da mudança social, desafiando as estruturas existentes e propondo novos modelos de equidade e igualdade de gênero.

Por conseguinte, a partir dessa categoria teórico-analítica da AD de linha francesa, foi possível confrontar diferentes discursos e as formas como as imagens e as palavras mudam de sentido, mas também como o próprio discurso pode ser alterado e manipulado, a depender de onde são publicadas as charges nas páginas e nas redes sociais. Enfim, efetivada a análise dos referidos discursos, aqui se encontra minha tese de doutorado, feita a partir da análise do *corpus* construído para essa finalidade, quais sejam as 12 charges que foram premiadas em um concurso realizado pela ONU Mulheres.

Destaco que esta tese teve como um dos objetivos explorar o tema do empoderamento feminino e da desigualdade de gênero por meio da AD, a partir da categoria FD nas charges premiadas pela ONU Mulheres. Neste sentido, ressalto que a análise buscou compreender a maquinaria discursiva que engendra essas charges, destacando seu papel crucial na promoção da igualdade de gênero e no empoderamento das mulheres.

É importante mencionar que as charges analisadas não apenas refletem as realidades sociais e culturais contemporâneas, mas também atuam como agentes de leitura crítica, desafiando estereótipos e promovendo novas formas de pensar sobre gênero e poder. Através de uma combinação de análise visual e textual, foi possível identificar as estratégias discursivas empregadas pelos artistas para construir sentidos de empoderamento e igualdade. Entre essas estratégias, destaca-se o uso de metáforas visuais, humor, ironia e discursos de resistência.

Considerando os aspectos mencionados, os temas centrais das charges premiadas incluem a luta contra a violência de gênero, a promoção da igualdade no ambiente de trabalho, a valorização da educação para meninas e mulheres, e a representação de mulheres em posições de liderança e poder. Sendo assim, a análise também revelou que as charges funcionam como espaços de resistência e contestação, em que as vozes das mulheres são amplificadas e suas experiências são visibilizadas, tendo em vista que as charges colocam em funcionamento discursos

que não só desafiam as normas e estruturas patriarcais, mas também inspiram ações e mudanças concretas em prol da igualdade de gênero.

Um dos principais achados desta pesquisa é a identificação de como os discursos sobre empoderamento feminino e desigualdade de gênero estão em constante evolução, influenciados por mudanças sociais, políticas e culturais. As charges premiadas pela ONU Mulheres exemplificam essa dinâmica, mostrando como novos discursos emergem e se consolidam, contribuindo para a transformação das percepções e práticas sociais.

Em síntese, esta tese procurou propor uma leitura sobre os discursos atualizados em charges premiadas pela ONU Mulheres, contribuindo para uma compreensão de como a arte pode ser utilizada como um instrumento de mudança social, ao promover uma crítica ao *status quo* sobre a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres em escala global.

Considerando as aludidas FDs e os múltiplos aspectos pesquisados nesta tese, aponto para a necessidade de estudos futuros que continuem a explorar a interseção entre arte, discurso, FDs e empoderamento, ampliando o conhecimento sobre as diversas formas de resistência e transformação social. As charges analisadas aqui são apenas uma parte de um movimento maior que busca redefinir o papel das mulheres na sociedade e promover um mundo mais justo e equitativo para todos.

Essa análise também compreende que a pauta da ONU é meramente capitalista, pois enfatiza ações que se alinham com os interesses do capitalismo neoliberal. As charges analisadas, com seu objetivo principal de crítica social, tornaram-se ferramentas eficazes para expor essa realidade. O ganho da análise reside na proposição de uma leitura de como a FD empoderamento feminino se articula e se alinha com outras FDs, como a religiosa e a capitalista e neoliberal, para validar e perpetuar o discurso da ONU.

Por conseguinte, esta tese de doutorado não apenas destaca a crítica presente nas charges, mas também desvela as estratégias discursivas utilizadas para integrar a lógica capitalista em diversas esferas sociais. Ao mostrar como a FD empoderamento feminino se entrelaça com outras FDs, como a capitalista neoliberal e a religiosa, a pesquisa oferece uma compreensão de como essas intersecções discursivas operam para sustentar e reforçar o discurso hegemônico. Esse alinhamento revela a complexa

rede de poder e influência que molda a percepção social e direciona a ação coletiva em favor de uma agenda capitalista, frequentemente disfarçada de iniciativas de empoderamento e progresso social. A ONU, ao patrocinar essas iniciativas, frequentemente alinha seus objetivos com uma agenda capitalista que enfatiza a participação feminina no mercado de trabalho como um meio de impulsionar o crescimento econômico global.

Por conseguinte, compreendo que o discurso de empoderamento feminino promovido pela ONU está, em muitos casos, imbuído de estratégias que reforçam a lógica neoliberal, instrumentalizando a igualdade de gênero como um meio para alcançar objetivos econômicos e de mercado. Esta abordagem, embora possa proporcionar visibilidade e algumas melhorias para as mulheres, também perpetua desigualdades estruturais ao mercantilizar o discurso feminista e ao tratar o empoderamento feminino como um mais “produto” a ser consumido.

Dessa forma, esta tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, na linha de pesquisa “Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas”, contribui para uma compreensão mais profunda de como os discursos de empoderamento feminino são moldados por forças econômicas e políticas globais. Afinal, ao revelar as complexas interações entre arte, discurso e ideologia, o estudo aponta para a necessidade de abordagens críticas que questionem as motivações subjacentes às políticas de empoderamento promovidas por instituições internacionais como a ONU.

Portanto, em busca de uma leitura conclusiva, é essencial reconhecer que a verdadeira igualdade de gênero requer não apenas a promoção de oportunidades econômicas, mas também uma transformação estrutural que desafie as bases do capitalismo neoliberal. Somente assim será possível alcançar um empoderamento feminino genuíno e abrangente, que respeite a autonomia das mulheres e promova a justiça social em todas as esferas da vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Cartoon Cat Helps Keep Tunisia's Revolutionary Flame Alight**. Publicado em 15 dez. 2020. Disponível em: https://www.voanews.com/a/africa_cartoon-cat-helps-keep-tunisia-revolutionary-flame-alight/6199590.html. Acesso em: 24 jun. 2024.

ALMEIDA, Jane Soares de. Os paradigmas da submissão: mulheres, educação e ideologia religiosa - perspectiva histórica. In: SILVA, G. V. et al. (Orgs.). **História, mulher e poder**. Vitória: Edufes, 2006.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado. Tradução de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**: La nueva mestiza. (Trad. Carmen Valle Simón). Madrid: Capitán Swing, 2016.

ARENDT, Hannah **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 6. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BACHOFEN, Johann Jakob. **Myth, religion and mother right**: selected writings of J. J. Bachofen. Princeton, NJ: Princeton University, 1967.

BARONAS, Roberto Leiser. **Ensaio em análise do discurso**: Questões Analítico-teóricas. São Carlos - SP: EdUFSCar, 2011.

BAUER, Carlos. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã: Edições Pulsar, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Sociedade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Para Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

BLANC, Olivier. **Marie-Olympe de Gouges**: une humaniste à la fin du XVIIIe siècle. Éditions René Viénet: Belaye, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Sobre o poder simbólico. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Memória e Sociedade**. Lisboa: Difel, 1989. (p. 7-16). Disponível em: http://lpeq.quirica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU__Pierre._O_poder_simb%C3%B3lico.pdf. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

BRICK, Laura. Willis de Tunis: uma entrevista com a cartunista Nadia Khiari. *In*: **Covid in Cartoons**, em 11 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://staffblogs.le.ac.uk/covid-in-cartoons/2022/01/11/willis-from-tunis-interview-cartoonist-nadia-khiari/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. (Trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. (Trad. Regina Bettoni). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**, Dominus: São Paulo, 1963.

CARTOONING for Peace. **Adriana Mosquera Soto** (Nani). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/nani/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Angel Boligán Corbo** (Bolígan). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/cecile-bertrand/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Cartoonists**. Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/join-us/cartoonists/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

CARTOONING for Peace. **Cécile Bertrand**. Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/cecile-bertrand/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Cristina Sampaio**. Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/cristina-sampaio/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Firoozeh Mozaffari** (Firoozeh). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/firoozeh/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Liza Donnelly** (Donnelly). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/donnelly/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Marilena Nardi** (Nardi). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/nardi/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Nadia Khiari** (Willis from Tunis). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/firoozeh/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Nicolas Vadot** (Vadot). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/vadot/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Patrick Chappatte** (Chappatte). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/chappatte/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Plantu**. Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/plantu/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARTOONING for Peace. **Rayma Suprani** (Rayma). Disponível em: <https://www.cartooningforpeace.org/en/dessinateurs/rayma/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CASAGRANDE, Daniela Costa da Silva. **Persuasão em charges políticas multimodais**: humor e ironia com apoio da relação metáfora/ metonímia: um enfoque da linguística sistêmico-funcional. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: Do Conhecimento à Acção Política. Belém-Portugal: Imprensa Nacional, 2005.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. *In*: MORAES, D. de (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Flávia Lages de. **Mulheres romanas**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.

CHAPPATTE, Patrick. **Chappatte Globe Cartoon**, 2024. Disponível em: <https://www.chappatte.com/en/about-chappatte/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**: Modos de Organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda política e manipulação**. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

CHOMSKY, Noam. **Quem manda no mundo?** Lisboa: Planeta, 2017.

COCHRANE, Kira. **All the rebel women: the rise of the fourth wave of feminism**. Londres: Guardian Books, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. 2. ed., New York; London: Routledge, 2000.

COMIC ART MUSEUM. **The Belgian Comic Strip Center** - Museum Brussels. Disponível em: <https://www.comicscenter.net/en/home>. Acesso em: 22 jun. 2024.

COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008, 3 volumes. Tradução e revisão: Ephraim Ferreira Alves. ISBN 978-85-326-3625-6 (vol. 1), 978-85-326-3626-3 (vol. 2), 978-85-326-3627-0 (vol. 3). Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15400>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics**. EUA: University of Chicago Legal Forum, 1989.

CRISPIN, Jessa. **Why I Am Not a Feminist: A feminist Manifesto**. New York: Melville House, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. (Trad. Heci Regina Candiani). 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.) Escrever a História das Mulheres. In: THÉBAUD, Françoise. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Porto, Edições Afrontamento, 1995.

DUWE, Ricardo. **Pelo povo ou para o povo?: Democracia histórica na trajetória política e intelectual de Fernando Henrique Cardoso**. Orientador: Waldir José Rampinelli. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis: UFSC, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/247446/PHST0769-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**, Volume 3. São Paulo: Alfa-Omega, 1994.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, Beaches, and Bases: Making Feminist Sense of International Politics**. Berkeley: University of California Press, 2014.

FEDERICI, Silvia. (Trad. Coletivo Sycorax). **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. 3. ed. 1ª impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI. São Paulo: Editora Positivo, 2004.

FIORIN, José Luiz. Tendências da análise do discurso. *In: Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 19, p. 173–179, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636834. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636834>. Acesso em: 5 fev. 2024.

FIRESTONE, Shulamith. **The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution**. New York: Morrow, 1970.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 15. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. 7. ed., Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. 7. ed., Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV: As confissões da carne**. 1. ed., Trad. Heliana de Barros Conde Rodrigues; Vera Maria Portocarrero. Rio de Janeiro: Editora: Paz & Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Historie de la sexualité 1: La volonté de savoir**. Paris: Gallimard, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRANCIA, Daviz. Ángel Boligán. *In*: **Cultura Inquieta**. Publicado em: 4 fev. 2014. Atualizado em: 1 maio 2024. Disponível em: <https://culturainquieta.com/arte/ilustracion/angel-boligan-ii/>. Acesso em: 5 maio 2024.

FRASER, Nancy. **Justice Interruptus**: Critical Reflections on the “Postsocialist” Condition. New York & London: Routledge, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia - O Cotidiano do Professor**. Trad. Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GARDNER, Alan. **Four Iranian cartoonists win Cartooning for Peace award**. Publicado em 2012. Disponível em: <https://www.dailycartoonist.com/index.php/2012/05/16/four-iranian-cartoonists-win-cartooning-for-peace-award/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GAY, Roxane. **Bad feminist**. Consair: New York, 2014.

GENRO, Luciana. Da caça às bruxas ao maio de 68: o corpo da mulher como terreno de luta. *In*: **Coletivo juntas**. Publicação de 2 jun. 2018. Disponível em: <https://coletivojuntas.com.br/2018/06/da-caca-as-bruxas-ao-maio-de-68-o-corpo-da-mulher-como-terreno-de-luta/>. Acesso em: 5 nov. 2023.

GRANJEIRO, Cláudia Rejane Pinheiro. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. *In*: BARONAS, Roberto Leiser. (org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.

GRILLMEIER, Franziska. **Cat of the revolution**: a Q&A with Nadia Khiari. Publicado em: 3 abr. 2018. Disponível em: <https://roadsandkingdoms.com/2018/nadia-khiari-willis-from-tunis/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HALLO, William W.; VAN DIJK, J. J. A. (ed. and tr.). **The exaltation of Inanna**. New Haven and London: Yale University Press, 1968. Disponível em: [https://babylonian-collection.yale.edu/sites/default/files/files/Hallo_Van%20Dijk%20\(1968\)%20-%20Exaltation%20of%20Inanna_YNER%203.pdf](https://babylonian-collection.yale.edu/sites/default/files/files/Hallo_Van%20Dijk%20(1968)%20-%20Exaltation%20of%20Inanna_YNER%203.pdf). Acesso em: 5 nov. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. (Trad. Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. (Trad. Rainer Patriota). São Paulo: Editora Perspectiva, 2019. Coleção: Palavras Negras.

ILLUSTRATION HISTORY. **Liza Donnelly**. Disponível em: <https://www.illustrationhistory.org/artists/liza-donnelly>. Acesso em: 24 jun. 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. (Trad. Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão). 5. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANTER, Rosabeth Moss. **Men and Women of the Corporation**. 2. ed., Estados Unidos da América – EUA: Basic Books, 1993.

KEMP, Simon. Digital 2020: global digital overview. In: **Datareportal**. 30 january 2020. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-global-digital-overview>. Acesso em: 12 mar. 2020.

KHOMAMI, Nadia. #MeToo: how a hashtag became a rallying cry against sexual harassment. In: **The Guardian**. Publicado em 20 out. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/oct/20/women-worldwide-use-hashtag-metoo-against-sexual-harassment>. Acesso em: 01 set. 2024.

KING JAMES (Version de 1611). **Holy Bible**. Salt Lake City/Utah: CES, 1988.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: Livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LAGE, Nara Bretas. **Aconteceu Comigo**: mulheres, narrativas de vida e violências nos quadrinhos de Laura Athayde. Pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens. Orientador(a): Profa. Dra. Lilian Aparecida Arão. Coorientador(a): Profa. Dra. Guisela Latorre. Belo Horizonte – MG: CEFET-MG, 2022.

LAMBIEK, Nadia Khiari. In: **Comiclopédia**. Disponível em: https://www.lambiek.net/artists/k/khiari_nadia.htm. Acesso em: 06 fev. 2023.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 6ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2007.

LLORENTE, José Antônio. A era da pós-verdade: realidade versus percepção. In:

Revista UNO, 2017, nº 27. São Paulo: Mattavelli Gráfica e Editora, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaio e Conferências**. (Trad. Stephanie Borges). Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. Trad. Telma Costa. Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz. 2 ed., Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Porto - Portugal: Publicações Escorpião, 1989.

MACKINNON, Catharine. **Toward a feminist theory of the State**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de discurso. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. (Orgs. Maria Cecília P. de Souza-e-Silva e Sírio Possenti). São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. (Trad. Adail Sobral). 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006.

MANDELA, Nelson. **Ubuntu told by Nelson Mandela**. Vídeo publicado em: 6 mar. 2012. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MARI, Hugo. **Tese da Maricélia**: Lista de comentários decorrentes da qualificação de Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras na linha de pesquisa Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Minas Gerais: PUC-MG, 2024.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

MATIAS, Avanúzia Ferreira; MAIA, Janicleide Vidal. A história da charge e seu uso no pós-64. *In*: **GT 7 – Imagem, Memória e Fontes Digitais**. XIII Encontro Cearense de Historiadores da Educação – ECHE; III Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME; III Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais – SINECGEO. Ceará: Universidade Federal do Ceará – UFC, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/41525/1/2014_eve_afmatiasjvmaia.pdf. Acesso em: 06 jan. 2023.

MCROBBIE, Angela. **The Aftermath of Feminism: gender, culture and social change**. London: Sage, 2009.

MERRIAM-WEBSTER. **Dictionary of English**. 2020. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: 06 fev. 2020.

MESZÁROS, I. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MESZÁROS, Istvan. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MM360; MOVIMENTO MULHER 360. **O que é o Movimento Mulher 360**. Publicado em: 2016. Disponível em: <https://movimentomulher360.com.br/omovimento/7-principios-de-empoderamento/>. Acesso em: 03 jan. 2020.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity**. Durham; Londres: Duke University Press, 2003.

MORAES, Matheus Maia. **#TimesUp**. Publicado em 02 jan. 2018. Disponível em: https://medium.com/@matheusmaia_28761/timesup-1d48cdb5585c. Acesso em: 03 jan. 2020.

MORGAN, Lewis Henry. **A sociedade antiga**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2014.

MOURA, Leonel. **Os homens Lixo**. Lisboa - Portugal: Editora: Fenda, 1996.

NUSSBAUM, Martha. **Women and Human Development - The Capabilities Approach**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2008.

NYTIMES. Open Letter From Time's Up. *In: The New York Times*. 01 jan. 2018. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/espacialidades/v13/2018-dossie03.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2023.

O GLOBO. 'New York Times' e 'New Yorker' levam Pulitzer por denúncias de assédio sexual em Hollywood. *In: O Globo e Com agências internacionais*. Publicado em 16 abr. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/new-york-times-new-yorker-levam-pulitzer-por-denuncias-de-assedio-sexual-em-hollywood-22596771>. Acesso em: 01 set. 2024.

OLIVEIRA, Mariana. **LGBTQIAPN+**: conheça o significado da sigla. Publicado em 20 jan. 2023 e alterado em 01 maio 2024. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/lgbtqiap-conheca-o-significado-da-sigla/>. Acesso em: 02 maio 2024.

ONU Mulheres. **Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres**. Publicado em 2010. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/#:~:text=Numa%20decis%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%2C%20a%20Assembleia,meninas%20em%20todo%20o%20mundo>. Acesso em: 06 fev. 2021.

ONU Mulheres. **ONU Mulheres e cartunistas divulgam charges para criticar desigualdades de gênero**. Publicado em 2018. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>. Acesso em: 06 fev. 2020.

ONU Mulheres. **Princípios de Empoderamento das Mulheres**. Publicação de 2016. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_ONU_Mulheres_Nov2017_digital.pdf. Acesso em: 06 fev. 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

OSTERMANN, Ana Cristina. Comunidades de prática: gênero, trabalho e face. *In*: HERBELE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. de C. (orgs.) **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2006, pp. 15-47.

OSTERMANN, Ana Cristina. Comunidades de prática: gênero, trabalho e face. *In*: HEBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (orgs.) **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2006.

OXFORD. **Dictionary of English**. England: Oxford University Press, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: Estrutura ou Evento?** Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (1969)**. Trad. Eni Orlandi. *In*: GADET, Françoise & HAK, Tony.(Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed., Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. *In*: **Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Las verdades evidentes: lingüística, semántica, filosofía**. Tradução Mara Glozman. Buenos Aires: Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2016.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento?** 3. ed. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenzo Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PEN AMERICA. **Rayma Suprani.** Disponível em: <https://pen.org/user/rayma-suprani/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PHILLIPS, Anne. **The Politics of Presence.** Oxford: Oxford University Press, 1995.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos científicos:** projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatório entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 3. ed. rev. atual. Belo Horizonte: PUC Minas, 2019. Disponível em: www.pucminas.br/biblioteca. Acesso em: 20 maio 2024.

RAHMAN, Arifur. **Plantu Interview.** Publicada em 7 de maio de 2016. Disponível em: https://www.toonsmag.com/interview-with-award-winning-cartoonist-plantu/#google_vignette. Acesso em: 24 jun. 2024.

RAPPAPORT, Julian. Desinstitucionalização: Empowerment e inter-ajuda. *In: Análise psicológica*, nº 2 (VIII). Lisboa: ISPA, 1990.

RIBEIRO, Ediel. Mulheres Cartunistas. *In: O Folha de Minas*, quarta, 22 de abril de 2020. Rio de Janeiro – RJ. Disponível em: <https://ofolhademinas.com.br/materia/33049/coluna/mulheres-cartunistas>. Acesso em: 06 fev. 2023.

ROTTENBERG, Catherine. **The Rise of Neoliberal Feminism.** Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

SALEMI, Victoria. **Por que você precisa contratar mais mulheres se quer um negócio bem-sucedido?** Publicado em 08 mar. 2018. Disponível em: <https://blog.sage.com.br/por-que-voce-precisa-contratar-mais-mulheres/>. Acesso em: 07 fev. 2020.

SANDBERG, Sheryl. **Faça Acontecer - Mulheres, Trabalho e a Vontade de Liderar.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

SCHLEMPER, Maricélia. **A prostituição “clássica” e a prostituição no âmbito do turismo sexual:** uma abordagem sociológica sobre fronteiras pouco visíveis. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Ciências Sociais. Universidade Federal de Alagoas. Maceió UFAL, 2010.

SEELY, Megan. **Fight Like a Girl: How to Be a Fearless Feminist**. 2. ed., EUA: New York University Press, 2019.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SICUTERI, Roberto. **Lilith: A Lua Negra**. Tradução: Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 3. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SILVA, Fernando Crespim Zorrer da. A Mulher Grega: O Corpo de Fedra na Peça Hipólito de Eurípides. In: **Revista Hélade**. Ano 1, vol. 1, nº 2, dezembro de 2015. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF). Programa de Pós-Graduação em História (PPGH). Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA) Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF). ISSN: 1518-2541.

SIMIÃO, Anna Rita Maciel; SIMANKE, Richard Theisen. Extrato de estudo em História da Psiquiatria: o fetichismo na Psychopathia Sexualis de Richard von Krafft-Ebing. In: **Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, 24(1), 164-187, mar. 2021. Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (Juiz de Fora, MG, Brasil). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/tf7L4t8SjqVy39jwYSyH8cz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SIMONNET, Dominique; et al. Trad. Rejane Janowitzer. **A mais bela história de amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no século XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

SIQUEIRA, Jean Rodrigues. **Ser é ser percebido: um exame de duas interpretações da justificação do “esse est percipi” na filosofia de George Berkeley**. 2005. 106 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo: PUC-SP, 2005.

STEINEM, Gloria. **My Life on The Road**. London: Oneworld, 2016.

TOLEDO, Edilaine Gonçalves Ferreira de. **Leitura de charges e discursos juvenis: produção e recepção como ações culturais de cidadania**. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

VALENTI, Jessica. **Sex object: a memoir**. HarperCollins: New York, 2016.

WEPRESENT. **Liza Donnelly** - Atravessando o zeitgeist, um desenho de cada vez. Disponível em: <https://wepresent.wetransfer.com/stories/liza-donnelly-on-cartoons-technology-and-responsibility>. Acesso em: 24 jun. 2024.

WERNECK, Giovanna Carrozzino. Mulheres e charges políticas: a subversão pelo humor nos espaços públicos. In: **Revista Espacialidades**. 2018, v. 13, n. 1. ISSN 1984-817X. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/espacialidades/v13/2018-dossie03.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2023.

YANNOULAS, Silvia; VALLEJOS, Adriana; LENARDUZZ, Zulma. **Liniamientos epistemológicos**. Trad. Syomara Deslandes Tindera. Brasília, 2003. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/flacso/linea.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

YOUNG, Iris Marion. **Inclusion and Democracy**. Oxford: Oxford University, 2000.

YOUNG, Iris Marion. **Justice and the Politics of Difference**. Princeton: Princeton University. 1990.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANUÊNCIA PARA ENTREGA DO TEXTO DEFINITIVO DA TESE

1. ALUNA: **Maricélia Schlemper**
2. ORIENTADORA: **Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues**
3. NÍVEL: **Doutorado**
4. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: **Linguística e Língua Portuguesa**
5. LINHA DE PESQUISA: **LINGUAGEM E ENUNCIACÃO: interações sociais e práticas discursivas**
6. TÍTULO DO TRABALHO: **EMPODERAMENTO FEMININO E DESIGUALDADE DE GÊNERO: análise das formações discursivas em charges premiadas pela ONU**

Belo Horizonte, 18 de outubro de 2024.

18/10/2024

X *Maricélia Schlemper*

MARICÉLIA SCHLEMPER

Assinado por: MARICELIA SCHLEMPER

ANUÊNCIA DO ORIENTADOR:

Concordo com a entrega da versão definitiva da dissertação/tese.

Data: 13 / 10 / 2024

Daniella
Assinatura